

7th to 9th August 2024

Florianopolis / Brazil

caderno de resumos - abstract book



# counter- -image 2024

**cultura visual  
e pensamento  
ecológico**

visual culture  
and ecological  
thinking

## Ficha Técnica

Conferência Internacional da Contra Imagem 2024 - 3ª edição  
ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Em co-organização com o Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Brasil.

---

### Direção da Conferência

Teresa Mendes Flores - ICNOVA, Lisbon, Portugal  
Ana Lúcia Mandelli de Marsillac - UFSC, Florianópolis, Brazil

### Comitê Organizativo

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Anderson Abreu - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Andressa Colbachini - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Amadeu de Oliveira Weinmann - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brazil  
Barbara Bergamaschi Novaes - ICNOVA, Lisbon, Portugal  
Diogo Bento - CICANT, Lisbon, Portugal  
Filippo Di Tomasi - ICNOVA, Lisbon, Portugal  
Flavia Gizzi - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Geresa Bloss - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Iacã Macerata - UFSC, Florianópolis, Brazil  
Rita Cássia - ICNOVA, Lisbon, Portugal  
Teresa Mendes Flores - ICNOVA, Lisbon, Portugal

### Comitê científico

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac  
Amadeu de Oliveira Weinmann  
Anderson Carlos Santos de Abreu  
Andrea Vieira Zanella  
Ângela Ferreira

Camila Peixoto Farias  
Claudia Madeira  
Daniela Finzi  
David Pavón-Cuéllar  
Elizabeth Edwards  
Filipa Duarte de Almeida  
Filippo De Tomasi  
Gabriel Lacerda de Resende  
Geresa Morgana Bloss  
Hadley Howes  
Iacã Macerata  
Ilda Teresa de Castro  
Jeferson Rodrigues  
Laura Smith  
Letícia de Brito Cardoso  
Maria Lucia Macari  
Maria Teresa Cruz  
Marita Sturken  
Marta Martins  
Mériti de Souza  
Nuno Miguel Proença  
Patricia Hayes  
Priscilla Machado de Souza  
Romy Castro  
Salomé Lopes Coelho  
Saulo Luders Fernandes  
Sílvia Pinto Coelho  
Susane Zanotti  
Teresa Lousa  
Teresa Mendes Flores  
Victor Flores

---

## ICNOVA

### Instituto de Comunicação da NOVA

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa Avenida  
de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa  
Email: counterimageconference@fcs.unl.pt  
URL: <https://counter-image.fcs.unl.pt/#bodyy>

Responsável pela Comunicação:

Bárbara Bergamaschi Novaes  
Design gráfico da conferência: Nathalia Rech  
Webdesign: Carla Nave  
Apoio editorial: Patrícia Contreiras  
Apoio transmissão videoconferência: Patrícia Contreiras,  
Nathalia Rech e Bárbara Bergamaschi Novaes

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/05021/2020

Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>  
This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

©2024, ICNOVA  
Todos os direitos reservados.  
All rights reserved.

Apoio:



**caderno de  
resumos  
abstract  
book**

# Índice

[Nota de Boas Vindas](#)

[Homenagem à Margarida Medeiros](#)

[Introdução Counter-Image 2024](#)

[Oradores Principais](#)

[Performances](#)

[Ateliês e Workshops](#)

[Mostra de Artes Indígenas](#)

[Em permanência: Mostra de Filmes](#)

## Programação

[Painel 1. Sala 324 / Classroom 324](#)

Imagens das águas: cuidado e narrativa - Moderação/Host: Paula Roush.

[Painel 2. Auditório do Bloco E/ Block E Auditorium](#)

Counter Hegemonic Narratives and Social Justice - Moderação /Host: Vikram Kershan Panchar - Hybrid panel (presential and online)

[Painel 3. Auditório do Bloco F / Block F Auditorium](#)

Dinâmicas de arquivo e herança colonial  
Moderação /Host: Lucas Alves

[Painel 4. Auditório do Bloco B / Block B Auditorium](#)

Sob a influência de Walter Benjamin, J.Lacan e Ailton Krenak Moderação /Host: Ana Marsillac - Hybrid panel (presential and online)

[Painel 5. Auditório Plenário do Bloco B / Block B Auditorium](#)

Solos e pensamento ecológico. Moderação /Host: Rita Cássia.

[Painel 6. Auditório do Bloco E / Block E Auditorium](#)

Counter-image and ecological thinking. Moderação /Host: Renae Watchman

[Painel 7. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Contra-imagens e ecologia política.  
Moderação /Host: Inês Beleza Barreiros



[Painel 8. Sala 324 / Classroom 324](#)

Práticas pedagógicas da ecologia.  
Moderação /Host: Margarida Dias

[Painel 9. Auditório Plenário do Bloco B / Bloco B Auditorium](#)

(online session screening)  
Contra-imagens e contra-narrativas.  
Moderação /Host: João Gabriel Neves

[Painel 10. Auditório do Bloco E/ Bloco E Auditorium](#)

(online session screening)  
Ecological Activism and the Media. Moderação/Host: Ana Gariso

[Painel 11. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

(online session screening)  
Paisagens (pós)humanas na arte. Moderação /Host: Sara Castelo Branco

[Painel 12. Auditório do Bloco B/ Bloco B Auditorium](#)

Práticas artísticas ecofeministas. Moderação /Host: Thiciara Mattiazzi

[Painel 13. Auditório do Bloco E / Bloco E Auditorium](#)

Problematizing Landscapes. Moderação / Host: Teresa Mendes Flores

[Painel 14. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Escritas ecocríticas.  
Moderação /Host: Amadeu Weinmann

[Painel 15. Sala 324 / Classroom 324](#)

Contra narrativas/ contra imaginários. Moderação /Host: Anderson Abreu

[Painel 16. Auditório do Bloco B/ Bloco B Auditorium](#)

Decolonização e resistência política - Moderação /Host: Iacã Maceratta

[Painel 17. Auditório do Bloco E / Bloco E Auditorium](#)

Arte e pensamento ecológico - Moderação /Host:  
Daniela Dalbosco Dell'Aglio

[Painel 18. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Contra-imagens: territórios e instituições - Moderação /Host: Geresa Bloss

[Painel 19. Sala 324 / Classroom 324](#)

Environmental and decolonial issues in museums  
Moderação /Host: Cecilia Järdeemar

[Painel 20. Auditório do Bloco B/ Bloco B Auditorium](#)

Práticas pedagógicas, narrativas decoloniais e pensamento ecológico.  
Moderação /Host: Patrícia Justo

[Painel 21. Auditório do Bloco E / Bloco E Auditorium](#)

Ecology of images. Moderação / Host: Victor Flores

[Painel 22. Miniauditório do Bloco B/ Bloco B Mini Auditorium](#)

Ecologia das imagens e utopia. Moderação /Host: Marta Martins

[Painel 23. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Arte e narrativas contrahegemônicas. Moderação  
/ Host: Geresa Bloss



[Painel 24. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Body, culture and nature in art. Moderação / Host:  
Barbara bergamaschi Novaes

[Painel 25. Auditório do Bloco B/ Bloco B Auditorium](#)

Cidade, memória e testemunho. Moderação /Host: Ana Lúcia Mandelli de Marsillac

[Painel 26. Auditório do Bloco E/ Bloco E Auditorium](#)

Rumo a uma Ecologia dos signos e a novas (geo)ontologias?  
Moderação /Host: Guilherme Franzon Berti

[Painel 27. Auditório do bloco B/ Bloco B Auditorium](#)

Utopias e montagens ecológicas nas artes. Moderação /Host: Ângela Ferreira e Teresa Mendes Flores

[Painel 28. Auditório do Bloco E / Bloco E Auditorium](#)

Poesia, natureza e cultura visual. Moderadora: Fernanda Albrecht

[Painel 29. Auditório do Bloco F / Bloco F Auditorium](#)

Art, landscape and nature - Host: Sandra Camacho

[Painel 30. Sala 324 / Classroom 324](#)

Cosmopoéticas. Moderação /Host: Letícia de Brito Cardoso



# Nota de Boas Vindas

## Welcome Note

*Teresa Mendes Flores - ICNOVA, Lisbon, Portugal*  
*Ana Lúcia Mandelli de Marsillac - UFSC, Florianópolis, Brasil*

É com grande satisfação e alegria que damos as boas-vindas aos participantes da 3ª edição da Conferência Internacional Counter-Image!

A conferência tem como objetivo reunir pesquisadores e artistas em cultura visual, artes midiáticas e humanidades, congregando diferentes campos nesses debates, tais como artes visuais, cinema, psicologia, história, sociologia, antropologia e jornalismo. O seu objetivo é conversar sobre narrativas e práticas visuais contraculturais, visando impactar na criação de ambientes socioculturais justos e sustentáveis.

A conferência deste ano de 2024 terá como tema: "Contra-Imagem, Cultura visual e pensamento ecológico: re-imaginar as relações no mundo" e reunirá 132 pesquisadores de 23 nacionalidades e diversas áreas de conhecimento<sup>1</sup>. Buscará discutir, no campo da imagem e da visualidade, quais visualidades e/ou contra-visualidades possibilitam re-imaginar e pôr em ação novas formas relacionais com o mundo, em dissidência às lógicas de acumulação, de monocultura e de extrativismo. Entendendo que as imagens atravessam as relações entre humanos e não humanos e que por isso possuem um poder performativo dessas representações na construção de identidades e mundividências, questiona-se que tipo de produção de imagens está se afirmando na contemporaneidade, e que mundo elas nos incitam a formar.

Ante a um tecido social afetado pela violência, pelas diversas formas de segregação e intolerância, mas também ante a destruição da natureza e do território que habitamos, propomos esse evento que, este ano, com a ajuda dos participantes, apresenta um programa que nos entusiasma, com propostas artísticas e acadêmicas refletindo sobre as mais recentes teorias e práticas da ecologia, organizadas em 30 painéis, 8 performances, 2 ateliês e mostras de filmes dos autores e autoras presentes. Reservamos, ainda, um espaço para lançamento de livros recentes dos/as participantes e poderemos apreciar uma banca de artes indígenas.

Analisar as contra imagens, reparar a história, a memória ante ao traumático é extremamente relevante. Idealizamos, dessa forma, colocar em cena outras visualidades, modos de vida e formas de cuidado, incluir as verdades subjetivas, que promovam outras formas de laço social, articuladas ao território, à diversidade ambiental e cultural. Cabe destacar as dimensões políticas das imagens e, em última instância, construir novos horizontes.

Nesta terceira edição da Counter-Image, busca-se debater os cruzamentos entre Cultura Visual e Pensamento Ecológico, trazendo à reflexão o desafio de acrescentar (à) realidade, de produzir mais imagens que inventem outras políticas cognitivas e imagéticas, que cultivem uma diversidade na natureza e de naturezas. A conferência coloca em debate, assim, temáticas cruciais na atualidade, fomentando o avanço da ciência interdisciplinar e de estratégias críticas às lógicas excludentes no campo relacional e do espaço em que vivemos.

<sup>1</sup> Esta edição reúne participantes de cinco continentes oriundos de África do Sul, Alemanha, Argentina, Áustria, Austrália, Bélgica, Brasil, Cabo Verde, Canadá, Chile, China, Colômbia, Eslovenia, EUA, Gabão, Gana, Índia, Irão, Portugal, Reino Unido, Roménia, Suécia e Turquia (inclui países das instituições de origem e nacionalidade dos/das participantes). São 129 autores e autoras e 3 oradores/as principais.

Todas as pessoas da organização desejam que estes dias passados no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, seja uma caminhada de encontros e aprendizagens.

Agradecemos a vossa presença (física ou virtual) e desejamos uma ótima conferência para todas as pessoas. Em 2026, estaremos de volta!

It is with great satisfaction and joy that we welcome the participants to the 3rd edition of the Counter-Image International Conference!

The conference aims to bring together researchers and artists in visual culture, media arts, and humanities, incorporating various fields into these discussions, such as visual arts, cinema, psychology, history, sociology, anthropology, and journalism. Its goal is to converse about countercultural visual narratives and practices, aiming to impact the creation of just and sustainable socio-cultural environments.

This year's conference in 2024 will focus on the theme: "Counter-Image, Visual Culture, and Ecological Thought: Reimagining Relationships in the World," and will gather 132 researchers from 23 nationalities and diverse areas of knowledge. It will seek to discuss, in the realm of image and visibility, which visualities and/or counter-visualities enable the reimagining and enactment of new relational forms with the world, in opposition to the logics of accumulation, monoculture, and extractivism. Understanding that images traverse the relationships between humans and non-humans and thus possess a performative power in these representations in constructing identities and worldviews, we question what kind of image production is asserting itself in contemporary times, and what kind of world they incite us to perform.

In the face of a social fabric affected by violence, various forms of segregation and intolerance, but also in the face of the destruction of the nature and territory we inhabit, we propose this event which, this year, with the help of the participants, presents a programme that excites us, with artistic and academic proposals reflecting on the latest theories and practices in ecology, organised into 31 panels, 8 performances, 2 workshops, and film screenings by the attending authors. We have also reserved a space for the launch of recent books by the participants, and we will be able to appreciate an indigenous arts fair.

Analysing counter-images, repairing history and memory in the face of the traumatic is extremely relevant. We aim, in this way, to bring to the fore other visualities, ways of life, and forms of care, to include subjective truths, which promote other forms of social bonds, articulated with the territory, environmental and cultural diversity. It is worth highlighting the political dimensions of images and, ultimately, constructing new horizons.

In this third edition of Counter-Image, we seek to debate the intersections between Visual Culture and Ecological Thought, bringing to reflection the challenge of adding to reality, of producing more images that invent other cognitive and imagetic policies, that cultivate diversity in nature and of natures. Thus, the conference puts into debate crucial themes of our time, fostering the advancement of interdisciplinary science and critical strategies against exclusionary logics in the relational field and the space in which we live.

Everyone in the organisation hopes that these days spent at the Centre for Philosophy and Human Sciences of the Federal University of Santa Catarina, in Florianópolis, will be a journey of encounters and learning.

We thank you for your presence (physical or virtual) and wish everyone an excellent conference. In 2026, we will be back!





## Homenagem à Margarida Medeiros (1957-2024) A tribute to Margarida Medeiros (1957-2024)

© Margarida Brito Alves, Florença, Março de 2022.



"À fotografia é atribuída uma « alma » e uma função transcendente de presentificação de seres e mundos ausentes no espaço e no tempo. (...) Na fotografia o poder emana (...) a presença dá a vida."  
In Margarida Medeiros, *Animismo e outros ensaios*. Documenta, p.26.

Dedicamos esta edição da Counter Image a Margarida Medeiros, amiga e colega, que continua a inspirar-nos e é um exemplo de alegria, simplicidade, generosidade, inteligência e criatividade.

A Margarida foi professora no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Comunicação, ICNOVA. Especialista em fotografia, cinema e teorias da imagem deixa obras importantes como *Fotografia e Narcisismo*. *O Auto-retrato contemporâneo* (Assírio&Alvim, 2000), *Fotografia e verdade. Uma história de fantasmas* (Assírio&Alvim, 2010) e *Animismo e outros ensaios* (Documenta, 2022), entre muitos outros trabalhos, criação de cursos e curadoria de exposições. As suas fotografias continuarão a trazer até nós a sua alma.

## Introdução Counter-Image 2024

### Introduction Counter-Image 2024

## Cultura Visual e Pensamento Ecológico: re-imaginar as relações no mundo

“Não se trata mais de retomar ou de transformar um sistema de produção, mas de abandonar a produção como único princípio de relação com o mundo. Não se trata de revolução, mas de dissolução, pixel por pixel. (...) Após cem anos de um socialismo que se limitou a pensar a redistribuição dos benefícios da economia, talvez seja o momento de inventar um socialismo que conteste a própria produção. É que a injustiça não se limita apenas à redistribuição dos frutos do progresso, mas à própria maneira de fazer o planeta produzir frutos. (...) Contra a repetição de tudo exatamente como era antes [da pandemia covid 19]”

Bruno Latour, *Onde aterrar?* (2020, s/ paginação)

Um território não é apenas um pedaço ou vastidão de terras. Um território traz marcas de séculos, de cultura, de tradições. E um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que compõem e legitimam a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade.

Eliane POTIGUARA, *Metade cara, metade máscara* (2004, p. 105)

As palavras de Bruno Latour sobre a necessidade de abandonarmos por completo o modo de relação com o mundo assente em lógicas de acumulação, de monocultura e de extrativismo, bem como as palavras de Eliane Potiguara sobre o conceito de território são os pontos de partida para o debate que queremos lançar, no campo da imagem e da visualidade, na terceira edição da *Counter-Image*, em Florianópolis, no Brasil.

Inspirado pela paragem globalizada da maioria dos humanos durante a pandemia de Covid 19, com as imediatas melhorias ambientais sentidas no sistema de vida da Terra – na qualidade das águas, do ar, na diminuição dos níveis de ruído, no aumento do número de seres de diversas espécies – Latour propõe um «regresso à Terra” que não repita os mesmos erros das sociedades ocidentais industrializadas, que é o lugar de onde falamos, e que é responsável pelo modo de vida que ameaça a Terra como suporte de vida. Precisamente, a partir de outro lugar, a partir do mundo indígena que ainda resiste, fala-nos também Eliane Potiguara para contestar, na citação em cima, a concepção ocidental de território que o reduz a mero espaço físico e suporte de recursos materiais. A escritora e investigadora do povo Potiguara, sublinha a dimensão cosmológica de território, lugar da biodiversidade e ancestralidade, numa concepção que não separa humanos dos outros existentes (incluindo aí montanhas e rios que nas epistemologias ocidentais estão fora do vivo).

Uma vez que manter-nos fechados em casa não é solução, urge pensar essas outras abordagens. A crise ecológica tornou-se a questão política premente da atualidade. Como



é que as imagens e as representações afetaram/produziram as ideias de ambiente? Como pode a visualidade contribuir para forjar novas epistemologias e ideias sobre ecologia?

## Contra-Imagens

Há uma monocultura extrativista do modo de produzir imagens que performa uma imágica que se propõe como mera representação de um mundo dado, e que tem por efeito uma homogeneização das imagens e, logo, da possibilidade de performar mundos. Como poderemos abordar estas questões?

Que visualidades e/ou contra-visualidades possibilitam re-imaginar e pôr em ação novas formas relacionais não extractivistas e que espécie de relações seriam? Quais os contributos da área da Cultura Visual para o pensamento ecológico e vice-versa? Um dos aspectos que urge fazer ver é o modo como as imagens concebem as relações entre humanos e não humanos e o poder performativo dessas representações na construção de identidades e mundividências. Quando tomamos o questionamento de Latour sobre a produção, podemos acrescentar: qual produção? Qual o modo de produção de imagens? Que política de produção de imagens queremos afirmar?

No modelo eurocêntrico ocidental, tornado cânone no/pelo norte global, o género paisagem codificou a separação moderna entre Cultura e Natureza, entre espectadores de um lado e a imagem de outro, sujeitos e objetos, um de dentro e um de fora, no famoso modelo da “janela Albertina” que descreve o dispositivo simbólico da perspectiva *artificielle* do *Quattrocento* europeu como correspondendo a uma imagem que alguém veria quando espreita o mundo lá fora por uma janela. Esta “forma simbólica” (Panofsky), que acompanha o crescimento das cidades (Lefebvre), regula as relações entre espectadores e imagens, partindo da centralidade do humano, e do olho do espectador (“o homem no centro de todas as coisas”). O género paisagem é emblemático do lugar afastado que será atribuído à Natureza nas culturas europeias e ocidentais. A Natureza percebida como paisagem é um “pano de fundo”, mesmo quando é tema principal, apreciável esteticamente e apropriável economicamente, como esse todo. As câmaras fotográficas e de filmar automatizam este modelo e contribuíram para transformar a concepção do mundo numa sucessão de “imagens do mundo”(Heidegger), tornando-se uma forma de epistemologia. Por outro lado, a busca por formas de comunicação imersivas que simulassem a fusão na paisagem-todo, tornou-se também um desejo constante.

W.J.T Mitchell afirma que o género paisagem é típico dos imperialismos e “tal como o dinheiro, [a paisagem] é uma cena natural mediada pela cultura. É, simultaneamente, um espaço representado e apresentado, um significante e um significado, um enquadramento e o que o quadro contém, um lugar real e o seu simulacro, um pacote e o produto dentro do pacote” (*Landscape and Power*, 2002: 5). Natureza e paisagem, como diz Anne Cauquelin em *A invenção da paisagem* (2015), são conceitos que tendem a confundir-se, o que aumenta as dificuldades da sua crítica.

Mas haverá outros modos de produção de imagens. Eduardo Viveiros de Castro (*Metafísicas Canibais*, 2018), ao mapear as cosmologias ameríndias, propõe que nestas não se trata, ao conceber a diversidade de modos de vida, de um multiculturalismo (uma natureza, vários pontos de vista sobre ela). Mas antes, um multinaturalismo: a perspectiva cria não representações diferentes de um mesmo mundo, mas múltiplos mundos, multinaturezas. É por essa via que Isabelle Stengers (“Gaia, The Urgency to Think (and Feel)”, 2014) propõe que enfrentemos a intrusão de gaia: se no modo de produção monocultivista-extrativista se subtrai realidade (há somente um mundo-natureza-paisagem a ser representada), devemos ao



contrário, acrescentar realidades: “Precisamos aprender a contar outras histórias, nem apocalípticas nem messiânicas, histórias que, em vez disso, impliquem o que Donna Haraway chama de responsabilidade: aceitar que o que acrescentamos faz diferença no mundo e nos tornarmos capazes de responder pela maneira como essa diferença ocorre, pela maneira como, ao fazê-lo, damos nossa sorte a algumas formas de viver e morrer e não a outras” (Stengers, “Gaia, The Urgency to Think (and Feel)”, 2014). Daí a importância que Stengers dá a prática ficcional como “experimentos de pensamento que faltam”. Nesta linha, têm surgido práticas artísticas de contra-imagem, como as que recuperam tecnologias obsoletas e artesanais na produção de imagem, ou as que promovem processos de arquivo e de coleção que desafiam o processo capitalista ou mesmo que denunciam os nefastos ideais neoliberais para as culturas e o meio ambiente.

Nesta terceira edição da Counter-Image, trata-se, em suma, de trazer à reflexão o desafio de acrescentar (à) realidade, de produzir mais imagens que inventem outras políticas cognitivas e imagéticas, que cultivem uma diversidade na natureza e de naturezas.

## Visual Culture and Ecological Thinking: reimagining relationships in the world

“It is no longer a question of resuming or transforming a system of production, but of abandoning production as the only principle of relationship with the planet. It is not a question of revolution but of dissolution, pixel by pixel. (...) After a hundred years of socialism, understood as the redistribution of the benefits of the economy, perhaps it is time to invent a socialism that challenges production itself. Injustice is not limited to the redistribution of the fruits of progress but to the very way in which the planet produces fruit. (...) Against repeating everything exactly as it was before [the COVID-19 pandemic ]”  
Bruno Latour, *Where to land?* (2020, no page)

“A territory is not just a piece of land. A territory bears the marks of centuries, of culture, and traditions. It is a genuinely ethical space, not just a physical one, as many politicians want to impose. The territory is almost synonymous with ethics and dignity. The territory is life; it is biodiversity, and it is a set of elements that make up and legitimise indigenous existence. *Territory* is a cosmology that includes ancestry.”  
Eliane POTIGUARA, *Metade cara, metade máscara* ( 2004, p. 105)

Bruno Latour’s words about the need to completely abandon our approach to the planet, based on accumulation, monoculture, and extractivism, along with Eliane Potiguara’s thoughts on the meaning of territory, serve as the starting points for the debate that we aim to launch at the third edition of the Counter-Image Conference in Florianópolis, Brazil. This debate aims to explore image and visibility as it impacts the construction of our worlds.

The COVID-19 pandemic highlighted the damaging effects of industrialisation on the environment as human activities came to a halt globally. Benefiting from this awareness, Latour proposes a “return to Earth” that avoids repeating the mistakes made by industrialised Western societies – the place from which we are talking – and reimagines our relations in the world encompassing all existents (human, non-human and more than human). Eliane Potiguara, a writer and researcher of the Potiguara people, challenges the Western conception of territory, reducing it to mere physical space and a source of material resources. She believes the indigenous world, which still resists, offers a more comprehensive perspective as a place of biodiversity and ancestry with a cosmological dimension. In her conception, humans are



not separate from other existents, including mountains and rivers, often considered non-living in Western epistemologies.

Since keeping ourselves indoors is not a solution, we must consider other approaches. The ecological crisis has become today's pressing political issue. How have visual representations impacted conceptions of the environment? How can visibility contribute to new epistemologies and ecological thinking?

## Counter- Images

There is an extractivist monoculture of the way of producing images that performs imagery itself as a mere representation of a given world and which has the effect of homogenising pictures and, therefore, the possibility of performing worlds. How can we address these issues?

What visualities or counter-visualities make reimagining and implementing new non-extractivist relational forms possible, and what relations would they be? How does visual culture contribute to ecological thinking, and vice versa? Should we examine how images portray the connections between humans and non-humans and how these depictions influence our identities and perspectives?

Building on Latour's questioning about production, we can ask: What kind of production? What type of image production should we promote?

In the Western Eurocentric model made canonical in/by the global North, the landscape genre codified the modern separation between Culture and Nature, subject and object. The concept of the "Albertine window" model is well-known. It explains how the artificial perspective creates an image that resembles the view of the outside world through a window. This "symbolic form" (as described by Panofsky) is linked to the development of cities (as per Lefebvre) and controls how the viewer interacts with the image. Photographic and film cameras automate this model and have contributed to transforming the conception of the world into a succession of "world images" (Heidegger), becoming a form of epistemology. On the other hand, the search for immersive forms of communication that simulate merging into the whole landscape has also become a constant desire.

W.J.T. Mitchell states that the landscape genre is typical of imperialism and "like money, [landscape] is a natural scene mediated by culture. It is both a represented and presented space, both a signifier and a signified, both a frame and what a frame contains, both a real place and its simulacrum, both a package and the commodity inside the package" (*Landscape and Power*, 2002: 5). Nature and landscape, as Anne Cauquelin says in *L'invention du Paysage* (2004), are concepts that tend to be confused, which increases the difficulties of their critique.

However, there are other ways of producing images. Eduardo Viveiros de Castro (*Cannibal Metaphysics*, 2018), while mapping Amerindian cosmologies, proposes that, in conceiving the diversity of ways of life, it is not a question of multiculturalism (one Nature, several points of view about it). Instead, it is a multinaturalism: the perspective creates not different representations of the same world but multiple worlds, multinaturs. Adding to this, Isabelle Stengers ("Gaia, The Urgency to Think (and Feel)", 2014) proposes that we confront the intrusion of Gaia: if the monocultural-extractivist mode of production subtracts reality (there is only one world-nature-landscape to be represented), we must instead add realities: "We must learn to tell other stories, neither apocalyptic nor messianic, stories that instead entail what Donna Haraway calls responsibility: accepting that what we add makes a difference in the world and becoming able to answer for the way that difference occurs, for the way that,



in so doing, we give our lot to some ways of living and dying and not to others" (Stengers, "Gaia, The Urgency Think (and Feel)", 2014). Hence the importance Stengers gives to fictional practice as "missing thought experiments". In this line, counter-image artistic practices have emerged, such as those that recover obsolete and artisanal technologies in image production, promote archival and collection processes that challenge the capitalist process, and even denounce the nefarious neoliberal ideals for cultures and the environment.

In short, the third edition of Counter-Image aims to reflect on the challenges of expanding reality by creating new images. These images should invent alternative cognitive and imaginative approaches that promote diversity in Nature and its many forms — in a plurality of worlds.



## Oradores Principais Keynote Speakers



### **Teresa Castro** **Histórias ambientais da fotografia e do cinema**

**7 de agosto, 9:30, Auditório do Bloco B**  
**7th August, 9:30, Block B Auditorium**

Face à crise ambiental, o que podem realmente fazer a fotografia e o cinema? Engendrados pelos conhecimentos químicos e técnicos da modernidade, dependentes da extração de minerais e de combustíveis fósseis, tanto a fotografia como o cinema foram de imediato colocados ao serviço dos mais diversos projetos de objetivação e subordinação do mundo. Mas ambos serviram e servem também para documentar lutas e tomadas de consciência ambiental e, mais ainda, para estimularem o aparecimento duma sensibilidade e duma racionalidade ecológicas, fundadas sobre a articulação entre um regime do olhar, da escuta e do cuidado. O que fazer destes aspetos contraditórios? Será possível conciliar uma reflexão sobre a dimensão energívora e poluente das imagens foto-cinematográficas com uma discussão sobre os seus poderes e potências particulares? Nesta apresentação, gostaria de sugerir que responder a estas questões significa transformarmos as histórias / estórias que contamos sobre a fotografia e o cinema.



## Environmental Histories of Photography and Film

Faced with the environmental crisis, what can photography and cinema really do? Born from the chemical and technical knowledge of modernity, and reliant on the extraction of minerals and fossil fuels, both photography and cinema were immediately employed in various projects of objectification and subjugation of the world. However, both have also served, and continue to serve, to document environmental struggles and awakenings, and even more so, to foster the emergence of an ecological sensibility and rationality, grounded in a regime of seeing, listening, and caring. What should be done about these contradictory aspects? Is it possible to reconcile a reflection on the energy-intensive and polluting nature of photo-cinematic images with a discussion of their unique powers and potentials? In this presentation, I would like to suggest that answering these questions means transforming the stories we tell about photography and cinema.

*Teresa Castro é professora associada em estudos cinematográficos na Université Sorbonne Nouvelle desde 2011 e investigadora no Centre Alexandre Koyré, Histoire des sciences et des techniques (CNRS, EHESS, MNHN). Foi investigadora de pós-doutoramento no museu do quai Branly (Paris) e investigadora convidada no Max Planck Institute for the History of Science (Berlim). Publicou La Pensée cartographique des images. Cinéma et culture visuelle (Aléas, 2011), coordenou vários volumes colectivos e dossiers temáticos de revistas e é autora de várias dezenas de textos, publicados em revistas e livros de diferentes países. Uma parte significativa da sua pesquisa actual concentra-se sobre as formas de vida vegetal na cultura visual e as histórias ambientais da fotografia e do cinema. Neste âmbito, publicou "The Mediated Plant" (e-flux journal, 2019) e co-editou o livro colectivo Puissance du végétal et cinéma animiste. La vitalité révélée par la technique (Presses du réel, 2020) bem como o dossier "Histoires écologiques de la photographie" da revista Transbordeur (2024). Em paralelo das suas atividades académicas, desenvolve também um trabalho de crítica e de programação. Em 2023, no âmbito do programa de residências da rede Terra Batida, criou a conferência performance "Conspirações".*

*Teresa Castro is an associate professor of film studies at the Université Sorbonne Nouvelle since 2011 and a researcher at the Center Alexandre Koyré, Histoire des sciences et des techniques (CNRS, EHESS, MNHN). She was a postdoctoral researcher at the Quai Branly Museum (Paris) and a guest researcher at the Max Planck Institute for the History of Science (Berlin). She published La Pensée cartographique des images. Cinéma et culture visuelle (Aléas, 2011) has coordinated several collective volumes and thematic dossiers for magazines and authorises several dozen texts published in magazines and books in different countries. Much of her current research focuses on plant life forms in visual culture and the environmental histories of photography and cinema. In this context, she published "The Mediated Plant" (e-flux journal, 2019) and co-edited the collective book Puissance du végétal et cinéma animiste. La vitalité révélée par la technique (Presses du réel, 2020) as well as the dossier "Histoires écologiques de la photographie" in the journal Transbordeur (2024). Alongside her academic activities, she also works as a critic and programmer. In 2023, as part of the Terra Batida network residency program, she created the performance conference "Conspirações". Teresa will share her ideas on the environmental histories of photography and film at the International Conference on the Counter Image 24.*







## **Ricardo Socas Wiese**

Universidade Federal de Santa Catarina

### **O processo participativo de projeto da Moradia Estudantil Indígena da UFSC**

**8 de agosto, 10:45, Auditório do Bloco B**  
**8th August , 10:45, Block B Auditorium**

O Projeto de Moradia Estudantil indígena da UFSC, Coordenado pelo Professor de Arquitetura, Ricardo Socas Wiese, premiado pelo IAB/SC em 2023, é uma conquista resultante de um trabalho participativo através da extensão pelo LabProj - Laboratório de Projetos e que contou com mais de trinta universitários dos povos Xokleng, Kaingang, Guarani, Parintintin, Baré, Tikuna, Xacriabá, Kamahurá, Walapiti, Krenak, moradores de uma ocupação iniciada por mulheres indígenas da graduação no final de 2016, por não terem onde morar e nem condições de pagarem aluguel na Capital catarinense.

A existência de estudantes indígenas na UFSC só se tornou realidade há pouco mais de 10 anos, graças à política de Lei de Cotas e à implementação da ação afirmativa para indígenas pela própria instituição. Porém, as políticas de permanência para essa comunidade em sua chegada eram inexistentes. Desde então a luta e resistência por permanência e Moradia Estudantil para os povos indígenas na UFSC, que deu origem ao Movimento Maloca UFSC, tem sido cotidiana e de muita resistência.

A proposta de uma moradia que fosse pensada e construída para a permanência dos diversos povos indígenas universitários da UFSC, foi construída de forma coletiva e recebeu destaque também por evidenciar a presença indígena na universidade, dando visibilidade e valorizando a cultura dos povos originários, reclamando o direito à cidade e à universidade. Esse projeto é pioneiro pela inédita participação, na idealização de um conceito para a mo-



radia estudantil indígena a partir das cosmovisões que próprios estudantes trazem dos seus povos e territórios.

O movimento almeja que esse projeto possa servir de base para o Ministério da Educação e gestores públicos das Universidades Federais, para implementar uma política nacional de Moradia Indígena, que vise a permanência, a promoção da interculturalidade e troca entre os saberes indígenas e a ciência e principalmente na formação dos indígenas universitários em nível de graduação e pós graduação no sentido de ser um espaço que fortaleça e proteja de fato a identidade dos estudantes Indígenas.

## The participatory design process of UFSC's Indigenous Student Housing

The UFSC Indigenous Student Housing Project, coordinated by Architecture Professor Ricardo Socas Wiese and awarded a prize by the IAB/SC in 2023, is an achievement resulting from participatory work through extension by LabProj - Project Laboratory, which involved more than thirty university students from the Xokleng peoples, Kaingang, Guarani, Parintintin, Baré, Tikuna, Xacriabá, Kamahurá, Walapiti and Krenak, residents of occupation started by indigenous undergraduate women at the end of 2016, because they had nowhere to live and couldn't afford to pay rent in the capital of Santa Catarina.

The existence of Indigenous students at UFSC only became a reality just over 10 years ago, thanks to the Quota Law policy and the implementation of affirmative action for Indigenous people by the institution itself. However, there were no permanence policies for this community when they arrived. Since then, the struggle and resistance for permanence and student housing for Indigenous people at UFSC, which gave rise to the Maloca UFSC Movement, has been daily and very resistant.

The proposal for a house designed and built for the various Indigenous peoples of the UFSC was built collectively and highlighted to highlight the Indigenous presence at the university, giving visibility and valuing the culture of the original peoples, claiming the right to the city and the university. This project is a pioneer for its unprecedented participation in the idealisation of a concept for Indigenous student housing based on the worldviews that the students bring from their peoples and territories.

The movement hopes that this project can serve as a basis for the Ministry of Education and public managers of Federal Universities to implement a national policy on Indigenous Housing aimed at permanence, the promotion of interculturality and exchange between Indigenous knowledge and science, and especially in the training of Indigenous university students at undergraduate and postgraduate level, in the sense of being a space that strengthens and protects the identity of Indigenous students.

*Professor e Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC (2003) e Doutorado em Progettazione Ambientale pela Università di Roma - La Sapienza (2010). Atuou também como docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) de 2013 a 2016. No campo acadêmico, atua no Ensino de Projeto de Arquitetura e busca associar, de forma crítica, a prática projetual às questões relacionadas à cidade e paisagem, bem como, às questões ambientais e a tecnologia da edificação. Possui foco de atuação estruturado pelas atividades de extensão, integradas ao ensino e a pesquisa, com especial interesse à contribuição social da arquitetura e do urbanismo, atuando nos últimos anos em conjunto*



*com comunidades tradicionais e povos indígenas, bem como no desenvolvimento de projetos arquitetônicos institucionais e de educação.*

*Professor and Coordinator of the Architecture and Urbanism course at the Federal University of Santa Catarina - UFSC. He has a degree in Architecture and Urbanism from UFSC (2003) and a PhD in Environmental Design from the University of Rome - La Sapienza (2010). She also worked as a lecturer on the Architecture and Urbanism course at the Federal University of the Southern Frontier (UFFS) from 2013 to 2016. In the academic field, she works in Architecture Project Teaching. He seeks to critically associate design practice with issues related to the city and landscape, environmental issues and building technology. Its focus is structured around extension activities, integrated with teaching and research, with a special interest in the social contribution of architecture and urbanism, working in recent years with traditional communities and indigenous peoples, as well as in developing institutional and educational architectural projects.*



## **ALYNE COSTA - PUC/RJ**

### **Política ontológica e regimes de visibilidade no Antropoceno**

**9 de Agosto, 16:30, Auditório do Bloco B**  
**9th August, 16:30, Block B Auditorium**

Minha apresentação é inspirada por uma afirmação de Philippe Descola no seu mais recente livro *As formas do visível*: "Pois só se figura o que se percebe ou imagina, e só se imagina e percebe aquilo que o hábito nos ensinou a recortar na trama de nossos devaneios e a discernir no fluxo de impressões sensíveis". Como fica, então, a relação da figuração com a imaginação e a percepção quando, na época geológica chamada Antropoceno, a imagem de



mundo herdada da modernidade europeia se desestabiliza e é atravessada por imagens de outros mundos humanos e não humanos? Para responder essa pergunta, partirei da análise do regime de visibilidade característico dessa modernidade empreendida por Bruno Latour para, na sequência, contrastá-lo com as “artes de notar” abordadas por Anna Tsing e discuti-lo à luz do “Anthropo-not-seen” de que fala Marisol de la Cadena. Por meio desse percurso, pretendo abordar o que ganhamos ao exercitar a ampliação da percepção e da imaginação, mas também os limites de tais movimentos – já que, se vislumbrar outros modos de vida faz-se necessário para conceber “um mundo em que caibam muitos mundos”, tal coexistência exige também que aprendamos a pensar e sentir diante daquilo que não podemos plenamente ver ou conhecer.

## Ontological politics and regimes of visibility in the Anthropocene

Abstract: My presentation is inspired by a statement made by Philippe Descola in his most recent book *The Forms of the Visible*: ‘For one only figures what one perceives or imagines, and one only imagines and perceives what habit has taught us to cut out of the fabric of our daydreams and to discern in the flow of sensitive impressions.’ So, what is the relationship between figuration and imagination and perception? So how does figuration relate to imagination and perception when, in the geological epoch called the Anthropocene, the image of the world inherited from European modernity is destabilised and crossed by images of other human and non-human worlds? To answer this question, I will start by analysing the regime of visibility characteristic of this modernity undertaken by Bruno Latour and then contrast it with the ‘arts of noticing’ addressed by Anna Tsing and discuss it in the light of the ‘Anthropo-not-seen’ spoken of by Marisol de la Cadena. Through this journey, I intend to address what we gain by exercising the expansion of perception and imagination, but also the limits of such movements - since if glimpsing other ways of life is necessary to conceive “a world in which many worlds fit”, such coexistence also requires us to learn to think and feel in the face of what we cannot fully see or know.

*Alyne Costa é filósofa, professora e pesquisadora da PUC-Rio e da APPH. Sua pesquisa aborda o Antropoceno e o colapso ecológico considerando também cosmovisões e modos de vida não ocidentais. Sua tese Cosmopolíticas da Terra: modos de existência e resistência no Antropoceno foi a vencedora do Prêmio Capes de Tese 2020 na área de filosofia. Coordena o projeto “A Terra e nós: educação, pesquisa e cidadania no Antropoceno” e é co-coordenadora da coleção Desnaturadas, da editora Bazar do Tempo.*

*Alyne Costa is a philosopher, professor and researcher at PUC-Rio and APPH. Her research looks at the Anthropocene and ecological collapse, also considering non-Western worldviews and ways of life. Her thesis Cosmopolitics of the Earth: modes of existence and resistance in the Anthropocene was the winner of the 2020 Capes Thesis Award in the field of philosophy. She coordinates the project ‘The Earth and us: education, research and citizenship in the Anthropocene’ and is co-coordinator of the collection Desnaturadas, published by Bazar do Tempo.*



## Performances

### **Pistas para viver (n)o fim do mundo [Clues to living (at) the end of the world]**

***de/by Lucí Trevisan e Bruna Moraes Battistelli***

**7 de agosto, 10:30 -11:15**

**Hall do Bloco B / Block B Hall**

**Presentation in Portuguese**

“Pistas para viver (n)o Fim Mundo” é uma proposta artística acadêmica de caráter híbrido. Essa ação trata-se de uma palestra performance (CATALÃO, 2019) ainda não executada, contudo surge como desdobramento de dois outros experimentos dramáticos: “Obliteração Imaginada: um percurso oracular de ficção visionária” e “ANUNCIAÇÃO”. Ambos os trabalhos utilizam da Ficção Visionária (IMARISHA, 2016) como recurso de criação para compreender dinâmicas sociais ao mesmo tempo que propõe formas de imaginar novos cenários de futuro e também um outro olhar para pensar os pactos de (in)visibilidade de corpos dissidentes e narrativas de corpos que transgridem o regime sexo-gênero. A proposta de intervenção artística é uma leitura dramática na qual, ao misturar elementos dramáticos e científicos em um texto híbrido e mutante, a pesquisadora empresta o corpo e a voz para o fim que surge como uma figura imponente e nos coloca frente a seguinte visualidade: estamos na beira de um abismo, ele é o fim deste mundo que nos foi dado a conhecer. O abismo nos encara de volta e toma a forma de uma travesti, ela quer falar na perspectiva de quem observa e faz parte dessa ruína. Esse texto faz parte de uma pesquisa em escrita que vem sendo desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, cujo objetivo da pesquisa é desarmar armadilhas da escrita acadêmica hegemônica: desarmar como quem busca identificar e separar os componentes de um objeto de caráter bélico tornando-o inoperante, ao mesmo tempo, que utiliza seus pedaços para construir suas próprias armas de enfrentamento às tecnologias coloniais. A proposta de intervenção parte do conceito de palestra performance (CATALÃO, 2019), como uma ação híbrida que borra os contornos da escrita acadêmica e autoriza a exploração dos dispositivos de exposição de conhecimento de forma performativa, permitindo a possibilidade de uma experiência que sobrepõe a prática artística e a prática educacional. A escrita se situa dentro da ideia de ensaio (LARROSA, 2003; 2004) como uma linguagem que articula uma relação entre experiência e subjetividade e que confunde as diferenças entre ciência, arte e filosofia. Se a colonialidade instaurou não apenas modos de se relacionar com o mundo, mas também um repertório linguístico e corporal de se conhecer (LOURO, 2007) cabe à nós deixar pistas para viver (n)o fim do mundo.



“Clues for Living at the End of the World” is an artistic academic proposal of a hybrid nature. This action takes the form of a performance lecture (CATALÃO, 2019) not yet performed, but it emerges as an offshoot of two other dramaturgical experiments: “Imagined Obliteration: an oracular journey of visionary fiction” and “ANNUNCIATION.” Both works utilize Visionary Fiction (IMARISHA, 2016) as a creative resource to understand social dynamics while proposing ways to imagine new future scenarios and also a different perspective on the pacts of (in)visibility of dissident bodies and narratives of bodies that transgress the sex-gender regime. The artistic intervention proposal is a dramatic reading in which, by mixing dramaturgical and scientific elements into a hybrid and mutable text, the researcher lends her body and voice to the end, which emerges as an imposing figure and confronts us with the following visuality: we are on the edge of an abyss; it is the end of this world that we have come to know. The abyss stares back at us and takes the form of a transgender woman, who wants to speak from the perspective of someone observing and being part of this ruin. This text is part of a writing research being developed within the Graduate Program in Education at the Federal University of Paraná, whose aim is to dismantle the traps of hegemonic academic writing: to dismantle as one who seeks to identify and separate the components of an object of a warlike nature, rendering it inoperative, while using its pieces to build their own weapons to confront colonial technologies. The intervention proposal draws on the concept of a performance lecture (CATALÃO, 2019), as a hybrid action that blurs the boundaries of academic writing and allows for the exploration of knowledge dissemination devices in a performative manner, enabling the possibility of an experience that overlaps artistic practice and educational practice. The writing situates itself within the idea of an essay (LARROSA, 2003; 2004) as a language that articulates a relationship between experience and subjectivity and confuses the distinctions between science, art, and philosophy. If coloniality established not only ways of relating to the world but also a linguistic and bodily repertoire of knowing (LOURO, 2007), it is up to us to leave clues for living at the end of the world.

## Referências / References

- PALESTRA PERFORMANCE (Verbetes de Marco CATALÃO). In: Verbetes da arte, v. 6, n. 15. ISSN 2318-5538. Rio de Janeiro: Revista Arte Contexto, 2019. Disponível em: <<https://artcontexto.com.br/portfolio/palestra-performance-marco-catalao/>>.
- IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Oficina de Imaginação Política - 32a Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.
- LARROSA, J. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. Educação & Realidade, v. 28, n. 2, 2003. p. 101-115.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Realidade, v. 29, n. 1, 2004. p. 27-43.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... Educação, sociedade e cultura, n. 25, 2007, 235 - 245.

*Eu sou **Lucí A Guerra Trevisan**, me identifico enquanto travesti, tenho a pele branca, sou estudante oriunda da escola pública e dentre as minhas petulâncias atuo também como artista. Sou uma pesquisadora da linguagem em suas diferentes formas de manifestação no mundo, uma vez que compreendo a linguagem como tudo aquilo que comunica, seja na roupa, no uso da*



*palavra, na fotografia, etc. Sou formada em Pedagogia (UFPR) e em Design de Moda (UniSenai/PR) e desenvolvo trabalhos no campo da arte educação, da curadoria, da direção de arte e da produção de figurino. Minha pesquisa acadêmica se debruça sobre as escritas de si através da perspectiva da Imaginação Radical e Especulativa.*

**Bruna Moraes Battistelli:** *mulher branca, cis, lésbica, madrasta do Apolo e esposa da Luciana. Professora na UFPR (graduação e pós-graduação). Interessada pelas políticas de escrita, poéticas e invenções possíveis para a pesquisa.*

*I'm **Lucí A Guerra Trevisan**, I identify as a transvestite, I have white skin, I'm a public school student and among my petulances I also work as an artist. I am a researcher of language in its different forms of manifestation in the world, since I understand language as everything that communicates, be it in clothing, the use of words, photography, etc. I have a degree in Pedagogy (UFPR) and Fashion Design (UniSenai/PR) and work in the fields of art education, curating, art direction and costume production. My academic research focuses on the writing of the self from the perspective of the Radical and Speculative Imagination.*

**Bruna Moraes Battistelli:** *white, cis, lesbian woman, Apolo's stepmother and Luciana's wife. Professor at UFPR (undergraduate and postgraduate). Interested in the politics of writing, poetics and possible inventions for research.*

## **O esconderijo das quimeras [The hiding place of chimeras]**

**de /by Rubens Takamine**

**7 de agosto, 10:30 -11:15**

**8 de agosto, 10:00**

**9 de agosto, 12:00**

**Hall do Bloco A / Block A Hall**

Nessa proposta de palestra-performance, compartilharei a obra instalativa O esconderijo das quimeras originalmente comissionada pelo Solar dos Abacaxis (RJ, Brasil) na exposição Vida transbordante e os desejos do mundo (2023). Ao unir visão e olfato, o trabalho abarca estudos da fitoterapia e da aromaterapia para fabular conciliações possíveis entre seres humanos e outros-que-não-humanos (Haraway, 2016). Em diversas culturas, os cheiros das ervas e madeiras são responsáveis por mediar a interação social, além de serem fundamentais na produção de conhecimento. Os poderes da atração, da sedução e do encantamento, podem ser traduzidos pela linguagem olfativa - tal como uma flor se comunica com uma abelha através do aroma de seu néctar. O esconderijo das quimeras No Ocidente moderno, tendemos a pensar os cheiros em termos puramente estéticos: odores agradáveis ou desagradáveis. No entanto, há culturas em que os cheiros são responsáveis por mediar a interação e a comunicabilidade social, além de serem fundamentais na produção de conhecimento. O que há para além das imagens e dos sons? Os aromas das plantas talvez possam ajudar em nossa prática fabulativa, reativando memórias, desejos e imaginários contra-hegemônicos. O esconderijo das quimeras (2023), é título de uma instalação olfativa que reluz o universo das utopias multiespécies, convocando o poder da transformação coletiva,



confiança na corrente e a expansão dos sentidos para além daquilo que os olhos humanos são capazes de vislumbrar. Segundo o antropólogo Carlo Severi (2013), a “quimera” não se trata apenas de figuras compostas por corporeidades heterogêneas e metamórficas, provenientes de seres humanos, animais e espíritos, tal como a representação da quimera grega. Severi busca inspiração na quimera da nação indígena Hopi, estudada por Aby Warburg em 1927, para investigar um princípio cognitivo do que viria a ser uma “arte da memória”. A representação da quimera Hopi se efetua através de um reduzido número de traços, oferecendo poucos detalhes visuais ao espectador. Nesse sentido, nós somos convidados a completar o invisível da imagem a partir do que está dado: um exercício de fabulação entre o implícito e o explícito. A quimera, portanto, consistiria no ato de projeção mental ou mnemônica que está no cerne das práticas imaginativas e oraculares em todos os lugares do mundo.

In this performance-lecture proposal, I will share the installation work “The Hideaway of Chimeras,” originally commissioned by Solar dos Abacaxis (Rio de Janeiro, Brazil) for the exhibition “Overflowing Life and the Desires of the World” (2023). By combining vision and smell, the work encompasses studies of phytotherapy and aromatherapy to explore possible reconciliations between humans and non-human others (Haraway, 2016). In various cultures, the scents of herbs and woods are responsible for mediating social interaction and are fundamental in the production of knowledge. The powers of attraction, seduction, and enchantment can be conveyed through the olfactory language, much like a flower communicates with a bee through the aroma of its nectar.

In modern Western culture, we tend to think of smells in purely aesthetic terms: pleasant or unpleasant odors. However, there are cultures where scents are responsible for mediating social interaction and communication, as well as being fundamental in knowledge production. What lies beyond images and sounds? The aromas of plants may aid in our fabulative practice, reactivating memories, desires, and counter-hegemonic imaginations. “The Hideaway of Chimeras” (2023) is the title of an olfactory installation that illuminates the world of multi-species utopias, invoking the power of collective transformation, trust in the flow, and the expansion of the senses beyond what the human eye can perceive.

According to anthropologist Carlo Severi (2013), the “chimera” is not just about figures composed of heterogeneous and metamorphic corporealities derived from humans, animals, and spirits, like the representation of the Greek chimera. Severi draws inspiration from the chimera of the Hopi indigenous nation, studied by Aby Warburg in 1927, to investigate a cognitive principle that might be an “art of memory.” The representation of the Hopi chimera is achieved through a minimal number of strokes, offering few visual details to the viewer. In this sense, we are invited to complete the invisible part of the image from what is given: an exercise in fabulation between the implicit and the explicit. The chimera, therefore, would consist of the act of mental or mnemonic projection at the core of imaginative and oracular practices worldwide.

## Referências / References

- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- \_\_\_\_\_. As imagens não são apenas coisas para representar. Entrevista com Georges Didi-Huberman. Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2017.





HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom*, ano 266 • n. 69 • abr. 2018 (p. 250-266) 3, n. 5, "Vulnerabilidade", 2016.  
 LAGROU, Els; SEVERI, Carlo (orgs.). *Quimeras em diálogo – grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2013.  
 WARBURG, Aby. *El ritual de la serpiente*. Madrid: Sexto Piso, 2008.

*Rubens Takamine (1993, São Paulo) vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil. É artista, pesquisador de imagens e de cheiros, ensaísta e curador independente. Diálogos transversais entre arte, fitoterapia e espiritualidade, inspiram suas práticas, que costumam emergir de danças com plantas, pessoas e objetos em desuso, para compor instalações olfativas, pinturas, assemblages, fotografias e vídeos. É fascinado por aromas naturais e fenômenos que só podem ser observados no escuro. Através de rastros e rasuras, busca fabular as histórias não contadas das diásporas asiáticas pela América. Desde 2017, participa de mostras, festivais de cinema e exposições em espaços como Solar dos Abacaxis (2023), Centro Cultural Justiça Federal (2023) e Fábrica Bhering (2022) EAV Parque Lage (2021). É mestre em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ) e doutorando em Comunicação e Cultura (PPGCOM-ECO-UFRJ). Site: [www.rubenstakamine.art](http://www.rubenstakamine.art)*

*Rubens Takamine (1993, São Paulo) lives and works in Rio de Janeiro, Brazil. He is an artist, researcher of images and researcher, essayist and independent curator. Cross-cutting dialogues between art, herbal medicine and spirituality inspire his practices, which often emerge from dances with plants, people and disused objects, to compose olfactory installations, paintings, assemblages, photographs and videos. He is fascinated by natural aromas and phenomena that can only be observed in the dark. Through traces and erasures, he seeks to fabricate the untold stories of the Asian diasporas in America. Since 2017, he has taken part in exhibitions, film festivals and shows at spaces such as Solar dos Abacaxis (2023), Centro Cultural Justiça Federal (2023) and Fábrica Bhering (2022) EAV Parque Lage (2021). He has a master's degree in Visual Arts (PPGAV-EBA-UFRJ) and is studying for a doctorate in Communication and Culture (PPGCOM-ECO-UFRJ). Website: [www.rubenstakamine.art](http://www.rubenstakamine.art)*

## **Imagem e Paisagem Sonoras: performance sonora como método de produção de contra-imagens em Um pedaço de céu, uma faixa de terra [Sound Image and Landscape: sound performance as a method of producing counter-images in A piece of sky, a strip of land]**

**de/by Lucca Totti**

**7 de agosto, 14:30**

**8 de agosto, 12:00**

**Hall do Bloco B / Block B Hall**

O que significaria pensar imagem e paisagem a partir do som? Quais especificidades encontraríamos nessas ideias quando articuladas ao meio sonoro em vez do meio visual, pelo qual essas noções são pensadas hegemonicamente? Mais ainda, de que forma os meios e dispositivos específicos do fazer sonoro serviriam para desestabilizar não apenas as noções normativas de imagem e paisagem – e ainda representação, narratividade e epistemologias ecológicas –, mas também os modos hegemônicos de produção, circulação e recepção des-



sas imagens? Haveria no som e em seus fazeres um potencial de contra-produção imagética?

A Sonologia, campo multifacetado de pesquisa e prática, debruça-se sobre questões específicas das modalidades sensoriais sonoras, das materialidades do som e da escuta. Neste campo, tornam-se operantes noções como imagem sonora – articulador dos potenciais representacionais e narrativos do som (CAESAR, 2012); e mesmo paisagem sonora, articulador abrangente entre som, ecologia e sociedade (STERNE, 2013). Dentre as práticas artísticas que dialogam com questões sonológicas, destacaremos a Gravação de Campo, que usa registros fonográficos de paisagens sonoras para abordar diretamente questões de representação, narrativa, paisagem e suas valências políticas e sociais (DANTAS, 2019). Uma prática intensamente permeável a diálogos com o pensamento ecológico, ela ainda assim repete frequente e problematicamente uma mesma abordagem naturalista-objetivista que marca a produção de imagens paisagísticas no âmbito visual. De que forma, portanto, esse conjunto de práticas e dispositivos sonoros pode se dispor a uma atividade contra-hegemônica de produção imagética? Poderia o próprio som em suas materialidades e práticas ser utilizado como ponto de apoio para uma fuga a essa visibilidade-audibilidade hegemônica?

Abordaremos tais questões partindo de *Um pedaço de céu, uma faixa de terra* (2023), obra-máquina performática deste autor. Trata-se de um dispositivo híbrido que consiste em: 1) um instrumento eletrônico-digital de processamento e manipulação em tempo real de material sonoro gravado, tanto de gravações de campo quanto de sons de arquivo; 2) uma conceitualidade-narratividade norteadora da articulação entre as gravações e os lugares e tempos do cotidiano do autor; 3) uma realização performática baseada na improvisação com esse instrumento processando as gravações escolhidas. Pensa-se, primeiro, o instrumento como dispositivo de operação e manipulação específico ao som, com seus processamentos e generatividades; segundo, esses materiais como uma forma de incorporação de e atuação sobre sons-imagens que abordem sonoridade, sociedade e narratividade; terceiro, a improvisação como modo performático portador de uma potência singular calcada em desvio e subversão de materiais e modos de produção preexistentes (MOTEN, 2023).

Pretende-se, assim, elaborar formas de pensar as materialidades do som e da escuta – potencializadas por e aliadas à performatividade improvisativa – como método desviante de produção imagética, contra-imagens às coordenadas e práticas hegemônicas. Investigaremos como esse processo se daria através das potencialidades singulares da materialidade sonora e da escuta, que – heterogêneas às da visualidade – direcionam-nos a caminhos outros de produzir, receber e pensar a imagem. E que podem ainda sugerir uma formulação da gravação de campo e das práticas sonoras que, evitando reproduzir esquemas hegemônicos de representação, dá ao pensamento sobre a imagem em geral linhas de articulação outras.

What would it mean to think about image and landscape from the perspective of sound? What specificities might we find in these ideas when articulated through the auditory medium rather than the visual medium, through which these notions are hegemonically considered? Moreover, how might the specific means and devices of sound-making serve to destabilize not only the normative notions of image and landscape—but also representation, narrativity, and ecological epistemologies—but also the hegemonic modes of production, circulation, and reception of these images? Could sound and its practices hold a potential for counter-image production?

Sonology, a multifaceted field of research and practice, focuses on the specific issues related to the sensory modalities of sound, the materialities of sound, and listening. In this field, concepts such as the sonic image—an articulator of the representational and narrative



potentials of sound (CAESAR, 2012)—and even the soundscape, a comprehensive articulator between sound, ecology, and society (STERNE, 2013), become operational. Among the artistic practices that engage with sonological issues, we highlight Field Recording, which uses phonographic recordings of soundscapes to directly address issues of representation, narrative, landscape, and their political and social valences (DANTAS, 2019). This practice, though intensely permeable to dialogues with ecological thought, often problematically repeats a naturalistic-objectivist approach that characterizes the production of landscape images in the visual domain. How, then, can this set of sonic practices and devices be oriented towards a counter-hegemonic activity of image production? Could sound itself, in its materialities and practices, be used as a fulcrum for escaping this hegemonic visibility-audibility?

We will approach these questions starting from [title of the work omitted] (2023–), a performative machine-work by this author. It is a hybrid device consisting of: 1) an electronic-digital instrument for real-time processing and manipulation of recorded sound material, both from field recordings and archival sounds; 2) a conceptuality-narrativity guiding the articulation between the recordings and the author's everyday places and times; 3) a performative realization based on improvisation with this instrument processing the selected recordings. The instrument is conceived first as a device specific to sound operation and manipulation, with its processes and generativities; second, these materials as a form of incorporating and acting upon sound-images that address sonority, society, and narrativity; third, improvisation as a performative mode bearing a unique potential grounded in the deviation and subversion of preexisting materials and modes of production (MOTEN, 2023).

Thus, we aim to develop ways of thinking about the materialities of sound and listening—enhanced by and allied with improvisational performativity—as a deviant method of image production, counter-images against hegemonic coordinates and practices. We will investigate how this process unfolds through the unique potentials of sonic materiality and listening, which—heterogeneous to those of visibility—guide us towards other ways of producing, receiving, and thinking about the image. Moreover, they may suggest a formulation of field recording and sound practices that, avoiding the reproduction of hegemonic schemes of representation, offer alternative lines of articulation to thinking about the image in general.

*Lucca Totti é artista sonoro, improvisador, compositor e pesquisador. Atualmente é mestrando em Sonologia - Processos Criativos pela Universidade de São Paulo (USP), desenvolvendo pesquisa sobre a improvisação livre em suas conexões com a materialidade sonora e a escuta. Trabalha e pesquisa no campo da criação contemporânea experimental, explorando questões de sonoridades expandidas, práticas performáticas abertas focadas no corpo e na improvisação, e possibilidades sonoras-musicais-artísticas ampliadas pelo cruzamento entre mídias e práticas heterogêneas. Já teve obras realizadas na XXIV Bienal de Música Brasileira Contemporânea, Topia SoundArt Festival (ALE), Simpósio Internacional de Música Nova, Monteaudio20 International Sound Art Festival (URU), Centro de Arte Sonoro (ARG), Festival Escuta Aqui!, Série Música? (USP), SomaRumor - Encontro Latinoamericano de Arte Sonora, Oficina de Música de Curitiba, Museu de Arte Moderna-RJ, UNIRIO, SONatório-UFRB, Residência São João, Festival Ecrã de Cinema Experimental, entre outros. Desenvolve desde 2017 um trabalho de improvisação de trilhas sonoras para filmes mudos e experimentais, já tendo se apresentado na Cinemateca do MAM-RJ, Cine Odeon, Jornada Interdisciplinar de Som e Música no Audiovisual, CineArte UFF, entre outros.*

*Lucca Totti is a sound artist, improviser, composer and researcher. He is currently a master's student in Sonology - Creative Processes at the University of São Paulo (USP), researching free*



*improvisation in its connections with sound materiality and listening. He works and researches in the field of contemporary creation, exploring issues of expanded sonorities, open performance practices focused on the body and improvisation, and sonic-musical-artistic possibilities expanded by the intersection of media and heterogeneous practices. His work has already been performed at the XXIV Bienal de Música Brasileira Contemporânea, Topia SoundArt Festival (ALE), International Symposium of New Music, Monteaudio20 International Sound Art Festival (URU), Centro de Arte Sonoro (ARG), Festival Escuta Aqui!, Série Música? (USP), SomaRumor - Latin American Sound Art Encounter, Curitiba Music Workshop, Museum of Modern Art-RJ, UNIRIO, SONatório-UFRB, Residência São João, Ecrã Experimental Film Festival, among others. Since 2017, he has been improvising soundtracks for silent and experimental films, having already performed at the Cinemateca do MAM-RJ, Cine Odeon, Jornada Interdisciplinar de Som e Música no Audiovisual, CineArte UFF, among others.*

## **Rememorações à casa [Remembrances of home]**

**de/by Rita Cássia**

**8 de agosto, 10:00-10:45**

**9 de agosto, 12:00-12:45**

**Sala 324 / Classroom 324**

Após vinte e três anos a viver fora de Salvador, Bahia, Brasil, filha da terra e das artes, retorno à casa, com um olhar auto-etnográfico, a fim de recordar vivências e celebrar lugares e laços afetivos que fizeram a minha trajetória ser possível até os tempos atuais, bem como, compreender os diferentes contextos socioculturais e históricos em que estive inserida.

A vivência performática "Rememorações à casa" se dará em uma Roda afetiva de partilhas. Primeiramente, há reverberações poéticas através da minha voz, a partir de uma escrita em viagem, com fragmentos da minha história de vida entrelaçada com fragmentos de histórias de vida de Mulheres Negras, com diferentes origens que me são inspira(ões)ações: minha Mãe - Vovó D. Libé, Gonzalez, hooks, Kilomba, Davis, Evaristo, Vergès, Mané e Silva. Há estímulo à sensibilidade tátil através do contato com uma Colcha de retalhos que foi costurada com o tecido de algodão Chita, pelas mãos da minha Mãe - Vovó D. Libé, centenária, baiana. Uma sequência de imagens fotográficas nos evoca os meados do século XX em territórios africanos colonizados tardiamente por Portugal (arquivo fotográfico projeto Photo Impulse, ICNOVA). Evoco Salvador artística, vivenciada por mim no fim do século XX (registro arquivo pessoal) e a segunda década do século XXI, vivências numa Lisboa habitada por pessoas afrodescendentes portuguesas, africanas, brasileiras, entre muitas outras origens (registro arquivo pessoal). Dispositivos como a escrita, a fotografia e o tecido foram utilizados por imperialistas, a fim de controlarem narrativas coloniais, o comércio, os corpos de pessoas negras e indígenas escravizadas e/ou subjugadas, de modo que, para lidar com as consequências das práticas de racismo, discriminação de gênero, xenofobia, classismo, intolerância religiosa, racismo ambiental, entre outras práticas nefastas aos seres humanos e ao planeta Terra, neste nosso tempo, é fundamental experimentar em pesquisa, o caminho comunicacional contrário, através de práticas performáticas decoloniais. Na continuidade da vivência, as pessoas presentes são convidadas a partilhar as suas sensações, reflexões e memórias. "Rememorações à casa" integra o processo criativo de Estado (anti) Manicomial - Performance Colcha de Chita I, que se encontra em andamento.



After twenty-three years living outside Salvador, Bahia, Brazil, I, a daughter of the land and the arts, return home with an autoethnographic gaze, to remember experiences and celebrate places and affective ties that made my journey possible until now, as well as to understand the different sociocultural and historical contexts in which I have been immersed.

The performative experience “Remembrances at Home” will take place in an affectionate Sharing Circle. First, there are poetic reverberations through my voice, drawing from a travel-based writing, intertwining fragments of my life story with fragments of the life stories of Black Women from different origins who inspire me: my Mother - Grandma D. Libé, Gonzalez, hooks, Kilomba, Davis, Evaristo, Vergès, Mané, and Silva. There is stimulation of tactile sensitivity through contact with a Patchwork Quilt sewn from Chita cotton fabric by the hands of my Mother - Grandma D. Libé, a centenarian from Bahia. A sequence of photographic images evokes the mid-20th century in African territories colonized late by Portugal (photo archive project Photo Impulse, ICNOVA). I evoke the artistic Salvador I experienced at the end of the 20th century (personal archive records) and the second decade of the 21st century, experiences in a Lisbon inhabited by Afro-descendant Portuguese, Africans, Brazilians, among many other origins (personal archive records). Devices such as writing, photography, and fabric were used by imperialists to control colonial narratives, commerce, and the bodies of enslaved and/or subjugated Black and Indigenous people. Therefore, to deal with the consequences of practices of racism, gender discrimination, xenophobia, classism, religious intolerance, environmental racism, and other harmful practices towards human beings and the planet Earth in our time, it is essential to explore the opposite communicational path through decolonial performative practices. In the continuation of the experience, those present are invited to share their sensations, reflections, and memories. “Remembrances at Home” is part of the creative process of “Estado (anti) Manicomial - Performance Colcha de Chita I,” which is currently in progress.

*Rita Cássia é doutoranda em Ciências da Comunicação na especialidade Comunicação e Artes e em Literatura Comparada, do Programa de Doutoramento Aliança EUTOPIA (FCT/NOVA/CY CERGY PARIS), trabalha em pesquisa baseada na prática, o cruzamento disciplinar entre comunicação e artes, antropologia e história, a partir de um olhar auto-etnográfico, feminino e negro sobre as existências das Mulheres Negras na sua diversidade e as suas contribuições intelectuais no mundo. Faz parte da equipa curatorial da exposição O Impulso Fotográfico (des) arrumar o Arquivo Colonial - Projeto Photo Impulse / ICNOVA / MUHNAC. Licenciada em Antropologia pelo ISCTE, Portugal. Atua na área artística desde 1994. Iniciou-se nas artes com 12 anos de idade, em Salvador, Bahia, Brasil. Tem artigos e crónicas publicados em diferentes mídias, em Portugal e no Brasil. É ativista para a salvaguarda dos direitos humanos das Mulheres e das Crianças. É membro fundadora do Teatro Bocage e da UNA - União Negra das Artes, Portugal. Integra a Femafro e o Comitê Popular de Mulheres em Portugal. É Mãe.*

*Rita Cássia is a PhD student in Communication Sciences, specialising in Communication and the Arts and Comparative Literature, on the EUTOPIA Alliance PhD Programme (FCT/NOVA/CY CERGY PARIS), she works on practice-based research, the disciplinary intersection between communication and the arts, anthropology and history, from an auto-ethnographic, feminine and black perspective on the existences of Black Women in their diversity and their intellectual contributions in the world. She is part of the curatorial team for the exhibition O Impulso Fotográfico (des) arrumar o Arquivo Colonial - Photo Impulse Project / ICNOVA / MUHNAC. She has a degree in Anthropology from ISCTE, Portugal. She has been working in the arts since 1994. She started in the arts at 12 in Salvador, Bahia, Brazil. She has published articles and chronicles in va-*



*rious media in Portugal and Brazil. She is an activist for safeguarding the human rights of women and children. She is a founding member of the Bocage Theatre and UNA - União Negra das Artes, Portugal. She is a member of Femafró and the Popular Women's Committee in Portugal. She is a mum. Link: <https://www.cienciavita.pt/portal/en/BE16-7419-CC64>*

## **Outras performances estão integradas nos painéis:**

**Sonho meu? De Luiz Fernando Pereira Lopes (Painel 15); A (contra-)imagem do naufrágio. de Raquel Madeira, Cláudia Madeira et al (Painel 27); e Other Lines de David Kendall (Painel 29).**



## Ateliês / Workshops

### Ateliê 1

#### **Dançar no Escuro: Laboratório de Ecofeminismo e Pensamento Ecológico como Despertar da Consciência.**

***Com Ângela Ferreira (aka Ângela Berlinde)***

**7 de agosto, 17 horas, Sala 324**

**7th August, 5 PM, Classroom 324**

Este workshop explora as interconexões entre ecofeminismo, eco-crítica e pensamento ecológico. Partindo das questões: "O que podem as mulheres fazer perante um mundo à beira do abismo? E como é que a imagem pode fazer vibrar reflexões, ao abarcar a riqueza e a diversidade das formas de vida?" Procuraremos investigar as relações entre feminismo e ecologia. Ao adotar uma abordagem ecofeminista, o workshop desafia as narrativas e estruturas de poder dominantes que regem a nossa relação com o mundo natural. Através do triângulo entre arte, feminismos e ecologia, o workshop explora o papel das artistas neste contexto, ao mesmo tempo que questiona as relações entre indivíduos/coletivos e o ambiente natural. Com ênfase numa ética do cuidado e em abordagens interseccionais para a justiça ambiental, incentivamos os participantes a reexaminar a sua conexão com a natureza e a biologia, procurando uma consciência mais conectada e sustentável. Além disso, o laboratório apresenta uma reflexão híbrida e existencial sobre o potencial das imagens que apontam caminhos, ou imagens "resolutivas", termo trazido pelo agricultor e líder quilombola Antônio Bispo do Rosário. Utilizando uma abordagem estética apoiada em investigações históricas, políticas e sociais da pós-fotografia e fotografia híbrida, promove equivalência entre esse arquivo e questões contemporâneas sobre Ecofeminismo e consciência num mundo globalizado. Com base em exercícios, inputs teóricos e artísticos, explora e explora novas maneiras de pensar sobre a nossa relação com a natureza e a biologia. Juntos, discutiremos as dicotomias entre natureza e cultura, a ligação do feminino com as forças naturais, e as relações complexas entre capitalismo, colonialismo e degradação ambiental. Na componente prática do laboratório, os participantes criarão um conjunto híbrido de imagens, utilizando a intervenção fotográfica para mesclar imagens de arquivo com distintas técnicas, promovendo o diálogo entre Fotografia, Pintura e Palavra. Este workshop oferece uma experiência de reinvenção, possibilitando não só reler as imagens à luz da empatia e fluidez da contemporaneidade mas também proporcionar uma reflexão crítica sobre as ecologias e os diversos significados das imagens.



## Dancing in the Dark: Laboratory of Ecofeminism and Ecological Thinking as Awakening of Consciousness

### By Ângela Ferreira (aka Ângela Berlinde)

This workshop explores the interconnections between ecofeminism, eco-critique, and ecological thought. Starting from the questions, "What can women do in the face of a world on the brink of abyss? And how can images provoke reflections by embracing the richness and diversity of life forms?" we seek to investigate the relationships between feminism and ecology. By adopting an ecofeminist approach, the workshop challenges dominant narratives and power structures that govern our relationship with the natural world. Through the triangle of art, feminisms, and ecology, it explores the role of artists in this context, while also questioning the relationships between individuals/collectives and the natural environment. With an emphasis on an ethic of care and intersectional approaches to environmental justice, we encourage participants to reexamine their connection with nature and biology, seeking a more connected and sustainable consciousness. Furthermore, the laboratory offers a hybrid and existential reflection on the potential of images that point the way or "resolutive images," a term brought by the farmer and quilombola leader Antônio Bispo do Rosário. By utilizing an aesthetic approach supported by historical, political, and social investigations of post-photography and hybrid photography, it promotes equivalence between this archive and contemporary issues of Ecofeminism and consciousness in a globalized world. Through exercises, theoretical inputs, and artistic contributions, the workshop explores and seeks new ways of thinking about our relationship with nature and biology. Together, we will discuss the dichotomies between nature and culture, the connection of the feminine with natural forces, and the complex relationships between capitalism, colonialism, and environmental degradation. In the practical component of the laboratory, participants will create a hybrid set of images, using photographic intervention to blend archival images with different techniques, fostering dialogue between Photography, Painting, and Word. This workshop offers a reinvention experience, enabling not only a reinterpretation of images in the light of empathy and fluidity of contemporaneity but also providing a critical reflection on ecologies and the diverse meanings of images.

## References

- AZOULAY A.A.(2019). *Potential History: unlearning imperialism*. London, New York: Verso.
- BENJAMIM, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- FONTCUBERTA, Joan (2016). *La furia de las imágenes: Notas sobre la postfotografía*, Valência.
- FANON, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- MEDEIROS, M., & Castro, T. (2017). O que é cultura visual? RCL – Revista de Comunicação e Linguagens, 47. Disponível em <https://www.fcsh.unl.pt/rcl/index.php/rcl/article/view/75>. Acesso em setembro de 2020.
- PAULINO, Rosana: a costura da memória. (2018). Curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos de Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em <https://pinacoteca.org.br/publicacoes-lista8/>. Acesso em março de 2021.
- ROCHA, Glauber. Uma Estética da Fome. In: *Revista Civilização Brasileira*, ano 1, n.3, julho, 1965, p. 168. ([http://www.tempoglauber.com.br/t\\_estetica.html](http://www.tempoglauber.com.br/t_estetica.html))





- ROCHA, Glauber. Eztetyka do Sonho 71; in ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2004, pp. 248-251.
- SANTOS, A. B. (2018). A influência das imagens na trajetória das comunidades tradicionais. In Vilela, B. (org.). *Mundo, imagem, mundo: caderno de reflexões críticas sobre a fotografia*. Belo Horizonte: Malagueta Produções.
- SILVA, D. F. (2016) O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In Pedrosa, A., Carneiro, A., & Mesquita, A. (orgs.). (2018) *Histórias afro-atlânticas: vol.2 antologia*. São Paulo: MASP.
- TAYLOR, Diana. (2013). *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- TROUILLOT, M-R. (2016). *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: Huya.

*Ângela Ferreira (aka Berlinde, Porto, 1975) é artista, curadora e investigadora com doutoramento em Comunicação Visual sobre fotopintura e autorrepresentação das nações indígenas, na Universidade do Minho, Portugal. É formada em Estudos Curatoriais e concluiu o Mestrado em Fotografia na Utrecht School of Arts-Holanda. Tem o Pós-doutoramento na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, desenvolvendo estudos sobre práticas visuais contemporâneas que problematizam as formas híbridas da Fotografia. Na última década tem comissariado fotografia contemporânea em toda a Europa, Ásia e países da América Latina, particularmente no Brasil. É co-fundadora do Festival Encontros da Imagem e atualmente é comissária independente de festivais e exposições internacionais, com destaque para o SolarFoto-Festival no Brasil, no qual é diretora artística. É consultora de prémios internacionais e integra a associação mundial de fotografia Oracle e o Conselho de Curadores do Museu da Fotografia de Fortaleza, no Brasil. É Professora Auxiliar convidada na Escola de Arquitectura, Arte e Design da Universidade do Minho e da Universidade Lusófona de Lisboa. É co-fundadora do Nervo\_Observatório de Fotolivros Portugueses (2022). Ângela vive entre Portugal e o Brasil e atua no âmbito da transversalidade das narrativas, traduzidas em fotolivros, território no qual a fotografia expressa o seu potencial criativo. [Linktr.ee/berlinde](https://linktr.ee/berlinde)*

*Ângela Ferreira, also known as Berlinde, is an artist, curator, and researcher born in Porto, Portugal, in 1975. She holds a Ph.D. in Visual Communication with a focus on photopainting and self-representation of indigenous nations from the University of Minho, Portugal. She graduated in Curatorial Studies and completed her Master's in Photography at the Utrecht School of Arts in the Netherlands. Her post-doctoral research was conducted at the School of Fine Arts, Federal University of Rio de Janeiro, Brazil, where she explored contemporary visual practices that challenge hybrid forms of photography. Over the past decade, Ângela has curated contemporary photography exhibitions across Europe, Asia, and Latin American countries, with a special emphasis on Brazil. She co-founded the Encontros da Imagem Festival and currently serves as an independent curator for international festivals and exhibitions, notably the Solar FotoFestival in Brazil, where she holds the position of artistic director. Ângela is also a consultant for international awards and is a member of the global photography association, Oracle, and the Curatorial Council of the Museum of Photography in Fortaleza, Brazil. She is Guest Professor at the School of Architecture, Art, and Design at the University of Minho and the Lusofona University in Lisbon. Ângela is also a co-founder of the Nervo\_Portuguese Photobook Observatory (2022). She splits her time between Portugal and Brazil, working in the realm of narrative transversality, predominantly expressed through photobooks, where photography realizes its creative potential. [Link Bio: Linktr.ee/berlinde](https://linktr.ee/berlinde)*



**Ateliê 2****FYOR “Follow Y/Our River” Card-Based Board Game****with paula roush**

(Portuguese is also possible)

**8 de Agosto, 16:30h, Sala 324 /8th August, 4:30 PM, Classroom 324**

FOLLOW Y/O/UR RIVER  
 FOLLOW YOUR RIVER  
 OUR RIVER  
 Y/O RIVER

SEGUE O V/N/OSSO RIO  
 VOSSO RIO  
 NOSSO RIO  
 V/N RIO

First playthrough of Follow Y/Our River, a card-based board game prototype, to engage participants in developing a counter-image protocol to interact with our environment, fostering a more-than-human participatory approach to storytelling that involves our rivers.

We aim to open up Follow Y/Our River, a work of relational photography that emerged from the River Lea (London), into a flexible protocol that integrates other bodies of water from the South. “Add your river to our river” so we can trace the global network of bodies of water, challenging linear time-space narratives and fostering a quantum entanglement with all bodies of water.

We want to push academic boundaries through experimental presentation formats and research methodologies. We will practice wateryquery: a diffractive entanglement of ‘thinking with water’ (following Cecilia Chen, Janine Macleod, and Astrida Neimanis’s hydrofeminism) and ‘thinking at the edge’ (Eugene Gendlin’s philosophy of the implicit).

This will lead us into a debate on models of collective co-authorship as part of the participation process in creating the cards, as well as in response to the ecocene. We will walk away with a participatory pedagogical framework applicable to our scholarly, professional, artistic, and educational contexts.

**Invitation to Contribute**

Materials:

Bring images, sounds, words, news clips, memories, stories, water, sand, stones, any materiality that lets you share your river/bodies of water during the workshop.

**Expand the Conversation:**

Post-Workshop FYOR Wall:

The card-based game prototype developed during the workshop will be shared with all conference attendees, allowing ongoing annotation and conversations throughout the conference. Additionally, everyone else can engage and share their own river.



Primeira sessão de Follow Y/Our River, um protótipo de jogo de tabuleiro baseado em cartas, para envolver os participantes no desenvolvimento de um protocolo de contra-imagem para interagir com nosso ambiente, promovendo uma abordagem participativa mais-que-humana na narrativa que envolve nossos rios.

Nosso objetivo é expandir Follow Y/Our River, uma obra de fotografia relacional que surgiu do Rio Lea (Londres), em um protocolo flexível que integra outros corpos d'água do Sul. "Adicione seu rio ao nosso rio" para que possamos traçar a rede global de corpos d'água, desafiando narrativas lineares de tempo e espaço e promovendo um entrelaçamento quântico com todos os corpos d'água.

Queremos ultrapassar os limites acadêmicos por meio de formatos de apresentação experimentais e metodologias de pesquisa. Praticaremos a "interrog-água": um entrelaçamento difrativo de "pensar com a água" (seguindo a hidro-feminismo de Cecilia Chen, Janine Macleod e Astrida Neimanis) e "pensar na margem" (filosofia do implícito de Eugene Gendlin).

Isso nos levará a um debate sobre modelos de coautoria coletiva como parte do processo de participação na criação das cartas, bem como em resposta ao ecoceno. Sairemos com um quadro pedagógico participativo aplicável aos nossos contextos acadêmicos, profissionais, artísticos e educacionais.

### Convite para Contribuir

#### Materiais:

Traga imagens, sons, palavras, recortes de notícias, memórias, histórias, água, areia, pedras, qualquer materialidade que permita compartilhar seu rio/corpos d'água durante o workshop.

#### Expanda a Conversa:

#### Parede FYOR Pós-Workshop:

O protótipo de jogo baseado em cartas desenvolvido durante o workshop será compartilhado com todos os participantes da conferência, permitindo anotações e conversas contínuas ao longo da conferência. Além disso, todos poderão se engajar e compartilhar seus próprios rios.

*paula roush and the collective platform msdm (mobile strategies of display & mediation): paula roush is a portuguese, london-based artist, researcher, and founder of [msdm (mobile strategies of display & mediation)](<https://www.msdm.org.uk>), a collective platform that explores the mobile entanglements of art, curatorial, and publishing practices. Through place-based research viewed through the lens of hydrofeminist 'new materialisms' and a decolonial perspective, paula investigates emerging technologies and relational methodologies with the aim to develop a narrative of transitional design leading towards a more equitable and ecologically just future. paula is the author of "WATER PRINTS," a monograph on wateryquery, a methodology for artistic research with water, and "DOMENEST" 21 cards for mobile strategies of display & mediation. "Liquid Memories ~to Read with Water" and "Follow Y/Our River" are two collective site-specific book works centered around the Douro river (Porto, Portugal) and the Lea river (London, UK). CREiA: Creative Attentive Studio for Mindful Art Practice, co-facilitated by paula, focuses on deep listening and participatory pedagogy. Recent contributions to the Copeland Gallery exhibition Inspecere include the "Books of Water" workshop, which involved walking to the River Peck (London's hidden river) for direct contact printing. paula teaches Photography and Publishing at the London South Bank University's [School of Arts and Creative Industries] (<https://peoplefinder.lsbu.ac.uk/researcher/8048w/dr-paula-roush>) and is a member of the [Centre for the Study of the Networked Image](<https://www.centreforthestudyof.net/>). Academic research focuses on*



*the ecological mobility of the open book.*

*paula roush e a plataforma colectiva msdm (mobile strategies of display & mediation): paula roush é uma artista, investigadora e fundadora da [msdm (mobile strategies of display & mediation)] (<https://www.msdm.org.uk>), uma plataforma colectiva que explora os emaranhados móveis das práticas artísticas, curatoriais e editoriais. Através de uma pesquisa baseada no lugar, vista através da lente dos “novos materialismos” hidrofeministas e de uma perspectiva descolonial, paula investiga tecnologias emergentes e metodologias relacionais com o objetivo de desenvolver uma narrativa de design de transição que conduza a um futuro mais equitativo e ecologicamente justo. paula é autora de “WATER PRINTS”, uma monografia sobre wateryquery, uma metodologia de pesquisa artística com água, e “DOMENEST” 21 cartões para estratégias móveis de exposição e mediação. “Liquid Memories ~to Read with Water” e ‘Follow Y/Our River’ são duas obras colectivas de livros site-specific centradas no rio Douro (Porto, Portugal) e no rio Lea (Londres, Reino Unido), CREiA: Creative Attentive Studio for Mindful Art Practice, co-facilitado por paula, centra-se na escuta profunda e na pedagogia participativa. Contribuições recentes para a exposição Inspecere da Copeland Gallery incluem o workshop “Books of Water”, que envolveu uma caminhada até ao rio Peck (o rio escondido de Londres) para impressão por contacto direto. paula ensina Fotografia e Edição na [School of Arts and Creative Industries] da London South Bank University (<https://peoplefinder.lsbu.ac.uk/researcher/8048w/dr-paula-roush>) e é membro do [Centre for the Study of the Networked Image] (<https://www.centreforthestudyof.net/>). A sua investigação académica centra-se na mobilidade ecológica do livro aberto.*



## Mostra de artes indígenas

### Hall do Bloco B/Block B hall

Os Projetos UFSC Território Indígena e UFSC Com Aldeia, em parceria com a Ponto de Cultura Goj Ty Sá, estará com a banca do Cacique Sadraque Kaingang expondo artesanatos e livros de literatura indígena que estarão disponíveis para vendas. E também estará divulgando os trabalhos realizados pelos projetos.

A banca do Cacique Sadraque Kaingang tem sido de grande importância na promoção da interculturalidade, no fortalecimento da cultura indígena, no combate ao racismo que acontece contra os povos indígenas dentro do Campus, e se tornou um ponto de encontro dos diversos estudantes indígenas de diferentes povos de todas as regiões do país que estudam hoje na UFSC.

A iniciativa dessa parceria surgiu através do Movimento Maloca - UFSC, junto com o interesse da Pró-reitora, Olga Regina, de marcar a presença indígena dentro do Campus através da extensão. A presença do Cacique Sadraque para a venda de artesanatos tem sido vista pelos estudantes, como uma conquista de luta pela visibilidade indígena.

Apoie a causa indígena e ajude na preservação do meio ambiente na compra de artesanatos.

Artesanatos que serão expostos: Colares, Brincos, Maracá, Pulseiras, Filtros, Bichinhos esculpidos na madeira, Pal de chuva, Apito que produz canto de passarinho, Balaio feito de taquara, Maracá, Livros de literatura indígena

Os artesanatos são produzidos manualmente pelo cacique Sadraque Kaingang Ina Kaingang. As peças são únicas e feitas de sementes, takuara, madeira, argila e cipó.

Links: <https://www.instagram.com/p/C8ISS0JA365/?igsh=MXyYzDd4MnpoYTQwM-Q%3D%3D>

## Indigenous Arts Exhibition

### Hall of Block B

The UFSC Indigenous Territory and UFSC With Village Projects, in partnership with the Goj Ty Sá Culture Point, will have Chief Sadraque Kaingang's booth showcasing indigenous crafts and literature books available for sale. The booth will also be promoting the work carried out by these projects.

Chief Sadraque Kaingang's booth has been of great importance in promoting interculturality, strengthening indigenous culture, combating racism against indigenous peoples on campus, and has become a meeting point for various indigenous students from different peoples and regions of the country who are currently studying at UFSC.

The initiative for this partnership arose through the Maloca Movement - UFSC, along with the interest of the Pro-rector, Olga Regina, in marking indigenous presence on campus through outreach. The presence of Chief Sadraque selling crafts has been seen by students



## HOME

as a victory in the struggle for indigenous visibility.

Support the indigenous cause and help preserve the environment by purchasing crafts.

Crafts that will be on display: Necklaces, Earrings, Maracas, Bracelets, Dreamcatchers, Wooden carved animals, Rain sticks, Birdsong-producing whistles, Baskets made of bamboo, Maracas, Indigenous literature books

The crafts are handmade by Chief Sadraque Kaingang and Ina Kaingang. Each piece is unique and made from seeds, bamboo, wood, clay, and vines.



## Em permanência: Mostra de Filmes

(Miniauditório Bloco B)

### Lista - Ordem de aparição

1. Agrofloresta no Meio do Caminho de Lorena Figueiredo. Duração: 15''
2. Águas Alternativas de Rafael Devos . Duração: 25'
3. Cinemar e a Casa Jangada de Bruna Pinna . Duração: 1'30
4. Other Lines I, II, III de David Kendall. Duração: 3' + 3' + 3' = 9'
5. Revolução das Plantas - As Moitas do Rio Bonito de Cima 1 - de Pedro Urano. Duração: 1'38''
6. Portugal Pequeno (O Menino Experimental) de Bárbara Bergamaschi Duração: 16'45''
7. Estudos Sobre Fungos & Montanhas de Tuane Eggers. Duração: 3' 30''
8. A Terra Como Acontecimento II de Romy Castro. Duração: 5'28''
9. Sonho Meu? de Luiz Fernando Pereira Lopes (Lufe Lopes). Duração: 20'55''
10. Olhar Tira Pedaco de. Jocy Jr. . Duração: 5'
11. Planta Areia Terra - Encontros Floresta: Cidade de Fernanda Haskel e Fernanda do Canto. Duração: 5'40''
12. As Moitas do Rio Bonito de Cima (Excertos 2 e 3) de Pedro Urano. Duração: 0'30'' + 1'55''

### Agrofloresta no meio do caminho de Lorena Figueiredo

Documentário, Brasil, 15 min.

Resumo: A partir de um olhar crítico sobre a urbanização da cidade de Brasília, propomos criar neste artigo um reflorestamento do pensamento sobre o direito à cidade através de uma análise das unidades de saúde básica apresentadas no webdocumentário, Agrofloresta no meio do caminho.

Desta forma, recorreremos ao processo cartográfico como uma chave de abertura metodológica ao mapear esta possibilidade de formação de outros espaços vividos por meio de um resgate aos modos de vida com a terra e o ambiente hospitalar atravessados por uma disputa de poderes no território urbano. Por um lado, a utopia da transferência da capital do Rio de Janeiro para o centro do país constrói uma imagem à Brasília. A cidade fundamentada nos princípios modernistas tem como intuito o funcionalismo das ações e um adestramento e uma vigilância dos corpos como nos diria Foucault em prol dos modos de produção do capitalismo. A segregação geográfica desenvolvida no seu projeto urbano se capilariza se mapeando de diversas maneiras pautada em uma monocultura de pensamento que isola às relações de afeto, resultando em um adoecimento do corpo humano.



O deslocamento entre o tempo e espaço se expande em um mapa afetivo cujas fendas coloniais se chocam com a vivência cotidiana neoliberal. Para o autor Félix Guattari, as subjetividades, o meio ambiente e as relações sociais evidenciam a crise ecológica as quais estamos vivenciando na contemporaneidade. Nesta perspectiva, observamos no pensamento decolonial presente na obra de Nego Bispo, uma alternativa de descolonizar as estruturas fixas e institucionais para uma ressignificação do espaço.

Diante desta cosmofobia gerada a partir dos modos de produção da cidade pelo capital, Harvey nos provoca a pensarmos quais as relações sociais buscamos dentro de um direito à cidade que visa reinventar o coletivo frente ao processo de urbanização. Sendo assim, ao adentrarmos à experiência estética apresentada no webdocumentário, Agrofloresta no meio do caminho.

Encontramos no filme, a possibilidade através da imagem cinematográfica dar visibilidade e consciência aos afetos em uma resistência à racionalidade neoliberal presente na multiterritorialidade proposta por Haesbaert existente nas unidades básicas de saúde. Portanto, a subversão do espaço crítico das cidades contemporâneas é um afago potente ao encontro da coletividade através da micropolítica presente com as agroflorestas emergindo no concreto. Site: <http://documentarioagrofloresta.com.br/>. Instagram: <https://www.instagram.com/documentarioagrofloresta/>

#### Equipe Técnica

Idealização: Mariana Alves

Direção: Lorena Figueiredo

Roteiro: Igor Z. Cerqueira

Pesquisa: Igor Z. Cerqueira e Lorena Figueiredo

Produtora Executiva: Nívea Furtado

Direção de Fotografia: Carol Matias

Assistência de Fotografia e segunda câmera: Erica Oliveira

Fotografia Still: Mariana Alves

Técnico de Som: Danilo Bola

Edição e Montagem: Isabelle Araújo

Edição de Som: Giovanni Altoé

Colorização e finalização de imagem: Isabelle Araújo

Masterização: Giovanni Altoé

Legendas em Inglês: Fernanda Cortês

Legendas em Espanhol: Lorena Figueiredo

UX Design: Etéocles Brandão Monteiro

Acessibilidade: CPL Soluções em Acessibilidade

#### Personagens:

Antonio Francisco Melo

Glaucirlene Alves

Gustavo Gomes

Igor Aveline

José Carlos da Luz

Juma Santos

Marcus Trajano

Priscila Monteiro

Renato da Rocha

Solânge Passos

Tânia Custódio

Ximena Moreno





## **Águas alternativas / Alternative water de Viviane Vedana, Rafael Devos, Priscila Oliveira dos Anjos**

Documentário, Brasil, 25 min.

Resumo: PT - Em Florianópolis, SC, o abastecimento urbano de água é centralizado por uma empresa estatal, como em muitos municípios do país. No entanto, na parte insular da cidade, algumas comunidades não conectadas, ou conectadas parcialmente a tais infraestruturas centralizadas de água e esgoto desenvolveram seus próprios sistemas coletivos alternativos de abastecimento de água. São infraestruturas que conectam o cotidiano e a história de morros e planícies costeiras a cachoeiras, nascentes, aquíferos, reservatórios, hidrômetros e encanamentos. As águas alternativas são apresentadas por seus cuidadores - moradores, técnicos e membros de três associações de moradores que cresceram em torno dessas águas.

Abstract: EN - In Florianópolis, SC, urban water supply is centralized by a state company, as in many municipalities in Brazil. However, in the insular part of the city, some communities not connected, or partially connected to such centralized water and sewage infrastructures, have developed their own alternative collective water supply systems. These are infrastructures that connect the daily life and history of hills and coastal plains to waterfalls, springs, aquifers, reservoirs, water meters and pipes. The alternative waters are presented by their carers - residents, technicians and members of three neighborhood associations that grew up around these waters.

Equipe Técnica:

Direção: Viviane Vedana, Rafael Devos, Priscila Oliveira dos Anjos

Pesquisa: Viviane Vedana, Rafael Devos, Priscila Oliveira dos Anjos, Gabriel Luz Silveira Aquino Vieira, Luana Silva Ferraz

Imagens: Rafael Devos, Priscila Oliveira dos Anjos, Gabriel Luz Silveira Aquino Vieira, Luana Silva Ferraz

Som Direto: Viviane Vedana, Priscila Oliveira dos Anjos, Gabriel Luz Silveira Aquino Vieira

Edição: Rafael Devos, Gabriel Luz Silveira Aquino Vieira, Luana Silva Ferraz

Edição de Som: Viviane Vedana

Realização: CANOA PPGAS UFSC / INCT Brasil Plural

Financiamento - FAPESC; apoio - INCT Brasil Plural (CNPq)

## **Cinemar e a Casa Jangada de Bruna Pinna, Helena Lessa , Marcia Medeiros e Gabriel Martinho**

Experimental, Cinema Experimental, Brasil, 1min 30segs.

Resumo: Cinemar, uma experiência de trabalho prático que vem se realizando desde agosto de 2019 em um espaço clínico transdisciplinar no Rio de Janeiro, a Casa Jangada. Trata-se de um grupo composto por artistas, clínicos, pacientes de consultório, usuários de saúde mental da Casa ou qualquer pessoa interessada em olhar estranhamente o mundo e



entrar em processos criativos de forma coletiva.

Cinemar é uma experiência de trabalho prático que vem se realizando desde agosto de 2019 em um espaço clínico transdisciplinar no Rio de Janeiro, a Casa Jangada. Trata-se de um grupo composto por artistas, clínicos, pacientes de consultório, usuários de saúde mental da Casa ou qualquer pessoa interessada em olhar estranhamente o mundo e entrar em processos criativos de forma coletiva. (...) O cinema aqui, em sua relação direta com a experiência clínica, não opera como uma expressão do indivíduo ou como representação de ideias, mas como a possibilidade de entradas em um movimento inventivo, de si e do mundo: contra-imagens.

Os dispositivos podem ser fotos, seqüências de fotos, sons, textos, um único plano de vídeo, cenas ficcionadas, etc que perturbam regimes sensíveis do corpo e da organização racional daquilo que percebemos, nos coloca em uma relação de transbordamento dos sentidos e significados da realidade, onde o nonsense aparece como uma produção incontornável de riso e de alegria. O sentido de coletivo se intensifica na medida em que cada dispositivo produz novas derivações, num processo que vai dissolvendo a noção de autoria. Como no exemplo a seguir: 1- cada um faz uma foto de texturas da esquina da Casa/ 2- vemos juntos as fotos / 3- cada um grava um som de textura / 4- juntamos as fotos e sons numa seqüência de vídeo / 5- criamos uma instalação com celulares colados à parede da Casa. O esvaziamento de significação, ou a montagem experimental e irreverente de elementos e cenas pouco rotelrízáveis, incorporam a presença de absurdos, conexões sem causalidade, imprevisibilidades burlescas. Um mundo mais imprevisível e menos calculado cria pequenas perturbações no estado das coisas, contando com uma perspectiva criativa daquilo que vemos e está ao nosso redor. Estranhar e deslocar sentidos, embarcar e arriscar a montagem de outras lógicas possíveis.

Ficha técnica:

Coletivo Cinemar

Imagens captadas por celulares

Ano 2023

## Other Lines I, II, II de David Kendall

Cinema Experimental, Reino Unido, 9 mins.

Ficha técnica:

Other Lines I

David Kendall © 2022

HD Video, Thermal Colour, 3 mins.

Other Lines II

David Kendall © 2022

HD Video, Thermal Colour, 3 mins.

Other Lines III

David Kendall © 2022

HD Video, Thermal Colour, 3 mins.

Sinopse: Climate change can be seen or unseen; it is a time based phenomenon often



made visible via spectacular photographic interpretations of ecological crisis such as wild fires, droughts and melting glaciers. However, the constructed nature of documentary image-making always obscures and distorts as much as it reveals in portraying these landscapes. In contrast, unseen pollution like air particulates and electromagnetic fields unfold in the atmospheric background as structural 'slow violence,' an embodied and subjective experience of climate change that affects people, animals and plants encountered at speeds too slow to be observed at first sight.

The project, 'Other Lines' considers how to visualise air pollutants and particulates generated from industrial sites at ground level within the Earth's 'atmospheric boundary layer.' Technological developments in digital image-making and the circulation of images in virtual and terrestrial environments open up alternative opportunities to communicate and see beyond demarcated thresholds between these settings. Through the lens of mobile SMART phones and thermal imaging technology, the video artworks in this project attentively examine environmental concerns investigated through visible and intellectual horizons and possible relationships to visual art, culture and ecological definitions of the subject.

It is a visual study that experiments with photographic still and moving images: Monocular viewpoints of industrial architecture and key infrastructure emerge as digital image formations and instantly reveal visible and invisible elements of thermal air pollution. Consequently, as this research develops, I'm exploring how the ultimate impact of atmospheric pollution often focuses on current time horizons. I'm interested in how archival materials and predictive visual data can be typically overlooked in carefully educating international communities about the potential threat of future environmental climate change.

As a result, I'm utilising editorial design and print production techniques to develop new visualisations in 2024. In conclusion, I will present time-based visual artworks that offer speculative interpretative monocular viewpoints of compressed time and space, neither still or moving the thermal screen images undulate and merge into a singular shifting narrative. Yet, in the foreground unseen thermal wavelengths pulsate and display the underlying rhythmic, climatic and ecological narratives. It is 'antagonistic unity' generated by the ocular technology that merges with embodied and visual perceptual experience. Enticing viewing audiences to contemplate how thermal imaging reveals the unseen and the seen industrial air emissions in the atmospheric horizon and the built environment.

'Other Lines' was exhibited and discussed in Liverpool at the LOOK Climate Lab 2022 and LOOK Photo Biennial 2022: Climate, at the Open Eye Gallery, Liverpool, UK. In addition, the project was screened and discussed at Embodying Climate Change, Institute of Anthropology and Ethnology, AMU, Poznan, Poland, Seeing Beyond Dualisms: Visual Sociology In Local and Global Contexts, IVSA 2023, Atmospheric Borders, Australian Critical Border Studies Symposium and RAI Film Festival 2023.

Photographs, videos and texts © www.david-kendall.co.uk 2007 - 2024 (all rights reserved)

## **Revolução das Plantas - Os moitas de Rio Bonito de Cima de Pedro Urano (excerto 1)**

Documentário/Experimental, Brasil, 1min e 40 segs

Sinopse: Anualmente, moradores do Vale do Macaé reúnem-se no povoado de Rio Bo-



nito de Cima, quando confeccionam roupas cobertas de folhagens vegetais para brincar o carnaval. A festa, conhecida localmente como o 'carnaval da moita', sugere um outro modo de existir e se relacionar com a floresta, além de apontar para práticas imaginárias muito antigas que remontam à idade média europeia.

Um 'moita', como são conhecidos os brincantes que confeccionam e vestem as roupas vegetais, é uma figura paradoxal. Trata-se de um animal? (Andam como humanos.) Trata-se de um vegetal? (Apresentam-se completamente cobertos por folhagens). Diante da questão da mobilidade, a personagem do homem folheado apresenta uma resposta ambivalente. A capacidade de se deslocar é, afinal, a opção fundamental da qual resultam uma série de desenvolvimentos posteriores, como o sistema nervoso central ou a emergência de uma estrutura visual como o olho dos vertebrados.

Essa diferença primordial entre seres animais e vegetais se materializa em adaptações tão diferentes que mutuamente incompreensíveis. A ausência de estruturas reconhecíveis nas plantas que pudessem ser aproximadas, por analogia, a estruturas semelhantes nos animais, tornaram as primeiras invisíveis para os últimos. "Nós as consideramos uma mera parte da paisagem", conclui Mancuso (2019, p. 95).

Ao combinar num mesmo corpo morfologias animais e vegetais, o 'moita' de Rio Bonito tensiona este fenômeno apontado pelo botânico italiano. Pois se um 'moita' faz parte da paisagem, esta passa imediatamente a assumir um caráter dinâmico, movente, animado. A moita que anda, em sua insistente indistinção, nos lembra que a paisagem está viva.

A confecção de uma roupa de 'moita' exige habilidade manual, paciência e conhecimento da floresta e suas populações. É preciso saber onde encontrar a espécie vegetal escolhida; conhecer as alianças da espécie escolhida com outras espécies vegetais, animais ou fúngicas (é comum colher inadvertidamente outros seres, como líquens, formigas, besouros e aranhas, carregados junto às folhagens durante a coleta); e, finalmente, é preciso ser rápido, pois, em poucos dias, as folhas vegetais se deterioram e comprometem a fantasia.

Além disso, a performance associada à confecção do traje, digo, o fato do brincante de fato vestir sua roupa vegetal, configura uma atitude em tudo diferente do distanciamento do ambiente representado característico do regime escópico conhecido por 'perspectivismo cartesiano' (Jay, 1988) – a prática dos 'moitas' substitui a distância entre observador e paisagem por uma ideia de imersão radical no ambiente, uma metafísica da mistura (Coccia, 2018).

Nesta comunicação, apresento resultados parciais da pesquisa que venho desenvolvendo com os brincantes do carnaval da moita, que combina a etnografia visual da prática a uma genealogia da figura do homem folheado que compreende tanto sua antropologia histórica, quanto uma arqueologia do imaginário, num percurso pontuado pela produção de trajes vegetais e performances, registradas em imagens paradas (séries fotográficas) e em movimento (filmes curtos).

## **Portugal Pequenito (O Menino Experimental) de Bárbara Bergamaschi**

Experimental, Brasil, 16mins 45segs

Resumo: O enredo trata um dia na vida de três crianças brasileiras, João, Chico e Joaquim, que exploram o parque de diversões "Portugal dos Pequenitos" e suas miniaturas. Os jogos performáticos das crianças para câmera são cotejados por versos do poema de Murilo Mendes e por imagens de arquivo. Estruturado num arco dramático que se intensifica, o filme



culmina num clímax em que as crianças “tomam conta” do parque. Seis filmes da Cinemateca Portuguesa (de 1917, 1932, 1959, 1967) - entre eles do Acervo Colonial - foram pré-selecionados para estruturar a narrativa, sendo o principal um documentário de João Mendes, de 1959.

Filmado no parque de diversões “Portugal dos Pequenitos”, em Coimbra, a curta-metragem “Portugal Pequenito” é um híbrido entre documentário e ficção que combina imagens de arquivo da Cinemateca Portuguesa com imagens captadas pela cineasta em Super 8 em 2021. O filme faz parte de uma série autoral de “transliterações” (conceito de Haroldo de Campos) da investigadora-cineasta que nos últimos 5 anos tem criado filmes-poema com material de arquivo e imagens de found footage, série que inclui os filmes “Animal Estar” (2019) e “A Casa é a Viagem” (2021).

“Portugal Pequenito” compõe o 3º elemento da trilogia e expande esta investigação teórico-prática, traduzindo para a linguagem audiovisual o poema “Menino Experimental” do poeta surrealista brasileiro Murilo Mendes, agora abordando questões de memória, colonialismo e identidade. O projeto busca portanto criar um “contra-arquivo”, e aborda o intercâmbio do cinema com outras artes, e a capacidade da montagem audiovisual dotar as imagens de novos sentidos.

O Parque de diversões infantil “Portugal dos Pequenitos”, criado durante o Estado Novo Salazarista, destaca-se como o primeiro parque do género em Portugal. Criado com o intuito educativo de transmitir a história nacional portuguesa às crianças, foi idealizado em 1940 por Bissaya Barreto e projetado por Cassiano Branco. Atualmente, alberga reproduções em miniatura do património português e uma área dedicada às ex-colónias, como Brasil, Moçambique e Índia, com exposições de artefactos antropológicos. Em 2022, o parque registrou 221.820 visitantes. Contudo, o parque carece de uma abordagem crítica. Não há material educativo e sinalética presente no lugar que elaborem as problemáticas do discurso luso-tropicalista, colonialista e ufanista do Estado Novo.

Debater o Portugal dos Pequenitos é extremamente pertinente no ano de 2024, também pela iminência da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, ainda mais se considerarmos que a Revolução dos Cravos teve a contestação contra a Guerra Colonial como um de seus catalisadores. A sua revisitação é essencial para entender a ligação entre a descolonização e a Revolução dos Cravos.

O filme encontra-se atualmente em fase de pós-produção e já com um primeiro corte/work in progress que exibimos na conferência Counter Image.

## Estudos Sobre Fungos & Montanhas de Tuane Eggers

Slide Show, Brasil, 3mins 30secs

Resumo: A série Estudos sobre fungos & montanhas é um desdobramento de minha pesquisa de mestrado na área de Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS). O estudo intitulado A Poética dos Fungos busca experimentar uma linguagem fotográfica em conjunto com os fungos como um de seus agentes criadores, por meio de sua propagação sobre fotografias impressas, tendo como base teórica o conceito de simpoiese proposto por Donna Haraway. Em sua própria ontologia, com suas características de decompor e de transformar a matéria, os integrantes do Reino Fungi atuam como organismos de interação entre a vida e a morte.

Como sugere Donna Haraway, ainda é tempo de levantar novos termos que possam



abrigar outras histórias, imaginar épocas que possam reconstituir refúgios para todos os seres, humanos e não humanos. Em contraponto, ou complemento, ao antropoceno, Haraway propõe o termo chthuluceno, e sugere pensar em formas de fazer-com, tornar-com: é nesse sentido que acontece meu trabalho em cocriação com os fungos.

As imagens fotográficas escolhidas para a série foram feitas na região da Cordilheira dos Andes, no Peru, tendo as geleiras no pico das montanhas como uma imagem que marca o atual período de aquecimento global em que vivemos. A escolha de cocriar com fungos sobre a imagem das montanhas se deu com o objetivo de jogar com as escalas micro e macro, para pensar a importância de considerar os seres ínfimos e sua capacidade de transformar. Ao induzir a propagação dos fungos sobre minhas imagens fotográficas, contamos juntos novas histórias e criamos novas possíveis paisagens.

Vejo o movimento dos fungos sobre as fotografias como um movimento, de alguma forma, também utópico, como uma imagem que representa as ruínas dos saberes instituídos. A pesquisa e o desenvolvimento da série também refletem sobre a própria fisicalidade da arte. Como poderia a fotografia eternizar a impermanência, se ela mesma, em sua fisicalidade, está inserida nos fluxos da matéria?

Na mesma medida em que seres ínfimos e silenciosos como os fungos me causam certo espanto por sua capacidade de decompor, eles soam como uma possibilidade de continuidade. Se a mudança é o que há de mais estável no mundo, os seres que decompõem são a garantia de que, depois dos humanos, o planeta seguirá seus próprios fluxos, com tantos outros habitantes, espécies e reinos. Toda a matéria será transformada e renovada para novas invenções: o fim do mundo retroprojeta um início do mundo. Toda a vida que sobrar, seguirá existindo — porque, na lógica dos fluxos da matéria no mundo, decompor é recompor.

## A Terra Como Acontecimento II de Romy Castro

Experimental, Portugal, 5mins 28secs

Summary: Based on an artistic and geophilosophical project called “The Earth as Event”, which promotes transdisciplinary experimental research, both in its material and artistic aspects and in its cinematographic aspect, by envisaging interactions between different creative practices and the digital arts, in a succession that allows for new possibilities in the making of the image, and in the artistic becoming of this making, which problematises the relationship to the Earth and nature.

Buildings that create a series of images that take place in different extensional modes of Earth/Space, with light-materials and shadow-materials, to establish a dialogue between the ground and the elements that constitute and surround it, where the Earth in its appearance appears as a visible materialisation in thought; to question the historically and ethologically marked notion of territory and to reveal what emerges from its genesis, from the foundation of place. These dimensions allow for new possibilities in the making of the image, and in the artistic becoming of this making, which gains consistency through the transmorphic power of the image and its new ways of producing it, which thus become an access route for understanding the experimental forms of contemporary art.

However, in the film “The Earth as Event I”, the works made with the Earth’s materials (mainly mineral and vegetable fossil coals, pyrite ores and crystals, among others), undergo a mutation in the use of colour, not only because of the way in which the spatial elements are radically altered, but also because of the mere transposition of the perspective used, which changes the horizon line, dimensionally demarcating the empty and the full, in the film “The



Earth as Event II”, we see a mixture of genres that interdialogue within a radical pictorial vision, which operates a deterritorialisation, further accentuating the relocation of the materials in order to interrogate them in their almost pre-human originality.

Both films refer to a Geo-aesthetic, where the Earth and its habitability play a crucial role at this critical moment, where the climate crisis and the entry into the Anthropocene are the principles that bring the spatial register of our tracing and the temporal register of our thinking closer together, for the reencounter of “a knowledge”, the one that seizes languages of defined properties of elements that can appear twice: in a pictorial space and in a specialised digital space, to be landscapes of thought and landscapes of the Earth. the one that apprehends languages of defined properties of elements that can appear twice: in a pictorial space and in a specialised digital space, to be landscapes of thought and landscapes of the Earth, insofar as both dimensions of matter move, “through the totality of the Earth, which exceeds history and the ways in which it has been appropriated”, he says (Bragança de Miranda, 2005, p.16 ), making the Earth the new philosophical category of representation, because its moment is planetary, it is the moment when “the Earth is the absolute elementary”, quoting (Bragança de Miranda, 2008, p. 47), of the incessant inscription of the Event.

## **Sonho Meu? de Luiz Fernando Pereira Lopes (Lufe Lopes)**

Experimental, Brasil, 20 mins 55secs

Resumo: A sílaba RE seguida da contra barra, \ , muito usada como símbolo virtual, significa: o que abre ao caractere seguinte, o qual deve ser tratado de forma especial. Neste caso, a própria sílaba RE, mas com as letras espelhadas, assim: como vistas desde um espelho formando a palavra REVER. Referência ao poema visual homônimo de Augusto de Campos (1971), a sílaba entre ver ou rever, uso como em (re)úso pelo processo e seu deflagrar de possibilidades e, portanto, materialidade. Este vídeo performance, faz parte de minha tese de doutorado a qual título: Rever o (re)úso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa.

Apresentada na abertura da defesa para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Uma revisão em minha produção/formação/constituição os três lugares em torno de meu ser/estar/gestar. Onde podemos chegar diante de um espelho? Espelho não somente na sua materialidade reflexiva, mas no que nela podemos aprofundar e deflagrar em nosso caminho como arquiteto, artista e educador. Um sonho no qual finalizo como propõe o poeta cubano Jose Marti: “cultivo uma rosa branca entre junho como em janeiro para o amigo sincero que me dá sua mão franca, mas ao cruel que me arranca o coração: nem cardo e nem urtiga cultivo, cultivo uma rosa branca”. Proponho uma ação na qual apresento o vídeo performance e abro uma discussão.

## **Olhar Tira Pedaco de Jocy Jr.**

Experimental, Brasil, 5min.

Resumo: “E se a arte fosse travesti?” Esta proposta de apresentação, submetida à Conferência Internacional Contra-Imagem 2024, consiste na mostraçõ de obras de arte pro-



duzidas por onze travestis brasileiras. A reunião destas obras tem como foco responder, de certa forma, à pergunta enunciada por Ros4 na imagem que inicia a apresentação: “E se a arte fosse travesti?”. Na ocasião do evento, não pretendo tecer qualquer comentário sobre as artistas ou as obras selecionadas. Seleccionei e organizei imagens que falam por si mesmas, propondo uma narrativa através da conjunção das vozes das artistas selecionadas e da minha própria voz, que se evidencia nos recortes e costuras por mim feitos. Desse modo, assim como Walter Benjamin (2007, p. 502) em “Passagens”: “Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar”. As imagens que pretendo apresentar contém, todas elas, elementos textuais, porque me interessa como as linguagens visual e verbal se constituem enquanto campo de disputas - em sintonia, por exemplo, com o pensamento de Yná Kabe Rodríguez Olfenza (2019, p. 113) que, em sua dissertação de mestrado “Táticas de resistência: relatórios de sobrevivência da onça”, entende a linguagem como “um lugar de luta”. Desse modo, interessa dar a ver e a pensar como a manipulação de imagens e palavras por artistas pode servir para denunciar as injustiças deste mundo, traçando formas de resistência e construindo possibilidades de vida.

## **Planta-Areia-Terra de Fernanda Haskel e Fernanda do Canto**

Experimental, Brasil, 5mins 40segs

Resumo: “Planta-Areia-Terra” é uma carta-vídeo que emerge na costa sul do Oceano Atlântico, na Ilha da Pescadora - um lugar real com nome fictício, que abriga os remanescentes da Mata Atlântica. Um lugar outrora abrigo de magia, agora enfrenta a voracidade da especulação imobiliária, colocando em risco uma das áreas mais ricas em biodiversidade e uma das mais ameaçadas do planeta. No entanto, a voz da natureza ecoa através LIS, um ser híbrido em experimentação de Linguagens de Inteligências Selvagens, que cultiva diálogos criativos com a vida das plantas e em processo de encantamento com a Bromélia da Mata Atlântica, uma sábia guia de pesquisa, caminha nos encontros entre floresta e cidade.

A obra parte da pesquisa de doutorado e é componente da tese de Fernanda Haskel em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), configurando com um dos dispositivos para quebrar casulos perceptíveis capitalismos, ativando a criatividade coletiva e ampliando a sensibilidade para encontros éticos com seres não humanos. Desafiando o antropocentrismo, coloca em destaque as paisagens multiespécies com narrativas feministas em fabulação, oferecendo uma reflexão sobre as relações homem/natureza e deslocando a espectadora a considerar literaturas selvagem revelarem outras éticas, estéticas e políticas de habitar o planeta, inspiradas nas sociabilidades de vegetais, poesia das plantas a filosofia das flores.

Esta obra transmulti-linguagens, com uma estética visual que mescla imagens da Restinga da Mata Atlântica com elementos de arte experimental, coproduzida com Fernanda do Canto/Tombô Produtora, transcende o tempo e o espaço, convidando o público a cultivar novas formas de perceber e habitar, semeando mundos que caibam muitos mundos.

## **As Moitas do Rio Bonito de Cima de Pedro Urano. (Excertos 2 e 3)**

Documentário/Experimental, Brasil, 2min e 25 segs





Sinopse: Anualmente, moradores do Vale do Macaé reúnem-se no povoado de Rio Bonito de Cima, quando confeccionam roupas cobertas de folhagens vegetais para brincar o carnaval. A festa, conhecida localmente como o 'carnaval da moita', sugere um outro modo de existir e se relacionar com a floresta, além de apontar para práticas imaginárias muito antigas que remontam à idade média europeia.

Um 'moita', como são conhecidos os brincantes que confeccionam e vestem as roupas vegetais, é uma figura paradoxal. Trata-se de um animal? (Andam como humanos.) Trata-se de um vegetal? (Apresentam-se completamente cobertos por folhagens). Diante da questão da mobilidade, a personagem do homem folheado apresenta uma resposta ambivalente. A capacidade de se deslocar é, afinal, a opção fundamental da qual resultam uma série de desenvolvimentos posteriores, como o sistema nervoso central ou a emergência de uma estrutura visual como o olho dos vertebrados.

Essa diferença primordial entre seres animais e vegetais se materializa em adaptações tão diferentes que mutuamente incompreensíveis. A ausência de estruturas reconhecíveis nas plantas que pudessem ser aproximadas, por analogia, a estruturas semelhantes nos animais, tornaram as primeiras invisíveis para os últimos. "Nós as consideramos uma mera parte da paisagem", conclui Mancuso (2019, p. 95).

Ao combinar num mesmo corpo morfologias animais e vegetais, o 'moita' de Rio Bonito tensiona este fenômeno apontado pelo botânico italiano. Pois se um 'moita' faz parte da paisagem, esta passa imediatamente a assumir um caráter dinâmico, movente, animado. A moita que anda, em sua insistente indistinção, nos lembra que a paisagem está viva.

A confecção de uma roupa de 'moita' exige habilidade manual, paciência e conhecimento da floresta e suas populações. É preciso saber onde encontrar a espécie vegetal escolhida; conhecer as alianças da espécie escolhida com outras espécies vegetais, animais ou fúngicas (é comum colher inadvertidamente outros seres, como líquens, formigas, besouros e aranhas, carregados junto às folhagens durante a coleta); e, finalmente, é preciso ser rápido, pois, em poucos dias, as folhas vegetais se deterioram e comprometem a fantasia.

Além disso, a performance associada à confecção do traje, digo, o fato do brincante de fato vestir sua roupa vegetal, configura uma atitude em tudo diferente do distanciamento do ambiente representado característico do regime escópico conhecido por 'perspectivismo cartesiano' (Jay, 1988) – a prática dos 'moitas' substitui a distância entre observador e paisagem por uma ideia de imersão radical no ambiente, uma metafísica da mistura (Coccia, 2018).

Nesta comunicação, apresento resultados parciais da pesquisa que venho desenvolvendo com os brincantes do carnaval da moita, que combina a etnografia visual da prática a uma genealogia da figura do homem folheado que compreende tanto sua antropologia histórica, quanto uma arqueologia do imaginário, num percurso pontuado pela produção de trajes vegetais e performances, registradas em imagens paradas (séries fotográficas) e em movimento (filmes curtos).



**programação**  
programmme

**7 de Agosto**  
7th August

**08h30 Recepção/ Reception**

**09h00** Auditório do Bloco B / Block B Auditorium

**09h00 Sessão de abertura /Opening session**

**09h30** Auditório do Bloco B / Block B Auditorium

**09h30 Oradora principal /Keynote speaker:**

**10h30 Teresa Castro**

**Histórias ambientais da fotografia e do cinema**

**Environmental Histories of Photography and Cinema**

**Apresentação: Teresa Mendes Flores**

**Auditório do Bloco B / Block B Auditorium**

**(with English translation)**

**10h30 Pausa para café / Coffee-break**

**11h15**

**Performances**

**Pistas para viver (n)o fim do mundo**

**Clues to living (at) the End of the World de/by Lucí Trevisan**

**(Hall do Bloco B / Bloco B Hall)**

**O esconderijo das quimeras - The hiding place of  
chimeras - de/ by Rubens Takamine**

**(Hall do Bloco A / Bloco A Hall)**



## **Em permanência: Mostra de filmes**

A permanent film screening

(Miniauditório Bloco B, Block B Mini auditorium)

## **Representação do território indígena UFSC**

Representation of the UFSC Indigenous territory

(Hall do Bloco B, Block B Hall)



## **Painel 1. Imagens das águas: cuidado e narrativa** **Moderação/Host: paula roush**

(7 ago. 11:15-12:30, Sala 324, presencial)

### **Imagens invertidas em águas turvas: percepção ambiental em paisagens multiespécies**

*Ananda Casanova e Ana Maria Hoepers Preve*

Palavras-chave: Paisagens multiespécies; Rios urbanos, Fotografia estenopéica; Antropoceno; Percepção ambiental

Rios localizados em paisagens urbanas ao redor do mundo compartilham uma história em comum. O processo de abandono, esquecimento, marginalização e desvalorização que os corpos d'água passaram, em consequência aos projetos de modernização das cidades, produziu não apenas uma perturbação material nas redes hidrográficas, mas também uma ruptura simbólica nos papéis que as águas assumiam na vida cotidiana. Do rio onde se banha, se brinca, se pesca, com o qual se reza e se transporta, passou-se ao rio que não se quer chegar perto, o que cheira mal, o que se rebela, rompe o cimento, invade e destrói. Na mesma medida em que as margens que abrigavam uma multiplicidade de práticas e modos de vida foram sendo retificadas e concretadas, as possibilidades de relação foram interdidas, empobrecendo também nossa capacidade de imaginar outras imagens e narrativas.

As águas poluídas que correm nas redes hidrográficas de áreas urbanas em canais de drenagem, arroios retificados e córregos soterrados conformam uma paisagem pouco atrativa de ser apreciada, para além de esforços de denúncia do sujo, do contaminado ou de problemas a serem resolvidos. Nesta época de transição do Holoceno ao Antropoceno, no qual os desastres ambientais dão um contorno muito nítido às relações insustentáveis que humanos têm estabelecido com outros seres e ambientes, histórias exclusivamente humanas pouco nos instigam a imaginar outras respostas para estes tempos de colapso ecológico.

Neste sentido, compreendemos as paisagens hídricas enquanto arranjo de espaços vividos humanos e não-humanos (Tsing et al., 2017), na qual se fazem presentes os rastros de muitas histórias de vida e morte a partir das quais – e com as quais – as paisagens emergem, se constituem e se compõem. Surgem, então, questões sobre que formas de responsabilidade são requeridas e como podemos aprender a responder às comunidades multiespécies (Dooren, Kirksey e Münster, 2016) que vêm tomando forma nas paisagens do Antropoceno.

Partindo destas provocações, este trabalho se estrutura em torno da percepção ambiental e fabulação de outros modos de cultivar relações com as águas urbanas. No intuito de produzir gestos de atenção com os rios do Antropoceno (Edgeworth e Benjamin, 2018), estudantes da disciplina de Educação Ambiental do curso de Geografia da UDESC foram convidados à experimentação com a fotografia estenopéica e câmeras escuras artesanais



junto às águas da bacia do Rio Itacorubi, em Florianópolis. Mais que artefatos históricos, estes dispositivos oferecem modos mais lentos de se experimentar o mundo em uma era de crescente digitalização e automatização da vida. A simples ausência de um visor, no caso da câmera, coloca participantes em presença do que está sendo fotografado, invocando uma forma de abertura estético-afetiva (Bennett, 2022) aos convites feitos pelo lugar ou situação fotografados. A discussão deste trabalho se situa no processo de criação de imagens a partir destes pequenos experimentos de pesquisa e produção de conhecimento situado com as águas.

### Referências | References

- Bennett, J. (2022). *Materia vibrante. Una ecología política de las cosas*. Duke University Press.
- van Dooren, T., Kirksey, E., y Münster, U. (2016). Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. *ClimaCom*, (7), 39-66.  
<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>
- Tsing, A. L., Bubandt, N., Gan, E., & Swanson, H. A. (2017). *Arts of living on a damaged planet. Ghosts and Monsters of the Anthropocene*. University of Minnesota Press.
- Edgeworth, M., & Benjamin, J. (2008). What Is a River? The Chicago River as Hyperobject. In J. Kelly, P. Scarpino, H. Berry, J. Syvitski, and M. Meybeck (Orgs.), *Rivers of the Anthropocene*. University of California Press.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Ananda Casanova é Doutoranda em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Integra o Grupo de Pesquisa ATLAS: Geografias, Imagens e Educação (UDESC).*

*Is a PhD student in education in the Postgraduate Programme in Education/PPGE at Santa Catarina State University/UDESC. She is a member of the ATLAS Research Group: Geographies, Images and Education (UDESC).*

*Ana Maria Hoepers Preve é professora do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED e do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. É integrante da Rede Internacional de Pesquisa em Imagens, Geografias e Educação e líder do Grupo de Pesquisa ATLAS: Geografias, Imagens e Educação (UDESC).*

*Is a professor in the Geography Department of the Centre for Human Sciences and Education – FAED and the Postgraduate Programme in Education/PPGE at the State University of Santa Catarina/UDESC. She is a member of the International Research Network on Images, Geographies and Education and is the leader of the ATLAS Research Group: Geographies, Images and Education (UDESC).*



## Águas alternativas: memória e futuro da cidade

Rafael Devos

Palavras-chave: Água; Abastecimento Urbano; Documentário; Antropologia; Antropoceno; Mais-Que-Humano

Em 2019 ocorreu uma forte estiagem em Santa Catarina, com a falta de chuvas agregada a uma maior demanda por água potável. Nos anos seguintes desenvolveu-se um Plano Municipal de Saneamento Básico em Florianópolis, com ações para ampliar e garantir a capacidade de produção de água dos sistemas centralizados de saneamento, com destaque para mananciais estratégicos a serem transformados em reservas para a região. Entre tais mananciais, estão aquíferos e nascentes em encostas de morro utilizados historicamente por habitantes de regiões menos favorecidas pelas infraestruturas urbanas. Essas pessoas desenvolveram seus próprios sistemas de abastecimento, administrados de forma coletiva por associações de moradores, que se transformaram ao longo dos anos enfrentando os desafios locais da habitação urbana atentas às ecologias das águas.

Na Ilha de Santa Catarina, o abastecimento urbano de água é centralizado por uma empresa estatal, como em muitos municípios do país. No entanto, algumas comunidades não conectadas, ou conectadas parcialmente a tais infraestruturas centralizadas de água e esgoto desenvolveram seus próprios sistemas coletivos alternativos de abastecimento de água. São infraestruturas que conectam o cotidiano e a história de morros e planícies costeiras a cachoeiras, nascentes, aquíferos, reservatórios, hidrômetros e encanamentos. No documentário "Águas alternativas" estas são apresentadas por seus cuidadores - moradores, técnicos e membros de três associações de moradores que cresceram em torno dessas águas.

Desde 2021 acompanhamos o cotidiano e a história de algumas dessas associações que se tornaram uma alternativa qualificada no abastecimento de água na cidade, em um projeto de pesquisa em antropologia, em sintonia com os "estudos da água" e das relações multiespécies, mais-que-humanas. Estão vinculados à pesquisa um projeto de doutorado e projetos de iniciação científica. Além do filme e trabalhos acadêmicos, o projeto realiza ações de divulgação científica em um website compartilhando com esses cuidadores das águas uma reflexão sobre as alternativas de abastecimento de água para o futuro.

Com os cuidadores das águas, seguimos no audiovisual: brotando nas nascentes; descendo dos morros; encanada e distribuída; tratada e acumulada nos reservatórios; correndo nos hidrômetros e torneiras; escorrendo pelos bueiros e infiltrando no solo, com a chuva. As narrativas seguem a história de suas comunidades. As imagens seguem a paisagem sonora evoca suas traduções: água filtrada, reservada, tratada, cuidada ao longo das

### Referências | References

- Anand, N. (2017). *Hydraulic City: Water and the Infrastructures of Citizenship in Mumbai*. Oxford University Press.
- Haraway, D., Ishikawa, N., Gilbert, S. F., Olwig, K., Tsing, A. L., & Bubandt, N. (2016). Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene. *Ethnos*, 81(3), 535-564. <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>
- Morita, A. (2017). From Gravitational Machine to Universal Habitat: The Drainage Basin and Amphibious Futures in the Chao Phraya Delta, Thailand. *Engaging Science, Technology, and Society*,



Milwaukee, 3, 259-275. DOI

Pierobon, C., & F., C. (2023). Cuidar do outro, cuidar da água:

gênero e raça na produção da cidade. *Estudos Avançados*, 37(107), 25-44. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.003>

Tsing, A. (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. IEB; Mil Folhas.

### **Notas biográficas | Biographical notes**

*Rafael Victorino Devos – docente no Departamento de Antropologia UFSC*

*Rafael Victorino Devos – Professor, Department of Anthropology at UFSC*

*Viviane Vedana – docente no Departamento de Antropologia UFSC*

*Viviane Vedana – Professor, Department of Anthropology at UFSC*

*Priscila Oliveira dos Anjos – Doutoranda no PPG Antropologia Social UFSC*

*Priscila Oliveira dos Anjos – Doctoral student, PPG Social Anthropology UFSC*

*Gabriel Luz Siqueira Aquino Vieira – Mestrando no PPG Antropologia Social UFSC*

*Gabriel Luz Siqueira Aquino Vieira – Master's student, PPG Social Anthropology UFSC*

*Luana Silva Ferraz – Graduanda, Antropologia UFSC*

*Luana Silva Ferraz – Student, Anthropology at UFSC*

## **“Quando as águas”: imagens como testemunhas dos desafios do Antropoceno na Amazônia**

*Anderson Coelho*

Palavras-chave: Amazônia; Antropoceno; Fotojornalismo; Meio Ambiente e Tecnodiversidade

O objetivo do trabalho é evidenciar o fotojornalismo como uma ferramenta crítica para entender e comunicar os desafios do Antropoceno, com foco no ensaio fotojornalístico “Quando as Águas” do repórter fotográfico Raphael Alves, no qual são um percurso visual das transformações ambientais na Amazônia. As imagens atuam como um catalisador para o diálogo e a reflexão, incentivando a sociedade a reconhecer e responder à crise ecológica.

A Amazônia se ergue como um bastião da biodiversidade e símbolo dos desafios que enfrentamos na era do Antropoceno. O fotojornalismo, com sua capacidade singular de capturar momentos efêmeros e transformá-los em narrativas visuais, tem sido uma ferramenta vital para documentar as mudanças dramáticas que ocorrem nesta região vital.

As imagens, são testemunhos dos eventos que se desenrolam nas profundezas da floresta. Essas narrativas mostram qual é bruto e ao mesmo frágil, a teia que segura a vida na Amazônia, o ciclo de águas está sendo severamente afetado, cada vez as enchentes e as secas estão abatendo a região. O fotojornalismo, produz provas incontestáveis do impacto





humano sobre o meio ambiente. Deste modo, as imagens fotográficas tornam-se, assim, ícones que desafiam a indiferença global e incitam a ação coletiva.

A Amazônia está no epicentro dos desafios do Antropoceno - uma época geológica definida pela influência humana predominante sobre o clima e o meio ambiente da Terra (Mendes, 2022). O desmatamento acelerado, as queimadas devastadoras e a perda de habitats são apenas alguns dos sintomas visíveis da crise ambiental que enfrentamos. No Antropoceno, se fez necessário e urgente propostas não homogêneas, para elaborar respostas para as extremas condições climáticas que o planeta caminha. A tecnodiversidade elabora a ideia que diferentes contextos pedem diferentes perspectivas tecnológicas (Hui, 2020).

Destarte, analisaremos o ensaio 'Quando as águas' do fotojornalista Raphael Alves (2024), que aborda as vivências dos amazônidas com o ciclo das águas na Amazônia, dentro de um contexto que a vazante e a cheia tem um limite tênue onde se estabelece a vida na floresta. O ensaio evidencia uma discursão sobre os impactos das mudanças climáticas que assolam nosso planeta nas últimas décadas, onde secas extremas e inundações assustadoras se tornam cada vez mais comuns.

Em sua função documental (Rouillé, 2009), 'Quando as águas' traz a tona as tensões entre tradições ancestrais e a modernidade invasiva. As comunidades locais, que há séculos vivem em harmonia com a floresta, encontram-se agora na linha de frente de uma batalha pela sobrevivência, não apenas da sua cultura, mas do ecossistema que sustenta a vida na Terra.

Concluimos que 'Quando as águas' de Raphael Alves são mais do que simples representações de uma realidade distante; elas são um chamado à ação. Elas nos lembram que estamos todos interligados e que o destino da Amazônia está intrinsecamente ligado ao futuro de nosso próprio planeta. A tecnodiversidade pode contribuir para uma melhor resiliência e sustentabilidade em soluções, recorrendo a alternativas e incentivando inovações que entendam as particularidades da Amazônia alinhada com os desafios do antropoceno.

### Referências | References

Alves, R. (2024, janeiro 24). Quando as Águas. Festival de Fotografia Documental 2024.

<https://fotodoc.com.br/portfolio/quando-as-aguas/>.

Hui, Y. (2020). Tecnodiversidade. Ubu.

Mendes, J. R. (2022). Antropoceno: um polisema a ser feito. *Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, 3, 77-93.

<https://doi.org/10.21814/anthropocena.4129>

Rouillé, A. (2009). *A fotografia: entre documento e a arte contemporânea*. Senac.

### Nota biográfica | Biographical note

Anderson Coelho (Belém, 1985). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (2009). Fotojornalista, é mestre em Comunicação e especialista em Fotografia na Universidade Estadual de Londrina (2013), atualmente cursa doutorado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2023), pesquisa sobre fotojornalismo na Amazônia e suas correlações, além de ser membro do grupo de pesquisa CNPQ Jornalismo, Cultura e Sociedade. tem 15 anos de experiência, e atuou por redações de Belém - PA, Londrina - PR e Florianópolis SC, atualmente é fotojornalista independente para agências e veículos de jornalismo (AFP, Reuters, Folhapress, Intercept, Joio e o Trigo, Infoamazônia) e órgãos humanitários (PNUD-DF). Tem experiência docente na comunicação, com ênfase em imagem e fotografia, em graduações de jornalismo, publicidade e propaganda e pós graduações em



fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: fotojornalismo, webjornalismo, teorias da comunicação e multimídia.

*Anderson Coelho (Belém, 1985). Graduated in Literature from the Federal University of Pará (2009). Photojournalist, has a master's degree in Communication and specialist in Photography at the State University of Londrina (2013), currently studying for a doctorate in Journalism at the Federal University of Santa Catarina (2023), researching photojournalism in the Amazon and its correlations, in addition to being a member of the group of CNPQ research Journalism, Culture and Society. has 15 years of experience, and worked for newsrooms in Belém - PA, Londrina - PR and Florianópolis SC, he is currently an independent photojournalist for journalism agencies and vehicles (AFP, Reuters, Folhapress, Intercept, Joio e o Trigo, Infoamazônia) and organizations humanitarian (PNUD-DF). He has teaching experience in communication, with an emphasis on image and photography, in journalism, advertising and propaganda degrees and postgraduate degrees in photography, working mainly on the following topics: photojournalism, web journalism, communication theories and multimedia.*



## Panel 2. Counter Hegemonic Narratives and Social Justice

### Moderação /Host: Vikram Kershan Pancham

(7 ago. 11:15-12:30, Block E, Hybrid panel, presential and online)

#### ***Imaging with ethical/ecological demands: Counter-imaging in public memory in the visual narrative of Rhodes Must Fall***

Vikram Kershan Pancham (presential)

Keywords: Public memory; Rhodes Must Fall; Ethical demands; Extractivist gaze; Black redaction

This paper examines the ways in which the Rhodes Must Fall and subsequent Fees Must Fall movement (hereafter 'Rhodes Must Fall') produced images at the University of Cape Town (UCT) main campus over the 2015 - 2017 period in South Africa. It draws on ethnographic fieldwork during the period, selections of images, and subsequent artwork from my own visual archive concerning the renaming of Sarah Baartman Hall in 2019. Building on the work of Black, Indigenous, Queer/Trans\* and African Studies, the paper draws on my doctoral research on decolonial imaging practices to explore redaction as a form of ecological expansion against extractivist modes of seeing, gazing and reading images.

"What happens when we look at and listen to these and other Black girls across time? What is made in our encounters with them? This looking makes ethical demands on the viewer; demands to imagine otherwise; to reckon with the fact that the archive, too, is invention." (Sharpe, 2016, p. 51)

While Rhodes Must Fall has been studied as a social, political movement for decolonization of knowledge and educational approaches broadly, in this paper I examine its features as a performative, aesthetic movement which produced a set of images. Although the movement was largely set in the urban and built-environment, I bring out its ecological features, particularly around housing, sanitation/shit-management, urbanity/slum spatialities and labour conscriptions, which the movement sought to re-imagine through a re-constitutional imaging of the Black body at/as the centre of modern space. In this way, they produced a set of theoretical images, which I argue issued "ethical demands" (Sharpe 2016; Hartman 2008) upon the user (the viewer of the image; the member of the society; the custodian of institutions, and so on). In the paper I attempt to expand on this set of ethical demands, as ecological demands. My inquiry is organized around the questions: "What kinds of work did



these images do? What was the style(s) in which they were produced? What ecological demands did/do they make?" I focus on three kinds of artistic moments and images which bear counter-institutional theoretical impulses to bring out the ethical-ecological demands: The first set are iconic and catalytic moments such as that of Rhodes Must Fall where Chumani Maxwele threw shit/excrement onto the statue of Cecil John Rhodes, and the 'culminating moment' where Sethembile Msezane performs Chapungu – The Day Rhodes Felli as the statue was removed. Other images of moments include the Shackville protests (wherein an informal tin-shack-and-toilet was built on the main-campus and inhabited) and the burning of UCT artworks/paintings.

The second set involves naked protests, and I take up three moments of 'altering the naked body': the UCT Trans-Collective's moment of "Trans Capture" in a naked protest at an art-exhibition of Rhodes Must Fall in 2016, the covering/clothing up of a 'nude sculpture' of Sarah Baartman at UCT's library in 2016, and a naked protest of Qondiswa James and Nsovo Shandlale in 2017 in which they were both dragged-away by state police into the back of vans, violently and obscenely.

As the third set I examine the politics of 'images that were never supposed to be' of a moment in the afterlife of Rhodes Must Fall, when façade building of UCT was being renamed, but it was done 'off-the-record'. However, I documented this moment and created a digital visual artwork, so mine is the only footage and archive of images covering the de-lettering of the old 'Jameson Memorial Hall' as a hidden-historic moment by the institution, which they subsequently requested the footage off. I released the timelapse for public memory during covid-19 pandemic, surrounded by 'other images of nature and story-telling' related to Sarah Baartman in a 'fake zoom meeting'.

Building on the Black and Indigenous studies work of Christina Sharpe (2016), Saidiya Hartman (2008), Sylvia Wynter (1983), Harry Garuba (2003), and Trans\* Studies approaches to visibility (2017), I ask about the ethical demands that rise through these images and moments, which can form ecological impasses that force institutions to change the terms of reference that governs the imaged/represented. My analysis suggests that it was through key image-work that the success of Rhodes Must Fall negotiated with various institutions of power, without which the political and social ambit of the movement may not have been actualized. I suggest that it may be a 'Fallist aesthetic motif' to pose performances and images bearing significant weightings of "Black redaction" (Sharpe, 2016, p. 117) as ethical imperatives/ecological impasses that insist upon us to imagine otherwise, to ask 'What exceeds the hold?' (Terrefe and Sharpe 2016), to make it possible for Black, Queer and other minoritised bodies to live more breathably in modern ecologies.

### Referências | References

- Sharpe, C. (2016). *In the Wake: On Blackness and Being*. Duke University Press.
- Garuba, H. (2003). Explorations in Animist Materialism: Notes on Reading/Writing African Literature, Culture, and Society. *Public Culture*, 15(2), 261-285. <https://www.muse.jhu.edu/article/42967>
- Gossett, R. Stanley, E. A. & Burton, J. (2017). *Trap Door: Trans cultural production and the politics of visibility*. MIT Press.
- Hartman, S. (2008). Venus in two acts. *Small Axe: A Caribbean Journal of Criticism*, 12(2), 1-14. <https://www.muse.jhu.edu/article/241115>
- Terrefe, S., & Sharpe, C. (2016). What Exceeds the Hold? An Interview with Christina Sharpe. *Rhizomes: Cultural Studies in Emerging Knowledge*, (29). <https://doi.org/10.20415/rhiz/029.e06>
- Wynter, S. (1983). The ceremony must be found: After humanism. *Boundary*, 2, 19-70. <https://doi.org/10.2307/302808>



**Biographical note | Nota biográfica**

*Vikram works as a PhD Researcher at the African Studies Centre at Leiden University as part of a joint-doctorate initiative between Leiden and the Centre of African Studies at Edinburgh University, which aims to explore urban studies in new ways. Vikram has both taught and researched for a number of years at South African universities, including the South African BRICS Think Tank. They hold an MPhil Diversity Studies from the University of Cape Town (2017), a BA. and BA. Honours from the South African School of Motion Picture and Live Performance (AFDA, 2010), and a BSc. Computer Science from the University of KwaZulu-Natal (2005).*

*Their study explores connected histories of documentational-imaging practices in producing 'Khoi' and 'Indian' political and embodied identities/memories in Southern Africa from the Cape Dutch to the RhodesMustFall period. It pays methodological attention to the production of images in archival and museum practices in producing these categories and connects them to counter- and decolonial- methodologies of the contemporary student, queer and indigenous socio-political movements which have sought to bring about epistemic and embodied justice (most notably, Rhodes Must Fall). The approach is interdisciplinary, drawing on oral histories, art-based methods, archival work, and poses new global connections across race, caste, and documentational ("data") methods by thinking Africa from place. Central throughout the dissertation is a discussion of the debate between 'who speaks' and 'what is being said', and a key methodological treatment of the role of experience in shaping both who and what is involved in such negotiative debates.*

*Vikram trabalha como pesquisadorx PhD no Centro de Estudos Africanos da Universidade de Leiden como parte de uma iniciativa de doutorado conjunto entre Leiden e o Centro de Estudos Africanos da Universidade de Edimburgo, que visa explorar os estudos urbanos de novas maneiras. Vikram ensinou e pesquisou durante vários anos em universidades sul-africanas, incluindo a South African BRICS Think Tank. Possui mestrado em filosofia em Estudos de Diversidade pela Universidade da Cidade do Cabo (2017), um bacharelado em artes pela Escola Sul-Africana de Cinema e Performance ao Vivo (AFDA, 2010), e um bacharelado em Ciência da Computação pela Universidade de KwaZulu-Natal (2005).*

Seu estudo explora histórias conectadas de práticas de imagem documental na produção Identidades/memórias políticas e incorporadas 'Khoi' e 'indianas' na África Austral a partir do Cabo Holandês no período RhodesMustFall. Dá atenção metodológica à produção de imagens nas práticas arquivísticas e museológicas na produção dessas categorias e as conecta às metodologias contra - e decoloniais - do contexto sociopolítico estudantil contemporâneo, queer e indígena, movimentos que procuraram trazer justiça epistêmica e corporificada (mais notavelmente, RhodesMustFall). A abordagem é interdisciplinar, baseada em histórias orais, métodos baseados em arte, trabalho de arquivo e apresenta novas conexões globais entre raça, casta e métodos documentais ("dados") pensando a África a partir do lugar. No centro de toda a dissertação está a discussão do debate entre "quem fala" e "o que está sendo dito", e um tratamento metodológico fundamental do papel da experiência na formação tanto de quem e do que está envolvido em tais debates negociativos. Contact: v.k.pancham@asc.leidenuniv.nl; kershan.pancham@gmail.com



## Social Justice Through the Act of Documenting: The Politics of a Hip-hop/Rap Collection

*Gabriel Juliano (online)*

Keywords: Archival research; Brazil; Cultural Studies; Hip-hop; Media Arts

This paper offers an examination of virtual tourism and explores the politics of presence, dis(embodiment) and immersion in this context, with special focus on the forgotten, enclosed, blurred zoomed-out bodies within this realm. Virtual tourism or cybernetic tourism, as coined by Nakamura, is the ritualized and mediated simulation of visit to a designated place at a distance. The concepts of presence and embodiment are central to any travel experience, whether physical or virtual. On the one hand, the aestheticization of place in virtual tourism often commodifies the experience of location to a superficial, data- and sight-based phenomenon, devoid of body movement, observer agency and of the political and social dimensions of present or situated encounters. By aestheticizing and mediatizing location and presence, social events become absent from representation or internalized, partially dis(embodied), passive and illusion-like experiences. Virtual tours are easy and recurrent targets for critique as inauthentic, ingenu practices, in a guilt-ridden, screen-dependent culture. Psychoanalytic thought has linked the question of space to a matter of power and aggression; more generally, representations of space are at the center of domination of territories and colonization. Authors like Avital Ronell and Sherry Turkle have reflected on the virtual in relation to themes of virtue, masculinity, and the ego, pointing to a culture of digital virtuality as a rejection of the social and real body, leading to a crisis of community. Ronell's insights suggest that the project of virtual reality has been advocated as a means for the ego to assert control and combat passivity.

Furthermore, it is useful here to acknowledge the age-old desire to transcend the body and the attempt to reconfigure the possibilities of sharing the world through virtual reality. However, we also question the possibility (or impossibility) of the collective within this movement. By focusing on the phenomenon of virtual tours tailored by disabled and mobility-challenged individuals, we emphasize the need for a nuanced understanding of virtual tourism as a complex site of representation, appropriation guerrilla, curatorial remix and social engagement. Through an exploration of projects such as Homes of Argleton Lane and Many Nights by Jacqui Kenny (aka The Agoraphobic Traveller), as well as her Instagram account, we analyze how these initiatives redefine notions of place, authorship, presence, (dis)embodiment and community. By examining platform surveillance aesthetics and regimes of visibility, our research investigates how virtual tourism can either perpetuate or disrupt the dominant paradigms of travel while also revisiting imaginaries of the traveling self/body erasure against the backdrop of the marginalizing power dynamics of platforms such as Google Street View. By critically engaging with these concepts, we aim to challenge the notion of virtual tourism as a mere substitute for physical travel and highlight its transformative potential for marginalized individuals and communities. We also address misconceptions surrounding empathy and immersion, emphasizing that heightened simulated presence alone does not equate to empathy, and that emotions themselves should not be mistaken for empathy. In conclusion, this research calls for a reevaluation of virtual tourism, recognizing its complexities, and advocating for a more inclusive and socially conscious approach that redefines notions of presence, representativo, bodies, and community in the digital age.



**References | Referências**

- Hanchard, M. (1999). "Black Cinderella? Race and the Public Sphere in Brazil." In *Racial Politics in Contemporary Brazil*. (Ed.) Michael Hanchard. Duke University Press: 59–81. <https://doi.org/10.1215/9780822382539>.
- Kehl, M. R. (2001). "The Orphan 'Brotherland:' Rap's Civilizing Effort on Periphery of São Paulo," *A Revisionary History of Brazilian Literature and Culture, Portuguese Literature and Cultural Studies Brazil 2001 Spring/ Fall 2000*: 625–41.
- Mbembe, A. (2016). "Decolonizing the University: New Directions." *Arts & Humanities in Higher Education*, 15(1): 29–45. doi:10.1177/1474022215618513.
- Mitchell, W. J. T., and Mark B. N. Hansen. (2010). "Introduction." In *Critical Terms for Media Studies*. Chicago, Ill. London: The University of Chicago Press.
- Taylor, D. (2003). "Acts of Transfer." In *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham: Duke University Press, 1–52. Accessed January 2, 2024. ProQuest Ebook Central.

**Biographical note | Nota biográfica**

*Joana Bicacro has a PhD in Communication Sciences, with a thesis focusing on visual culture, the virtual turn and mediated spaces and communities. She is a Professor at Lusófona University, Portugal. She has presented and published papers on digital media, cinema and photography, media arts training, haptics, aesthetics, visual culture and image technologies.*

*Joana Bicacro é doutorada em Ciências da Comunicação, com uma tese dedicada à cultura visual da viagem, à viragem virtual e à mediação de espaços e comunidades. É docente na Universidade Lusófona, Portugal. Publicou artigos e capítulos sobre meios digitais, cinema e fotografia, educação nas artes dos media, estética, materialidades hápteis, cultura visual e tecnologias da imagem.*

**Toward the Pursuit of Diverse/Dissenting Verses, Voices, Viewpoints, and Images**

*Andrew Okai (online)*

Keywords: Soft Power; Cinema; Neocolonialism; Diversity; Rhetorical Listening; Afrofuturism; Ghana

By exploring the Western cinematic frames and political responses and representation of 'less progressive,' comparatively dissenting yet democratically and culturally backed policies and traditions proposed and enforced in African countries like Ghana, this article discusses the boundaries or lack thereof, of arguably neocolonialist narratives and 'so power' manifestations carried by many western countries into the smaller and economically less intimidating allies across the globe. The inquiry exposes inconsistencies in what counts for diverse and democratic actions based on how well they align with specific ideologies and perspectives that often seem representative of widely, yet not unanimously, accepted opinions in primarily Western countries. In what amounts to a neo/re-colonization effort, 'ally' countries are threatened with economic sanctions for their resistance to duplicate what counts for diverse actions in other cultural contexts- a blatant contradiction to the ideals of diversity. Western foreign policy initiatives and media coverage in and about comparatively smaller ally countries seemed geared toward encouraging a wider subscription to Western viewpoints with growing popularity, irrespective of how antithetical or defiant they might be of the cultures to



which these messages are directed.

In pursuit of broader conceptualizations of rhetorical listening and diversity that do not dismiss difference in favor of the homogeneity of perspectives, this inquiry draws on noons from Marn Heidegger's 'What are Poets for' and considers a case study from Ghana to explore widely unpopular and largely unconsidered viewpoints on the global stage about sexual ethics legislation. This article asserts that acknowledging and accepting different cultural logics and orientations is inherent to the pursuit of diversity, and allyship should not justify an imposition of foreign values on communities who would rather live on their own. More importantly, it establishes the need to invest in Ghanaian and African content creation, storytelling and 'poets' by Heidegger's definition to create what Chinua Achebe describes as a balance of stories on the global stage.

## References | Referências

- Asante, M. K. (1988). *Afrocentricity* (Revised, Subsequent edition). Africa World Pr. Ghana Statistical Services. (n.d.). *Ghana FactSheet* [Fact sheet]. <https://www.statsghana.gov.gh/ghfactsheet.php>
- Heidegger, M. (2013). *Poetry, Language, Thought*. Harper Colophon Books. (Original work published 1971)
- Laderman, S., & Gruenewald, T. (Eds.). (2018). *Imperial Benevolence: U.S. Foreign Policy and American Popular Culture since 9/11*. University of California Press.
- McKenzie, D. (2024, March 14). Analysis: In deciding on anti-gay law, Ghana's president is caught between a rock and a hard place. CNN. <https://www.cnn.com/2024/03/14/africa/analysis-ghana-antigay-law-intl/index.html>
- Rockmore, T., & Margolis, J. (1992). *The Heidegger Case: On Philosophy and Politics*. Temple University Press.
- Rodriguez, S. M. (n.d.). Homophobic Nationalism: The Development of Sodomy Legislation in Uganda. EBSCOhost. Retrieved May 7, 2023, from <https://web-s-ebSCOhost-com.libproxy.clemson.edu/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=56e7ecdd-bc5b-4e98-8f2f-e2473490e540%40redis>
- Santos, G. G. da C., & Waites, M. (2022). Analysing African Advances Against Homophobia in Mozambique: How Decriminalisation and Anti-Discrimination Reforms Proceed Without LGBT Identities. *Sexuality and Culture*, 26(2), 548–568. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09908-8>

## Biographical note | Nota biográfica

*Andrew Okai is a Graduate Instructor of Record in the English Department at Clemson University and a doctoral student in the Rhetorics, Communication, and Information Design Ph.D. program. He holds a Bachelor of Science in Computer Science from the Kwame Nkrumah University of Science and Technology, Ghana, and an M.A. in Brand and Media Strategy from East Tennessee State University. His professional background is in Information Technology and Media and Communications, with experience in systems administration, video production, digital marketing, and brand strategy and storytelling. Andrew firmly believes in film's persuasive ability to communicate critical messaging and enact tangible social change and explores ways to leverage film in promoting African culture and perspectives on a global stage. His current pursuits and research interests include film production and rhetoric, brand storytelling, Afrocentricity, Afrofuturism, African cinema, digital and visual rhetoric, media studies, and media communication theories. Andrew's work traces the foundations of film production and other forms of visual storytelling in rhetorical theory. It looks to translate some of his insights onto the screen and observe differences in audience responses. In implementing his rhetorical and theoretical knowledge of film on screen, Andrew has directed two short films officially selected for Film Festivals hosted in the*





*United States. He wrote and directed 'Crush.ed', which was selected for and won an audience award at the East Tennessee Film Nights in 2022. He also wrote and directed 'From The White Walls,' which has earned an official selection to the 2024 'The African Film Festival (TAFF).'*

Andrew Okai é *Graduate Instructor of Record* no Departamento de Inglês da Clemson University e estudante de doutorado na área de Retórica, Comunicação e Design de Informação (Ph.D.). Tem bacharelado em Ciências da Computação pela Universidade de Ciência e Tecnologia Kwame Nkrumah, Gana, e mestrado em Estratégia de Marca e Mídia pela East Tennessee State University. Sua formação profissional é em Tecnologia da Informação e Mídia e Comunicações, com experiência em administração de sistemas, produção de vídeos, marketing digital e estratégia de marca e storytelling. Andrew acredita firmemente na capacidade persuasiva do cinema para comunicar mensagens críticas e promover mudanças sociais tangíveis e explora formas de alavancar o cinema na promoção da cultura e das perspectivas africanas num cenário global. As suas atuais atividades e interesses de investigação incluem produção e retórica cinematográfica, narrativa de marcas, afrocentricidade, afrofuturismo, cinema africano, retórica digital e visual, estudos de media e teorias de comunicação mediática. O trabalho de Andrew traça os fundamentos da produção cinematográfica e de outras formas de narrativa visual na teoria retórica. Seu trabalho procura traduzir alguns de seus insights para a tela e observar diferenças nas respostas do público. Ao implementar seu conhecimento retórico e teórico do cinema na tela, Andrew dirigiu dois curtas-metragens oficialmente selecionados para festivais de cinema realizados nos Estados Unidos. Ele escreveu e dirigiu 'Crush.ed', que foi selecionado e ganhou um prêmio do público no East Tennessee Film Nights em 2022. Ele também escreveu e dirigiu 'From The White Walls', que ganhou uma seleção oficial para 2024' O Festival de Cinema Africano (TAFF)'



## **Painel 3. Dinâmicas de arquivo e herança colonial**

### **Moderação /Host: Lucas Alves**

(7 ago. 11:15-12:30, Bloco F, presencial)

### ***Colonialismo Belga e Reparação: Imagens dialéticas no Museu Real da África Central***

*Lucas Oliveira Alves*

Palavras-chave: Congo; Trauma; Arte; Imagem Dialética; Reparação

Esta proposta de comunicação é um desdobramento de meu doutoramento em curso. Em minha pesquisa, reflito sobre as ressonâncias entre a reparação do traumático e as criações de artistas emigrantes da República Democrática do Congo. Entrevistando artistas congolezes no Brasil e em Québec (Canadá), discuto a relação entre a visibilidade de suas criações e o fomento de discussões concernentes às migrações involuntárias e aos traumas coletivos de seu país. No vértice desta discussão, reflito sobre o papel da obra de arte na reparação dos traumas infligidos à população congoleza pela Bélgica, país que nos séculos 19 e 20 instalou um violento sistema de exploração humana e extração de bens naturais e culturais da nação centro-africana (Van Reybrouck, 2015). No centro desta comunicação, proponho discutir alguns movimentos realizados no Museu Real da África Central, localizado em Tervuren (Bélgica), cujo acervo de obras congolezas é o maior fora do Congo. Nos últimos anos, este museu passou por um processo de alteração de imagens e narrativas como modo de transformar seu estatuto simbólico de “um lugar de memória das conquistas belgas” para um, ainda tímido, espaço de reflexão ética sobre o colonialismo. Reconheço nesse gesto de reposicionamento ético-político uma movimentação dialética relevante, pois na medida em que novas combinações de textualidades e imagens evidenciam contradições e revelam camadas recalçadas da história dos vencedores, ou em termos propriamente benjaminianos: escovam a história à contrapelo (Benjamin, 1987; Didi-Huberman, 2010), bens como roupas, máscaras, vasos e esculturas, anteriormente apresentados como símbolos da superioridade belga, entram para o registro de produções culturais dos colonizados. Uma nova gramática é estabelecida com as devidas adjetivações. A obra de arte belga, doravante, torna-se a obra de arte congoleza no museu belga, e neste rearranjo, estranhamentos e questões podem emergir. Se os artefatos do museu são criações congolezas, não deveriam eles estar no Congo, dinamizando a vida cultural e econômica do país? Não seria a síntese da incipiente dialética imagética do museu seu necessário fim? Lançar perguntas e pautar discussões são formas de desconcertar sentidos e horizontes temporais. Se as perspectivas sobre o passado se alteram, novos projetos de futuro podem ser compartilhados. Meus entrevistados, quando questionados, concordam que as obras do Museu Real da África Central deveriam retornar



ao Congo como forma de reparação. No meu contato com este lugar de memória em transformação, imponente documento da cultura e da barbárie, bem como com os filhos e netos daqueles cujas obras foram levadas a ele, busco expressar, por meio de reflexões e imagens (registros da visita ao museu e dos encontros com os artistas) inquietações de ordem ética, psíquica e estética sobre colonialismo, traumas e reparação.

### Referências | References

- Benjamin, W. (1987). Sobre o conceito de história. Em *Magia e técnica: arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* (3. ed., pp. 222–234). Ed. Brasiliense (Original publicado em 1940)
- Didi-Huberman, G. (2010). *O que vemos, o que nos olha* (2a. ed.). Editora 34.
- Van Reybrouck, D. (2015). *Congo: The epic history of a people*. Eco Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Lucas de Oliveira Alves. Psicólogo; Psicanalista; Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Doutorando em Psicologia (UFSC). Pesquisador convidado do EDIQ (Équipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle et l'immigration dans la région de Québec) – UniversitéLaval. Realizou estágio de pesquisa no SAPSIR (Service d'aide psychologique spécialisée s'adressant aux réfugiés et aux immigrants) em Québec/Canadá.*

*Psychologist; Psychoanalyst; Master in Psychology from the Federal University of Santa Catarina (UFSC); PhD student in Psychology (UFSC). Guest researcher at EDIQ (Equipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle et l'immigration dans la région de Québec) – Université Laval. He completed a research internship at SAPSIR (Service d'aide psychologique spécialisée s'adressant aux réfugiés et aux immigrants) in Quebec/Canada.*

## Os Cosmoramas Europeus no Brasil. Uma Visão Imersiva e Eurocêntrica do Imperialismo

Victor Flores

Palavras-chave: Cosmorama; Paisagem pitoresca; Imperialismo Europeu; Eurocentrismo; Brasil

Quando em 1850 Herbert Melville compara, na sua chegada ao Rio de Janeiro, as vistas oferecidas pelas escotilhas do seu navio com um Cosmorama, já este espetáculo visual se havia instalado nas principais capitais de província do litoral brasileiro. De S. Luís do Maranhão a Porto Alegre, várias dezenas de Cosmoramas oriundos não dos Estados Unidos, tal como Melville, mas da Europa, nomeadamente de Portugal, fascinavam as classes mais altas da sociedade. Parte desse fascínio tinha que ver com o conteúdo dos Cosmoramas: paisagens idilizadas de cidades europeias. Uma outra parte, com a forma como essas paisagens eram dadas a ver: através de lentes embutidas em paredes que ampliavam o relevo e a profundidade das vistas, e de uma iluminação a óleo que acrescentava uma tonalidade cálida e onírica muito apreciada pelo espírito romântico.

Apresentado pela primeira vez em Paris, em 1808, como um 'Passeio pitoresco à volta do mundo', o Cosmorama veio antes promover com as suas paisagens uma visão eurocêntrica do mundo e, tal como o Panorama— o espetáculo imersivo com o qual concorreu nas principais cidades da Europa— serviu amplamente o imaginário do imperialismo europeu. Sem



necessidade da logística e dos grandes edifícios exigidos pelos Panoramas, os Cosmoramas conseguiram ser mais práticos e versáteis, com imagens mais pequenas que podiam ser instaladas em apartamentos nos centros das cidades. Por outro lado, a constante renovação das suas vistas (exposições quinzenais) e a sua maior publicidade na imprensa asseguraram-lhe melhores condições para a colonização do imaginário oitocentista brasileiro. Esta colonização era assegurada com a mesma iconografia dos cosmoramas que circulavam na Europa: predominavam as grandes metrópoles europeias da arte, do 'progresso' e da 'civilização', excluindo-se praticamente o 'Novo Mundo', ou seja, a América, assim como também a África ou a Ásia. Nos jornais brasileiros os anúncios das novas paisagens finamente detalhadas de Veneza, de Paris, de Madrid ou do Porto, conviviam com os anúncios da venda de escravos. O retrato destas mercadorias visuais que empoderam o sujeito colonial e que constroem a sua imaginação precisa de ser feito para se compreender (e combater) um dos principais pilares dos imperialismos.

Esta apresentação decorre de um projecto de investigação sobre os Cosmoramas europeus ('Curiositas: Espreitar antes da Realidade Virtual'), que mapeou a sua circulação até à Península Ibérica e posterior itinerância para os Estados Unidos e Brasil. A partir de uma análise de conteúdo de anúncios históricos da imprensa brasileira, serão identificados os Cosmoramas oriundos de Portugal, analisadas as suas exposições e iconografias, assim como as especificidades dos seus públicos. As análises serão ilustradas com pinturas cosmorâmicas de Hubert Sattler, Nicolino Calyo e, entre outros, Jean-Pierre Jazet.

### Referências | References

- Andrews, M. (1999). *Landscape and Western Art*. Oxford University Press.
- Flores, V., & Martins, S. (2022). Virtual Heritage for Virtual Worlds: Researching the Iberian Cosmoramas. In A. Quintana, and J. Pons, *Virtual Worlds in Early Cinema: Devices, Aesthetics and Audiences*, Fundació Museu del Cinema-Col.lecció Tomàs Mallol.
- Huhtamo, E. (2019). Picturesque Promenades around the Word: The Cosmorama and its Cultural Context. In G.Koller (Ed.), *More Than Meets the Eye — The Magic of the Panorama, International Panorama Council*. Büro Wilhelm Verlag.
- Melville, H. (1850). *White-Jacket; or, The World in a Man-of-War*. Harper & Brothers.
- Mitchell, W.J.T. (2002). *Landscape and Power*. The University of Chicago Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Victor Flores é Professor Associado e Diretor do Doutoramento em Artes dos Media e Comunicação na Universidade Lusófona, em Lisboa. Desde 2022 coordena o Early Visual Media Lab no centro de investigação CICANT. É organizador da conferência internacional 'Stereo & Immersive Media: Photography, Sound and Cinema Research' e editor do 'International Journal on Stereo & Immersive Media'. Coordena atualmente os projetos de investigação 'Curiositas: Espreitar antes da Realidade Virtual. Uma Arqueologia dos Media Imersivos através da Realidade Virtual e dos Cosmoramas Ibéricos' (FCT) e 'Congo VR: Decolonising the Panorama of Congo. A Virtual Heritage Artistic Research' (H2020). É autor de publicações (livros e artigos) sobre fotografia histórica, estereoscopia e media imersivos. Em 2021 coordenou a edição científica do 'Catálogo Raisonné da Fotografia Estereoscópica de Carlos Relvas' (<https://carlosrelvascatalogue.pt>).*

*Victor Flores is Associate Professor and Director of the PhD in Media and Communication Arts at Universidade Lusófona, in Lisbon. Since 2022, he coordinates Early Visual Media Lab at the CICANT research center. He is the organizer of the international conference 'Stereo & Immersive Media: Photography, Sound and Cinema Research' and editor of the 'International Journal*



on Stereo & Immersive Media.' Currently coordinates projects investigation 'Curiositas: Peeking before Virtual Reality. An Archeology of Media Immersive through Virtual Reality and Iberian Cosmoramas' (FCT) and 'Congo VR: Decolonizing the Panorama of Congo. A Virtual Heritage Artistic Research' (H2020). He is the author of publications (books and articles) on historical photography, stereoscopy and immersive media. In 2021, he coordinated the scientific edition of the 'Catalogue Raisonné of Stereoscopic Photography by Carlos Relvas (<https://carlosrelvascatalogue.pt>).

## A arte negra em movimento: denegrindo o cubo branco

Stefani Souza de Jesus

Palavras-chave: Coletivo; Decolonial; Negritude; Espaço Expositivo; Pluriversalidade

O presente resumo é fruto de projeto de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, pretende narrar conceitos, contextos e atravessamentos que visam compreender brevemente a construção, organização e atuação do coletivo independente Arte Negra em Movimento - ANEM na cidade de Santa Maria-RS. Tencionando questionamentos sobre a relevância de coletivos e compreendendo como a organização destes, surge, enquanto possibilidade estratégica de revisão à ordem hegemônica e epistêmica ocidentalizada do sistema da Arte.

A conceituação do coletivo ANEM está fortemente imbricada ao conceito filosófico da pluriversalidade, trabalhado pelo filósofo brasileiro Renato Nogueira. O exercício filosófico da pluriversalidade, possibilita o reconhecimento epistemológico de que todas as perspectivas de abordar e interpretar os *modus operandi* devem ser válidas, apontando como equívoco a invisibilidade e o apagamento sistemático de saberes produzidos por grupos minoritários.

O sistema da arte canonizado em um sistema branco, cis gênero, heteronormativo, conservador e eurocêntrico, ocasiona a subalternização e marginalização às demais produções artísticas, que se localizam no exterior desta universalidade ocidental, como: as africanas, afro-diaspóricas, indígenas, asiáticas e oceânicas, por meio, de diferenças raciais (epistemicídio), conceituais (arte erudita x arte popular) e geopolíticas (norte e sul global).

A dinâmica da colonialidade segue nas estruturas culturais contemporâneas, um território, no qual a narrativa ocidental no campo da arte é preservada e em consequência as instituições oficiais do circuito artístico atuam, legitimando, preservando e oficializando determinadas narrativas, em contrapartida, às outras.

Deste modo, as instituições, museus, galerias, fundações, etc., podem condicionar a produção artística contemporânea aos códigos simbólicos e estruturais de um ambiente de arte ainda normativa. O cubo branco, espaço que oferece um pano de fundo: limpo, amplo, gelado, iluminado, branco, isento de excessos e vazio. Um lugar sistematicamente embranquecido não apenas em sua estrutura arquitetônica, mas também em sua estrutura epistemológica.

Frente a isto, o espaço expositivo que perpassa reflexões de si e sobre os *modus operandi* da sociedade, não pode ser posto, enquanto um ambiente neutro e imparcial. Pois os corpos que compõem a sociedade possuem um lugar, que intersecciona questões de raça, gênero e classe. Desse modo, toda exposição pressupõe uma escolha e, portanto, não há neutralidade nos discursos proferidos dentro do cubo branco.

Ao articular, questões de identidade, visibilidade, protagonismo e negritude, nos espaços expositivos institucionais da cidade de Santa Maria-RS, os/as artistas, curadores/as, e pesquisadores/as racializados/as que compõem o coletivo, deslocam-se de modo pluriver-



sal, exercendo o debate contra hegemônico, uma produção epistemológica decolonial, a manutenção e preservação, acerca do que tange a Arte Negra produzida em Santa Maria-RS.

### Referências | References

Carneiro, S. (2014). Epistemicídio. Portal Geledés.

Noguera, R. (2012). Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, (18), 62-73. <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523>

O'Doherty, B. (2002). *No interior do cubo branco: A ideologia do espaço da arte* (1a ed.). Martins Fontes.

Paiva, A. S. (2022). *A virada decolonial na arte brasileira* (1a ed). Mireveja.

Simões, I. M. (2021). Todo cubo branco tem um quê de Casa Grande: racialização, montagem e histórias da arte brasileira. *Revista PHILIA Filosofia, Literatura & Arte*, 3(1), 314-329. <https://doi.org/10.22456/2596-0911.113790>

### Nota biográfica | Biographical note

*Stefani Souza de Jesus. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2023); Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2023 -); Membro do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC (2023 -); Membro do Coletivo Arte Negra em Movimento (2019 -).*

*Degree in Visual Arts from the Federal University of Santa Maria (2023); Master's student in the Postgraduate Program in Visual Arts at the Federal University of Santa Maria (2023 -); Member of the Visual Arts and Creativity Research Group - AVEC (2023 -); Member of the Coletivo Arte Negra em Movimento (2019 -).*



## **Painel 4. Sob a influência de Walter Benjamin, J.Lacan e Ailton Krenak Moderação /Host: Ana Marsillac**

**(7 ago. 11:15-12:30, Auditório do Bloco B, híbrido)**

### **Walter Benjamin, o Antropoceno e o Freio de Emergência da Locomotiva da História**

*Luiz Felipe Soares Araujo e Rose Gurski*

Palavras-chave: Walter Benjamin; Dominação da natureza; Antropoceno; Progresso

A pandemia de COVID-19, crise sanitária que afetou o mundo em escala global, demandou de todos e todas a vivência de uma temporalidade distendida e diferente, em que a alta velocidade das rotinas cotidianas tiveram de ser cessadas de modo súbito, em prol da busca pela sobrevivência e da redução da transmissibilidade do vírus mortal.

Diante disso, vimos melhorias na qualidade do ar provenientes das restrições da pandemia em cerca de 84% dos países, um dos fatores preocupantes para especialistas em mudanças climáticas, em função das novas ondas de calor, secas intensas, aumento do nível do mar e níveis alarmantes de poluição de diversos gêneros. Walter Benjamin, filósofo e ensaísta alemão, na décima-primeira tese sobre o conceito de história, seu escrito testamental, evocou a noção de destruição da natureza pela ânsia capitalista na direção do progresso acelerado e linear. Ele criticou o posicionamento progressista socialdemocrata de Joseph Dietzgen, cuja concepção carregava um conceito corrompido de trabalho no qual tudo estaria à serviço da humanidade, ou seja, a natureza seria reduzida a um artigo "gratuito", uma simples matéria-prima com fins industriais, um objeto de dominação e exploração ilimitado aos humanos. À contrapelo desta posição, Benjamin apelava às utopias dos primeiros socialistas e aos sonhos fantásticos de Fourier a fim de construir uma relação de outro caráter com a natureza. Esta relação estaria apartada dos ditames capitalistas e, portanto, da fetichização da natureza enquanto uma mercadoria e do ímpeto de dominação da natureza no capitalismo de uma forma predatória. Talvez Benjamin tenha nos antecipado a discussão sobre o antropoceno, debatendo de algum modo a importância da crítica ao capitalismo e sua perspectiva de progresso linear, sustentada metaforicamente como um trem acelerado que se dirige em direção ao abismo. Tal "abismo" pode bem ser a catástrofe ecológica em curso que produz, indubitavelmente, a necessária criação de modelos sociais mais justos e sustentáveis, tanto na esfera político-discursiva, quanto na esfera material. Desse modo, interrogamos: de que forma podemos, a partir do pensamento crítico e das narrativas, dar ma-



terialidade a essas concepções sustentáveis que já estavam presentes nas críticas benjaminianas ao modo de vida do capitalismo? Como seria possível “acionar” o freio de emergência na direção de um movimento de transformação social? Como trabalhar com categorias de pensamento que nos ajudem a desconstruir a lógica capitalista de dominação estrita da natureza como matéria-prima e mercadoria? A mirada do progresso veloz e linear da sociedade capitalista, que rumo a uma evolução técnico-científica, tem trazido como consequência um modo utilitarista de consumir a natureza, ou seja, uma lógica de uso e descarte. Benjamin, de forma talvez visionária, chama a nossa atenção para as ameaças futuras num movimento condicional mostrando, já na década de 1930, que resta à humanidade pensar nas condições postas a fim de lidar com a perspectiva afirmativa de um futuro para o mundo. Tal perspectiva emerge, certamente, no tratamento das mudanças climáticas, ou mesmo, como diria Benjamin, acionando o freio de emergência da locomotiva da história, permitindo então o vislumbre de um futuro porvir.

### Referências | References

- Gurski, R., & Strzykalski, S. (2018). A Pesquisa em Psicanálise e o “Catador de Restos”: Enlaces Metodológicos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(3), 406-415. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras.
- Löwy, M. (2005). Walter Benjamin: Aviso de Incêndio – Uma Leitura das Teses “Sobre o Conceito de História”. *Boitempo*.
- Löwy, M. (2019). A Revolução é o Freio de Emergência – Atualidade Político-Ecológica de Walter Benjamin. Em *A Revolução é o Freio de Emergência: Ensaio sobre Walter Benjamin* (pp. 139-148). Autonomia Literária.
- Mate, R. (2011). *Meia-Noite na História: Comentários às Teses de Walter Benjamin “Sobre o Conceito de História”*. UNISINOS.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Luiz Felipe Soares Araujo. Psicólogo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante do NUPPEC/UFRGS-USP e do PSOPOL.*

*Psychologist. Master's student in the Postgraduate Program in Clinical Psychology from the University of São Paulo (USP). Member of NUPPEC/UFRGS-USP and PSOPOL. ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-2101-3383>*

*Rose Gurski. Psicanalista. Membro da APPOA. Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS); professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS; professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do CNPq. Uma das coordenadoras do NUPPEC – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura UFRGS. Pós-doutora pela USP.*

*Psychoanalyst. Member of APPOA. Associate Professor of the Department of Psychoanalysis and Psychopathology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS); professor of the Postgraduate Program in Psychoanalysis: Clinic and Culture at UFRGS; guest professor at the Postgraduate Program in Clinical Psychology at University of São Paulo (USP). CNPq researcher. One of the coordinators of the NUPPEC – UFRGS Research Center for Psychoanalysis, Educa-*





## **No rastro das imagens, os restos da história**

Gabriel Resende

Esta comunicação toma nosso contemporâneo como um momento crítico, em dupla acepção: trata-se tanto de perceber a crise anunciada na chamada de trabalhos – a saturação e homogeneização das imagens – quanto a possibilidade de efetuar sua crítica, em direção a outras políticas das imagens. Para isto, é preciso ler cada imagem no seu “agora de cognoscibilidade”, em que o ocorrido e o atual chocam-se e produzem um lampejo no céu da história, como ensinou Walter Benjamin. Que tais imagens dialéticas tornem-se legíveis é também uma questão de poética: deve-se escrever as imagens, pois é de fato impossível retornar ao passado para dele extrair sua verdade “tal como ele foi”; e, uma vez escritas, trata-se de friccioná-las ao presente, num ato de montagem, para que a incandescência entre o ocorrido e o agora iluminem os limites e possibilidades de cada “agora de cognoscibilidade”, de cada “momento crítico”. Se o mesmo Walter Benjamin diagnosticou, há quase um século, uma crise na experiência e na narração – crise que talvez perdure e se acentue, sob outras modulações –, ele também se encantou por uma poética fragmentária e pela montagem, técnica que aparece numa transversal comum a todas as artes na aurora do século XX. Eis nossa hipótese: Benjamin não teria visto na montagem, justamente, um modo possível de narrar e transmitir a experiência de um mundo em ruínas? Pois se o conceito de história de seu singular materialismo histórico-messiânico depende da “configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior” (Benjamin, 1985a, p. 232), as imagens dialéticas permitiriam suturar o passado e o atual, mostrando o que só pode aparecer no choque entre o presente e o passado. Montagem, então, como gesto de aparição e reparação: não a restauração do que se foi, mas um mosaico com o que resta. Considerar que a montagem é um modo de narrar e interferir no inacabamento do passado e na abertura do presente condensa, assim, a força do que o conceito de história pôde ser para Benjamin: a absoluta inseparabilidade entre um processo real – os “fatos históricos” – e um modo de contar – a história como narração. Esta comunicação pretende apontar o exercício da escrita e da montagem de imagens dialéticas como uma possibilidade de enfrentamento à crise na política das imagens, bem como um dispositivo capaz de fazer aparecer o inacabamento do passado e a instabilidade do presente de um país atravessado pela violência de Estado. Pretende-se partilhar com os colegas uma montagem entre duas imagens escritas, separadas por cinquenta anos: os velórios do estudante Edson Luís, assassinado pela polícia na ditadura militar, e o de Marielle Franco, vereadora e militante de direitos humanos, também morta por dois policiais. A aposta é que nessa e em outras montagens, possa-se vislumbrar figurações da necessária elaboração de um luto sempre inacabado, permanentemente interrompido pela ressurgência das violações mais abjetas, bem como de sua transfiguração numa política da imaginação que afirme a coragem e a solidariedade como artefatos políticos capazes de fazer frente aos nossos momentos críticos.

### **Referências | References**

Benjamin, W. (1985). Sobre o conceito de história. Em *Magia e técnica, arte e política* (Vol 1, pp. 222-232). Brasiliense.



Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência* (A. Lieber, Trad). Autêntica Editora.  
 Didi-Huberman, G. (2013). *O que vemos, o que nos olha*. Editora 34.  
 Didi-Huberman, G. (2021). *Povo em lágrimas, povo em armas* (H. Lencastre, Trad.). n-1 edições.

### Nota biográfica | Biographical note

*Gabriel Lacerda de Resende é professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e autor de "Incendiar a tempestuosa noite: imagens da verdade, imagens da coragem" (7 Letras, 2022). Sua pesquisa atual se desenvolve em torno das possibilidades éticas e políticas das imagens de luto e revolta.*

*Professor in the Department of Psychology at Universidade Federal Fluminense and author of "Igniting the stormy night: images of truth, images of courage" (7 Letras, 2022). His current research revolves around the ethical and political possibilities of images of mourning and revolt.*

## Imaginário, telas e o fim do mundo

*Eduardo Britz e Cláudia Perrone*

Palavras-chave: Imaginário; Psicanálise; Política; Fim do Mundo; Neoliberalismo

Se podemos pensar que as primeiras imagens técnicas produzidas pela humanidade remontam ao paleolítico, na forma da arte rupestre, também se pode pensar que, desde então, os humanos passaram a produzir sempre mais imagens na cultura. Agora, no início século XXI, com a disseminação de telas, possivelmente o volume de imagens digitais já é maior do que todas as imagens produzidas até o fim do século anterior. Ao longo da história, elas foram ganhando prevalência nas culturas capitalistas: vivemos na era das imagens – ou, se quisermos atualizar Guy Debord (1994), na sociedade do espetáculo digital, passando pelos algoritmos e inteligências artificiais. Considerando as teses sobre o estágio do espelho e sobre o registro do imaginário, em Jacques Lacan (1998), nós não só produzimos imagens, mas elas também nos produzem, visto que contribuem no processo de constituição psíquica. Talvez possamos pensar um modo de subjetivação e um laço social mais marcado pelo imaginário, bem como pelos imperativos de gozo e pela progressiva precarização da palavra. Hoje, as telas, enquanto formas importantes de mediação do sujeito com o mundo, produzem, entre outras coisas e de modo paradoxal, imediatismo (no sentido de uma não-mediação), que por sua vez levam à aceleração da cultura. Este ritmo específico, ligado ao trabalho, ao consumo, à exploração da natureza e à falta de espaço para o pensamento crítico, é o mesmo que nos faz desafiar os limites do planeta. Atualmente, a crise climática é o que nos lembra das consequências do modo de "progresso" que as culturas ocidentais optaram por perseguir nos últimos séculos.

Desde este lugar, o que parece nos reservar o futuro? Se as principais imagens do porvir que conseguimos conceber remetem à repetição do mesmo ritmo, ou então às catástrofes, distopias, epidemias, etc., parece que o imaginário têm a ver com isso. Em suma, propomos uma análise crítica da contemporaneidade desde a teoria psicanalítica, levando em conta a circulação de imagens e a imaginarização do laço social, processo que parece contribuir para a produção de subjetividades alinhadas ao projeto neoliberal, culminando naquilo que Fisher (2020) chamou de realismo capitalista, ou seja, a ideia de que não há alternativa, o que torna mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Se queremos pensar



aberturas, alternativas políticas e, ao mesmo tempo, afastar ideais totalizantes, talvez o pensamento de Krenak (2020), entre outros, possa nos inspirar a conceber maneiras de adiar o fim do mundo. A potência dessa via de reflexão vem da possibilidade pensar criticamente nossa capacidade de explorar outras visualidades, outras narrativas, outra imaginação e, enfim, outros futuros, construídos a partir do agora

### Referências | References

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto.

Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do capitalismo do que a sua queda*. Companhia Literária.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*.

Lacan, J. *Escritos* (1980) Jorge Zahar Editor.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Eduardo Britz possui graduação em Ciências Sociais (2014) e em Psicologia (2023), além de ser mestrando do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu projeto de pesquisa propõe uma articulação entre psicanálise, filosofia e outros campos do saber para pensar o imaginário contemporâneo e seus efeitos políticos, sobretudo enquanto atravessado pelo uso das mídias sociais. Entre 2008 e 2022 trabalhou diretamente na área ambiental, com experiência em projetos de sustentabilidade, inclusão social e outros. Atualmente, atende como psicólogo clínico em consultório particular e se interessa por psicanálise, política, cultura digital, neoliberalismo e psicopatologia.*

*Eduardo Britz has a degree in Social Sciences (2014) and Psychology (2023), in addition to being a master's student in the PPG Psychoanalysis: Clinic and Culture, all from the Federal University of Rio Grande do Sul. His research project proposes an articulation between psychoanalysis, philosophy and other fields of knowledge to think about contemporary imagination and its political effects, especially when crossed by the use of social media. Between 2008 and 2022 he worked directly in the environmental area, with experience in sustainability, social inclusion and other projects. He currently works as a clinical psychologist in a private practice and is interested in psychoanalysis, politics, digital culture, neoliberalism and psychopathology.*

*Claudia Perrone possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1988), especialização em Psicoterapia Psicanalítica CELG/UFRGS, mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura desde 2019. Tem experiência na área de psicologia, com ênfase em intervenção terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, clínica e subjetividade, psicanálise e educação, teoria da literatura. Possui diversos artigos e capítulos de livros nas referidas áreas. Psicanalista, participante da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA e coordenadora do Litorais Laboratório de Pesquisas e Estudos em Pesquisa em Psicanálise e Cultura - UFRGS.*

*Claudia Perrone has a degree in Psychology from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (1988), a specialization in Psychoanalytic Psychotherapy CELG/UFRGS, a master's degree in Linguistics and Literature from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul*



(1996) and a PhD in Linguistics and Literature from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (1999). Associate Professor at the Department of Psychoanalysis and Psychopathology at the Institute of Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul and professor at the Postgraduate Program in Psychoanalysis: Clinic and Culture since 2019. She has experience in the field of psychology, with an emphasis on therapeutic intervention, working mainly on the following themes: psychoanalysis, clinic and subjectivity, psychoanalysis and education, theory of literature. It has several articles and book chapters in these areas. Psychoanalyst, participant of the Psychoanalytic Association of Porto Alegre - APPOA and coordinator of the Litorais Laboratory of Research and Studies in Research in Psychoanalysis and Culture - UFRGS.

## **12h30 - Almoço/ Lunch break**

**14h30**

## **14h30 - Performance**

**15h00**

**Imagem e Paisagem Sonoras: performance sonora como método de produção de contra-imagens em Um pedaço de céu, uma faixa de terra**

[Sound Image and Landscape: sound performance as a method of producing counter-images in A piece of sky, a strip of land]

**Lucca Totti**

(Hall do Bloco B / Block B Hall)

## **Em permanência: Mostra de filmes**

**A permanent film screening**

(Miniauditório Bloco B, Block B Mini auditorium)

## **15h00 - Painéis presenciais paralelos /In-person**

**16h30 Parallel panels**



## **Painel 5. Solos e pensamento ecológico Moderação /Host: Rita Cássia**

**(7 ago. 15:00-16:30, Bloco B, presencial)**

### **Etnografia-compostagem: abordagens multimodais ao solo de uma paisagem em ruína**

*Daniela Rodrigues*

Palavras-chave: Onto-epistemologia do Solo; Antropologia multimodal; Agricultura sintrópica; Etnografia compostagem; Ruínas

Esta comunicação apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa multimodal em torno de fricções bio-sociais e onto-epistemológicas (Barad, 2007) a ocorrer numa “paisagem em ruínas” (Tsing, 2015), focando práticas históricas e contemporâneas de regeneração e de ocupação do solo no montado Alentejano. Com base na premissa de que narrativas constroem universos (Haraway, 2016), procuro encontrar formas dissidentes de contar histórias elaborando uma etnografia do solo de um território do sul da Europa, considerando os seus passados, presentes e futuros, as relações multiespécies que o sustentam e os fantasmas que o podem habitar. Foi ao estudar esta paisagem empobrecida e árida do país colonizador que Amílcar Cabral desenvolveu a sua concepção de solo enquanto um corpo histórico sintonizado com processos político-sociais, noção que desempenhou um papel central na teorização das lutas de libertação africanas (César, 2018). Apesar de desafios como seca, erosão do solo e toxicidade resultantes de práticas históricas e contemporâneas de monocultura intensiva, de exploração e de extrativismo, a região acolhe, no presente, como no passado, experimentações dissidentes.

Focamos-nos em particular na colectivização de terras durante a Reforma Agrária dos anos 1970 e sua subversão de ideias de propriedade capitalista; e noutros ensaios sociais que ocorrem nos dias de hoje na região. Atualmente, o Alentejo é uma das localidades com maior incidência de projetos inovadores de regeneração do solo e de projectos pioneiros em agroflorestação de regiões mediterrânicas baseados na Agricultura Sintrópica proposta por Ernst Götsch (1995). Na sua forma, função e dinâmica, esta abordagem de agricultura otimiza a fotossíntese e a produção de biomassa através de políticas de cooperação interespécie. Além do seu valor biológico em termos de regeneração do solo, foco a filosofia sintrópica como inspiração e fio condutor para explorar narrativas sobre o mundo por vir. Acedendo ao passado e simultaneamente perscrutando o futuro, este estudo de caso visa: a) dar a ler a terra numa abordagem geomântica, compreendendo o solo como um arquivo do passado (especialmente dos passados dissidentes, como aqueles que caminharam nesta terra ocupada durante a reforma agrária); b) formular narrativas de um mundo por vir, juntamente com actores, humanos e não humanos, que, no presente, através de alianças multiespécie,



estão a criar sistemas de resistência e abundância. A abordagem multimodal propõe combinar a recuperação (e reapropriação) de arquivos visuais que documentam a ocupação de terras nos anos 1970 com pesquisa etnográfica e criação de imagens em torno de práticas que nutrem e regeneram solos intoxicados e erodidos, com recurso ao desenho e a métodos de eco-revelação fílmica. Inspirada pela proposta literária de “Escritura Compostaje” de Verónica Gerber (Morales 2021) procuro esbater diferenciações entre natureza e cultura, arquivo, testemunho, ficção, linguagem e materialidade. Com intuito de criar uma Etnografia Compostaje, pretendo combinar textos escritos, arquivos e histórias orais com registros visuais de diversas origens, justapondo-os sincronicamente, conjugando dispositivos, espécies, espaços e temporalidades.

### Referências | References

- Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Duke University Press.
- César, F. (2018). “Meteorisations”, available at <https://www.buala.org/en/afroscreen/meteorisations-reading-amilcar-cabral-s-agronomy-of-liberation>
- Götsch, E. (1995). *Break-through in agriculture*. AS-PTA.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Morales, A. C. (2021). “Verónica Gerber: escritura compostaje”, in *Temporales*, available at <https://wp.nyu.edu/gsas-revistatemporales/veronica-gerber-escritura-compostaje/>
- Tsing, A. L. (2015). *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Daniela Rodrigues (Lisboa 1984) é doutora em Antropologia - Políticas e Imagens da Cultura e Museologia e possui formação paralela em desenho e filme etnográfico. Atualmente é pós-doutoranda no IDEAS / AMU - Aix- Marseille Université, onde tem em curso a pesquisa “Lines and Layers for Sintropic Storytelling: An Ethnography of the Soil”, no quadro do projeto Alternative Narrative Forms in Audiovisual Anthropology. O seu trabalho tem interligado a prática artística e académica em formatos multi-modais e colaborativos. Entre 2022 e 2023, realizou ensaios em torno de álbuns de família para o site de fotografia vernacular Foto-Síntese, com apoio do ICNOVA - Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Com o apoio da Direção-Geral das Artes e da Câmara Municipal de Lisboa, entre 2021 e 2022 concebeu, em coletivo, o projeto pluridisciplinar “The Ponds”. No âmbito da sua pesquisa doutoral realizou, com Ana Gandum, a exposição “coisas de lá / aqui já está sumindo eu” (Rio de Janeiro 2016), que teve subsequentes instalações no Arquivo 237 (Lisboa 2017) e no Arquivo Municipal de Lisboa (2019). Em Janeiro de 2020, o livro-objeto resultante desta exposição venceu o Prémio APA Margot Dias e Benjamin Pereira na categoria de melhor ensaio audiovisual em antropologia. Em outubro de 2016, textos e desenhos seus comissariados pelo Goethe Institut integraram o catálogo da exposição “Jogos do Sul” (Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro). Daniela pertence ao CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia, onde integra o NAVA - Núcleo de Antropologia Visual e da Arte. Tem realizado pesquisas nas áreas da Cultura Material, das Migrações Contemporâneas e do Desenho Etnográfico. Sobre esta última temática tem desenvolvido, desde 2015, aulas e workshops teórico-práticos, também em contextos extra-académicos, em Portugal, em França, na Eslovénia e no Brasil.*

*Daniela Rodrigues (Lisbon 1984) has a PhD in Anthropology - Policies and Images of Culture and Museology and has parallel training in drawing and ethnographic film. She is currently a post-*



*doctoral fellow at IDEAS / AMU - Aix- Marseille Université, where she is currently researching "Lines and Layers for Sintropic Storytelling: An Ethnography of the Soil", within the framework of the Alternative Narrative Forms in Audiovisual Anthropology project. Her work has interconnected artistic and academic practice in multi-modal and collaborative formats. Between 2022 and 2023, she carried out rehearsals around family albums for the vernacular photography website Foto-Síntese, with support from ICNOVA - Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. With the support of the Directorate-General for the Arts and Lisbon City Council, between 2021 and 2022 she collectively conceived the multidisciplinary project "The Ponds". As part of her doctoral research, she carried out, with Ana Gandum, the exhibition "things from there / here I am already disappearing" (Rio de Janeiro 2016), which was subsequently installed at Arquivo 237 (Lisbon 2017) and at the Lisbon Municipal Archive (2019). In January 2020, the book resulting from this exhibition won the APA Margot Dias and Benjamin Pereira Award in the category of best audiovisual essay in anthropology. In October 2016, texts and drawings curated by the Goethe Institut were included in the catalog of the exhibition "Jogos do Sul" (Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro). Daniela belongs to CRIA - Anthropology Research Network Center, where she is part of NAVA - Visual and Art Anthropology Center. She has carried out research in the areas of Material Culture, Contemporary Migrations and Ethnographic Design. Since 2015, she has been developing theoretical-practical classes and workshops on this last theme, also in extra-academic contexts, in Portugal, France, Slovenia and Brazil.*

## **Solo enquanto um organismo vivo e um agente da ecologia do cuidado**

*Daniela Dalbosco Dell'Aglio*

Palavras-chave: Solo; Ecologia; Cuidado; Interdependência

Este trabalho parte de uma tese de doutorado que abordou as práticas de cuidado na Comuna Pachamama, localizada em um assentamento na zona rural do estado do Rio Grande do Sul, que se identifica enquanto anarquista e tem como uma de suas tarefas cotidianas o compartilhamento do cuidado das crianças. Através da experiência etnográfica de uma "pesquisadora-mãe" foi possível traçar uma ecologia que deflagra como o cuidado se torna possível neste espaço. Dentre essas práticas, foi possível perceber a agência do solo no campo ecológico e interdependente do cuidado, levando em consideração suas especificidades, uma vez que a Comuna carrega um histórico de tentativa e erro do campo do plantar. Lá, o solo foi analisado enquanto constituído de matéria argilosa e lençóis de água salobra, o que dificulta a prática do plantio de lavouras e hortas.

Solo, conforme aponta Isabela Noronha (2018), em diálogo com Puig de la Bellacasa (2014), cientificamente e materialmente falando, refere-se a uma camada da Terra derivada da decomposição de rochas e de restos de animais ou vegetais, composta por materiais inorgânicos e orgânicos, que pode ser tratada tanto pela sua composição química quanto enquanto uma teia de organismos vivos. Ainda, solo se refere a um objeto que demanda atenção, cuidado, preocupação para além dos círculos científicos, como de ativistas ambientalistas, agricultores ou jardineiros. Solo, ainda, é onde se pisa, onde se planta. O solo também carrega, com ele, ancestralidade, vestígios, resíduos, história. E com isso, Puig de la Bellacasa (2014) sugere que pode existir uma "lacuna" em nosso entendimento sobre o solo, lacuna esta que ela sinaliza enquanto a possibilidade de compreendê-lo enquanto uma



matéria viva, ou ainda, enquanto uma “unidade relacional e a teia biodiversa da qual nós humanos fazemos parte” (Noronha, 2018). Isso não significaria dizer que, cientificamente, o solo é interpretado como uma matéria inerte, mas que o foco não tem sido sua dimensão ética ou afetiva, tampouco relação entre a humanidade e as multiespécies.

Para Puig de la Bellacasa (2014) seria necessário enxergar os humanos como membros da comunidade do solo, e não apenas enquanto consumidores ou beneficiários de um serviço. Com isso, é possível reformular a definição ecológica de solo vivo para afirmar que os humanos estão envolvidos na criação do solo, bem como se adaptam à vida dentro dele (Puig de la Bellacasa, 2014). Ao chegar a um território, a um lote de terra, não basta “apenas” colocar sementes na terra. É necessário plantar. Este ato está carregado de, além de um conhecimento, uma prática de tentativa e erro. É preciso conhecer o solo, identificar sua compactação, compreender como as raízes vão se espalhar. É necessário identificar a posição solar conforme a necessidade das plantas, assim como eleger qual a melhor época do ano/ temperatura para plantar determinado alimento. Por isso, aposta-se aqui, em diálogo com Puig de la Bellacasa (2017), na ideia de solo enquanto um organismo vivo, “living soil”, assumindo que a composição de componentes presentes no solo tem interações constantes: relação humano-solo.

### Referências | References

- Noronha, I. (2018). Entre o solo e a terra: mulheres inseridas em experiências de agroecologia no MST [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas]. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633989>
- Puig de la Bellacasa, M. (2014). Encountering bioinfrastructure: Ecological struggles and the sciences of soil. *Social Epistemology*, 28(1), 26-40. <https://doi.org/10.1080/02691728.2013.862879>
- Puig de la Bellacasa, M. (2017). *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds*. University of Minnesota Press.

### Nota biográfica | Biographical note

#### **Sou Daniela Dalbosco Dell’Aglio, estou como Pós-doutoranda do PPG Psicologia**

*e Saúde (UFCSA). Este pós-doutorado trata-se de um edital estratégico, o qual planejo e executo tarefas em conjunto ao PPG. Sou Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021), onde foi membro do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX/UFRGS) e colaboradora do Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça (CRDH/UFRGS). A minha tese intitula-se “Ecologia do cuidado: práticas cotidianas e arranjos de imprevisibilidades em uma comuna rural” a qual tratou a respeito das materialidades atravessadas às redes que fazem o cuidado ser possível. Neste momento, debruço-me nos estudos ecológicos, me aproximando de Latour, Haraway e Puig de la Bellacasa, os quais contribuíram para a compreensão de interdependência entre agentes humanos e não humanos. Meus estudos centram-se no campo epistemológico dos estudos de gênero, política e ciência feminista, feminismos e cuidado. Posteriormente a conclusão do doutorado, fui professora de uma universidade privada em Porto Alegre, cidade em que resido, por um ano e meio. Ainda possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (2012), especialização em “Instituições em Análise” pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014) e mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016).*

*I’m Daniela Dalbosco Dell’Aglio, I’m a Postdoctoral Fellow at PPG Psychology and Health (UFCSA). This post-doctorate is a strategic call for proposals, in which I plan and execute tasks*





together with the PPG. I have a PhD in Social and Institutional Psychology from the Federal University of Rio Grande do Sul (2021), where I was a member of the Research Center on Sexuality and Gender Relations (NUPSEX/UFRGS) and a collaborator at the Reference Center for Human Rights, Gender Relations, Sexual Diversity and Race (CRDH/UFRGS). My thesis is entitled "Ecology of care: everyday practices and arrangements of unpredictability in a rural commune" which dealt with the materialities permeated by the networks that make care possible. At this time, I focused on ecological studies, approaching Latour, Haraway and Puig de la Bellacasa, who contributed to the understanding of interdependence between human and non-human agents. My studies focus on the epistemological field of gender studies, feminist politics and science, feminisms and care. After completing my doctorate, I was a professor at a private university in Porto Alegre, the city where I live, for a year and a half. I also have a degree in Psychology from the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (2012), a specialization in "Institutions in Analysis" from the Federal University of Rio Grande do Sul (2014) and a master's degree in Social and Institutional Psychology from the Federal University of Rio Grande do Sul (2016).

## Estudos sobre fungos e montanhas

Tuane Eggers

Palavras-chave: Contaminações; Fotografia; Fungos; Impermanência; Simpoiese

A série *Estudos sobre fungos & montanhas* é um desdobramento de minha pesquisa de mestrado na área de Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS). O estudo intitulado *A Poética dos Fungos* busca experimentar uma linguagem fotográfica em conjunto com os fungos como um de seus agentes criadores, por meio de sua propagação sobre fotografias impressas, tendo como base teórica o conceito de simpoiese proposto por Donna Haraway. Em sua própria ontologia, com suas características de decompor e de transformar a matéria, os integrantes do Reino Fungi atuam como organismos de interação entre a vida e a morte.

Como sugere Donna Haraway, ainda é tempo de levantar novos termos que possam abrigar outras histórias, imaginar épocas que possam reconstituir refúgios para todos os seres, humanos e não humanos. Em contraponto, ou complemento, ao *antropoceno*, Haraway propõe o termo *chthuluceno*, e sugere pensar em formas de fazer-com, tornar-com: é nesse sentido que acontece meu trabalho em cocriação com os fungos.

As imagens fotográficas escolhidas para a série foram feitas na região da Cordilheira dos Andes, no Peru, tendo as geleiras no pico das montanhas como uma imagem que marca o atual período de aquecimento global em que vivemos. A escolha de cocriar com fungos sobre a imagem das montanhas se deu com o objetivo de jogar com as escalas micro e macro, para pensar a importância de considerar os seres ínfimos e sua capacidade de transformar. Ao induzir a propagação dos fungos sobre minhas imagens fotográficas, contamos juntos novas histórias e criamos novas possíveis paisagens.

Vejo o movimento dos fungos sobre as fotografias forma, também utópico, como uma imagem que representa a pesquisa e o desenvolvimento da série e também a qualidade da arte. Como poderia a fotografia eternizar sua fisicalidade, está inserida nos fluxos da matéria. Na mesma medida em que seres ínfimos e silenciosos espanto por sua capacidade de decompor, eles soam como uma possibilidade de continui-



dade. Se a mudança é o que há de mais estável no mundo, a garantia de que, depois dos humanos, o planeta seguirá com outros habitantes, espécies e reinos. Toda a matéria que as invenções: o fim do mundo retroprojeta um início que seguirá existindo — porque, na lógica dos fluxos da matéria.

### Referências | References

Danowski, D., & Viveiros de Castro, E. (2017). *Há mundo por vir?* ensaios sobre os medos e os fins. Cultura e Barbárie.

Haraway, D. J. (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.

Sheldrake, M. (2021). *A trama da vida: como os fungos constroem o mundo* (G. Stam, Trad.). Fósforo / Ubu Editora.

Tsing, A. L. (2015). *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.

### Notas biográficas | Biographical notes

Tuane Eggers is a PhD student in Visual Poetics at the same institution (2021) and a journalist. Her arts is focused on photography, with themes related to life. In her current research, she investigates memory and co-creation, in an attempt to emotionally resonate. She has five independent photobook publications. Her travels such as Japan, Germany, Argentina and Russia also works in the audiovisual field.



## Panel 6. Counter-image and ecological thinking Moderação /Host: Renae Watchman

(7th ago. 15:00-16:30, Block E, presential)

### Animation as countering-image: Ecology and sustainability in Frailejón Ernesto Pérez series and transmedia project

*Juan Guerrero-Hernandez*

Keywords: Sustainability; Eco-animation; Edutainment; Indigenous epistemologies; Animated Parable

Animation is key in the production of counter-visualities. Piragna Studios, a female-led team with experience in songs video and committed to changing human mindsets, and RTVC (Colombia's public radio and television system) co-produced an animated series to accompany early childhood development and single mothers. While producing the series, the team participated in a game on water footprint and learned about the importance of frailejón, a native species in Colombia, Venezuela, and Ecuador, known for contributing to water sustainability. Intending to teach water protection and sustainability, the studio

created the caretaker and superhero Frailejón Ernesto Pérez (FEP), a sweet mounter-like character with a chubby torso, succulent hair, and several eyes. Thanks to the team's awareness of plausible good reception of the song video beyond early childhood in the contexts of multivocal social and ecological movements emerging during the social protests in the country (2019-2022), Piragna posted the video on TikTok in February 2022. It soon became viral and, by August, had been shared about 300 million times. This immediately impacted the team's plans and FEP's animation and transmedia project emerged with support from the leftist Administration (including the newly rebaptized Environment and Sustainable Development Ministry) that arrived in power in August 2022. FEP's animated series and transmedia project were born, and FEP became an influencer, placing life and sustainability at the center of the national conversation.

The paper discusses the context and FEP's animation and transmedia project that involves the fragmentation of the story into episodes and uses emotions and narrative to transform the audience into agents (Phillips 2012) in the assemblage of the story. The project was designed as an edutainment product that responds to the needs of environmental education and overcomes limitations of the mainstream children's film that, following a logic of mono-culture and extraction, trains young viewers in the practices of spectatorship and consumption that uncritically align with capitalism (Hawley 2022) and fall into greenwashing (Brinkmann 2023). In consonance with popular education, critical pedagogy, emancipation, and decolonialism (Freire 1970; Walsh 2012), the animated and transmedia series provides an audiovisual experience that offers an alternative to conventional media-spectatorship, fosters an understanding of territory as an ethical and political space (Potiguara 2004), and introdu-



ces indigenous epistemology decentering the human and emphasizing connectedness with nature. Assuming the audience as agents with intellectual and social capacities for social change and avoiding the flaws of children's films such as Wall-E that have significant silences about viable solutions and undercut any serious message about environmental protection (Moore 2015), each of the series and transmedia project's episodes adopts a bid closer to the "animated parable" (Brown and Lindvall 2019) to introduce actors who, from below, have been independently working on sustainability for many years, invite the public to research about those actors, natural phenomena, and institutions related to Climate Action, Life on Land, and Water Sustainability, foster eco-education about sustainable solutions and collaboration, and introduces the audience to a decolonial stance in pro of revolutionary emancipation from neoliberal politics on natural resources, economy, and life.

### References | Referências

- Brinkmann, R. (2023). Defining Sustainability. In R. Brinkmann (Ed.), *The Palgrave Handbook of Global Sustainability* (pp. 3-22). Palgrave Macmillan.
- Brown, W. J., & Lindvall, T. R. (2019). Green Cartoons: Toward a Pedagogy of the Animated Parable. *Animation*, 14(3), 235-249. <https://doi.org/10.1177/1746847719881701>
- Freire, P. (1970). *Cultural Action for Freedom*. Harvard Educational Review.
- Hawley, E (2022). *Environmental Communication for Children: Media, Young Audiences, and the More-Than-Human World*. Palgrave Macmillan.
- Moore, E. E. (2015). Green Screen or Smokescreen? Hollywood's Messages about Nature and the Environment. *Environmental Communication. mental Communication*, 10(5), 539-555. <https://doi.org/10.1080/17524032.2015.1014391>
- Phillips, A. (2012). *A creator's guide to transmedia storytelling: How to captivate and engage audiences across multiple platforms*. McGraw Hill Professional.
- Potiguara, E (2018). *Metade cara, metade máscara*. Grumin.
- Walsh, C. (2013). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Abya Yala.

### Biographical notes | Notas biográficas

*Juan Carlos Guerrero-Hernandez is an Assistant Professor in Art History at the University of Nevada-Reno, a Ph.D. in Art History (Stony Brook University), and an M.A. in Philosophy (National University of Colombia). He writes about global contemporary art and culture, particularly on collective memory, testimony, decoloniality, intermediality, and moving image. His work has been published in venues such as TDR/The Drama Review, Photographies, Cinergie-Il Cinema e le altre Arti, and edited books such as Ventriloquism, Performance, and Contemporary Art (Routledge 2023), Pop Cinema (Edinburgh University Press 2024), and Walking with the Enemy: The Art of Subversive Mimicry in the Post-Truth Era (Manchester University Press 2025).*

*Juan Carlos Guerrero-Hernandez é professor assistente de História da Arte na Universidade de Nevada-Reno, com doutorado em História da Arte (Stony Brook University) e mestrado em Filosofia (Universidade Nacional da Colômbia). Ele escreve sobre arte e cultura contemporâneas globais, particularmente sobre memória coletiva, testemunho, decolonialidade, intermedialidade e imagem em movimento. Seu trabalho foi publicado em locais como TDR/The Drama Review, Photographies, Cinergie - Il Cinema e le altre Arti, e editou livros como Ventriloquism, Performance, and Contemporary Art (Routledge 2023), Pop Cinema (Edinburgh University Press, 2024) e Caminhando com o Inimigo: A Arte do Mimetismo Subversivo na Era Pós-Verdade (Manchester University Press, 2025). E-mail: juancarlosg@unr.edu. Web: <https://juancarlosguerrerohernandez.com>*



## Threats to Winter Threatens Stories and Kinship: Extracting Indigeneity from Darlene Naponse's "Stellar"

Renaë Watchman

Keywords: Indigenous film; Anishinaabe epistemologies; Indigenous literary arts; Climate change in fictional visual and literary media

The 2022 experimental feature-length film *Stellar* by Anishinaabe (Ojibwe) filmmaker Darlene Naponse directly responds to the queries of the 2024 Counter Image International Conference. *Stellar* intersects at Indigenous visual storytelling autonomy and the world outside. The film comments on love and relationships, the climate catastrophe, and Indigenous knowledges (of origins and destructions through an Anishinaabe aesthetic). In tandem to the film and its cinematic representations of the environment, this paper is framed by Anishinaabe novelist Louise Erdrich's *Future Home of the Living God* (2017), a dystopian "Wonderwork" (Daniel Heath Justice). The closing words of which wonder where her progeny will be when the last snow falls. Privileging Indigenous, specifically-Anishinaabe epistemes, I will argue that environmental and climate crises threaten our very ability to simply tell stories—which are Indigenous knowledges and theories; some of which teach about kinship (love, relationality, family). The absence of nature, of snow and seasons, absent Indigeneity. Both Naponse and Erdrich interrogate these phenomena in their distinct pieces, which I will put into conversation to uplift and privilege Anishinaabe thought as a metric to speak against the extraction of Indigeneity, Indigenous epistemologies, and Indigenous futures. This paper is one small part of a larger project on "Racialized Ecologies," wherein I explore how literary Wonderworks by Indigenous authors and auteurs imagine belongingness, kinship, languages, and happiness in worlds that are dystopic and dying.

### References | Referências

- Doerfler, J., Stark, H. K., & Sinclair, N. J. (2013). *Centering Anishinaabeg Studies: Understanding the World Through Stories*. Michigan State University.
- Erdrich, L. (2017). *Future Home of the Living God*. HarperCollins.
- McGregor, D., & Restoule, J.P. (2018). *Indigenous Research: Theories, Practices, and Relationships*. Canadian Scholars.
- Naponse, D. (2022) (director). *Stellar*.
- Silko, L. M. (1996). Landscape, History, and the Pueblo Imagination. In C. Glotfelty and H. Fromm (Eds.), *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (pp. 264–75). University of Georgia Press.

### Biographical note | Nota biográfica

Renaë Watchman is an associate professor of Indigenous Studies at McMaster University. Watchman's teaching and research interests are in Indigenous literary arts and Indigenous film studies. Dr. Watchman is enrolled with the Navajo Nation (Shiprock agency) in New Mexico. She is Bitter Water Clan, born for the Towering House Clan. Her maternal grandfather was Cherokee from Tahlequah, Oklahoma, and they are Bird Clan. Her paternal grandfather was from the Red



Running Through the Water Clan. Diné stories illustrate the kinship responsibilities of the Tódich'í'nii as philosophers and educators, and the Kinya'áanii as leaders and guides. As a post-secondary educator and scholar, she takes very seriously these foundational teachings, grounded in the Diné philosophy of hózhó: a state of harmony, peace, wellness, and balance. Her monograph, *Restoring Relations Through Stories: from Dinétah to Denendeh* (2024) with the University of Arizona Press, introduces, synthesizes, and analyzes traditional stories by Diné and Dene storytellers in orature and film. Restoring storied autonomy, identities, kinship, and languages is coming to a state of harmony, beauty, wellness, peace, and balance, or hózhó by recognizing hane' (story/narrative) in oral, literary, and visual formats (spoken, published, directed, and beaded). The book conceptualizes narrative autonomy as hane'tonomy and visual storytelling from a Diné perspective and offers a map for restorying that resists inauthentic and misappropriated stories. Watchman's argument privileges Indigenous narratives and how these narratives are tied to land and relations. In the book's final movement, the author explores the power of story to forge ancestral and kinship ties between the Diné and Dene, across time and space through re-storying of relations.

*Renae Watchman é professora associada de Estudos Indígenas na Universidade McMaster. Os interesses de ensino e pesquisa de Watchman estão nas artes literárias indígenas e nos estudos cinematográficos indígenas. Dr. Watchman está inscrita na Nação Navajo (agência Shiprock) no Novo México. Ela é do Bitter Water Clan, nascida para o Towering House Clan. Seu avô materno era Cherokee de Tahlequah, Oklahoma, e eles são do Bird Clan. Seu avô paterno era do Red Running Through the Water Clan. As histórias Diné ilustram as responsabilidades de parentesco dos Tódich'í'nii como filósofos e educadores, e dos Kinya'áanii como líderes e guias. Como educadora e acadêmica do ensino superior, ela leva muito a sério esses ensinamentos fundamentais, fundamentados na filosofia Diné de hózhó: um estado de harmonia, paz, bem-estar e equilíbrio. Sua monografia, Restaurando relações por meio de histórias: de Dinétah a Denendeh (2024) com a University of Arizona Press, apresenta, sintetiza e analisa histórias tradicionais de contadores de histórias Diné e Dene em oraturas e filmes. Restaurar autonomia, identidades, parentesco e línguas históricas é chegar a um estado de harmonia, beleza, bem-estar, paz e equilíbrio, ou hózhó, reconhecendo hane' (história/narrativa) em formatos orais, literários e visuais (falado, publicado, direcionado e frisado). O livro conceitua autonomia narrativa como hane'tonomia e narrativa visual a partir de uma perspectiva Diné e oferece um mapa para restaurar que resiste a histórias inautênticas e indevidamente apropriadas. O argumento de Watchman privilegia as narrativas indígenas e como essas narrativas estão ligadas à terra e às relações. No movimento final do livro, a autora explora o poder da história para forjar laços ancestrais e de parentesco entre os Diné e os Dene, através do tempo e do espaço, através da re-história das relações.*

## The Importance of Images and Counter-images in Climate Fiction

Marinică Tiberiu Şchiopu

Keywords: Cli-fi; Counter-image; Ecocriticism; Environmental awareness; Image



The present paper aims to analyse the role of mental images and counter-images in the relatively new genre of climate fiction. A literary text is a sequence of mental (counter)images generated by the words the author used to convey a message to readers. Irrespective of the technique involved by a piece of fiction (either description or dialogue/monologue), it operates with ideas inferred from the (counter)images caused by words. Thus, the reasoning process of readers is based on the visual consequences of terms during reading. Due to this characteristic, fictional texts can be easily made into films or played in theaters. The main purpose of cli-fi is to raise environmental awareness to generate action in tackling the climate change; in this case, counter-images might be more effective. This study elaborates on the significance of the mental projections caused by cli-fi in fighting against environmental issues. Some of the research questions of this analysis are: "Are mental (counter)images important for climate fiction?", "What are the emotional implications of (counter)images for cli-fi readers?"; "Can these mental projections influence environmental awareness and action?" To reach the conclusion of the proposed paper, the following methods are indispensable: close reading, ecocriticism, geocriticism, stylistics and hermeneutics.

### References | Referências

- Barrows, A. (2016). *Time, Literature and Cartography After the Spatial Turn: The Chronometric Imaginary*. Palgrave Macmillan.
- Dědinová, T., Łaszkiwicz, W., & Borowska-Szerszun, S. (2021). *Images of the Anthropocene in Speculative Fiction: Narrating the Future*. Lexington Books.
- Kaplan, E. A. (2016). *Climate Trauma: Foreseeing the Future in Dystopian Film and Fiction*. Rutgers University Press.
- Kaup, M. (2021). *New Ecological Realisms: Post-Apocalyptic Fiction and Contemporary Theory*. Edinburgh University Press.
- Tally Jr., Robert T., & Battista, C. M. (Eds.).(2016). *Ecocriticism and Geocriticism: Overlapping Territories in Environmental and Spatial Literary Studies*. Palgrave Macmillan.

### Biographical note | Nota biográfica

Marinică Tiberiu Şchiopu is a Romanian language lecturer at Romanian Language Institute (Bucharest, Romania) and he teaches Romanian language, literature and civilization at University of Delhi (New Delhi, India). He holds a PhD in Comparative Literature and he took part in scientific events (in-person and online) in Romania, USA, UK, Turkey, Brazil and India. His academic interests include Climate Fiction, Comparative Studies, Cultural Memory, Ecocriticism, Geocriticism, Interculturality, Intertextuality and Oriental Studies.

Marinică Tiberiu Şchiopu é professor de língua romena no Instituto de Língua Romena (Bucareste, Roménia) e ensina língua, literatura e civilização romena na Universidade de Deli (Nova Deli, Índia). É doutor em Literatura Comparada e participou em eventos científicos (presenciais e online) na Roménia, EUA, Reino Unido, Turquia, Brasil e Índia. Os seus interesses académicos incluem Ficção Climática, Estudos Comparativos, Memória Cultural, Ecocrítica, Geocrítica, Interculturalidade, Intertextualidade e Estudos Orientais.

E-mail: [marinica.schiopu@gmail.com](mailto:marinica.schiopu@gmail.com)



## Painel 7. Contra-imagens e ecologia política Moderação /Host: Inês Beleza Barreiros

(7 ago. 15:00-16:30, Bloco F, presencial)

### Pedra Solta

*Caroline Maldaner Jacobi*

Palavras-chave: Imagem; Fotografia; Paisagem; Ruína; Colonialismo

Para a antropóloga Anna Tsing (2019), investigar paisagens requer atenção aos rastros, a coisas e seres de diversas escalas, exercício que pode revelar existências do presente invisibilizadas, mas também assembleias atuando em dinâmicas históricas: “Por história, refiro-me aos rastros e sinais humanos e não humanos, a como estes criam paisagens. [...] Prestar atenção às temporalidades das paisagens permite-nos observar sua dinâmica intersticial.” (Tsing, 2019, p. 94).

A partir da proposta de uma residência artística coletiva que propôs um diálogo sobre dois lugares com mesmo nome, mas situados em países diferentes - um Fundão do Brasil e um Fundão de Portugal - iniciou-se um trabalho de pesquisa a partir de rastros em paisagens destes lugares: paisagens de imagens de mapas digitais, paisagens sonoras de rádios destes locais e paisagens coletadas em uma deriva fotográfica presencial realizada em um desses fundões, o do Brasil, localizado no Rio de Janeiro. Um processo de investigação que resultou em uma obra artística em vídeo; um mergulho em paisagens permeadas pelos problemas da exploração moderna e colonial e que culmina nas paisagens do Antropoceno.

Durante a deriva fotográfica presencial realizada em uma destas paisagens, um rastro saltou aos olhos e significou o início desta narrativa audiovisual: uma pedra solta de um calçamento de pedra portuguesa. Também chamada de mosaico português, esta prática comum de calçamento com ornamentos e histórias surgiu entre meados do século XIX, prosperando em Portugal e em sua maior colônia, o Brasil. Uma prática que povoou as paisagens de cidades brasileiras e portuguesas, ajudando a compor o cenário da arquitetura modernista no Brasil e a contar histórias nacionais em cidades portuguesas, como a história do vinho do Porto. Um trabalho realizado de forma manual, antigamente pelos chamados mestres calceteiros, mas que atualmente vem sendo substituído por pisos considerados mais seguros. De fato, muitas das pedras se soltam e viram rastros da atividade humana. Eles precisam ser consertados, olhados por alguém. Todas as imagens, para surgirem e permanecerem vivas, precisam ser também sempre construídas e olhadas por alguém.

O mesmo acontece com as fotografias das paisagens de mapas digitais, essas também compostas por suas pedras, os pixels - suas artificialidades geradas pelas câmeras digitais: “[...] como produto humano, ela cria também com esses dados luminosos uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela.” (Machado, 1984, p. 41). Nos rastros que revelam a composição, quebra-se a ilusão de objetividade dessas imagens, assim como nas pedras soltas portuguesas, construções que são herança de um projeto





colonial e moderno, no qual se revela tanto a história, como o presente. A quebra da estética realista dessas fotografias multiplica-as, as torna imagens-ficção (Dubois, 2017), mais uma das representações possíveis deste mundo, potencializando o caráter ficcional da fotografia desses nossos fe(i)tiches modernos (Latour, 2002), e abrindo espaço para o questionamentos e invenções por parte do espectador, exercício profícuo para um repensar das relações e miradas sobre as paisagens, ruínas e modernidades híbridas no Antropoceno.

### Referências | References

- Dubois, P. (2017). Da imagem-traço à imagem-ficção: O movimento das teorias da fotografia de 1980 aos nossos dias. *Discursos fotográficos*, 13(22), 31-51. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v-13n22p31>
- Latour, B. (2002). Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. EDUSC.
- Machado, A. (1984). A ilusão especular: introdução à fotografia. Brasiliense/Funarte.
- Tsing, A, L. (2019). Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. IEB Mil Folhas.

### Nota biográfica | Biographical note

*Caroline Jacobi é artista visual, fotógrafa, pesquisadora e ativista ambiental. Desde 2013, realiza uma pesquisa artística e teórica sobre ambiente, mudanças climáticas e territórios. Tem como interesse poético e estético as paisagens híbridas, que busca abordar a partir de fotografias digitais, analógicas e colagens de pixels e outros recortes de imagens. É doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ.*

*Caroline Jacobi is a visual artist, photographer, researcher and environmental activist. Since 2013, she has carried out artistic and theoretical research on the environment, climate change and territories. Her poetic and aesthetic interest is hybrid landscapes, which she seeks to approach using digital and analogue photographs, pixel collages and other image cuts. She is a PhD student in Communication and Culture at UFRJ.*

## O 16° buraco de Vale do Lobo: golf, visualidade, plantanoceno

*Inês Beleza Barreiros*

Palavras-chave: Plantanoceno; Golf; Ideoscape; Visualidade; Contra-Visualidade

Em 2023 Portugal foi eleito “Melhor Destino de Golf do Mundo” na 10a Edição dos World Golf Awards, em Abu Dhabi. Há anos que o país se promove como “destino de golfe de excelência”. Segundo o Turismo de Portugal actualmente há 89 campos de golfe no país, sendo que a introdução deste desporto se deu no final do século XIX pela colónia inglesa do Porto. Promovido como desporto elitista por quem nele investiu, como Donald Trump, o campo de golfe é o lugar onde o “golfer-in-chief” do Norte Global faz os seus negócios e onde se desenha muita da geopolítica mundial, com consequências ambientais catastróficas, sobretudo no Sul Global. O campo de golfe é “paisagismo de necropoder”. Longe estamos da sua origem, na Escócia do século XV, em que a sua localização era nas terras públicas, nas mais baratas – as dunas da praia – e classes sociais se misturavam.

Hoje o campo de golfe configura um clássico exemplo de uma (visual) “ideoscape”, dando forma a um capitalismo que não é apenas económico, mas também cognitivo: uma paisagem criteriosamente construída e que, justamente, ensaia uma fusão artificial e artificiosa



entre “Humanidade” e “Natureza”, no momento em que esta relação parece eclipsar-se de vez com a catástrofe ecológica em curso. Não é ao acaso que activistas climáticas têm promovido diversas acções em campos de golfe, como injectar cimento nos seus buracos, ou neles ensaiar plantar árvores ou desenhar hortas. Desta forma, as activistas expõem a artificialidade daquela paisagem e a actual ameaça que ela constitui para o acesso público à água potável e para as culturas locais. No Algarve e agora também no Alentejo tais ameaças são já uma realidade.

O campo de golfe emerge, assim, como o objecto em que a (artificial) dialéctica entre “Humanidade” e “Natureza” é mais evidente e a qual me proponho explorar no meu paper a partir de um estudo de caso, o *Royal Golf Course*, em Vale do Lobo, no Algarve. Deter-me-ei não só na realidade física e histórica dessa intervenção “paisagística”, com consequências brutais no território, como sejam a desertificação e o recuo da linha de costa com a aceleração da erosão que provoca nas arribas pelo uso constante de água – o que, aliás, é o que confere ao campo de golfe o seu aspecto (ideologicamente) lustroso. Será também analisada a hermenêutica da visualidade que dela se desprende como materialidade espectral da Plantação, a qual é comum a todos os campos de golfe e tão perfeitamente esclarecedora do espaço ocupado pela variável “Natureza” na equação do Plantationoceno/Capitaloceno.

### Referências | References

- Casid, J. (2021). Landscape Vertigo. *Huntington Library Quarterly*, 84(3), 635-55. <https://doi.org/10.1353/hlq.2021.0039>
- Demas, L. (2017). *Game of Privilege: An African American History of Golf*. University of North Carolina Press.
- Demos, T. J. (2020). *Beyond the World's End: The Art of Living at a Crossing*. Duke University Press.
- Krenak, A. (2022). *O Futuro é Ancestral*. Companhia das Letras.
- Haraway, D. (2015). Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*, 6(1), 159–165. <https://doi.org/10.1215/22011919-3615934>
- Mirzoeff, N. (2011). *The Right to Look: a Counterhistory of Visuality*. Duke University Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Inês Beleza Barreiros é historiadora de arte, crítica cultural e curadora, desenvolvendo o seu trabalho dentro e fora da academia. A sua investigação debruça-se sobre a forma como a arte e as imagens são objectos produtores de conhecimento e as sobrevivências do colonialismo no mundo luso-afro-brasileiro. É doutorada em Media, Cultura e Comunicação (especialização em Cultura Visual e Estudos da Memória) pela New York University, mestre em História da Arte Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa e licenciada em História, variante História da Arte pela Universidade de Lisboa. Actualmente, Inês é investigadora integrada do ICNOVA, na FCSH-UNL, e tem trabalhado em documentários premiados que exploram a relação entre o cinema e as outras artes. As suas publicações incluem artigos em revistas académicas internacionais, bem como capítulos de livros em prestigiadas editoras. É autora do livro “Sob o Olhar de Deuses sem Vergonha:” Cultura Visual e Paisagens Contemporâneas (2009) e está actualmente a preparar Thinking Visually: The Afterlives of Portuguese Imperialism.*

*Inês Beleza Barreiros is an art historian, cultural critic and curator, developing her work inside and outside the academy. Her research focuses on the way in which art and images are objects that produce knowledge and the survival of colonialism in the Luso-Afro-Brazilian world. She has a PhD in Media, Culture and Communication (specialization in Visual Culture and Memory Studies) from New York University, a master's degree in History of Contemporary Art from Uni-*



versidade Nova de Lisboa and a degree in History, Art History variant from the University of Lisbon. Currently, Inês is an integrated researcher at ICNOVA, at FCSH-UNL, and has worked on award-winning documentaries that explore the relationship between cinema and other arts. Her publications include articles in international academic journals, as well as book chapters in prestigious publishers. She is the author of the book "Sob o Olhar de Deuses sem Vergonha:" *Cultura Visual e Paisagens Contemporâneas* (2009) and is currently preparing *Thinking Visually: The Afterlives of Portuguese Imperialism*. <https://www.inesbelezabarreiros.com>

## Os moitas de Rio Bonito de Cima

Pedro Urano

Palavras-chave: Etnografia Visual; Cultura Visual; Culturas Vegetais; Plant Theory; Arqueologia do Imaginário

Anualmente, moradores do Vale do Macaé reúnem-se no povoado de Rio Bonito de Cima, quando confeccionam roupas cobertas de folhagens vegetais para brincar o carnaval. A festa, conhecida localmente como o 'carnaval da moita', sugere um outro modo de existir e se relacionar com a floresta, além de apontar para práticas imaginárias muito antigas que remontam à idade média europeia.

### Referências | References

- COCCIA, E. (2018) A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura & Barbárie.
- HASEMAN, B. (2015) Manifesto pela pesquisa performativa. In Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP / São Paulo: PPGAC-ECA/USP, v.3, n.1, p. 41-53.
- JAY, M. (1988) Scopic Regimes of Modernity. In: FOSTER, Hal (org.). *Vision and Visuality: Discussions in Contemporary Art*. Seattle: Bay Press; DIA Art Foundation.
- MANCUSO, S. (2019) A revolução das plantas. São Paulo: Editora Ubu,.
- MARDER, M. (2013) *Plant-thinking: a philosophy of vegetal life*. Nova York: Columbia University Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Pedro Urano é cineasta-pesquisador. Mestre em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE-UFRJ), e doutorando em Tecnologias da Comunicação e Estéticas na Escola de Comunicação (ECO-UFRJ), com bolsa CAPES. Professor substituto na ECO UFRJ. Realizador dos documentários Estrada Real da Cachaça, HU, da série de TV Inhotim Arte Presente, do longa de ficção Subterrânea, e do curta-metragem Os moitas de Rio Bonito de Cima.*

*Pedro Urano is a filmmaker-researcher. MSc in History of Sciences, Techniques and Epistemology at the Federal University of Rio de Janeiro (HCTE-UFRJ), and PhD Candidate in Communication Technologies and Aesthetics at the School of Communication (ECO-UFRJ), where he held a scholarship from CAPES. Professor at ECO-UFRJ. Director of the documentaries Estrada Real da Cachaça, HU, the TV series Inhotim Arte Presente, the fiction feature Subterrânea, and the shortfilm The bushmen of Rio Bonito de Cima.*



## **Painel 8. Práticas pedagógicas da ecologia Moderação /Host: Margarida Dias**

**(7 ago./15:00-16:30, sala 324, presencial)**

### **Produção, remix e licenciamento aberto de recursos educacionais: práticas de expansão da ecologia de imagens em meio digital**

*Rodrigo Toso, Lara Souza Benedet, Marcelo Gules Borges,  
Felipe Ramos Lima e Guilherme Chiappa*

Palavras-chave: Remix; Tecnologia; Recursos Educacionais Abertos; Ecologia

Tradicionalmente no ocidente, a tecnologia e a ecologia são compreendidas como opostas, enquanto uma é artificial e mecânica, a outra é natural e orgânica. Hui (2020) propõe uma fuga dessa dualidade, para o qual o pensamento não europeu e não moderno só pode responder a atual época tecnológica por meio de um retorno à natureza.

Neste trabalho, essa noção é abordada a partir das experiências do Prosa – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Tecnologia Ético-Crítica do Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC). Com o objetivo de contribuir para a transformação da realidade injusta, o Prosa vem

articulando projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão engajados com as vítimas do sistema de totalidade vigente, compreendendo a educação como uma forma de intervenção no mundo (Freire, 1996). Dentre suas frentes de trabalho, o Prosa tem desenvolvido projetos de extensão em parceria com o Ministério da Educação e com o Laboratório de Novas Tecnologias do CED/UFSC dedicados à produção de materiais didáticos para distintos contextos educacionais mediados pelas tecnologias digitais.

A partir do aprimoramento das políticas de licenciamento e distribuição abertas adotadas pelo Núcleo em projetos recentes, tais materiais, compostos por hipertextos e multimídias (infográficos, ilustrações, colagens, dentre outros), têm se configurado enquanto recursos educacionais abertos (REA) passíveis de ser adaptados e (re)utilizados de forma gratuita – seja em sua integralidade, seja a partir das mídias digitais que o compõe. Com isso, garante-se maior sustentabilidade dos recursos, uma vez que quanto mais flexíveis e adaptáveis a diferentes contextos forem, mais propícia se torna sua reutilização. O meio digital opera aqui como facilitador de práticas de remix, permitindo a recriação dessas imagens e, a depender da licença adotada, a expansão de sua ecologia. A adaptação que, inicialmente, visava atender uma necessidade local, ao ser compartilhada, contribui para a utilização por terceiros. Há neste ciclo um comprometimento de que os usuários não sejam apenas consumidores, mas produtores e compartilhadores de REA, desse modo configurando uma libertação dos “processos de consumo-produção de conhecimento” (Ramos-Lima, 2022, p. 156). Essa ecologia possibilitaria o desenvolvimento de habilidades técnicas que permitiriam



a esses sujeitos a realização de pequenas alterações no mundo, ampliando o protagonismo popular e a ação emancipatória (Freitas; Heidemann; Araujo, 2021).

Neste trabalho exploramos o lugar ocupado por temáticas como educação ambiental, ecologia, sustentabilidade e territorialidade nas mídias digitais produzidas pelo Lantec/Prosa (UFSC) em projetos recentes. Para tanto, são analisadas quantitativa e qualitativamente as imagens desenvolvidas antes e após a adoção da política de licenciamento e distribuição abertas de seus materiais. Com isso, espera-se poder identificar possíveis limites e potencialidades tanto das práticas de licenciamento e distribuição adotadas, quanto do enfoque dado aos temas supracitados, bem como avaliar a dimensão estético-visual da produção de imagens que integram os REA desenvolvidos pelo Lantec e pelo Prosa.

De forma a guiar esse processo, partiremos de algumas questões norteadoras: Como podemos adotar práticas digitais de sustentabilidade? Como a prática do remix pode ampliar a ecologia no meio digital?

### Referências | References

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Freitas, M., Heidemann, L. A., & Araujo, I. S. (2021). Educação nas sociedades do conhecimento: o uso de recursos educacionais abertos para o desenvolvimento de capacidades de ação emancipatórias. *Educação em Revista*, 37, Article e20857. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-46982085>
- Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. Ubu Editora.
- Ramos-Lima, F. (2022). Educação em ciências e possibilidades de conhecer por meio da Wikipédia [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica]. <https://pergamum.ufsc.br/acervo/380187>

### Notas biográficas | Biographical notes

*Rodrigo Antonio de Mattos Toso. Graduando em Psicologia (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui formação em psicologia clínica histórico-cultural pelo Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará. Atualmente é supervisor de Pesquisa no Núcleo Prosa (CED/UFSC). Tem interesse nos seguintes temas: psicologia histórico-cultural e teoria da atividade, pedagogia socialista, formação de professores e recursos educacionais abertos.*

*Lara Souza Benedet Graduada em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestranda em Design na mesma instituição. Atualmente é designer no Prosa. Principais interesses de pesquisa: design aberto, REAs, publicações digitais.*

*Marcelo Gules Borges Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas. Mestre em Ecologia (Ciência Ambiental). Doutor em Educação. Coordenação Colegiada do Prosa e de projeto de extensão. Principais interesses de pesquisa: tecnologia e educação, questões ambientais e educação, aprendizagem, formação de professores e produção de REAs.*

*Felipe Ramos Lima Licenciado em Física pela Unipampa. Mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando no mesmo programa. Atualmente, atua junto ao Núcleo de Criação do Prosa e em diversos projetos desenvolvidos. Interesses: ciência e arte, educação científica, investigação temática freireana, teoria da atividade, atividade potencial, sistematização do conhecimento, conhecimento livre, ecossistema wiki, fundamentos da mecânica quântica. Área de pesquisa: ensino e aprendizagem das ciências.*

*Guilherme Chiappa Graduado em Ciências Sociais (2015) e mestre em Sociologia Política (2018) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é supervisor de formação no Núcleo Prosa. Tem interesse de pesquisa nas áreas de design educacional, educação e políticas públicas.*

*Rodrigo Antonio de Mattos Toso. Graduating in Psychology (bachelor's and licentiate's degree)*



*from the Federal University of Santa Catarina. He has training in historical-cultural clinical psychology from the Center for Historical-Cultural Psychology of Ceará. He is currently a Research supervisor at the Prosa Center (CED/UFSC). He is interested in the following topics: historical-cultural psychology and activity theory, socialist pedagogy, teacher training and open educational resources.*

*Lara Souza Benedet. Graduated in Design from the Federal University of Santa Catarina and studying for a master's degree in Design at the same institution. She is currently a designer at Prosa. Main research interests: open design, OERs, digital publications.*

*Marcelo Gules Borges. Bachelor's degree in Biological Sciences. Master in Ecology (Environmental Science). Doctor in Education. Collegiate Coordination of Prose and extension projects. Main research interests: technology and education, environmental issues and education, learning, teacher training and production of OERs.*

*Felipe Ramos Lima. Graduated in Physics from Unipampa. Master in Scientific and Technological Education from the Federal University of Santa Catarina and PhD student in the same program. Currently, he works with the Prosa Creation Center and in several projects developed. Interests: science and art, scientific education, Freirean thematic investigation, activity theory, potential activity, systematization of knowledge, free knowledge, wiki ecosystem, foundations of quantum mechanics. Research area: science teaching and learning.*

*Guilherme Chiappa. Graduated in Social Sciences (2015) and master in Political Sociology (2018) from the Federal University of Santa Catarina (UFSC). He is currently training supervisor at Núcleo Prosa. He has research interests in the areas of educational design, education and public policy.*

## **Reflexões sobre a monocultura dos retratos de família nos manuais escolares**

*Margarida Dias e Catarina Casais*

Palavras-chave: Arquivo; Género; Família; Manuais Escolares; Narrativas Visuais

Partindo da amostra do projeto [in]visible, que aborda as representações de identidades em manuais escolares portugueses do 1o ano de Estudo do Meio, pretendemos nesta comunicação apresentar uma história do retrato da família ao longo dos últimos 48 anos.

Interessa-nos pensar como as famílias são apresentadas - através das imagens e dos textos que as acompanham -, que relações (de poder e de parencas físicas/emocionais) existem entre os seus membros, que momentos comuns são destacados e como estereótipos permanecem ou se vão transformando ao longo do tempo.

Tratando-se a família de um núcleo concentrado e privado, que replicada compõe uma sociedade (e numa escala macro e pública), e sendo utilizado o manual escolar como objeto com tendência usual para transmitir conceitos hegemónicos com uma estrutura patriarcal, naturalizados, aproveitamos o arquivo do [in]visible para desenhar um ponto de vista crítico sobre estas representações. Para podermos apresentar a nossa leitura, focamo-nos em cerca de 60 manuais escolares de Estudo do Meio/Meio Físico e Social (1976-2023) para refletir



sobre questões como:

- que diferentes estruturas fazem parte da família na história dos manuais escolares na época democrática portuguesa?
- como são representadas as diferentes pessoas (e seres vivos) de uma família?
- existem mudanças nas relações de poder no seio das famílias representadas?
- que possíveis impactos/consequências podem transmitir os retratos de família?
- que papéis (de género/de idade) são atribuídos a cada membro da família?
- como são traçadas as semelhanças físicas/emocionais entre os diferentes membros de uma família? A apresentação será feita a partir da exposição do Research Catalogue.

Pensar no retrato da família, leva-nos a trazer para esta comunicação uma relação com a imagem de família enraizada nos manuais escolares únicos, vindos do Estado Novo e numa relação forte com a religião, uma imagem que se tinha tornado tão familiar, que influenciou o imaginário social, cultural e político português. A intencionalidade de criar mundos ideais nos manuais escolares, invisibilizou e silenciou narrativas reais das experiências familiares de estudantes em contexto de sala de aula. Neste sentido, pretende-se com esta abordagem repensar as possibilidades de representação de identidades familiares, numa luta contra o pensamento patriarcal, capitalista e colonial.

É o debate sobre questões como estas que abrem uma nova possibilidade de se desenharem outras árvores, fora de uma monocultura familiar.

### Referências | References

- Fuchs, E., & Bock, A. (Eds.). (2018). *The Palgrave Handbook of Textbook Studies*. Palgrave Macmillan.
- Hooks, Bell (2023). *Tudo do amor*. Orfeu Negro. (Publicação original em 2000)
- Karintzaidis, N., Christodoulou, A., Kyridis, A., & Vamvakidou, I. (2016). Gender representations in the illustrations of the 6th grade language textbook used in Greek elementary school. *Advances in Language and Literary Studies*, 7(6), 113-122. <http://dx.doi.org/10.7575/aiac.all.v.7n.6p.113>
- Núñez, G. (2023). *Descolonizando afetos*. Paidós.
- Weitzman, L. J., Eifler, D., Hokada, E., & Ross, C. (1972). Sex-Role Socialization in Picture Books for Preschool Children. *American Journal of Sociology*, 77(6), 1125-1150. <https://www.jstor.org/stable/2776222>

### Notas biográficas | Biographical notes

*Catarina Casais, 1997, Porto. Professora de Artes Visuais do Ensino Básico e Secundário e Investigadora no campo da Educação Artística. Licenciada em teatro no Ramo de Figurinos pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), mestre em Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e mestre em Ensino de Artes Visuais pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Atualmente é doutoranda em Educação Artística na FBAUP e é investigadora no projeto [in]visibilidade das identidades nos manuais escolares portugueses do 1o ano do ensino básico de Estudo do Meio a partir de 1974, financiado pela FCT (2022.05056.PTDC) no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS).*

*Margarida Dias, 1974. Investigadora integrada do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte Design e Sociedade, da FBAUP - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É investigadora responsável do projeto "[in]visible - [in]visibilidade das identidades nos manuais escolares portugueses do 1o ano do ensino básico de Estudo do Meio a partir de 1974", financiado pela FCT (<http://doi.org/10.54499/2022.05056.PT>). A sua investigação enquadra-se no grupo de interesse*



*ID\_CAI - IDENTIDADES\_Colectivo de Acção/Investigação, trabalhando questões decoloniais e antidiscriminatórias na Educação Artística. Desenvolve atividades de gestão de ciência e tecnologia do i2ADS e dos diversos projetos nacionais e internacionais associados. O percurso académico foi trilhado com o Doutoramento em Educação Artística (FBAUP, 2020), o Mestrado em Estudos Criança, Especialização em Comunicação Visual e Expressão Plástica (Universidade do Minho, 2009) e a Licenciatura em Artes Plásticas – Escultura (FBAUP, 1999). Tem feito parte de diversas comissões organizadoras e científicas de eventos científicos.*

Catarina Casais, 1997, Porto. Visual Arts Teacher in Primary and Secondary Education and Researcher in the field of Artistic Education. Graduated in Theater in the Costume Design Branch from the Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), Master in Drawing from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP) and Master in Teaching Visual Arts from the Faculty of Psychology and Educational Sciences from the University of Porto (FPCEUP). She is currently a PhD student in Artistic Education at FBAUP and is a researcher in the project [in]visibility of identities in Portuguese school manuals for the first year of basic education in Environmental Studies from 1974, funded by FCT (2022.05056.PTDC) at the Research Institute in Art, Design and Society (i2ADS).

Margarida Dias, 1974. Integrated researcher at i2ADS - Institute for Research in Art Design and Society, at FBAUP - Faculty of Fine Arts at the University of Porto. She is the researcher responsible for the project “[in]visible - [in]visibility of identities in Portuguese school textbooks for the first year of basic education in Environmental Studies from 1974”, funded by FCT (<http://doi.org/10.54499/2022.05056.PT>). Her research falls within the interest group ID\_CAI - IDENTIDADES\_Colectivo de Acção/Research, working on decolonial and anti-discriminatory issues in Artistic Education. Develops science and technology management activities for i2ADS and the various associated national and international projects. The academic path was followed with the PhD in Artistic Education (FBAUP, 2020), the Master’s in Child Studies, Specialization in Visual Communication and Plastic Expression (University of Minho, 2009) and the Degree in Fine Arts - Sculpture (FBAUP, 1999) . She has been part of several organizing and scientific committees for scientific events.

## **Coreografias sintropicas - práticas de atenção com o ambiente**

*Bianca Scliar*

Palavras-chave: Mais-Que-Humano; Pedagogia da Percepção; Filosofia Do Organismo; Pesquisa-Criação

“Tomar ação em devoção ao futuro” (Beuys, 1990, p.93) é um dos clamores deixados por Joseph Beuys através de suas práticas de escultura social, que desenvolveu por três décadas no contexto da Alemanha no pós guerra. A atuação de Beuys alcançou campos que, embora são indissociáveis para as artes e incluem o ativismo político, a responsabilidade ecológica, a concepção de educação livre e inclusiva para os sentidos e sentires do corpo, que integra elementos da natureza, a habilidade em fabular e compor coletivamente através da prática escultórica que desenvolveu desde seu encontro com o xamanismo sibério.

A partir deste legado nosso trabalho, desenvolvido na ilha de Santa Catarina, cinquenta anos após sua proposição da arte como escultura social, formulamos no Laboratório de Ensaios e Impre-





vistos proposições para uma pedagogia da percepção, a saber, práticas de educação dos sentidos na performance e artes da presença.

Nesta comunicação abordamos as proposições pedagógicas realizadas no Seminário de Eco-performance, que teve como objetivo o estudo sobre práticas de atenção e congregação com o ambiente. Como resultado do encontro entre jovens pesquisadores da área da geografia, psicologia, educação física, antropologia e artes cênicas, reunidos em sala de aula e em caminhadas, visitas a sítios arqueológicos e à aldeia Mbya-Guarani, no município de Biguaçu, surgiu o conceito de coreografias sintópicas, em que destacamos a relevância em produzir a especulação comum desde o corpo em movimento e o cultivo da consciência integrativa, que sugere um desvio para a bifurcação da natureza (Whitehead, 1938), predominante nos modelos de educação ocidentais. Notamos que, apesar do emprego de uma crítica oriunda da virada vegetal e do contexto teórico das humanidades no antropoceno, permanece, nas práticas de treinamento, a reiteração de noções humanistas nas artes da presença, a saber: repetição de refrões de genialidade e autoria, a instrumentalização dos sentidos e a persistente capitalização de habilidades corporais. Como resultado o corpo permanece compreendido dentro dos limites de uma individualidade debilitante, sendo a integração do mais-que-humano (Manning; Massumi, 2014), ainda um desafio para os processos pedagógicos atualmente instaurados.

Evocamos Beuys para alcançar proposições criativas e encontrar simultaneamente um comum (Bordeleau, 2022) e um organismo em devir, treinar o corpo-que-excede e 'atravessar as paredes' (Abramovic, 2020). Relembramos as concepções da escultura social para treinar e praticar corpo e ambiente, ativando o 'organismo que se personifica' para finalmente sugerir uma pedagogia da percepção atual que ativa a vitalidade para além da senciência (Arakawa e Gins, 2002).

Como tornar o corpo-em-relação o eixo central na virada ecológica, desde a concepção de nossas percepções até a prática de educação do movimento é uma das perguntas que moveu esta pesquisa. Com apoio da filosofia processual pensamos a performance coletiva desde uma gama indeterminada de correlações como calor, umidade, tônus, consciência integrativa, clima, para ativar o que Manning chama de 'movimento pré-acelerado.' Compartilhamos aqui proposições teórico-práticas para corpos sintrópicos em treino e criação.

## Referências | References

- Abramovic, M. (2017). *Pelas paredes: Memórias de Marina Abramovic*. José Olímpio.
- Arakawa, S., & Gins, M. (2002). *Architectural body*. The University of Alabama Press.
- Brian, S., Muller, R., & Pelbart, P. (1990). *Terra comunal: Marina Abramovic + MAI*. SESC Edições.
- Beuys, J. (1993). *Joseph Beuys in America- Energy Plan for the Western Man*. Four Walls Eight Windows.
- Manning, E. (2023). *Políticas do Toque. Movimento, Soberania, Sensação*. GLAC.
- Manning, E., & Massumi, B. (2014). *Thought in the Act. Pedagogies in the Ecologies of Experience*. University of Minnesota Press.
- Scliar, B., & Lago, V. H. (2022). *O desenvolvimento dos trabalhos em Esquisosomáticas*. 30. Seminário de Iniciação Científica UDESC.
- Scliar, B., & Rover, A. (Ano). *Planos de Cura em A Manga Perfeita. Esquisosomáticas em movimento*. 31. Seminário de Iniciação Científica UDESC.
- Whitehead, A. N. (1938). *Modes of Thought*. The Free Press.
- \_\_\_\_\_. (1933). *Adventures of Ideas*. The Free Press.

## Nota biográfica | Biographical note

*Bianca Scliar é artista multimídia, tradutora e professora e trabalha nas intersecções entre a dança e as artes visuais. Professora no centro de Artes da UDESC, seus trabalhos dialogam com os saberes tradicionais, especialmente nas relações entre cura, meio ambiente e as pedagogias da*



*percepção. Doutora em Artes e Filosofia pela Concordia University (Montreal/Canadá) e Mestre em Arte Pública e estratégias Contemporâneas pela Bauhaus Universität, (Weimar/Alemanha), suas principais áreas de atuação são as artes relacionais, a escultura social e a dança como ecologia de práticas. Na ilha de Santa Catarina dirige o Lab.Ei, laboratório de Ensaios e Imprevistos, núcleo de pesquisa-criação interdisciplinar. É pesquisadora associada ao 3Ecologies Institute em Montreal, onde realizou em 2023 sua pesquisa de pós-doutorado Pedagogias para Florestas-Movimento e consciência vegetal.*

*Bianca Scliar is a multimedia artist, translator and teacher who works at the intersections between dance and visual arts. Professor at the Arts Center at UDESC, her works dialogue with traditional knowledge, especially in the relationships between healing, the environment and pedagogies of perception. PhD in Arts and Philosophy from Concordia University (Montreal/Canada) and Master in Public Art and Contemporary Strategies from Bauhaus Universität, (Weimar/Germany), her main areas of activity are relational arts, social sculpture and dance as an ecology of practices. On the island of Santa Catarina, she runs Lab.Ei, a Testing and Unexpected Laboratory, an interdisciplinary research-creation center. She is a researcher associated with the 3Ecologies Institute in Montreal, where she carried out her post-doctoral research in 2023 on Pedagogies for Forests - Movement and plant consciousness.*

**16h30 - Pausa para café /Coffee-break**

**17h00**

**17h00 - Painéis online paralelos / Online Parallell**

**18h30 Panels**



## **Painel 9. Contra-imagens e contra-narrativas Moderação /Host: João Gabriel Neves**

**(7 ago./ 17:00-18:30, Plenário do Bloco B, online)**

### **Muq-Contra-Arquivo Queer: dispositivos multimídia participativos para produção de memórias dissidentes**

*Lucas de Mello Reitz e Gustavo da Silva Machado*

Palavras-chave: Contra-Arquivo; Museu; Teoria Queer; Arquivo Multimídia

Este trabalho objetiva apresentar o programa Contra-Arquivo Queer, do muq - museu do que nos resta, a partir de uma proposta híbrida de comunicação, exposição virtual e um exercício de construção arquivística. Propõe-se a exploração de práticas de resistência que evidenciem o resgate de narrativas visuais de dissidências de gênero e sexualidade, bem como suas demais características interseccionais. O 'Muq - museu do que nos resta' espelha o museu como prática em arquitetura, artes e psicanálise, por meio da curadoria, pedagogia e práticas espaciais críticas, e da construção de contra-arquivos. A prática do muq parte das teorias queer e decoloniais no tangente da crítica institucional, como Françoise Vergés, Clémentine Deliss, Anne Cvetkovich, Paul Preciado e Jota Mombaça. Assim, parte da reivindicação do "museu como prática", questionando a institucionalização dos dispositivos de memória, dos espaços de criação e da agência de corpos dissidentes na produção da memória. Muq está ancorado em diferentes territórios, digitais e físicos, podendo ser acessado no site <http://muq.cargo.site>, e opera a partir do Brasil desde 2021, tendo participado de exposições e workshops locais e internacionais no Brasil e Reino Unido. Trabalhamos nas escalas do espaço e no escopo das culturas visuais, explorando as emergências climáticas e a memória e produção de corpos dissidentes. Desde 2022, buscando resistir às práticas de violência e LGBTfobia e a uma lógica heterociscentrada de produzir memória, o muq começa a construção do Contra-Arquivo Queer, a fim de catalogar, registrar e evidenciar práticas/vivências/experiências não-normativas de gênero e sexualidade em diferentes esferas: privada, pública, urbana, política, relacional, individual, coletiva, virtual e real.

O projeto segue a proposta derridiana de repensar o arquivo apresentada por Ann Cvetkovich, e adota uma posição arquivística na qual o arquivo deixa de ser um espaço de depósito e entrega ao esquecimento e passa a ser uma prática de evidência que sai do armário para o mundo. Os modos de aquisição dos artefatos (documentos audiovisuais) do acervo são variados: ações públicas junto a eventos acadêmicos e não acadêmicos e contatos diretos com pessoas que concederam suas vozes, histórias, fotografias ou vídeos. Desta forma, trabalhamos com registro multimídia visual, oral e escrito daquilo que nos foi cedido ou contado e nos lançamos ao compromisso de produzir dispositivos de memória em ambiente virtual e híbrido. Propõe-se um trabalho híbrido: uma comunicação oral sobre as ações do muq



com o Contra-Arquivo e seu compromisso epistemológico e técnico com a ideia do museu como prática e uma exposição do nosso acervo com um exercício de contribuição no arquivo em formato de instrução. Entendemos também esta participação como uma oportunidade de buscar contribuições para o acervo em constante construção, afinal, partimos da ideia de que os limites deste contra-arquivo são experimentados na relação com o outro, buscando questionar normativas da institucionalização da prática museológica sob uma perspectiva freiriana. Desse modo, o trabalho insere-se nos temas de narrativas contra-hegemônicas, dinâmicas de arquivo e práticas artísticas como estratégia de resistência que investigam, de forma crítica, as dimensões sociais da imagem.

### **Notas biográficas | Biographical notes**

*Lucas de Mello Reitz. Arquiteto e urbanista (Udesc e Universidad de Sevilla, 2014) e Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (UFSC, 2014). Desenvolve uma prática espacial crítica, com produção e pesquisa em culturas visuais em uma perspectiva queer, com experiências no Brasil, Bélgica e Canadá. Atualmente, cursa o programa de Curadoria de Arte Pública na HDK-Valand, Universidade de Gotemburgo. Foi participante do Cohort of Respondents do programa AFFIRMATIONS da Universidade de Columbia (2023, NY, EUA) para discussão de temáticas emergentes na arquitetura. Co-dirige e é curador do muq, experimentando o museu como prática em arquitetura, psicanálise e artes, com participações no Field Office Workshop 01 (Londres, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) e o Seminário Psicologia e Luto (2021). Professor de teoria e história da arquitetura entre 2017 e 2022 (UFSC e UDESC) e tutor no International Design Week da Academia de Belas Artes, Antuérpia (Bélgica, 2023). Compôs o Júri Artístico em 2023 do 2eme EDIQ Congrès e foi bolsista artístico em 2022 com a instalação multimídia "Exception Tectonique", na Université Laval (Québec, CA, 2022). Artista participante e proponente do projeto de pesquisa "Paisagem Tendência", premiada com Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, FCC (2022-23) e Prêmio Cultura Arquitetônica IAB 2023. Membro ativo do Arquitetura Bicha, referência na discussão da arquitetura queer no Brasil.*

*Gustavo da Silva Machado. Psicólogo especialista em saúde com ênfase em urgência e emergência (RIMS/UFSC), Mestre em Psicologia Social e Cultura (PPGP/UFSC) e Doutor em Psicologia (PPGP/UFSC). Foi pesquisador visitante no departamento de Psicologia Social da Universidade Livre de Bruxelas (CeSCuP/ULB - 2022-2023). Co-dirige o muq, experimentando o museu como prática em arquitetura, psicanálise e artes, com participações no Field Office Workshop 01 (Londres, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) e o Seminário Psicologia e Luto (2021). Foi bolsista do DAAD dois anos consecutivos (2021 e 2022) para o curso de verão da Universidade Internacional de Psicanálise de Berlim. É professor nos cursos de psicologia e medicina da Universidade do Vale do Itajaí e professor visitante no mestrado integrado à formação em psicanálise da Tavistock Clinic, em Londres. Foi consultor de atenção psicossocial do UNICEF em Roraima (2020-2021) e psicólogo do Centro de Referência de Atendimento a Imigrantes (CRAI/SC) em Florianópolis (2018-2019). Atuou como psicólogo na Associação de direitos humanos com enfoque na sexualidade em Florianópolis (2015-2017). Trabalha em consultório privado desde 2017 como psicanalista, além de articular em sua prática atividades de democratização e popularização da psicanálise. Como interesses de pesquisa tem estudado práticas de normatização da diferença, clínicas públicas de psicanálise, arte e memória.*

*Lucas de Mello Reitz. Architect and urban planner (Udesc and Universidad de Sevilla, 2014) and Master in Urban Planning, History and City Architecture (UFSC, 2014). Develops a critical spatial*



*practice, with production and research in visual cultures from a queer perspective, with experiences in Brazil, Belgium and Canada. Currently, he is studying the Public Art Curation program at HDK-Valand, University of Gothenburg. He was a participant in the Cohort of Respondents of the AFFIRMATIONS program at Columbia University (2023, NY, USA) to discuss emerging themes in architecture. Co-directs and curates the muq, experiencing the museum as a practice in architecture, psychoanalysis and arts, with participation in the Field Office Workshop 01 (London, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) and the Psychology and Mourning Seminar (2021). Professor of theory and history of architecture between 2017 and 2022 (UFSC and UDESC) and tutor at the International Design Week of the Academy of Fine Arts, Antwerp (Belgium, 2023). He was part of the Artistic Jury in 2023 of the 2eme EDIQ Congrès and was an artistic fellow in 2022 with the multimedia installation "Exception Tectonique", at Université Laval (Québec, CA, 2022). Participating artist and proponent of the research project "Paisagem Tendência", awarded with the Elisabete Anderle Prize for Stimulation to Culture, FCC (2022-23) and the IAB 2023 Architectural Culture Prize. Active member of Arquitetura Bicha, a reference in the discussion of queer architecture in Brazil.*

*Gustavo da Silva Machado. Psychologist specializing in health with an emphasis on urgency and emergency (RIMS/UFSC), Master in Social Psychology and Culture (PPGP/UFSC) and PhD in Psychology (PPGP/UFSC). He was a visiting researcher at the Social Psychology department at the Free University of Brussels (CeSCuP/ULB - 2022-2023). Co-directs the muq, experiencing the museum as a practice in architecture, psychoanalysis and arts, with participation in the Field Office Workshop 01 (London, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) and the Psychology Seminar and Mourning (2021). He received a DAAD scholarship for two consecutive years (2021 and 2022) for the summer course at the International University of Psychoanalysis in Berlin. He is a professor in psychology and medicine courses at the University of Vale do Itajaí and a visiting professor in the master's degree integrated into training in psychoanalysis at the Tavistock Clinic, in London. He was a psychosocial care consultant at UNICEF in Roraima (2020-2021) and a psychologist at the Immigrant Assistance Reference Center (CRAI/SC) in Florianópolis (2018-2019). He worked as a psychologist at the Human Rights Association focusing on sexuality in Florianópolis (2015-2017). He has worked in a private practice since 2017 as a psychoanalyst, in addition to articulating in his practice activities to democratize and popularize psychoanalysis. His research interests have studied practices of normalization of difference, public psychoanalysis clinics, art and memory.*

## **Imaginar a partir de fragmentos: estratégias artísticas e curatoriais no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a partir da exposição Atos de Revolta - Outros Imaginários Sobre a Independência do Brasil**

*Michelle Dona*

Palavras-chave: Contra-Narrativas; Exposição; Arte; Imaginação; MAM Rio

A presente comunicação reflete sobre a prática artística e curatorial como meio para imaginar e criar contra-narrativas e contra-visualidade nos museus. A reflexão parte da exposição Atos de Revolta: Outros Imaginários da Independência do Brasil, que esteve em exibição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2022 no âmbito do bicentenário



da independência do país. O objetivo da exposição foi desafiar a narrativa oficial construída sobre a independência questionando a sua legitimidade e ao mesmo tempo resgatar histórias e pessoas invisibilizadas. A exposição foi fruto de uma colaboração entre o Museu da Inconfidência e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e reuniu obras dessas instituições, juntamente com peças do Museu Histórico Nacional e do Convento de Santo Antônio. Essas escolhas foram deliberadas, uma vez os acervos dessas instituições foram constituídos através de um projeto político de preservação que tinha como objetivo criar um ideal nacional. Esses acervos desempenharam um papel fundamental na construção do imaginário e na elaboração da narrativa sobre a independência do Brasil, especialmente o do Museu da Inconfidência. Ao serem apresentados no contexto da exposição no MAM Rio, as obras destes acervos foram postas em diálogo com obras de artistas contemporâneos convidados a refletir criticamente sobre a narrativa da independência. O emprego da imaginação atrelado à criação artística no contexto da exposição adquiriu um novo significado, sendo explorado como uma ferramenta para reconstruir algo que foi decidido esquecer, revelando assim a potencialidade da arte como ferramenta de reparação.

Por sua vez, a curadoria da exposição questionou a história oficial ao apresentar os objetos dos acervos como fragmentos de uma história incompleta, fazendo refletir sobre a fragilidade das narrativas construídas por meio dos objetos e a política por trás da aquisição e preservação nos museus.

### Referências | References

Hooper-Greenhill, E. (2000). *Museums and the Interpretation of Visual Culture*. Routledge.

Routledge.

Michael, A. (2019). O artista como historiador, estratégias contra os apagamentos da memória. *Revista de Artes Visuais*, 24(42). <https://doi.org/10.22456/2179-8001.98294>

Oliveira, C. H. de S. (2022). Memória, historiografia e política: a independência do Brasil, 200 anos depois. *Estudos Avançados*, 36(105), 23–42.

<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.003>

Sousa, E. L. A. (2011). Por Uma Cultura da Utopia. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, (12).

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/eto/article/view/12324>

Travassos, J., & Lafuente, P. (Eds.). (2022). *Atos de Revolta—Outros Imaginários Sobre Independência*. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

### Nota biográfica | Biographical note

*Michelle Dona é estudante de doutoramento em Estudos do Patrimônio com especialização em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É investigadora colaboradora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória e bolsista de investigação pela FCT no âmbito do projeto 2023.02984 que tem como título "A influência das exposições nas mudanças estruturais e metodológicas nos museus de arte no século XXI"*

*Mestre em Estudos de Arte com ênfase em Teoria e Crítica de Arte pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

*Michelle Dona is a PhD student in Heritage Studies with a specialization in Museology at the Faculty of Arts of the University of Porto (FLUP). She is a collaborating researcher at CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória and a research fellow at*



*FCT within the scope of project 2023.02984 entitled "The influence of exhibitions on structural and methodological changes in art museums in the 21st century". Master in Art Studies with an emphasis on Art Theory and Criticism from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP) and a bachelor's degree in Visual Arts from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS).*

## **Redes Sociais, imagem e excesso: A subjetividade contemporânea e o encontro com o Outro**

G u s t a v o   d a   S i l v a   M a c h a d o   N i c o l e   M a r c e   @ l i v e i r a   V e g a

Palavras-chave: Rede Social; Ideal do Eu; Subjetividade; Contemporânea; Psicanálise; Imagem

Na década de 1970, Susan Sontag anunciava: "Hoje, tudo existe para terminar numa foto". Com novos desdobramentos tecnológicos e sociopolíticos, vivemos em tempos em que as imagens ultrapassam o registro e a recordação, busca-se expor, inventar, encaixar, fantasiar e comparar. A imagem possui os contornos do real. São tempos de excesso. Em meio à supervalorização da imagem e a necessidade do exibicionismo, nos esbarramos, dentro das redes sociais, com a imposição de modelos ideais e idealizados de ser, agir e pensar. Mas onde estaria, e qual seria o nosso desejo em um espaço como a rede social? Como poderíamos nos ver menos ancorados no desejo de reconhecimento e mais em reconhecer o próprio desejo, buscando uma vida em primeira pessoa como nos anuncia Lacan? Seguindo este questionamento, utilizamos o método psicanalítico e costuramos por meio de uma pesquisa acadêmica exemplos encontrados nas redes sociais como "fatos clínicos" para exemplificar e sustentar o argumento. Desta forma, buscamos refletir sobre os efeitos das redes sociais na subjetividade contemporânea pelo olhar da psicanálise. Partimos da ideia de uma psicanálise "extra-clínica", direcionando nossas reflexões para a dinâmica discursiva estabelecida intersubjetivamente com o laço social. Trazemos para a reflexão a imposição do ideal de beleza na experiência de uma atriz que vivenciou transtornos alimentares em decorrência da demasiada vigilância imposta pelas redes sociais; um influenciador econômico que perpetua a ideia de um enriquecimento garantido que depende, quase que unicamente, do esforço individual; e a experiência de uma cantora drag queen que constantemente se vê às voltas da frustração por não conseguir "agradar" seus criteriosos fãs. Nestes exemplos e na elaboração teórica que desenvolvemos, percebemos a confirmação de que o efeito do olhar do Outro surge como o desejo de ser desejado, nos colocando em uma posição perene de alienação. A subjetividade contemporânea dá lugar de destaque para aquilo que pode (e deve) ser compartilhado, criando um status de realidade para aquilo que é virtual. Os modos de subjetivação passam a ter um alvo de consumo com uma mira míope, afinal, é impossível dar contornos de realidade àquilo que está nas exigências do virtual. Como propõe Maurício Maliska ao retomar Žižek, este Real forjado pelas redes sociais tem status de semblante: é real pela via do excesso e do traumático e, por isso, não somos capazes de integrá-lo à realidade, construindo um fantasma. Sem almejar uma conclusão definitiva e fechada, através dos exemplos analisados, percebemos que a subjetividade contemporânea, em conformidade com o modelo neoliberal de consumo, se vê sequestrada em meio ao sofrimento neurótico de se chegar em algum lugar, mas de nunca se satisfazer completamente, trazendo culpa e um sentimento de dívida persistente. Além disso, como seres discursivos, a forma como somos "nomeados" pelo outro afeta drasticamente o modo como nos enxergamos. Imersos em um espaço de ideias que não estão em parâmetros possíveis com a nossa realidade psíquica, nessa busca constante por se aproximar das exigências do Outro, acabamos por



ficar em um “não lugar”, esbarrando com o aumento constante desse furo.

### Referências | References

- Birman, J. (2022). *O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade* (5a ed.). Civilização Brasileira. (Publicado originalmente em 2012)
- Butler, J. (2021). *Discurso de Ódio: Uma política do performativo* (1a ed.). Unesp.
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros textos. Em *Edição Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914-1916)
- Lacan, J. (1988). *O Seminário Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (3a ed.). Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964)
- Safatle, V., Junior, N., & Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1a ed.). Autêntica.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Gustavo da Silva Machado. Psicólogo especialista em saúde com ênfase em urgência e emergência (RIMS/UFSC), Mestre em Psicologia Social e Cultura (PPGP/UFSC) e Doutor em Psicologia (PPGP/UFSC). Foi pesquisador visitante no departamento de Psicologia Social da Universidade Livre de Bruxelas (CeSCuP/ULB - 2022-2023). Co-dirige o muq, experimentando o museu como prática em arquitetura, psicanálise e artes, com participações no Field Office Workshop 01 (Londres, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) e o Seminário Psicologia e Luto (2021). Foi bolsista do DAAD dois anos consecutivos (2021 e 2022) para o curso de verão da Universidade Internacional de Psicanálise de Berlim. É professor nos cursos de psicologia e medicina da Universidade do Vale do Itajaí e professor visitante no mestrado integrado à formação em psicanálise da Tavistock Clinic, em Londres. Foi consultor de atenção psicossocial do UNICEF em Roraima (2020-2021) e psicólogo do Centro de Referência de Atendimento a Imigrantes (CRAI/SC) em Florianópolis (2018-2019). Atuou como psicólogo na Associação de direitos humanos com enfoque na sexualidade em Florianópolis (2015-2017). Trabalha em consultório privado desde 2017 como psicanalista, além de articular em sua prática atividades de democratização e popularização da psicanálise. Como interesses de pesquisa tem estudado práticas de normatização da diferença, clínicas públicas de psicanálise, arte e memória.*

*Psychologist specializing in health with an emphasis on urgency and emergency (RIMS/UFSC), Master in Social Psychology and Culture (PPGP/UFSC) and PhD in Psychology (PPGP/UFSC). He was a visiting researcher at the Social Psychology department at the Free University of Brussels (CeSCuP/ULB - 2022-2023). Co-directs the muq, experiencing the museum as a practice in architecture, psychoanalysis and arts, with participation in the Field Office Workshop 01 (London, 2023), Museu da Escola Catarinense (2022), The 5th Wrong Biennale (2021) and the Psychology Seminar and Mourning (2021). He received a DAAD scholarship for two consecutive years (2021 and 2022) for the summer course at the International University of Psychoanalysis in Berlin. He is a professor in psychology and medicine courses at the University of Vale do Itajaí and a visiting professor in the master's degree integrated into training in psychoanalysis at the Tavistock Clinic, in London. He was a psychosocial care consultant at UNICEF in Roraima (2020-2021) and a psychologist at the Immigrant Assistance Reference Center (CRAI/SC) in Florianópolis (2018-2019). He worked as a psychologist at the Human Rights Association focusing on sexuality in Florianópolis (2015-2017). He has worked in a private practice since 2017 as a psychoanalyst, in addition to articulating in his practice activities to democratize and popularize psychoanalysis. His research interests have studied practices of normalization of difference, public psychoanalysis clinics, art and memory.*





## Panel 10. Ecological Activism and the Media

### Host: Ana Gariso

(7 ago. 17:00-18:30, Auditório do Bloco E, online)

### Ecological Activism in Iranian Street Art

*Helia Darabi*

Street art from Iran has been barely reviewed in the global literature despite its richness, depth, and diversity. As a forbidden activity, these works are hard to follow and their brief lifespan makes it difficult to collect and classify information. Over more than three decades, graffiti art activity in Iran has evolved into a notable movement claiming an identity and independence based on the extent of its reach and its highly motivated practitioners who constantly interact with city walls despite severe restrictions. Street art in Iran is diverse in stylistic and aesthetic features, many of which are of significant artistic quality. In this article, I am going to focus on the socially engaged aspects of Iranian street art which is committed to the fight against social amnesia and indifference. Raising ecological awareness has been an emerging approach in Iranian street art. In recent years, artists including Black Hand, ERROR, Nafir, and Run, among many others have targeted ecological themes, trying to raise awareness and trigger changes in the attitudes and mentalities of society. Their works contribute to the debates on sustainability at various levels, bringing up issues including but not limited to air pollution, water and earth preservation, biodiversity, animal rights, privatizations, overconsumption, military spending, and the anthropogenic effects of climate change, in local and global levels. It is important to note that Iran's ecological situation is among the most critical in the world. The general public environmental awareness is not satisfactory, and the officials have little consideration to inform and enlighten the public, and the environmental activists are hugely suppressed. Against this background, the growing ecological movement is authentically compelling and motivated.

As global art historians increasingly postulate constructive discourse about the ecological crisis in parallel with the activist artists, Iranian art historians should also start conducting their course of study on a more responsible track, in accordance with the currents presently emerging within the Iranian artists, especially the most activist, underground, and mostly anonymous graffiti artists. In my research in Iranian graffiti art, I assumed a participant observation stance to be able to describe an elusive, underground world. I made friends with many of the Iranian street artists, maintained contact with them, made interviews, and asked for their views and improvements to imagine and finally draw the scheme of an art scene generally overlooked by contemporary art historians. This presentation is excerpted from a pioneering research focused on ecologically conscious street art in Iran and will contain analysis of the currents and individual artworks, the context in which the ecological concerns of the work are set, quotes from the artists, and photos and documentations of the works.



**Biographical note | Nota biográfica**

*Helia Darabi (born in 1974 in Tehran) is an independent historian of Iranian contemporary art based in Tehran. She has written extensively on the works of Iranian artists since the 2000s and has been an adjunct professor at the University of Art, Tehran from 2006 to 2020. Her fields of interest within contemporary art practice include ecological and eco-feminist art, site-specific practice, and graffiti art.*

**Sunflower Fields «Forever»: Iconic Landscapes, Social Media and the Anthropocene**

*Helena Schmidt*

**Keywords:** Sunflower Fields; Social Media; Selfies; Ideal Digital Landscapes; Critical Art History

My paper explores the presence of sunflower fields on social media as a starting point for critical ecological thinking. To start with, I will use an artwork created by a student during my field research for my PhD project on the topic of »poor images« (Steyerl 2009), which took place in the classroom (Schmidt 2021). The student's work was based on selfies in sunflower fields, which were trending on social media at that time. In this paper I will use the viral sunflower fields for a critical reflection on iconic and hegemonic visualities of landscapes on social media. Combining visual culture and ecological thinking, I will undertake a multi-perspective analysis of sunflower fields and their images, drawing references from the following four fields: 1. the origin and cultural and colonial history of the sunflower; 2. sunflowers in agriculture and ecology; 3. sunflowers in the art historical canon and various popular cultures; 4. the viral image of and in sunflower fields online.

When I first started to do research on sunflowers (*helianthus annuus*), I came across their mention in Greek mythology on a gardening website. According to Ovid, Clythia turns into a «sunflower» after Apollo does not return her love. Sunflowers, in fact, did not exist in Europe at that time, but were first domesticated in the Americas. They were of great importance to Indigenous cultures, in nutrition, the extraction of oil and as a dye. (Scott 2022) After having been brought to Europe, sunflowers started to appear in European paintings (e.g. van Dyck 1632/33, van Gogh 1888/89, af Klint 1919) and soon played a pivotal role in European agriculture and folklore. In Austria for example, sunflower fields are frequently used as intercrops, harvesting them would often not be profitable enough. The intersection of fields with social media brings me back to the student's artwork from above. She collected a variety of sunflower-field-selfies and arranged them in a grid-pattern on a large-format print. Sunflowers have an immense thumb-stopping-power in the digital realm. While representing a seemingly idyllic landscape in one iconic image, they also reflect the long, energy-consuming process leading to one image that gets uploaded. It then becomes one of many similar «unique» images in the feed (see @insta\_repeat). Furthermore there are reports of influencers who have been kicked out of fields and warned not to travel to Instagram-inspired landscapes, as their actions are damaging the very flora they are trying to capture (Allsop 2020).

In light of the conference theme, I ask with W.J.T. Mitchell (2005): What do images of sunflowers want? How can we critically approach the ideal, homogenic worlds that Western digital image production have promoted of and through sunflowers? Can we start with these images to ask which visual stories are being told in the Anthropocene and which images are not visible (online) in the age of mass extinction (cf. Krasny 2023)?



**References | Referências**

Allsopp, J. (2020, June 6). The influencers trampling nature - and the man who's trying to stop them. BBC News Blog. <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-52840452>

Inwood, H. (2008). Mapping Eco-Art Education. *Canadian Review of Art Education*, 35, 57-73. <https://eric.ed.gov/?id=EJ822675>

**Biographical note | Nota biográfica**

*Helena Schmidt is a university assistant (post-doc) at the Academy of Fine Arts Vienna. She also has a lectureship at the Bern University of the Arts. Her dissertation, Vom poor image zu den poor images. Didactics of Digitality in Art Education, supervised by Elke Krasny, was awarded the "Award of Excellence" State Prize for the best dissertations 2023 by the Austrian Federal Ministry of Education, Science and Research and the 2022/23 Award of Appreciation for Scientific Work by the Academy of Fine Arts Vienna.*

*Helena Schmidt é assistente universitária (pós-doutorado) na Academia de Belas Artes de Viena. Ela também é professora na Universidade de Artes de Berna. Sua dissertação, Vom poor image zu den poor images. Didática da Digitalidade na Educação Artística, orientada por Elke Krasny, recebeu o Prêmio Estadual "Prêmio de Excelência" para as melhores dissertações 2023 do Ministério Federal Austríaco de Educação, Ciência e Pesquisa e o Prêmio de Apreciação por Trabalho Científico 2022/23 da Academia de Belas Artes de Viena. <https://helenaschmidt.com/>*

**A Terra como Acontecimento I e II [The Earth as Event I and II], conversation with the artist Romy Castro**

*Romy Castro and Teresa Mendes Flores*



## Painel 11. Paisagens (pós)humanas na arte Moderação /Host: Sara Castelo Branco

(7 ago./ 17:00-18:30, online, Auditório do Bloco F)

### Territorio, ojo flotante y violencia El paisaje devenido arma en las obras de Agencia de Borde y Femke Herregraven

*Carla Ayala Valdes*

Palabras clave: Paisaje; Violencia; Dron; Minas;

La presente ponencia tiene como objetivo problematizar la noción de paisaje-arma<sup>2</sup> a partir de las prácticas creativas del colectivo Agencia de Borde (Chile) y la artista-diseñadora Femke Herregraven (Holanda). Los ejes de análisis estarán enfocados en pensar cómo la creación y desarrollo constante de nuevos dispositivos tecnológicos de visualidad, particularmente los que producen imágenes desde una perspectiva flotante, dejan en evidencia cómo las actividades humanas impulsan cada vez más a una sistemática violencia socialmente distribuida que desborda los márgenes de la representación de los lugares y los territorios. Para desarrollar lo anterior se realizará el análisis de dos proyectos audiovisuales específicos: *The Landmine Project*<sup>3</sup> y *Prelude To: When The Dust Unsettles*<sup>4</sup>.

En ambos casos se releva la miopía de los intentos por instrumentalizar y colonizar la naturaleza. El primero (que incluye vídeos, dibujos, documentos y publicaciones) se basa en la exploración realizada por Agencia de Borde por los campos minados sembrados entre los años 1973 y 1983 en el Desierto de Atacama en Chile. Un territorio intocable, fuera de circulación, ante un devenir explosivo que acaece efímero e imaginado, en el cual un dron y su ojo digital aparece como única posibilidad de acceder visualmente a lugares inadmisibles. El paisaje, en este caso, se configura como una tecnología que crea fronteras y campos de batalla. Por otro lado, en *Prelude To: When The Dust Unsettles*, Femke Herregraven evidencia el vínculo entre los sistemas de visualización

avanzados y la extracción de minerales a través de la creación de un “gemelo digital” de un gran yacimiento de litio en Manono, República Democrática del Congo. Un gemelo digital es un modelo renderizado de una mina del mundo real en las que se simulan operaciones mineras virtuales para detectar y optimizar la eficiencia de las acciones y las ganancias futuras.

Despojada de los efectos colaterales, como la contaminación de ecosistemas, los cuerpos explotados, las especies en peligro de extinción, el aire tóxico, las fallas geológicas, las comunidades traumatizadas y los paisajes violentados, el gemelo digital opera como un modelo 3D deshabitado y que es posible recorrer por un ojo desencarnado e inmune. Ambos proyectos subrayan el efecto salvaje que las ambiciones bélico/capitales han ejercido sobre

<sup>2</sup> El concepto de arma será desarrollado a partir de las ideas expuestas por Wolfgang Sofsky en *Tratado sobre la violencia* (2006).

<sup>3</sup> Agencia de Borde. *The Landmine Project*. Ver en: <https://www.thelandmineproject.com/>

<sup>4</sup> Femke Herregraven. *Prelude To: When The Dust Unsettles*. Ver en: <https://www.place.dev/player/index.php?key=tzJMmUKbY>



los lugares.

De esta manera, el análisis propone pensar el paisaje-arma como un constructo técnico, bélico/capital y visual que aparece en la medida en que la violencia toma cuerpo a través de la representación visual de los territorios.

### Referencias | References

- Andermann, J. (2018). *Tierras en trance: Arte y naturaleza después del paisaje*. Metales pesados.
- Chamayou, G. (2016). *Teoría del dron*. Ned ediciones.
- Deleuze, G., y Guattari F. (2012). Tratado de Nomadología: La Máquina de Guerra. En *Mil Mesetas: Capitalismo y Esquizofrenia* (pp. 359-431). Pre-textos.
- Mbembe, A., y Beneduce, R. (2016). *Necropolítica*. Ombre Corte.
- Sofsky, W. (1996). *Tratado Sobre La Violencia*. Abada.

### Nota biográfica | Nota biográfica | Biographical note

*Carla Ayala Valdés (1992) es Licenciada en Artes Visuales por la Pontificia Universidad Católica de Chile, Licenciada en Educación por la Universidad Andrés Bello y Magister en Teoría e Historia del Arte por la Universidad de Chile. Actualmente, es doctoranda becada en el programa de Visual and Media Studies de la Universidad IULM (Università IULM, Milano, Italia). Como investigadora ha desarrollado su campo de exploración teórico en torno a la problematización de los conceptos de paisaje, violencia, dispositivos y digitalidad, particularmente dentro de las áreas de la Teoría de la imagen, los Estudios Visuales y la Arqueología de Medios. Entre 2020 y 2023 trabajó como ayudante de investigación en IDEA (Universidad de Santiago de Chile) y participó en dos proyectos financiados por el Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (FONDECYT): Formas de traición en el Cono Sur. Hacia una taxonomía crítica, dirigido por el Doctor en Filosofía José Santos Herceg, y El despliegue de una mirada militante. Fotografías de la dictadura chilena, proyecto a cargo de la Doctora en Estudios Americanos Cynthia Shuffer Mendoza. Ha colaborado en diversas revistas científicas. Entre sus artículos recientes, "Paisaje, cuerpo y tiempo. Presencia y mirada incorpórea en la obra de Agencia de Borde" (2022) y "Paisaje, dispositivo y caída libre. Pensar la representación del territorio en el desbordamiento del humanismo" (2021). También ha colaborado en el libro Paisajes posthumanos. Aproximaciones desde la arquitectura, las artes visuales y el pensamiento contemporáneo con el capítulo "Paisaje, dispositivo y caída libre. Pensar la representación del territorio en el desbordamiento del humanismo".*

*Carla Ayala Valdés (1992) é formada em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, licenciada em Educação pela Universidade Andrés Bello e mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade do Chile. Atualmente é doutoranda com bolsa no programa de Estudos Visuais e de Mídia da Universidade IULM (Università IULM, Milão, Itália). Como investigadora, tem desenvolvido o seu campo de exploração teórica em torno da problematização dos conceitos de paisagem, violência, dispositivos e digitalidade, nomeadamente nas áreas da Teoria da Imagem, dos Estudos Visuais e da Arqueologia dos Media. Entre 2020 e 2023 trabalhou como assistente de pesquisa no IDEA (Universidade de Santiago do Chile) e participou de dois projetos financiados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FONDECYT): Formas de traição no Cone Sul. Por uma taxonomia crítica, dirigido pelo Doutor em Filosofia José Santos Herceg, e O desdobramento de um olhar militante. Fotografos da ditadura chilena, projeto liderado pela doutora em Estudos Americanos Cynthia Shuffer Mendoza. Colaborou em diversas revistas científicas. Entre seus artigos recentes, "Paisagem, corpo e tempo. Presença e olhar desencarnado na obra da Agência de Borde" (2022) e "Paisagem, dispositivo e queda livre.*



*Pensando a representação do território no transbordamento do humanismo” (2021). Ele também colaborou no livro Paisagens Pós-humanas. Abordagens da arquitetura, das artes visuais e do pensamento contemporâneo com o capítulo “Paisagem, dispositivo e queda livre. Pensando a representação do território no transbordamento do humanismo”.*

*Carla Ayala Valdés (1992) has a degree in Visual Arts from the Pontifical Catholic University of Chile, a degree in Education from the Andrés Bello University and a Master’s degree in Art Theory and History from the University of Chile. Currently, she is a doctoral student with a scholarship in the Visual and Media Studies program at the IULM University (Università IULM, Milano, Italy). As a researcher, she has developed her field of theoretical exploration around the problematization of the concepts of landscape, violence, devices and digitality, particularly within the areas of Image Theory, Visual Studies and Media Archaeology. Between 2020 and 2023 she worked as a research assistant at IDEA (University of Santiago de Chile) and participated in two projects funded by the National Fund for Scientific and Technological Development (FONDECYT): Forms of betrayal in the Southern Cone. Towards a critical taxonomy, directed by Doctor of Philosophy José Santos Herceg, and The deployment of a militant gaze. Photographers of the Chilean dictatorship, a project led by PhD in American Studies Cynthia Shuffer Mendoza. She has collaborated in various scientific journals. Among his recent articles, “Landscape, body and time. Presence and disembodied gaze in the work of Agencia de Borde” (2022) and “Landscape, device and free fall. Thinking about the representation of territory in the overflow of humanism” (2021). She has also collaborated on the book Posthuman Landscapes. Approaches from architecture, visual arts and contemporary thought with the chapter “Landscape, device and free fall. Thinking about the representation of the territory in the overflow of humanism.”*

## **Ecologicity e Visão: as relações antropocêntricas entre visibilidade, pós-fotografia e perspectivas não-humanas nos filmes Can the Sun Lie? (2014) de Susan Schuppli e Europium (2014) de Lisa Rave**

Sara Castelo Branco

Palavras-chave: Antropoceno; Perspectivas Não-Humanas; Saber Indígena; Ecologicity; Tecnologias Pós-Fotográficas

No contexto do antropoceno, a arte não apenas disponibiliza ao olhar a informação ecológica, como também consolida uma certa orientação cultural – ou seja, uma determinada forma de a ver. Abordando diferentes dimensões estéticas e perceptivas envolvidas na visualização da nossa condição ecológica, esta apresentação parte do conceito “ecologicity” (Betzkes, 2015), que nasce de uma constelação formada entre neurologia, ecologia, visualidade e arte, versando a ideia de que o antropoceno é um fenômeno relacionado com a vivência daquilo que nos rodeia e com determinadas formas de visualidade. Considerando assim o modo como o antropoceno alterou os termos e parâmetros da percepção, pretende-se interpelar este conceito através de uma abordagem a dois filmes realizados por artistas – Can the Sun Lie? (2014) de Susan Schuppli e Europium (2014) de Lisa Rave – que conceptualizam uma política de ser ecológico, onde a arte é um meio pelo qual esta perspectiva ecológica é incorporada na visão e torna-se ela mesma uma forma de visualidade.

O filme Can the Sun Lie? aborda a emergência de um novo regime visual provocado



pelas alterações climáticas, bem como a disputa entre a experiência científica e o conhecimento ancestral de povos indígenas do norte do Canadá, mostrando como testemunhas não-humanas podem gerar evidências materiais. O filme critica assim o monopólio ocidental na produção de conhecimento e as suas formas de desacreditar outras configurações de saber. Já, a obra *Europium* trata os vestígios materiais das intervenções humanas nos estratos geológicos. O filme estabelece ligações entre o passado colonial da Papua Nova Guiné e a escavação planeada de matérias-primas no Mar de Bismarck, tecendo uma narrativa em torno do elemento de terras raras 'europio': um material que garante imagens coloridas e brilhantes em ecrãs, e também é utilizado para avaliar a autenticidade das notas de euro. A obra traça conexões entre ecologia, economia, espiritualismo, tecnologia e fetichismo. Os dois filmes têm em comum a utilização que fazem de imagens encontradas, materiais de arquivo e animação 3D, procurando igualmente retratar vozes e experiências indígenas, incluindo pontos-de-vista não-humanos, que são representados aqui como atores ativos, dinâmicos e produtores de saber. Por outro lado, os filmes tratam sistemas de visão mecânica e a sua relação com o monitoriamente ambiental, mas também a integração da materialidade da natureza na tecnologia, o que envolve a produção de uma "semiótica da paisagem" (Schuppli, 1994): a transformação da paisagem física em código e/ou texto.

Partindo da noção de 'ecologicity', pretende-se que a análise a estas duas obras seja igualmente focada no modo como o antropoceno entrou na visualidade, e como as suas políticas de representação são frequentemente produzidas através de tecnologias pós-fotográficas: a visualização de dados, gráficos, imagens de satélite e sensoriamento remoto. Esta monitorização origina "tecno-geografias" (Gabrys, 2016), onde a tecnologia não apenas regista informações sobre um dado ambiente, mas também gera novos ambientes e relações ambientais, dando voz a entidades como animais, plantas e objetos inanimados. Perante um planeta em crise, esta apresentação pretende portanto tratar a necessidade de considerar formas alternativas de conhecimento e comunidade.

### Referências | References

- Boetzkes, A. (2015). *Ecologicity, Vision, and the N Turpin (A&E in the Anthropocene* (pp. 271-282). Open Humanities Press.
- Bozak, N. *The Cinematic Footprint: Lights, Camera, Natural Resources*. Rutgers University Press.
- Demos, T. J. (2017). *Against the Anthropocene: Visual Culture and Environment Today*. Sternberg Press.
- Gabrys, J. *Prognosis Earth: Environmental Sensing Technology and the Making of a Computational Planet*. University of Minnesota Press.
- Schuppli, S. (2020). *Material Witness: Media, Forensics, Evidence*. The MIT Press.

### Nota biográfica | Biographical note

Sara Castelo Branco (Porto, 1989). Investigadora e curadora. É doutorada em *Arts et Sciences d'Art e Ciências da Comunicação* pela *Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne (Paris)* e *FCSH-UNL (Lisboa)* (co-tutela), como bolsista da *FCT*. É professora convidada em 'Ecologia e Estética das Artes Digitais' no mestrado em *New Media Art* da *Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa*. É investigadora colaboradora no *ICNOVA – Cultura, Mediação e Artes (FCSH-UNL)* e investigadora integrada no *CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (Universidade Católica do Porto)*. Tem um mestrado em *Estudos Artísticos – Teoria e Crítica da Arte* pela *Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto* (2014), e uma licenciatura em *Ciências da Comunicação e da Cultura* pela *Universidade Lusófona do Porto* (2012). Tem realizado



*curadoria de exposições, ciclos de cinema e simpósios em instituições como ICI Berlin Institute for Cultural Inquiry/Bard College (Berlim, 2023), ACUD Galerie (Berlim, 2023), CRIPTA 747 (Turim, 2021), Galeria Zé dos Bois (Lisboa, 2021), Galerias Municipais de Lisboa (Lisboa, 2020), CSL (Lisboa, 2022), Brotéria (Lisboa, 2024) ou Arsenal – Institut für Film und Videokunst (Berlim, 2019 e 2023). Realizou residências artísticas na Cité Internationale des Arts (Paris, 2023) e CRIPTA 747 (Turim, 2021). Contribui regularmente com ensaios para revistas, monografias e catálogos de arte (Mousse, Contemporânea, ATLAS Projectos, Archive Books, etc.).*

## **Un revoltijo de materiales. Visualidad, tacto y escucha documentales sobre la actividad Minera**

*Irene Depetris Chauvin*

Palabras clave: Cine Experimental; Minería; Afecto; Escucha; Tacto

“Los estratos de la tierra son un museo revuelto”, decía Roberth Smithson, un artista norteamericano referente del landart o earthwork que abordaba zonas mineras. Con un marcado interés en los procesos geológicos e industriales que afectan al paisaje, Smithson destaca que, al ver las ruinas producidas por el capitalismo, los individuos se enfrentan a una “lógica en escombros”: los procesos de destrucción y sedimentación de la tierra figuran especies de “mapas destrozados que trastornan nuestros límites históricos del arte”. En la actualidad, la mirada sobre lo mineral ha cobrado relevancia en el cine latinoamericano con trabajos como los de Kiro Russo (Bolivia). con sus películas *Viejo calavera* (2016) y *El gran movimiento* (2022), o *La cordillera de los sueños* (2019), de Patricio Guzmán, que cierra la trilogía de los paisajes chilenos. Sin embargo, es la reflexión femenina sobre los territorios mineros de las llamadas “zonas extractivas” (Gómez Barris) la que permite explorar la dimensión sonora, textural y matérica del cine experimental para –al modo del arte geológico de Smithson – volver a reactivar “el museo de archivos revueltos” y sus temporalidades híbridas. Comprendiendo, con Laura Marks, que los sentidos son una importante fuente de conocimiento, en este ensayo quiero pensar con cineastas que apuestan por un desmarque de la jerarquía del ojo, y del “modo óptico de mirar”, por sobre otros sentidos y que, desde ese lugar, se abren a dar cuenta de espacios devastados, abrazando paisajes, naturaleza, vida animal y mineral junto con humanos cuyas voces se presentan en los documentales. Así, en paralelo al modo sensible de leer los efectos de la infraestructura y la geología sobre la tierra, me interesa pensar cómo películas como *Idade da pedra* (2013) y *Olhe bem as Montanhas* (2018) de Ana Vaz (Brasil) o *Río Turbio* (2022) de Tatiana Mazú González logran volver a movilizar política y afectivamente ese “revoltijo de materiales” desde un modo sensorial que, si parte del régimen visual científico o técnico y sus formas de aprehender el territorio, se desplaza a modos alternativos de conocer e imaginar esos espacios de extracción minera por medio del tacto y la escucha. En un movimiento que va de la infraestructura a la geohistoria *Olhe bem as Montanhas* se vale de la potencia sensorial y epistémica del tacto. La “visualidad háptica” (Marks) del registro en 16mm y la cámara móvil “abren el pasado” y destraban temporalidades híbridas que habían sido borradas por el discurso utópico del desarrollismo extractivista. Por otro lado, por medio del uso poético y político del sonido, *Río Turbio* hace aflorar capas geológicas del pasado-presente, detona un espacio y se presenta como una “máquina de guerra” que revela indicios de una cartografía de lo posible cuando utiliza las interferencias sonoras para impugnar la linealidad teleológica





del imaginario fósil (Vindel) y, por lo tanto, su capacidad de construir sentidos unívocos. En mi trabajo el interés por reflexionar sobre el espacio en el cine implica no sólo una concepción representacional –es decir, la existencia de un espacio real del mundo que sería presentado miméticamente en la imagen fílmica–, sino también pensar en las tensiones que la imagen pone sobre esta expectativa de representación (Depetris Chauvin, 2019). En el cine de Ana Vaz y Tatiana Mazú, como en otras directoras jóvenes latinoamericanas, es la inflexión afectiva y sensorial la que modula esa tensión productiva entre la captura de lo real y el artificio. En estos casos, la contingencia de forma, materialidad y temporalidad –que acerca el cine a la geología (Litvintseva)— nos lleva a pensar en cómo espacios reales, las minas de carbón de Santa Cruz (Argentina) o las de hierro en Minas Gerais (Brasil), son rearticulados por Vaz y Mazú desde una premisa sensorial y afectiva que es también política. Las imágenes fílmicas modifican e influyen en nuestra propia experiencia en estos espacios porque, fabricando espacios posibles, el cine opera nuevas imaginaciones de futuro. Por medio de los marcos sensoriales texturales y sonoros, las películas van tramando un afecto terrestre, un modo de vincularnos, escuchar o tocar, el territorio más allá de las lógicas extractivas que no reordena los estratos de la tierra ni disciplina el desborde de los archivos humanos de historias sobre la misma.

### Referencias | References

- Depetris Chauvin, I. (2019). Geografías afectivas. Desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos en el cine de Argentina, Chile y Brasil (2002-2017). Latin America Research Commons.
- Gómez-Barris, M. (2021). La zona extractiva. Ecologías sociales y perspectivas descoloniales (Catalina Arango Correa, Trad.). Metales pesados.
- Litvintseva, S. (2022). Geological Filmmaking. Open Humanities Press.
- Marks, L. (2000). The Skin of The Film: Intercultural Cinema, Embodiment, and The Senses. Duke.
- Munro, K. (2017). Rethinking first-person testimony through a vitalist account of documentary participation. *Frames Cinema Journal*, (12), 1-15. <https://framescinemajournal.com/article/rethinking-first-person-testimony-through-a-vitalist-account-of-documentary-participation/>
- Ochoa Gautier, A. M. (2016). Acoustic Multinaturalism, the Value of Nature, and the Nature of Music in Ecomusicology. *Boundary 2*, 43(1), 107-141. <https://doi.org/10.1215/01903659-3340661>
- Smithson, R. (2018). Una sedimentación de la mente: proyectos terrenos; "El spiral jetty" en Selección de escritos. Editorial Alias.
- Vindel, J. (2020). Estética Fósil: Imaginarios de la Energía y Crisis Ecosocial. Arcadia.

### Nota biográfica | Biographical note

*Irene Depetris Chauvin obteve seu doutorado em Estudos Românicos e Visuais em 2011 na Universidade Cornell com uma dissertação que questiona as representações da juventude vis-à-vis os discursos neoliberais na Argentina, no Brasil e no Chile. Atualmente trabalha como Pesquisadora na Universidade de Buenos Aires e no CONICET. Publicou artigos sobre juventude, cultura de mercado e afetividade na narrativa e no cinema contemporâneos, sobre estudos de memória e sobre imaginários geográficos e urbanos. É autora de Geografías afectivas. Desplazamientos, prácticas espaciales e formas de estar juntos no cinema da Argentina, Chile e Brasil (Pittsburgh, LARC, 2019) e recentemente co-editou dois volumes: Más allá de la naturaleza. Imaginarios geográficos en la literatura y el arte latinoamericano reciente (Ed. Alberto Hurtado, Chile, 2019) e Afectos, historia y cultura visual Una aproximación indisciplinada (Prometeo, Buenos Aires, 2019).*

*Irene Depetris Chauvin earned her Ph.D. in Romance and Visual Studies in 2011 at Cornell University with a dissertation that questions representations of youth vis-à-vis neoliberal discourses in Argentina, Brazil, and Chile. She currently works as a Researcher at the University of Buenos Aires and at the CONICET. She has published articles on youth, market culture and affectivity in*



*contemporary narrative and cinema, on memory studies, and on geographical and urban imaginaries. She is the author of Geografías afectivas. Desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos en el cine de Argentina, Chile y Brasil (Pittsburgh, LARC, 2019) and has recently co-edited two volumes: Más allá de la naturaleza. Imaginarios geográficos en la literatura y el arte latinoamericano reciente (Ed. Alberto Hurtado, Chile, 2019) and Afectos, historia y cultura visual Una aproximación indisciplinada (Prometeo, Buenos Aires, 2019).*

## **17h00 - WORKSHOP**

**Dançar no Escuro: Laboratório de Ecofeminismo e Pensamento Ecológico como Despertar da Consciência. Com Ângela Ferreira (Inglês, Português e Espanhol) (3 horas, inclui caminhada) 15 a 20 participantes**

Sala 324 / Classroom 324

## **18h30 - Programa social/Social programme**

**Concerto com Elodie Bouny e Iara Ferreira no Araújo Botequim (será necessário cada interessado/a comprar o seu bilhete).**

Concert with Elodie Bouny and Iara Ferreira at Araújo Botequim (you'll need to buy your ticket. More information will follow).



**programação**  
programmme

**8 de Agosto**  
8th August

## Painel 12. Práticas artísticas ecofeministas Moderação /Host: Thiciara Mattiazzi

(8 ago. 8:30-10:00, Bloco B, presencial)

### Ecologia, psicanálise e arte: Por uma política do feminino

*Lucas Emmanoel*

Palavras-chave: Ecologia; Psicanálise; Feminin; Gozo; Arte

A ecologia guarda uma relação profunda com a psicanálise na medida em que as intervenções dos sujeitos na natureza e as relações estabelecidas entre os mesmos diz respeito à tensão irreconciliável entre pulsão e civilização, sujeito e sociedade, subjetividade e objetividade histórica (Freud, 1930). A exploração predatória da natureza em curso, fundada em uma racionalidade capitalista em que o lucro representa o seu horizonte principal tem constituído não apenas os modos de produção, mas também a constituição das subjetividades e consequentemente as relações entre os sujeitos e entre os sujeitos e a natureza. A natureza tem se convertido em um mero espaço físico a ser habitado, de objetificação e extração de recursos materiais pelos sujeitos, os quais, por sua vez, tem se transformado cada vez mais em consumidores de mercadorias e também nas próprias mercadorias. Para além da irrevogável objetividade social deste processo, apontamos que esta exploração predatória da natureza em movimento compulsório não é sem um aparato de gozo: um gozo fálico que mantém uma relação de externalização entre o sujeito e a natureza, justificando a sua objetificação, e um gozo do Outro, mortífero, que mantém os sujeitos fixados a esta compulsão (Lacan, 1972-1973). Frente a esse aparato de gozo que está nos levando progressivamente ao nosso fim, propomos uma política do feminino, invocações para o gozo. Outro, o qual vai para além dos limites narcísicos do gozo fálico, produzindo aberturas para a invenção de outras formas de relação com a natureza, não mais de externalização, mas sim de união, o que implica, necessariamente, em outras formas de relações com nós mesmos. E para isso, a arte como um corte na continuidade compulsória é uma experiência privilegiada e potente, o que pode ser testemunhado pela escultura de uma vulva esculpida no chão da Usina de Arte, localizada na Zona da Mata Sul de Pernambuco, intitulada de "Diva", da artista Juliana Notari. Instigado por esta obra de arte e seus efeitos no Brasil, o objetivo deste trabalho é articular ecologia e psicanálise e propor uma política do feminino como uma crítica e uma práxis frente à exploração predatória da natureza e do feminino de todos nós.

#### Referências | References

- Freud, S. (2014). El malestar en la cultura (1930). In *Obras Completas*. Amorrortu.  
Lacan, J. (1985). *O Seminário 20 - mais, ainda (1972-73)*. Jorge Zahar Editor.



**Nota biográfica | Biographical note**

*Lucas Emmanoel de Oliveira é psicanalista, graduado e licenciado em psicologia (PUC-GO), mestre em Psicanálise: clínica e cultura (PUC-RJ). É músico pelo Centro Cultural Gustav Hitter, Goiânia-GO. Trabalhou como regente de corais infantil e adulto em Goiânia. Foi psicólogo da Equipe do Programa Federal de Proteção a Vítimas e a Testemunhas Ameaçadas da Presidência da República-DF. Trabalhou como psicólogo educacional da Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Curitibanos, onde coordenou os projetos de extensão: Ciranda Estudantil; A práxis educacional: educação, subjetividade e sociedade; Tropeiros: Masculinidades em debate; e A Partilha do Sensível: Poetizando a Universidade. Integra a Comissão da Política de Saúde Mental da UFSC. Atualmente, é chefe do Serviço de Acolhimento a Vítimas de Violências (SEAVis) na Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Equidade (PROAFE)/UFSC. É membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais (LEPSI) de Minas. Trabalha como supervisor em psicologia educacional e clínica psicanalítica. Pesquisa psicanálise, educação, política, arte e neonazismo. E atua como psicanalista em consultório particular, há 14 anos.*

*Lucas Emmanoel de Oliveira is a psychoanalyst, graduated and licensed in Psychology (PUC-GO), master in Psychoanalysis: clinic and culture (PUC-RJ). He is a musician at the Gustav Hitter Cultural Center, Goiânia-GO. He worked as a conductor of children's and adult choirs in Goiânia. He was a psychologist on the Team of the Federal Program for the Protection of Victims and Threatened Witnesses of the Presidency of the Republic-DF. He worked as an educational psychologist at the Federal University of Santa Catarina - Campus Curitibanos, where he coordinated the projects: Ciranda Estudantil; Educational praxis: education, subjectivity and society; Tropeiros: Masculinities in debate; and The Sharing of the Sensitive: Poetizing the University. Member of the UFSC Mental Health Policy Committee. Currently, he is head of the Reception Service for Victims of Violence (SEAVis) at the Dean of Affirmative Actions and Equity (PROAFE)/UFSC. He is a member of the Laboratory of Psychoanalytic and Educational Studies and Research (LEPSI) of the state of Minas Gerais. He works as a supervisor in educational psychology and psychoanalytic clinic. His studies include psychoanalysis, education, politics, art and neo-Nazism. And he has worked as a psychoanalyst as a private practitioner for 14 years.*  
<http://lattes.cnpq.br/8089567969133598>

**Antropomorfizar a Terra: Iconografias Ecofeministas em Ana Mendieta e Clara Menéres**

*Teresa Lousa*

Palavras-chave: Ecofeminismo; Corpo; Ana Mendieta; Clara Menéres; Iconografias Femininas

Nos anos 1970 houve uma conexão entre duas artistas que não se chegaram a cruzar: a artista cubana, Ana Mendieta (1948 - 1985) pioneira da *Earthart*, e a artista portuguesa Clara Menéres (1943-2018). Com as suas temáticas do sagrado, desde figurações mais mitológicas à espiritualização da natureza tiveram o mérito de antropomorfizar a terra, dotando-a de uma inspiração e sensibilidade femininas: terra-mãe irrigada de paganismos, mitologias mesoamericanas (como é o caso da inspiração de Mendieta) e sincretismos cristãos (mais presente em Menéres). A terra destas duas artistas é extensão dos seus corpos, que impregnados de imanência espiritual convocam um imaginário matriarcal arcaico. As duas artistas ao cruzar



o corpo com a terra, numa extensão artística vivencial, estabeleceram uma ponte entre a *Earthart* e a *Landart* apresentando uma versão artística do sagrado feminino onde se pode ver um pioneirismo da arte ecofeminista.

Em *Earthworks* de Ana Mendieta, há uma encenação de morte que abraça a natureza maternal e se enraíza nesta, na busca de uma origem assente “na crença de Energia Universal que corre em tudo dos insetos ao homem, do homem aos espectros, dos espectros às plantas, das plantas à galáxia” (Mendieta, 1988, p. 98). O recurso à nudez, como podemos ver em Mendieta, foi uma arma usada que fez parte de uma grande revolução da arte praticada por mulheres usando os seus corpos para evidenciar um referencial tão reprimido nas sociedades patriarcais, adquirindo a vulva um valor sagrado, icónico, mas também militante. Como se vê precisamente no caso de “*Mulher – Terra – Mãe*” de Clara Menéres, apresenta-se um torso feminino moldado em terra, vivo na matéria orgânica e que carrega o destino do devir eterno, dos ciclos da vida e da morte. Os temas dominantes da sua obra escultórica são os mitos fundadores, e cultos solares, aquáticos, e essencialmente de fecundidade, bem evidente em obras como “*Papisa*” ou “*Coincidentia Oppositorum*” (1983), dos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta obra exposta no rescaldo do 25 de Abril, causou algum desconforto, crítica e questionamento. Segundo a artista, “é uma peça que identifica as curvas da paisagem com o corpo da mulher, uma clara referência aos mitos da Terra-Mãe. É uma ideia que está inscrita na tradição mítica e sagrada da humanidade” (Menéres, 2020, p. 162). Esta escultura viva, remete a um lado profundamente ecofeminista: os rituais do semear, do regar, do cuidar que são gestos reveladores das mulheres, nas palavras de Vandana Shiva, como as grandes especialistas na vida. A arte ecofeminista desempenha um papel importante no presente, não só porque contribui para contar aquilo que a história silenciou, mas também porque na identificação com o sagrado da terra, revela-se e desperta-se uma conceção da Natureza que ultrapassa o domínio físico. É uma dimensão espiritual mais ampla que, nessa amplitude se abre a questionamentos místicos, predispõe a uma energia viva e sagrada do cosmos, está sem dúvida presente na obra destas duas pioneiras que romperam com a *Land art* e abraçaram uma herança estética alternativa: o Ecofeminismo, que se verifica cada dia tão mais emergente quanto necessária.

### Referências | References

- Mendieta, A. (2001). Artist Statement. In P. Phelan, and H. Reckitt (Eds.), *Art and Feminism*. Phaidon Press. (Original work published 1998)
- Menéres, C. (2020). Auto-retrato: Clara Menéres. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, (4).
- Menéres, C. (1977). “*Texto sem título*”. AAVV (org. de E. M. de Melo e Castro). Representação portuguesa à XIV Bienal de São Paulo / XIV Bienal de São Paulo. MNE/SEC/SNBA
- Shiva, V. (2017, março 6). Valores femininos devem nos guiar rumo à sociedade do bem-estar. Akatu. <https://akatu.org.br/valores-femininos-devem-nos-guiar-rumo-a-sociedade-do-bem-estar/>

### Nota biográfica | Biographical note

*Teresa Lousa (Lisboa, 1978) é doutorada pela FBAUL (2013) com uma tese mais tarde publicada com o título: Do Pintor como um Génio na obra de Francisco de Holanda (2014). É investigadora integrada do CHAM desde 2016, onde pertence actualmente ao grupo de Investigação: Arte, História e Património e onde co-coordena o Seminário permanente Modos da Melancolia. É Professora Auxiliar do grupo de Ciências da Arte e do Património na FBAUL desde 2009, onde lecciona História da Arte, Temas da Arte, Teorias da Pintura e Metodologias de Investigação a diversos Mestrados, para além de orientar teses em várias áreas artísticas com ênfase na Educação Artística. É Co-editora da Revista indexada Art&Sensorium- UNESPAR. Actualmente tem*



publicado artigos em revistas indexadas e open access, nos quais os seus temas de investigação exploram as relações entre Arte Contemporânea, Melancolia, Morte, Género, Antropoceno, Ecofeminismo e Arte-Terapia.

Teresa Lousa (Lisbon, 1978) holds a PhD from the Faculty of Fine Arts - Universidade de Lisboa (FBAUL- 2013) with a thesis later published about the humanist and artist Francisco de Holanda. She has been an integrated researcher at CHAM since 2016, where she currently belongs to the Research Group: Art, History and Heritage and where she co-coordinates the permanent seminar Modes of Melancholy. She is an Assistant Professor in the Art and Heritage Sciences group at FBAUL since 2009, lecturing on Art History, Art Themes, Theories of Painting and Research Methodologies to various Master's degrees, as well as supervising theses in various artistic areas with an emphasis on Art Education. She is co-editor of the indexed journal *Art&Sensorium-UNESPAR*. Currently having published articles in indexed and open access journals, in which her research themes explore the relationship between Contemporary Art, Melancholy, Death, Gender, Anthropocene, Ecofeminism and Art Therapy.

## Planta, areia, terra no encontro entre a floresta e a cidade

Fernanda Haskel e Fernanda do Canto

Palavras-chave: Florestania; Cidadania; Fabulação Especulativa Therolinguística; Narrativas-Multiespécies; Naturezasculturas

A verdade é uma questão de imaginação. [Le Guin, 1986]

A *TheroLinguística* (Le Guin; Despret), dedicada à literatura selvagem, tem avançado na Ilha da Pescadora. Além da literatura dos animais, agora, na companhia das plantas, articulamos uma cooperação técnico-científica de Ecologia das Práticas (Stengers) de Tradução entre mundos para sistematizar os saberes vegetais de como viver/morrer no planeta. Mensagens encontradas nas raízes da Restinga são partituras. Estamos tecendo uma rede de *Phytolinguística*, focada na filosofia das plantas e poesia das flores. Nossas investigações multiespécies têm nos motivado a desenvolver a *Plantalolinguística* - área dedicada exclusivamente à cultura e literatura vegetal.

Na ausência de palavras disponíveis e com o esgotamento da língua ao relatar o vivido, produzimos essa videoarte multilinguagens transacionais, parte de um processo de doutoramento, para narrar mundos multiespécies no encontro entre cidade e floresta. Em linguajar estrangeiro, trabalhamos com um dialeto inventado na Costa do Atlântico em conversação com os seres inventados da Costa do Pacífico (Le Guin). Planta-Areia-Terra é um esforço-multidão de tradutibilidade das *Marcas na Pele de Terra in-mundo* de pesquisa (Merhy). *Floresta é o Nome do Mundo* (Le Guin).

A imaginação *Dançando nas Fronteiras do Mundo* (Le Guin) brinca de pensar com plantas e fabular com flores a invenção de mundos que caibam muitos mundos (Manifesto Zapatista). Guiada pela Bromélia da Mata Atlântica na arte de notar (Tsing), se faz espécie companheira (Haraway) aliada da Restinga. Compomos um corpo-linguagem-território-político em experimentações artísticas de *Linguagens de Inteligências Sensíveis* (Lis).

Coleta recados da floresta e estuda modos de ser-com bromélia em alianças afetivas (Krenak) tecidas com *ativação do sensível* e *diálogos criativos* (Takuá), catalogados como *Tecnologias da Presença* para invenção de mundos-outros. No limite do mapa, nossos terri-



tórios existenciais estão em disputa. De um lado a cidade cresce (mas não emudece nossa existência) e de outro, áreas protegidas por lei. Temos reivindicado a magia e retomada da feitiçaria como modos de resistência (Stengers). É proibido fogueira, mas caçam as bromélias, como a caça às bruxas. Mulheres sangraram queimadas nas fogueiras com bromélias, hibridizando-se na queima.

A fumaça das bruxas queimadas ainda paira nas nossas narinas. (Starhawk in Stengers, 2017)

A magia foi vendida, mas a bruxa não foi queimada. A transição de hibridização em metamorfoses multiespécie e a experiência de fazer de si-com-outra em *Torções Existenciais* pergunta: O que pode um corpo mulher guiada pela bromélia da Mata Atlântica no exercício da cidadania com a florestania? Adeus à Linguagem! (Godard).

Estamos foto-sensibilizando/sintetizando as últimas cocriações de *Tecnologias da Presença Sensível* carregadas na *Cesta de Afecção*.

*Planta Areia Terra* é a última tradução que encontramos nas folhas-páginas de memória da existência das bromélias, relatando a política de seu microecossistema. A cantoria das flores em polifonia natrezacultura nas assembléias multiespécie dançam com o vento sul.

Existem plantas que adotam a gente. (Krenak, 2023)

Enquanto a cidade ~~Plantareica Terra~~ e,

No *Planthropoceno* (Myers), a Restinga veste chapéu

## Referências | References

- Haraway, D. (2003). *The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness*. Prickly Paradigm Press.
- Haraway, D. (2008). *When species meet*. University of Minnesota Press.
- Haraway, D. (2010). *When Species Meet: Staying with the Trouble*. *Environment and Planning D: Society and Space*, 28(1), 53-55. <https://doi.org/10.1068/d2706wsh>
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Krenak, A. (2023). *Life is not useful*. John Wiley and Sons Ltd.
- Le Guin, U. K. (1972). *The Word for the World is Forest*. Berkley Publishing Corporation.
- Le Guin, U. K. (1974). *The Author of Acacia Seeds*. In *The Real and the Unreal: Selected Stories from Ursula K. Le Guin*. (pp. 617-626). Small Beer Press.
- Le Guin, U. K. (1986). *The Carrier Bag Theory of Fiction*. In *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places* (pp. 165-170). Grove Press.
- Le Guin, U. K., & Barton, T. (2018, March 23). *Music and Poetry of the Kesh*. Ursula Kroeber Le Guin. <https://www.ursulaklequin.com/kesh-music>
- Stengers, I. (2005). *Introductory Notes on an Ecology of Practices*. *Cultural Studies Review*, 11(1), 183-196. <https://doi.org/10.5130/csr.v11i1.3459>
- Stengers, I. (2007). *La proposition cosmopolitique*. In J. Lolive, and O. Soubeyran (Eds.), *L'émergence des cosmopolitiques* (pp. 45-68). La Découverte.
- Takuá, C. (2020, janeiro 15). *Cristine Takuá no Ciclo Selvagem 2019* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8>
- Tsing, A. L. (2012). *Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species*. *Environmental Humanities*, 1(1), 141-54. <https://doi.org/10.1215/22011919-3610012>
- Tsing, A. L. (2015). *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.





**Notas biográficas | Biographical notes**

*Fernanda Haskel. Artista-pesquisadora, doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ), investiga as relações natureza/sociedade/cultura/tecnologia, com o foco em Políticas Afetivas, Alianças Multiespécies e Processos de Regeneração. Integra grupos de pesquisa em produção de subjetividade, redes, comunidades, sustentabilidade e saúde coletiva. Se vale de perspectivas da micropolítica e feminista se enredando em pesquisa-ação na política pública com coletivos e redes de coletivos ecosociais. Administradora (UDESC), Mestre em Administração (USP): co-criação e geração de valor. Especialista em gestão de projetos, tem mais de 20 anos de experiência em planejamento, monitoramento e avaliação de projetos socioambientais.*

*Artist-researcher, PhD student in Community Psychosociology and Social Ecology (UFRJ), investigates the relationships of nature/society/culture/technology, with a focus on Affective Policies, Multispecies Alliances and Regeneration Processes. She integrates research groups into the production of subjectivity, networks, communities, sustainability and collective health. She uses micropolitical and feminist perspectives, engaging in action research in public political policy with collectives and networks of ecosocial collectives. Administrator (UDESC), Master in Administration (USP): co-creation and generation of value. Specialist in project management, he has more than 20 years of experience in planning, monitoring and evaluating socio-environmental projects.*

*Fernanda do Canto. Designer gráfico e museóloga, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2009 e 2020, respectivamente. Mestre em artes visuais pela Universidad de Castilla-La Mancha (UCLM), Espanha. Fundadora da Tombô Produções Museológicas, empresa sediada em Florianópolis, que desenvolve projetos gráficos, museológicos e audiovisuais, desde 2012.*

*Graphic designer and museologist, graduated from the Federal University of Santa Catarina (UFSC), in 2009 and 2020, respectively. Master in visual arts from the University of Castilla-La Mancha (UCLM), Spain. Founder of Tombô Produções Museológicas, a company based in Florianópolis, which has been developing graphic, museological and audiovisual projects since 2012.*



## Panel 13. Problematizing Landscapes Moderação/Host: Teresa Mendes Flores

(8 ago. 8:30-10:00, Auditório do Bloco E, presencial)

### Searching for the Bird in the Bird's Eye View

*Noemi Quagliati*

Keywords: Birdscape; View from Above; More-Than-Human Other; Venetian Lagoon; Ecocritical Art History; Deep Mapping

In Western art, the bird's-eye view is a scene depicted from a high vantage point to give a comprehensive overview. One of the earliest examples of a naturalistic bird's-eye view (also known as an elevated perspective view) is Jacopo de' Barbari's woodcut of Venice (1500), which celebrated the Serenissima as the premier trading and maritime power of Europe. Based on ground surveys and enriched by symbolical elements, this topographical landscape constitutes the genesis of a representational model that, from graphic, became photographic, and it recently relies on digital remote sensing to record radiations beyond the visible wavelength. In the 20th century, the conquest of the air – from the first flight experiences to contemporary satellites – has signified a “spatial revolution” that transformed the relationship between man and space at all levels. Nowadays, aerial recordings and satellite images of the Earth have become indispensable for reading the scale on which climate change occurs and helping to communicate the environmental crisis to the public. Considering satellites as witnesses of climate change is a line of research that has emerged in the last decades, but it is rooted in early photographs from outer space, such as the Earthrise (1968) and the Blue Marble (1972), which have raised new questions regarding a global environmental consciousness. Today, the constant monitoring of the Venetian Lagoon's fragile ecosystem is carried out by means of satellite observation (e.g. ESA Copernicus Sentinel-2), but also using astronaut photography. The circulation of images of the lagoon from above on many digital platforms contributed to transforming the public image of the Venetian Lagoon into a paradigmatic environment, of which the delicate equilibrium must be preserved from the effects of the global ecological crisis. Planetary vision destabilizes and decenters the human, proposing a holistic view of the world in which the concept of the human landscape is expanded to the idea of an ecosystem.

However, the peculiarity of aerial and outer space views has been realized within the military context of two World Wars and the Cold War, which have also embroiled “the view from above” with the idea of a cold, detached, and hunting gaze. Postcolonial and eco-feminist studies have criticized the use of NASA Apollo mission's photographs (whole-Earth images) for symbolizing the emergence of the “global environment” and the Anthropocene, claiming that the Blue Planet's cyberoptimism still hides the imperialist ideology of the space race.

Reflecting on this debate, my contribution to ICCI 2024 challenges the human-centered historical narration of the aerial perspective by reflecting on the literal meaning of the expression “Bird's-Eye View.” Focusing on the Venetian Lagoon's abundant and protected avifauna,



this paper investigates the point of view of birds that permanently inhabit this body of water or temporarily stop here during their migration. It offers an exploration of the birdscape of the Venetian Lagoon by embarking on ecological exercises that use the tools of multispecies ethnography, ecocritical art history, and deep mapping. In doing so, this contribution describes more-than-human geographies of the Venetian lagoon while exploring the role of animals, specifically birds, as sentinels for environmental health.

### References | Referências

- Hadjinicolaou, Y. (2020). Visual Engagements: Image Practices and Falconry. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110618587>
- Haraway, D. J. (1991). "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective." In *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Routledge.
- Huffman, K. L. (2024). *A View of Venice: Portrait of a Renaissance City*. Duke University Press. <https://doi.org/10.1515/9781478023807>
- Patrizio, A. (2019). *The Ecological Eye*. Manchester University Press.
- van Dooren, T. (2016). *Flight Ways: Life and Loss at the Edge of Extinction*. Columbia University Press.
- Wille, R-J. (2022). The Weathervane at San Marco. In C. Baldacci, S. Bassi, L. De Capitani, and P. D. Omodeo (Eds.), *Venice and the Anthropocene: An Ecocritical Guide* (pp. 187-191). Wetlands Books.

### Biographical note | Nota biográfica

*Noemi Quagliati is a Marie Skłodowska-Curie Postdoctoral Fellow at Ca' Foscari, University of Venice, with the project Bird's-Eye Views of the Venetian Lagoon. Planetary Visions and Birdscapes of an Aquatic Ecosystem. Starting in 2024, she is part of the program "GLOBAL\_AT\_VENICE - Research and Training for Global Challenges" and is affiliated with THE NEW INSTITUTE Centre for Environmental Humanities (NICHE).*

*Noemi received a PhD in art history from Ludwig Maximilian University of Munich and the Rachel Carson Center for Environment and Society in 2021 on the subject of landscape photography in WWI Germany. From 2021 to 2023, she lectured on German eco-aesthetics at the Junior Year in Munich program (JYM), a study abroad program affiliated with LMU Munich and Wayne State University. She also offered courses on North American photography and art at LMU's Amerika-Institut, where she coordinated the PhD program of the Class of Culture and History.*

*Over the last years, she has also been a visiting researcher at the University of California, Berkeley, the University of Georgia, and the Research Institute for the History of Science and Technology of the Deutsches Museum, where she has collaborated on modernizing the museum's historical aviation section by investigating the topic of aerial photography. She has been offered research grants from the Getty Research Institute in Los Angeles and the Käte Hamburger Kolleg: Cultures of Research at RWTH Aachen University. Her research interests focus on landscape and aerial iconography, nature and territorial photography, photo-optical technology for military and environmental applications, multisensory and eco-aesthetics, animal studies, material culture, and collective memory.*

*Noemi Quagliati é pós-doutoranda no programa Marie Skłodowska-Curie na Ca' Foscari, Universidade de Veneza, com o projeto Bird's-Eye Views of the Venetian Lagoon. Visões planetárias e paisagens de pássaros de um ecossistema aquático. A partir de 2024, faz parte do programa "GLOBAL AT VENICE - Pesquisa e Treinamento para Desafios Globais" e é afiliada ao THE NEW INSTITUTE Center for Environmental Humanities (NICHE).*

*Noemi tem PhD em história da arte pela Universidade Ludwig Maximilian de Munique e pelo Centro Rachel Carson para Meio Ambiente e Sociedade em 2021 sobre o tema fotografia de pai-*



sagem na Alemanha da Primeira Guerra Mundial. De 2021 a 2023, ela lecionou sobre ecoestética alemã no programa Junior Year in Munich (JYM), um programa de estudos no exterior afiliado à LMU Munich e à Wayne State University. Também ministrou cursos de fotografia e arte norte-americana no Amerika-Institut da LMU, onde coordenou o programa de doutoramento da Classe de Cultura e História.

Nos últimos anos, foi também pesquisadora visitante nas universidades da Califórnia, Berkeley, da Geórgia e no Instituto de Investigação para a História da Ciência e Tecnologia do Deutsches Museum, onde colaborou na modernização do património histórico do museu. seção de aviação investigando o tema da fotografia aérea. Ela recebeu bolsas de pesquisa do Getty Research Institute em Los Angeles e do Käte Hamburger Kolleg: Cultures of Research da RWTH Aachen University. Os seus interesses de investigação centram-se em iconografia paisagística e aérea, fotografia de natureza e territorial, tecnologia foto-óptica para aplicações militares e ambientais, multissensorial e ecoestética, estudos animais, cultura material e memória colectiva.

## Healing the landscape with shit and money: Wenzel Hablik's Notgeld

Tom Wilkinson

Keywords: Metabolic rift; Expressionism; Inflation; Money; Germany

A 1921 banknote from the German town of Itzehoe shows a figure in a garden with his trousers down, shitting; the turd forms the denomination of the note, 1 Mark. The German inflation of 1914-1923 was accompanied by a deluge of Notgeld or emergency money, small denomination notes issued by towns and businesses to make up for a lack of small change. As a collectors' market developed around these objects, local artists were hired to design colourful, bizarre and sometimes disturbing notes; the one described above was produced by the expressionist painter Wenzel Hablik. Though Hablik's shitting man may seem an unusual theme for money, several examples of Notgeld show people and animals in the act of excretion. These are eloquent regarding the status of money in this period, when currency had become as worthless as the most worthless substance of all. But by far the most common iconographic motif on Notgeld was landscape. In part, the proliferation of local scenes reflected the localisation of money in this period, when control of the currency splintered into 5,000 issuing bodies. It also evinces what Jens Schröter recently identified as a key feature of the money-medium: the attempt to shore up belief in the value of these dubious tokens by referring to that most solid and dependable referent, the land. But it is my contention that this iconographic localisation also expressed a conservative impulse to counteract the solvent power of money - which had been accelerated by inflation - via the supposed stability of landscape. In some cases, this conservative grounding tipped over into an extremist insistence on localisation: the Blut und Boden doctrine that would become a cornerstone of Nazi ideology. Seen in this light, I argue that Hablik's scatology is not as cynical as it might first appear. Instead, I speculate that it is a critique of dominant Notgeld motifs, envisioning instead a different relationship with the earth - not nostalgic, like the landscapes of conservative designers, or immovably fixed, like the radical localisation of proponents of blood and soil, but mediated by metabolic processes. In fact, Hablik imagines a closure of the metabolic rift, the process (described by John Bellamy Foster using concepts taken from Marx) by which humans were torn from the land during capitalist urbanisation, breaking the cycle whereby nutrients are returned to the soil through excretion and causing soil depletion in the countryside and pollution in the city. The



artist was not alone in his concern for this problem at the time, as the work of landscape designer Leberecht Migge shows: Migge designed a special toilet for workers' housing which would collect residents' waste for use on their own allotment gardens. However, Hablik's utopia of shit contains an ambiguity: the turd, the link between human and nature, is also the number 1, the denomination of the note: in other words, an abstraction representing monetary value. Under capitalism the expressionist crystal of the turd ineluctably turns to the money crystal.

### References | Referências

Foster, J. B. (1999). Marx's Theory of Metabolic Rift: Classical Foundations for Environmental Sociology. *American Journal of Sociology*, 105(2), 366–405.

<https://doi.org/10.1086/210315>

Schröter, J. (2018). Das Geld und die Medientheorie. *Zeitschrift für*

*Medienwissenschaft*, 10(18), 59–72. <https://dx.doi.org/10.25969/mediarep/2364>

### Biographical note | Nota biográfica

Tom Wilkinson is a writer and historian specialising in architecture and the visual culture of modern Germany.

Tom is currently a Lecturer at Birkbeck, University of London, and at the Courtauld Institute of Art. He was previously a Leverhulme Early Career Fellow at the Warburg Institute and has a PhD in the History of Art from University College London. He is also the History Editor of the *Architectural Review*, where he has worked since 2012. He has written for the *Guardian*, *Domus*, *Tribune*, *Apollo*, and the *Architect's Journal*, among others, and his first book, *Bricks and Mortals: Ten Great Buildings and the People They Made* was published by Bloomsbury in 2014. He is co-director of *New Architecture Writers*, a programme for young Black and ethnic minority design critics that he co-founded in 2017. Tom has organised lecture series at the Warburg Institute, the Soane Museum, and the Royal Academy, where he also co-curated an exhibition titled *Futures Found: The Real and Imagined Cityscapes of Postwar Britain* in 2017.

Tom Wilkinson é escritor e historiador especializado em arquitetura e na cultura visual da Alemanha moderna.

Tom é atualmente professor em Birkbeck, Universidade de Londres, e no Courtauld Institute of Art. Anteriormente, ele foi Leverhulme Early Career Fellow no Warburg Institute e possui doutorado em História da Arte pela University College London. Ele também é editor de história da *Architectural Review*, onde trabalha desde 2012. Escreveu para o *Guardian*, *Domus*, *Tribune*, *Apollo* e *Architect's Journal*, entre outros, e seu primeiro livro, *'Bricks and Mortals: Ten Great Buildings and the People They Made'* foi publicado pela Bloomsbury em 2014. Ele é codiretor do *New Architecture Writers*, um programa para jovens críticos de design negros e de minorias étnicas, que ele cofundou em 2017. Tom organizou séries de palestras no Warburg Institute, no Soane Museum e na Royal Academy, onde também foi co-curador de uma exposição intitulada *Futures Found: The Real and Imagined Cityscapes of Postwar Britain* em 2017.



# Panoptical Dissidence: Challenging The Panorama of Congo through Artistic Research in Virtual Reality

Wim Forceville

*In this presentation and Virtual Reality (VR) demo, Wim Forceville sheds light on the artistic research process and philosophical insights gathered from (virtual) exhibition Panoptical Dissidence, a collaborative research output from the FilmEU RIT project Congo VR.*

*As one of three VR experiences developed in the course of the project, the title Panoptical Dissidence refers to voices that challenge or subvert dominant and oppressive discourses. The artists participating in this VR exhibition pose critical questions and critique the colonial propaganda embedded in the Panorama of Congo, a monumental panorama painting that was commissioned for the World Fair in Ghent in 1913. The artworks can be experienced in a unique virtual reconstruction of the original panorama. They work to challenge and deconstruct the seductive (colonial) gaze of the panorama's historical design, as well as raise awareness about systems of exploitation and oppression that are very much part of our contemporary context. (Colonial) propaganda, much like surveillance, functions as a mechanism of control. It disseminates information that shapes public perception and opinion, thereby exerting a form of social control over large populations. This relationship between propaganda and control can be further understood through Michel Foucault's analysis of power and knowledge in 'Discipline and Punish.' Foucault illuminates how totalitarian regimes and crony capitalist societies utilize ideological constructs, including utopias. Achille Mbembe, in his seminal essay "Necropolitics," extends Foucault's concept of biopolitics by exploring how contemporary regimes exert control over life and death. Mbembe examines how states decide who may live and who must die, linking these decisions to colonial histories and totalitarian practices. Utopian visions in such contexts often justify extreme measures and violence as necessary for the greater good, which was exactly the (racist, imperialist) ideology used in Belgian Congo. The Panorama of the Congo is a prime example of a device in the form of an utopian landscape to exert control. Unlike mass media that ironically consumes the observer like Walter Benjamin states in his 'The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction,' this VR aims to invite users to engage actively and rethink their positions towards the visions presented by the artists. Western empirical philosophy often equates seeing with knowing, privileging the visual sense over others. VR, however, allows users to engage additional senses, such as in synesthesia (create experiences that simulate or evoke synesthetic perceptions, where one sensory input involuntarily triggers another sensory experience.), thereby fostering a deeper, more interactive dialogue. This embodied cognition emphasizes the question of agency, transforming the viewer from a passive recipient to an active participant, questioning his own engagement/relation towards the themes and juxtaposing its position to the role of colonial subjects. Wim will show results of this praxis.*

## References | Referências

This VR installation features the work of five artists:

Hadassa Ngamba (Brussels, Belgium, Lubumbashi, DRC) with "LA TABLE SEREINE DE SAINTE THÈSE," a dynamic philosophical invitation to survive.



Lukah Katangila (Brussels, Belgium) with "MB-ULA,"  
 ing the connections between human beings and othe

### **Biographical note | Nota biográfica**

*Wim Forceville is based in Ghent, Belgium and Lisbon, Portugal. As a researcher/lecturer at Luca School of Arts he likes to create immersive art, mostly non-linear films & installations. He creates experiences that take the visitor/player beyond the delusion of the day, often reflecting philosophical and societal issues. His work is about participation, dialogue & deeper meanings of human made systems. He co-created the award-winning multilingual AR game Babelar, which is not only a great gaming experience, but also a didactic tool that helps to positively introduce other languages and cultures and the multilingual needs of children. He coordinated the artistic research and VR development of 'Panoptical Dissidence', a collaborative research output of the Film EU RIT project Congo VR. The Congolese artists involved in this VR exhibition critically question and critique the colonial propaganda embedded in the Panorama of the Congo, a monumental panoramic painting commissioned for the 1913 Ghent World's Fair. He also runs an artistic practice, Wuwao, as an 'interdependent' producer/maker of immersive art, films and installations. He is the producer & DOP of the multi-award winning 'Kinshasa Now', an interactive cinematic VR fiction film in Congo, Kinshasa Now by Marc-Henri Wajnberg. Creative technologist of Glad that I came, not sorry to depart, an award-winning VR piece with poems by Omar Khayyam by Belgian-Iranian artist Azam Mazoumsadeh. He is the producer and conceptual designer of 'WILDING' with Catherine Ongenae, a poetic interactive listening performance in 3D-audio that invites you to get lost and wander in the forest mixing folkloric stories with mental health testimonials. He is producing Table Dialogues, a collection of five intimate, immersive, participatory performances. Table Dialogues is a project that combines augmented reality, interactive theater and visual art. He is the producer and director of photography of the cinematic VR experience "Antigone in Molenbeek", about a woman confronted with the Belgian patriarchal society. Next to all this digital and interactive pixeloria, he is also a permaculture (silent revolution disguised as gardening) teacher involved in Community Supported agriculture and muddy projects.*



## Painel 14. Escritas ecocríticas Moderação /Host: Amadeu Weinmann

(8 ago. 8:30-10:00, Bloco F, Auditório do Bloco F, presencial)

### A flor de mulungu: literatura, resistência e psicanálise

Camila Backes

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Resistência; Estilo; Transmissão

A flor de Mulungu é uma flor brasileira de beleza hipnotizante, sua cor vermelha alaranjada desponta vibrante no inverno brasileiro e suas flores tem sido usadas como efeito calmante e sedativo pela medicina popular. A premiada escritora Conceição Evaristo lançou em 2023 o livro *Macabéa: flor de Mulungu*, que poderíamos chamar de uma apropriação ou releitura do romance clássico escrito por Clarice Lispector em 1977 “A hora da estrela”. Em quase meio século que divide um livro de outro, podemos dizer que o Brasil tem vivido significativas transformações, passou a olhar mais para suas feridas e heranças coloniais, e o pensamento decolonial desponta em forma de narrativas contra hegemônicas. O objetivo deste trabalho é refletir acerca do conceito psicanalítico de estilo e de transmissão, a partir da releitura que

Conceição faz de Clarice, apontando para a ferida brasileira com um olhar crítico que agrega também o pensamento ecológico à narrativa clariceana. “Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Macabéa, caída e semimorta no chão, imaginei que a flor de mulungu seria para ela, ou melhor, seria ela (p.7)”. A obra de Evaristo, conta, também, com as ilustrações em uma união entre palavra e imagem para compor a narrativa. A partir de tal apropriação de narrativas utilizamos o conceito de poética da extração (2018), para avançar em nosso estudo, uma proposta metodológica de caráter psicanalítico que articula a arte da escuta com o processo de “cortar para ler”. Um processo manual de extração de palavras através do recorte, criando vazios que permitem novas composições da narrativa, construindo uma história original com as palavras restantes e possibilitando a entrada de um terceiro, o toque, na relação olhar e livro, que produz a condução da leitura a partir da experiência tátil, e que faz resistência às produções em massa, de modo que para cada página utilizada, uma nova lâmina foi produzida. Trata-se de um processo de desmontagem da narrativa, de modo que, de um detalhe, recortado, de uma poética da extração, algo único, novo e singular pode surgir. Da mesma forma, transpondo para a literatura brasileira contemporânea, *A flor de Mulungu*, lança luz à resistência de mulheres como Macabéa, que “não morrem e costumam ser porta-vozes de outras mulheres, iguais a elas”

#### Referências | References

- Evaristo, C. (2023). *Macabéa: flor de Mulungu*. Oficina Raquel.
- Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na *Gradiva* (P. César de Souza, Trad.). Em *Obras completas* (1906-1909) (Vol. 8). Companhia das Letras.
- Dos Santos, C. (2018). Poética da extração, literatura e psicanálise: o (des) fazer a forma, o estilo e a transmissão do impossível [Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia]





Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193740>

### Nota biográfica | Biographical note

*Camila Backes dos Santos. Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale.*

*Camila Backes dos Santos is a Psychologist graduated at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. PhD in Social and Institutional Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Postdoctoral degree from the Postgraduate Program in Cultural Diversity and Social Inclusion at Feevale University. E-mail: [camibackes@gmail.com](mailto:camibackes@gmail.com) |Orcid <https://orcid.org/0000-0001-7276-8252>*

## A palavra afiada: da crítica à reanimação da língua

Clara Motta

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Experiência; Linguagem; Subjetividade; Oficinas estéticas

A palavra afiada é o nome de uma oficina estética de escrita direcionada à estudantes de pós-graduação, realizada no âmbito de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. O dispositivo da oficina tinha como direção a ativação e ampliação dos participantes com uma certa natureza poética da linguagem (Kirinus, 2011) afim de azeitar as máquinas de produção do texto científico na área das humanidades.

A proposta surge de um diagnóstico do presente relativo a um certo 'apodrecimento da língua', fazendo com que esta perca sua capacidade de agenciar novos sentidos no mundo. Essa espécie de neutralização da potência da palavra é pensada, especificamente na pesquisa em questão, no âmbito da escrita científica no campo das humanidades a partir do esvaziamento dos termos usados para compor os artigos, teses e dissertações, da perda da capacidade de transmissão e produção de uma experiência em seu sentido profundo.

Tomando como ponto de partida a Carta a Lord Chandos, de Hugo Von Hofmmansthal (2012) na qual o jovem literato compartilha com um amigo a estranha enfermidade de sentir as palavras abstratas se decompondo na boca como fungos apodrecidos, percorreremos as reflexões de Jorge Larrosa (2020), filósofo da educação espanhol a respeito da temática, lateralizados à concepção performática da palavra segundo a obra de Valère Novarina.

Ao traçar em seus textos a impossibilidade da linguagem ser apenas um instrumento humano, o dramaturgo francês irá dizer que "falar não é comunicar (...) falar é antes abrir a boca e atacar o mundo com ela, saber morder. O mundo é por nós furado, revirado, mudado ao falar" (Novarina, 2007, p. 16).

Diante da experiência da linguagem apodrecida, os exercícios lúdicos com as palavras



propostos na oficina tinham em vista a liberação dos usos enrijecidos da linguagem, resgatando a possibilidade reanimar a língua. As brincadeiras envolvendo a descontextualização semântica e sintática, permitia às palavras serem lançadas em uma espécie de flutuação significativa, que é nada menos do que imagem acústica da palavra (Sausurre, 2013); não apenas o som da palavra falada, mas a inscrição psíquica de seu som. Afiar palavras é, portanto, compor novas imagens possíveis a partir da maneira como correlacionamos o mundo aos conjuntos de letras que traçamos no papel.

Em uma composição de fragmentos do relato da experiência de coordenação das oficinas e de tratados sobre a linguagem e sobre a experiência com a linguagem, como a Carta a Lord Chandos e o texto dramático de Valère Novarina, pretende-se traçar um percurso da crítica à reanimação da linguagem, em um passeio pelas múltiplas dimensões da palavra.

### Referências | References

- Kirinus, G. (2011). Synthomas de poesia na infância. Paulinas.  
 Larrosa, J. (2020). Tremores: escritos sobre experiência. Autêntica.  
 Hofmannsthal, Hugo Von. (2012). Carta a Lord Chandos. Edições Chão da Feira.  
 Novarina, V. (2009). Diante da palavra. 7 Letras.  
 Saussure, F. de. (2013). Curso de linguística geral. Cultrix.

### Nota biográfica | Biographical note

*Psicóloga e psicanalista em formação. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com uma pesquisa sobre a experiência de escrita na pós-graduação a partir da proposição de oficinas estéticas de escrita. Atualmente é doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina, interrogando práticas de desmedicalização no domínio da infância.*

*Psychologist and psychoanalyst in training. Master in Psychology from the Federal University of Santa Catarina, with research on the experience of writing in postgraduate studies based on the proposition of aesthetic writing workshops. She is currently a doctoral student in the Interdisciplinary Program in Human Sciences at the Federal University of Santa Catarina, interrogating demedicalization practices in the field of childhood.*

## Narrar a história desde uma perspectiva contra-hegemônica: diálogos entre obras de Andrea Giunta e Eliane Brum

Gerusa Morgana Bloss

Palavras-chave: Andrea Giunta; Eliane Brum; Arte contemporânea; Anacronismo; Narrativas contra-hegemônicas

Se o anacronismo das imagens pode ser orientador para a composição de um agenciamento da história (Didi-Huberman, 2006) que aponta para o movimento do desejo (Freud, 1976 [1908]), temos o desafio, também, de constituir algumas referências que permitam essa construção. A ideia de uma montagem (Didi-Huberman, 2007) reconfigura traços da experiência e abre perspectivas dialéticas. Colocar em diálogo obras de Andrea Giunta e Eliane Brum coloca-se, assim, como movimento propulsor de novos agenciamentos. Em "Contra el Canon: el Arte Contemporáneo en un Mundo Sin Centro" (2020), a professora de artes e



curadora argentina Andrea Giunta convida-nos a perscrutar as mudanças pós-guerra ocorridas no âmbito das artes visuais. Noções como centro e periferia são desestabilizadas para que a lógica das simultaneidades possa se constituir em um paradigma entre as poéticas expressas em diferentes partes do mundo, balizando a configuração de outras lentes de leitura da história. Trata-se de uma historiografia latino-americana das imagens e das tramas que as envolvem, balizadas pelo conceito de “vanguardas simultâneas” (Giunta, 2020). Em “Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo” (2021), a jornalista brasileira Eliane Brum traça formas outras às experiências que a atravessaram morando na Amazônia e convivendo com os verdadeiros guardiões da possibilidade de sobrevivência em um mundo que está caminhando a passos rápidos para um colapso ambiental. Os indígenas e a floresta são os principais guias para buscar um reestabelecimento diante da crise global que se acentua (Brum, 2021). Relocalizar o centro se repete em diferentes perspectivas, portanto. Uma para desorientar pontos rígidos de uma narrativa, outra em localizar onde está o centro para que se possa fazer dele a questão urgente de nosso tempo. Abrir espaço para a diversidade da história significa, nesse sentido, outros modos de agenciamento coletivos para que as questões atuais possam seguir vivas, pulsantes, e delas possa advir tanto novas metáforas à humanidade quanto a possibilidade mesma de sua sobrevivência. Urge que possamos contar a história e dela tornarmo-nos participantes ativos. É esse o convite que ambas as autoras nos fazem e que busco articular para que sigam a orientar os fazeres e pesquisas de nosso tempo.

### Referências | References

- Brum, E. (2021). Banzeiro Òkòtó: Uma Viagem à Amazônia Centro do Mundo (1a ed.) Companhia das Letras.
- Didi-Huberman, G. (2006). Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes. Adriana Hidalgo.
- Didi-Huberman, G. (2007). Un conocimiento por el montaje. Entrevista concedida a Pedro G. Romero. *Minerva*. n. 5, p. 17-22
- Freud, S. (1976). Escritores criativos e devaneio [1908]. Em J. Salomão (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 147-158, Vol. IX.). Imago.
- Giunta, A. (2020). *Contra el Canon: El arte contemporáneo en un mundo sin centro* (1 ed.). Siglo Veintiuno Editores.

### Nota biográfica | Biographical note

*Gerusa Morgana Bloss. Psicanalista. Psicóloga - graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente realizo o pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, atuando como professora colaboradora.*

*Gerusa Morgana Bloss. Psychoanalyst. Psychologist - graduated from the Federal University of Santa Maria (UFSM). Master and PhD in Psychology from the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Currently undertaking a post-doctorate in the Postgraduate Program in Psychology at UFSC, working as a collaborating professor.*



## Painel 15. Contra narrativas /contra imaginários Moderação /Host: Anderson Abreu

(8 ago./8:30-10:00, Sala 324, presencial)

### Entre o surgimento e a desapareição: limiars contra-narrativos em “2021 Spell to become invisible”, de Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi

*Andressa Colbalchini e Ana Lúcia Mandelli de Marsillac*

Palavras-chave: Decolonialidade; Contra-Narrativa; Arte, Psicanálise; Política

A obra “2021: Spell to become invisible” é uma performance realizada através da parceria de duas artistas brasileiras, Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi. Compreende um período de estudo de livros, os quais inspiram anotações em carvão sobre grandes folhas de papel, seguido da leitura dessas escritas em voz alta pelas artistas que, por fim, rasuram-nas diante do público, produzindo um desenho abstrato de grandes proporções. Trata-se de uma performance que se encontra no limite da própria definição, pois, ao dialogar com a leitura, a escrita e o desenho, tensiona as fronteiras entre distintas expressões artísticas. Da indefinição enquanto ato performático implícito na própria forma híbrida da obra, buscamos realizar uma análise imersa também nas fronteiras do indefinido, nos *limiars* entre ética, estética e política, tendo a psicanálise freudo-lacaniana como alicerce. Assim, movimentadas pela transferência com a obra, partimos do método psicanalítico, que compreende a associação livre, a atenção flutuante e análise das suas contingências de criação. Consideramos que, sendo permeada por referências aos estudos decoloniais, os quais estão presentes nos textos lidos pelas artistas durante a primeira etapa da performance, a obra parece interrogar, desde seu título, as dinâmicas de reconhecimento presentes na contemporaneidade e a lógica colonial que lhes atravessa. Diante disso, levantamos a seguinte questão: como a obra articula as possibilidades de resistência às contradições coloniais que assujeitam a diferença a uma gramática única de reconhecimento? Sem a intenção de chegarmos a uma resposta final e unívoca, orbitamos em torno dos significantes emergidos do encontro com a obra, traçando relações com as reflexões de Georges Didi-Huberman sobre a imagem, no tocante à escuridão como possibilidade de abertura para outras formas de visibilidade. Discutimos, a partir das contribuições de Vladimir Safatle, a respeito da obra artística como forma de emancipação não afeita a um sentido imediato, mas relativa à uma negatividade diante do instituído. Para a psicanálise, a rigidez do sentido não corresponde à ética do sujeito, uma vez que este se produz na hiância entre os significantes, deslizando metonimicamente nos movimentos do desejo. Em contrapartida, a modernidade colonial-capitalista instituiu modalidades de representação e de sentido pelas quais um sujeito pode se identificar e ser – ou não – reconhecido e aceito, comprimindo a possibilidade de emergência do novo e petrificando a história na violência da mesmidade. Nesse aspecto, obra nos convida a vislumbrar uma



potência política do invisível, no limiar entre a escrita e sua rasura, acionando e tensionando os espaços do conhecido e do desconhecido. Por fim, afirmamos sua força de dizer sem colonizar a latência do indizível, de apontar para a possibilidade de (r)existir coletivamente sem apagar-se no amálgama das massas, e de subverter os totalitarismos sem adentrar a uma lógica totalizante do ser.

### Referências | References

Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Editora UFMG.

Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Cobogó.

Safatle, V. (2022). *Em um com o impulso*. Autêntica.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Andressa Colbalchini. Psicóloga brasileira, Mestranda em Psicologia Social na linha de Psicanálise, Política e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No mestrado, pesquisa o enlace entre arte e psicanálise, a partir da obra da artista plástica Adriana Varejão. Brazilian psychologist, Master's student in Social Psychology in the field of Psychoanalysis, Politics and Culture at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In her master's degree, she researches the link between art and psychoanalysis, based on the work of the artist Adriana Varejão.*

*Ana Lúcia Mandelli de Marsillac. Psicóloga, Psicanalista, Profa. Dra. Departamento de Psicologia e do PPG Psicologia UFSC/Brasil, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFSC, Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas (LAPCIP/UFSC). Pós-doutora pela Universidade Nova de Lisboa/Portugal.*

*Psychologist, Psychoanalyst, Prof. Dr. Department of Psychology and PPG Psychology UFSC/Brazil, Coordinator of the Postgraduate Program in Psychology UFSC, Coordinator of the Laboratory of Psychoanalysis, Creative Processes and Political Interactions (LAPCIP/UFSC). Post-doctorate at Universidade Nova de Lisboa/Portugal.*

## Como disputar imaginários?

*Mario Morel, Vitor Lemos Reis e Bruna Pinna*

O processo de colonização fundou a experiência brasileira, definiu os territórios e os corpos, podendo ser observado os efeitos desse processo ainda em operação nas instituições e seus agentes, como a polícia, os hospitais e as universidades. Pensando junto com Muniz Sodré (2023), podemos dizer que a colonização transcende as estruturas das instituições, se perpetuando ao longo do tempo por meio da linguagem, atingindo diretamente nossos afetos. Desse modo, ainda que a sociedade colonial-escravista tenha tido seu fim no Brasil a partir da Lei Áurea, imagens que remetem ao modo de ser colonial continuam se atualizando ininterruptamente, ao exemplo dos frequentes ataques aos entregadores do ifood, na diferença de atuação dos policiais militares de acordo com o perfil socioeconômico de cada bairro da cidade e também sobre o modo em que cada tipo de expressão artística ou litúrgica é ou não reconhecido como parte da nossa cultura, indicando o que deve ou não ser preservado/destruído.

Mas o que se atualiza com essas imagens coloniais que ainda hoje insistem em se materializar?



Uma forma! - Diria Sodré (2023). Uma forma de sentir e agir. Um modo de vida que Nego Bispo (2023) se refere como Euro- Cristão-Colonizador. Os europeus tiveram seus modos/medos construídos através de uma cosmologia monoteísta, resultando, assim, num tipo de pensamento universalizante. Partindo da ideia de que só uma forma de vida poderia ser verdadeira, todas as outras formas poderiam ser submetidas a sua cosmofofia. A partir disso, Bispo (2023) aponta o contracolonialismo enquanto modo de resistência frente a colonização subjetiva. No campo da linguagem, isso significa enfraquecer os conceitos do colonizador enquanto se potencializa os conceitos orgânicos. Felix Guattari (1992) argumenta no seu livro *Caosmose*, que a subjetividade que se produz no capitalismo é fundamentalmente desterritorializada. Isso quer dizer que seus territórios etológicos originários não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustaram em universos incorporais – em imagens. Tanto Guattari (1992) quanto Bispo (2023) perceberam, por vias distintas, a necessidade do colonialismo de produzir essa desterritorialização. Ambos entenderam uma operação do capitalismo que mantém a servidão do outro. Nesse sentido, contracolonial é o gesto que produz contra-imagens. O pensador Antilhano Edouard Glissant (2021) chama atenção para o imaginário enquanto campo de disputa, ele olha para a força inventiva da linguagem como modo de produção de si e de mundo. A poética da linguagem enquanto máquina de guerra e máquina poética. Uma aposta na opacidade como resposta à transparência colonial. Direção que é sintonizada com a proposta clínico-política de combate a colonização subjetiva do psiquiatra e militante antilhano Frantz Fanon(2022), que defende a importância da violência na luta por libertação. No entanto, não se trata de uma violência colonial – aquela que além de destruir o modo de vida nativo, dá contorno as imagens, cria um outro monstruoso – mas de uma violência criativa. Uma violência que destrói o imaginário colonial. Diante da monocultura imagética neoliberal, entendemos que contra-imaginar e disputar na contramão das representações de um mundo dado é uma tarefa cada vez mais urgente.

### Referências | References

- Fanon, F. (2022). *Os Condenados da Terra*. Zahar.  
 Glissant, É. (2021). *Poética da Relação*. Bazar do tempo.  
 Guattari, F. (1990). *Caosmose*. Editora 34.  
 Santos, A. B. (2023). *A Terra dá, a Terra quer*. Ubu Editora.  
 Sodré, M. (2023). *O Fascismo da cor*. Editora Vozes.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Mario Morel é psicólogo clínico, acompanhante terapêutico e mestre em estudos da subjetividade pela UFF.*

*Mario Morel is a clinical psychologist, therapeutic companion and master in subjectivity studies from UFF.*

*Vitor Lemos Reis é psicólogo clínico, acompanhante terapêutico e mestrando em estudos da subjetividade pela UFF.*

*Vitor Lemos Reis is a clinical psychologist, therapeutic companion and master's student in subjectivity studies at UFF.*

*Bruna Pinna é psicóloga clínica, acompanhante terapêutica e mestre em estudos da subjetividade pela UFF. Idealizadora da Casa Jangada no Rio de Janeiro.*

*Bruna Pinna is a clinical psychologist, therapeutic companion and master in subjectivity studies from UFF. Creator of Casa Jangada in Rio de Janeiro.*



## Performance: *Sonho meu?*

Luiz Fernando Pereira Lopes

Palavras-chave: Artes/Design/Artefato; Material de (re)úso; Arte Educação; Sujeito/ espiritualidade/ser sustentável

A sílaba RE seguida da contra barra, \, muito usada como símbolo virtual, significa: o que abre ao caractere seguinte, o qual deve ser tratado de forma especial. Neste caso, a própria sílaba RE, mas com as letras espelhadas, assim: como vistas desde um espelho formando a palavra REVER. Referência ao poema visual homônimo de Augusto de Campos (1971), a sílaba entre ver ou rever, uso como em (re)úso pelo processo e seu deflagrar de possibilidades e, portanto, materialidade. Este vídeo performance, faz parte de minha tese de doutorado a qual título: Rever o (re)úso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa. Apresentada na abertura da defesa para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Uma revisão em minha produção/formação/constituição os três lugares em torno de meu ser/estar/gestar. Onde podemos chegar diante de um espelho? Espelho não somente na sua materialidade reflexiva, mas no que nela podemos aprofundar e deflagrar em nosso caminho como arquiteto, artista e educador. Um sonho no qual finalizo como propõe o poeta cubano Jose Marti: "cultivo uma rosa branca entre junho como em janeiro para o amigo sincero que me dá sua mão franca, mas ao cruel que me arranca o coração: nem cardo e nem urtiga cultivo, cultivo uma rosa branca". Proponho uma ação na qual apresento o vídeo performance e abro uma discussão.

Link para assistir o vídeo:

[https://video.wixstatic.com/video/26767b\\_a66738c30c844f65a90368af3dd0d-c12/1080p/mp4/file.mp4](https://video.wixstatic.com/video/26767b_a66738c30c844f65a90368af3dd0d-c12/1080p/mp4/file.mp4)

### Nota biográfica | Biographical note

*Luiz Fernando Pereira Lopes. Também conhecido como Lufe Lopes, nome artístico, com o qual assina seus trabalhos em artes e ecodesign. Doutor em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA - USP (2021). Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda - CUMML (2015). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Moura Lacerda (CUMML -1986). Dedicou-se a docência desde sua formação em 1986, ministrando classes na área de História, Estética, Composição, Plástica, Desenho, Desenho Industrial e Tridimensionais e atualmente está como professor autônomo e sigo com o grupo de pesquisa da ECA-USP. Sua pesquisa está voltada a utilização de materiais de (re)úso, materiais, tanto em suas peças de criação no eco design, como em Artes. Áreas de interesse Artes, Design, Arquitetura todas ligadas a uma produção responsável envolvidas por questões da ecologia, meio ambiente e seus impactos em toda sua produção. A transFORMAção como denomina sua produção unindo os três conceitos e as fases necessária para sua percepção, união e criação.*

*Also known as Lufe Lopes, artistic name with which he signs his works in arts and ecodesign. PhD in Arts from the School of Communications and Arts of the University of São Paulo, ECA - USP (2021). Master's degree in Education from Centro Universitário Moura Lacerda - CUMML (2015). He holds a degree in Architecture and Urban Planning from Centro Universitário Moura Lacerda (CUMML -1986). He has dedicated himself to teaching since his training in 1986, teaching classes in the areas of History, Aesthetics, Composition, Plastics, Drawing, Industrial and Three-*



*e-Dimensional Design and is currently a freelance professor and continues with the ECA-USP research group. His research is focused on the use of (re)use materials, both in his creative pieces in eco design and in Arts. Areas of interest Arts, Design, Architecture all linked to responsible production involved in issues of ecology, environment and their impacts on all production. Trans-FORMation, as his production is called, unites the three concepts and the phases necessary for their perception, union and creation.*

## **10h00 - Pausa para o café | Coffee break 10h45**

### **Performances**

#### **Rememorações à casa de/by Rita Cássia [Remembrances of home]**

Hall do Bloco B / Bloco B Hall

#### **O esconderijo das quimeras de /by Rubens Takamine [The hiding place of chimeras]**

### **Em permanência: Mostra de filmes A permanent film screening**

(Miniauditório Bloco B, Block B Mini auditorium)

### **Arte dos povos ancestrais Hall do Bloco B /Art from ancestral peoples (Block B Hall)**

## **10h45 - Orador principal/ Keynote Speaker: 12h00 Ricardo Socas Wiese e equipe (UFSC)**

### **O processo participativo de projeto da Moradia Estudantil Indígena da UFSC (with English translation)**

**Apresentação Ana Lúcia Mandelli Marsillac  
Auditório do Bloco B / Block B Auditorium**





**12h00 - Almoço | Lunch**  
**14h30**

## **Performance**

**Imagem e Paisagem Sonoras: performance sonora como método de produção de contra-imagens em Um pedaço de céu, uma faixa de terra, por Lucca Totti**

Hall do Bloco B / Block B Hall

**Dançar no escuro: resultados do ateliê com Ângela Ferreira**  
**Roda de conversa/ Conversation circle**

Hall do Bloco E /Block E Hall

**Em permanência: Mostra de filmes**  
A permanent film screening

(Miniauditório Bloco B, Block B Mini auditorium)

**Arte dos povos ancestrais**  
Hall do Bloco B /Art from ancestral peoples

(Block B Hall)

**14h30 - Painéis presenciais e online paralelos /**  
**16h00 In-person and online parallel panels**



## Painel 16. Decolonização e resistência política Moderação /Host: Iacã Macerata

(8 ago. 14:30-16:00, Auditório do Bloco B, presencial)

### Afirmção da contra-imagem psicodélica decolonial na contemporaneidade

*Jose Eliezer Mikosz*

Palavras-chave: Ayahuasca; Xamanismo; Pintura Visionária; Arte Indígena; Decolonização

Com a tese A arte visionária e a Ayahuasca, buscou-se evidenciar uma prática muito antiga na humanidade que é realizar desenhos, pinturas, esculturas, inspiradas em visões advindas de estados não ordinários de consciência (ENOC). Nos primeiros estágios dessas visões pode acontecer o fenômeno entóptico, onde padrões geométricos aparecem como os ziguezagues, treliças, espirais entre outros grafismos encontrados na arte rupestre e indígena. Diversos povos na América do Sul utilizam plantas psicoativas em suas culturas, baseados em suas visões constroem esses padrões em suas pinturas corporais, vestimentas, cerâmica etc., num estilo característico de sua cultura.

Podemos observar os trabalhos dos índios Shipibo no Peru onde os ziguezagues e espirais estão presentes. Um exemplo notável dessa construção artística é do pintor Pablo Amaringo, um xamã que se dedicava a pintar quadros com representações do seu povo e de paisagens amazônicas. Foi pela influência de Luiz Eduardo Luna, um antropólogo que estava estudando os xamãs ribeirinhos que, ao entrar em contato com Amaringo, sugeriu que ele pintasse as visões resultantes da ingestão da bebida psicoativa Ayahuasca. Disso resultou uma produção que o tornou conhecido no mundo todo. Juntos escreveram o livro *Ayahuasca Visions* (1991), que se tornou um ícone. Amaringo influenciou vários artistas, ele fundou com Luna a Usko Ayar, uma escola de pintura em Pucallpa no Peru.

Se pegarmos exemplos de outros povos da Floresta Amazônica, os Tukano e Huni Kuin, vamos encontrar várias representações visuais deles que também usam a Ayahuasca de forma sacramental em sua cultura. No passado esses povos foram estudados por antropólogos como Luna, Furst e Dolmatoff.

Como é sabido, estes não tinham originalmente o mesmo entendimento da Arte que o ocidente. Não havia ali galerias de arte ou museus. Uma visão diacrônica desta questão permite compreender como a miscigenação, essa troca de culturas, possibilitou que artistas do povo Tukano e Huni Kuin (entre outros) entrassem no circuito oficial da arte, obtendo representatividade em museus, galerias e bienais, tendo um lugar de fala que é hoje objeto de pesquisa e fonte de conhecimento acessível a todos, onde se pode discutir questões num processo que hoje se define como decolonização, contribuindo assim para um renovado interesse por estes estudos num território que se quer isento e comum.

#### Referências | References



- Dolmatoff, R. (1968). *Desana: Simbolismo dos Índios Tukano del Vaupés*. Universidad de los Andes - Departamento de Antropología.
- Furst, P. T. (1976). *Alucinógenos e Cultura*. Tipografia Camões.
- Luna, L. E., & Amaringo, P. (1991). *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*. Nort Atlantic Books.
- Mikosz, J. E. (2009). *A Arte visionária e a Ayahuasca: Representações visuais de espirais e vórtices nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. Universidade Federal de Santa Catarina.

### Nota biográfica | Biographical note

*José Eliézer Mikosz. Artista transmídia, professor e pesquisador. Pós-doutoramento no Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas) e do Centro de Humanidades (CHAM) no subgrupo Arte, História e Patrimônio, com o tema em Representações de Arte e Erotismo inspirados na Contracultura Psicodélica dos anos 1960 na Universidade NOVA de Lisboa, 2024. Pós-doutoramento em Ciências da Arte e do Patrimônio com o tema Arte Visionária e Psicodélica na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), 2018. Doutorado pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC) com a tese A Arte Visionária e a Ayahuasca, 2009. Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e Editor da Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais ArtSensorium. Professor no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Mestrado Acadêmico da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap - PPGAV - Unespar Campus de Curitiba 1) e no Programa de Pós-graduação em Artes, Mestrado Profissional da Faculdade de Artes do Paraná (FAP - PPGARTES - Unespar Campus de Curitiba 2). Membro do Centro de Investigação em Belas Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA-FBAUL). Membro do CHAM, subgrupo Arte, História e Patrimônio da Universidade NOVA de Lisboa. Membro do Conselho Consultivo do Centro de Pesquisa para o Estudo de Plantas Psicointegradoras, Arte Visionária e Consciência – Wasiwaska na cidade de Florianópolis.*

*Transmedia artist, professor and researcher. Post-doctorate at the Center for Humanities (CHAM) in the subgroup Art, History and Heritage, with the theme of Representations of Art and Eroticism inspired by Counterculture Psychedelic from the 1960s at Universidade NOVA de Lisboa, 2024. Post-doctorate in Art and Heritage Sciences with the theme of Visionary and Psychedelic Art at the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon (FBAUL), 2018. Doctorate from the Postgraduate Program Interdisciplinary degree in Human Sciences from the Federal University of Santa Catarina (PPGICH-UFSC) with the thesis A Arte Visionária e a Ayahuasca, 2009. Associate Professor at the State University of Paraná (Unespar) and Editor of the International Interdisciplinary Magazine of Visual Arts ArtSensorium. Professor in the Postgraduate Program in Visual Arts, AAcademic Master's Degree at the School of Music and Fine Arts of Paraná (Embap - PPGAV - Unespar Campus de Curitiba 1) and in the Postgraduate Program in Arts, Professional Master's Degree at the Faculty of Arts of Paraná (FAP - PPGARTES - Unespar Campus de Curitiba 2). Member of the Fine Arts Research Center at the University of Lisbon (CIEBA-FBAUL). Member of CHAM, Art, History and Heritage subgroup of the NOVA University of Lisbon. Member of the Advisory Board of the Research Center for the Study of Psychointegrative Plants, Visionary Art and Consciousness – Wasiwaska in the city of Florianópolis.*

## Ensaio de Jazz: uma forma de composição democrática



Palavras-chave: Arte Negra; Resistência Política; Atlântico Negro; Estética; Anticolonialismo

A presente comunicação toma o gênero musical "jazz" como uma pedra de toque conceitual para pensar as movimentações e elaborações da Tradição Estética Afro-Atlântica ao longo da história, incorporando o pensamento da jam-session e da improvisação como elementos fundamentais para o que o professor Robert O'Meally denomina Cooperação Antagônica, uma forma de fazer-com aquilo que diverge e existe materialmente em contradição nos entrames da ordem capitalista. Fundamentando-se em um diálogo entre as propostas conceituais de O'Meally, em conjunto com uma análise social que toma conceitos de Frantz Fanon e de Walter Benjamin e de uma percepção subjetiva enraizada nas reflexões de psicanalista Jacques Lacan, a presente comunicação tem como objetivo apresentar a proposta da existência de uma Tradição Estética Afro-Atlântica e pôr a ver como a compreensão dos movimentos históricos envolvidos na coreografia que constitui esta tradição é parte imprescindível de qualquer discussão política que tenha em seu horizonte um imaginário político anticapitalista.

### Referências | References

- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Veneta.  
 Gilroy, P. (2001). *O Atlântico Negro*. Editora 34.  
 O'Meally, R. (2023). *Antagonistic Cooperation*. Columbia University Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Crítico de Arte, Curador, Professor e Tradutor. Allende Renck é Mestre na linha de pesquisa Poesia & Aisthesis do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em seu trabalho tem interesse na interface entre Arte, Política e Psicanálise, pesquisando na área da História e Teoria da Arte temas como Vanguarda, Neovanguarda, Arte Contemporânea, Teoria Política e Crítica Cultural; Estão também entre seus interesses de pesquisa os desdobramentos políticos do Jazz e as relações fluidas entre as diferentes "mídias poéticas" - Literatura, Artes Visuais, Música, Dança, Cinema, Teatro, Arquitetura e todas as demais experiências possivelmente estéticas. É especialista na obra de Frantz Fanon e Walter Benjamin. No momento desenvolve uma pesquisa de doutorado dentro da linha de pesquisa Teoria da Modernidade do PPGLit-UFSC sobre os desdobramentos políticos da produção estética produzida pelos sujeitos que compõem a diáspora africana no continente americano - à qual dá o nome de Tradição Estética Afro-Atlântica.*

*Art Critic, Curator, Teacher and Translator. Allende Renck is a Master in the Poetry & Aisthesis research line of the Postgraduate Program in Literature (PPGLit) at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In his work he is interested in the interface between Art, Politics and Psychoanalysis, researching themes such as Avant-Garde, Neo-Avant-Garde, Contemporary Art, Political Theory and Cultural Criticism in the area of Art History and Theory; Also among his research interests are the political developments of Jazz and the fluid relationships between the different "poetic media" - Literature, Visual Arts, Music, Dance, Cinema, Theater, Architecture and all other possibly aesthetic experiences. He specializes in the work of Frantz Fanon and Walter Benjamin. He is currently developing doctoral research within the Theory of Modernity research line at PPGLit-UFSC on the political consequences of aesthetic production produced by the subjects who*



*make up the African diaspora on the American continent - which he calls Afro-Atlantic Aesthetic Tradition.*

## Fotofilme – TransVer

Sônia Vill

Palavras-chave: – Amazônia; Fotofilme; Floresta; Resistência; Cosmovisões.

Transver – palavra inventada pelo poeta Manoel de Barros. No Livro *Sobre o Nada*, em 1996, ele escreveu: O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.

Depois de me encontrar com a Floresta Amazônica, em 2013, precisei de tempo para me encontrar em confluência com o poeta e com as cosmovisões quilombolas e indígenas e voltar aos meus arquivos para transver as imagens que fiz e dar novos destinos a elas.

Neste trabalho escolhi a linguagem do fotofilme – junção da linguagem do cinema: duração, plano, movimento (...), com o corpo da fotografia.

O hibridismo de linguagens incorporadas ao fotofilme, remete também à minha formação em fotografia e às referências buscadas nas artes visuais, no cinema, na literatura e na ação política, no modo como me vejo em relação com o mundo.

Nestes cruzamentos de vidas e inspirações nasceu o trabalho artístico TransVer. Um fotofilme feito com imagens fotográficas da Floresta Amazônica. Ele fala sobre tempo, natureza e da frequente violência usada para justificar o suposto desenvolvimento, ou o que Nego Bispo chamaria de desenvolvimento. Os brancos “povo da mercadoria”, como bem disse Davi Kopenawa, atravessados pela ganância, são incapazes de sonhar (Kopenawa, Albert, Bruce, Davi, 2015). Sonho aqui poderia também ser compreendido como viver. Ainda, segundo o autor-xamã, os brancos só sonham com eles mesmos, dada a sua incapacidade de perceber o outro, e neste outro caberia um mundo de possibilidades.

Este trabalho faz também um duplo poético/feminista. Entendendo a floresta como uma força feminina e, por isso (se isso fosse pouco), ela é alvo da misoginia e machismo de homens brancos que governam o chamado mundo do progresso e do deus mercado. Esse homem, estereótipo de poder, que precisa dominar, explorar, domar, controlar e mercantilizar tudo. É nesta visão de mundo falocêntrica e mergulhada em pensamentos curtos e obscuros, como diria Kopenawa (2015), “com a cabeça cada vez mais cheia de esquecimentos...” que torna a floresta foco e alvo de toda a sua estúpida e violenta sanha de destruição.

Na cosmovisão quilombola e indígena, a ecologia está ligada à vida que, por sua vez, é tudo que veio à existência. Deste modo, mesmo que imaginariamente, as imagens também se tornam habitantes da floresta. Uma manifestação que ocupa um lugar.

Fortaleço-me no desejo de apresentar a floresta como o centro. Como escreve Viveiros de Castro, como “vasta e ilimitada Terra cosmopolítica (...)” (in: Kopenawa, Albert, Bruce, Davi, 2015). Espaço potente de conhecimentos, afetos e ancestralidade.

### Referências | References

Barros, M. (1996). *Livro sobre o nada*. Record.

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, Trad.). Elefante.

Kopenawa, A., & Bruce, D. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (E. Viveiros de Castro, Pref., 1a ed.). Companhia das Letras.



Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.  
Santos, A. B. dos (2015). *Colonização, quilombos: modos e significações*. INCT.

### **Nota biográfica | Biographical note**

*Soninha Vill, 1970, natural de São José, mora e trabalha em Florianópolis. Fotógrafa/artista, mestra em Educação e Comunicação pela Universidade Federal de Santa Catarina, dedica-se à fotografia há mais de quinze anos. Desenvolve a sua pesquisa a partir da fotografia documental, mas de forma expandida. Seus trabalhos, de certo modo, são desenvolvidos a partir de uma reação ao contexto, ora pondo em evidência a paisagem e o modo como nos relacionamos com ela, momentos onde o local e o global se espelham e/ou se tocam. Ora falando de questões relacionadas às mulheres nesta relação, destaque para o etarismo, o machismo (...) e as formas de invisibilizar estes corpos. Entende que viver é um ato político, por isso seus trabalhos mostram os caminhos por onde são tecidas suas reflexões e o modo como se engaja politicamente pelo mundo. Participa, em Florianópolis, da Coletiva7Mulheres, grupo de mulheres artistas que trabalha a partir da linguagem da fotografia.*

*Nos últimos anos participou de várias mostras e exposições, individuais e coletivas. Destaques para os trabalhos – Amazônia, Exposição Coletiva Comunidade de Ressonâncias, no Centro Cultural Veras, 2023, Fpolis. Exposição Noite, paisagens imaginárias, da Coletiva 7 Mulheres no Espaço Cultural BRDE - Palacete dos Leões, 2023 Curitiba. O trabalho Cidadão de Bem, realizado entre 2018 e 2021, projetado no Festival de Arles, França. O ensaio (De)Passagem para o mar, 2020-2021- resultado da residência artística Missão Fotográfica BC. Participação na produção e curadoria da Exposição coletiva VerAcidade, 2018, no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler, UDESC, Florianópolis/SC. Mostra Prelúdio da Noite, no Laboratório NEFA, 2019. Esta exposição multimídia foi apresentada no Festival Instantes, em Avintes, Portugal, 2019 e no 9º Festival Foto em Pauta, Tiradentes, 2019..*

*Soninha Vill, 1970, born in São José, lives and works in Florianópolis. Photographer/artist, master in Education and Communication from the Federal University of Santa Catarina, has dedicated herself to photography for over fifteen years. Develops her research based on documentary photography, but in an expanded way. Her works, in a way, are developed from a reaction to the context, sometimes highlighting the landscape and the way we relate to it, moments where the local and the global mirror and/or touch each other. Now talking about issues related to women in this relationship, emphasis on ageism, machismo (...) and the ways of making these bodies invisible. She understands that living is a political act, which is why Her works show the paths through which her reflections are woven and the way she engages politically around the world. In Florianópolis, she participates in Coletivo 7 Mulheres, a group of women artists who work through the language of photography. In recent years she has participated in several shows and exhibitions, both solo and group. Highlights for the works – Amazônia, Collective Exhibition Comunidade de Ressonâncias, at Centro Cultural Veras, 2023, Fpolis. Night Exhibition, imaginary landscapes, by the Collective 7 Women in the BRDE Cultural Space - Palacete dos Leões, 2023 Curitiba. The Good Citizen work, carried out between 2018 and 2021, projected at the Arles Festival, France. The essay (De)Passagem para o mar, 2020-2021 - result of the artistic residency Missão Fotográfico BC. Participation in the production and curation of the collective exhibition VerAcidade, 2018, at the José Luiz Kinceler International Festival of Art and Culture, UDESC, Florianópolis/SC. Prelúdio da Noite exhibition, at the NEFA Laboratory, 2019. This multimedia exhibition was presented at the Instantes Festival, in Avintes, Portugal, 2019 and at the 9th Foto em Pauta Festival, Tiradentes, 2019. @soninhavill*



## ***E se a arte fosse travesti?***

*Jocy Meneses dos Santos Junior*

Palavras-chave: Travestis; Arte, Linguagem; Palavras; Imagens

Esta proposta de apresentação, submetida à Conferência Internacional Contra-Imagem 2024, consiste na mostra de obras de arte produzidas por onze travestis brasileiras. A reunião destas obras tem como foco responder, de certa forma, à pergunta enunciada por Ros4 na imagem que inicia a apresentação: "E se a arte fosse travesti?". Na ocasião do evento, não pretendo tecer qualquer comentário sobre as artistas ou as obras selecionadas. Selecionei e organizei imagens que falam por si mesmas, propondo uma narrativa através da conjunção das vozes das artistas selecionadas e da minha própria voz, que se evidencia nos recortes e costuras por mim feitos. Desse modo, assim como Walter Benjamin (2007, p. 502) em "Passagens": "Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar". As imagens que pretendo apresentar contém, todas elas, elementos textuais, porque me interessa como as linguagens visual e verbal se constituem enquanto campo de disputas – em sintonia, por exemplo, com o pensamento de Yná Kabe Rodríguez Olfenza (2019, p. 113) que, em sua dissertação de mestrado "Táticas de resistência: relatórios de sobrevivência da onça", entende a linguagem como "um lugar de luta". Desse modo, interessa dar a ver e a pensar como a manipulação de imagens e palavras por artistas pode servir para denunciar as injustiças deste mundo, traçando formas de resistência e construindo possibilidades de vida. Segue a transcrição dos textos que constam nas obras a serem mostradas:

"E se a arte fosse travesti?" (Ros4)

"Vidas trans precarizadas. Você contribui para aumentar ou diminuir o peso que somos obrigadas a carregar?" (Brenda Bazante)

"Cuidado. A população travesty está em perigo de extinção: o Brasil é o país que mais mata travestis!" (Yná Kabe Rodríguez Olfenza)

"A noix pertence a vingança. Outros fins que não a morte para noix." (Vulcanica Pokaropa)

"Estamos em guerra! Bixas, travestys e sapas da américa latina uni-vxs! Serviços da comuna cuir: - Aulas sobre feminismo e ideologia de gênero. - Distribuição de jóias e apetrechos bélicos para autodefesa e luta armada contra o fascismo. – Construções de manuais para execução de críticas institucionais a partir de ações estéticas e políticas. - Exercícios de transfiguração dos imaginários que naturalizam a objetificação de corpos não brancos e não (cis hetero) normativos. - Táticas de infiltração e repolitização das narrativas hegemônicas a partir das experiências do corpo." (Lyz Parayzo)

### **Referências | References**

Benjamin, W. (2007). Passagens. Editora UFMG.

Rodríguez Olfenza, Y. K. (2019). Táticas de resistência: relatórios de sobrevivência da onça [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38050>



**Nota biográfica | Biographical note**

*Jocy Meneses dos Santos Junior. Estudante de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestrado em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás (2023), com bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Especialização em Arte, Mídia e Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (2021). Especialização em Design Gráfico no California Institute of the Arts (2019). MBA em Direção de Arte na Universidade Estácio de Sá (2019). Licenciatura em andamento em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás. Bacharelado em Design na Universidade Federal do Maranhão (2017), com período sanduíche no Queens College of City University of New York (2015-2016), com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do programa Ciência Sem Fronteiras.*

*PhD student in the Postgraduate Program in Art and Visual Culture at the Federal University of Goiás, with a scholarship granted by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). Master's degree in Art and Visual Culture at the Federal University of Goiás (2023), with a scholarship granted by the Goiás State Research Support Foundation (FAPEG). Specialization in Art, Media and Education at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Maranhão (2021). Specialization in Graphic Design at the California Institute of the Arts (2019). MBA in Art Direction at Estácio de Sá University (2019). Degree in progress in Visual Arts at the Federal University of Goiás. Bachelor's degree in Design at the Federal University of Maranhão (2017), with a sandwich period at Queens College of City University of New York (2015-2016), with a scholarship granted by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) through the Science Without Borders program.*

*E-mail: jocyjunior@discente.ufg.br*





## **Painel 17. Arte e pensamento ecológico Moderação /Host: Daniela Dalbosco Dell'Aglio**

**(8 ago. 14:30-16:00, Auditório do Bloco E, presencial)**

### **Una naturaleza (in)diferente: la vida común en la práctica artística de Sebastián Wiedemann**

*Pedro Moscoso-Flores e Antonia Viu*

Palabras clave: Naturaleza; Vida común; Materialidades expandidas; Cine experimental; Prácticas de investigación-creación

La presentación propone un análisis respecto de la noción de "vida común" en la actualidad, a partir de los aportes de algunos de autores continentales y latinoamericanos que han problematizado la noción de naturaleza desde abordajes que cuestionan los límites impuestos por el pensamiento científico positivista. Así, por ejemplo, nociones como las de "cuestiones de preocupación", propuesta por Bruno Latour, nos permiten cuestionar críticamente nuestras formas tradiciones de concebir y vincularnos con la naturaleza, estableciendo una disyunción entre el pensamiento y la percepción de la realidad respecto de la tierra, lo político, la objetividad, el arte, los medios, la imaginación y las imágenes. En esta línea, hablar de una 'vida común' más allá de parámetros estrictamente humanos parece requerir de un gesto impertinente, a saber, uno tendiente a poner en tensión los modos en que concebimos habitualmente asuntos que, por efecto de nuestros hábitos del pensamiento, se han transformado en fuentes de seguridad y certeza, puntos de partida para reflexionar sobre otras 'cosas importantes', perpetuando una actitud que, en apariencia, presupone una cierta inseparabilidad ontológica entre las palabras que significan el mundo y las cosas que conocemos en él. Asuntos tales como la naturaleza y lo natural, la tierra, lo político, la objetividad, el arte, los medios, la imaginación o las imágenes. Esto es lo que intentaremos abordar de la mano de pensadores continentales preocupados de estos asuntos, tales como A.N. Whitehead, Bruno Latour, Isabelle Stengers, Donna Haraway y Jane Bennett en diálogo con ejercicios críticos de pensadoras latinoamericanas como Guadalupe Lucero, Andrea Soto Calderón o Suely Rolnik, cuyos trabajos constituyen importantes contribuciones para repensar cuestiones como una política de la naturaleza, una imaginación material, nuevas pedagogías de la percepción, o lo micropolítico en relación com prácticas de insurrección y descolonización desde el sur. Estos trabajos contemporáneos nos parecen centrales dentro del marco de diálogos inter/transdisciplinarios entre las artes, la filosofía y las ciencias que emprenden distintos observatorios y colectivxs orientados a crear prácticas desde las cuales desandar formas de percepción que ya no sirven para habitar

nuestro presente, buscando promover activamente otros modos de habitar desde los que sea posible imaginar esa vida común que hemos escindido, paradójicamente, al privilegiar lo global como una forma de relación hegemónica. Como modo de situar lo anterior,



propondremos los trabajos *Deep blue [Springs and Apneas Between Worlds]* (2020), y *Azul profundo. Memorias de futuro de un entre-vivir cinematográfico* (2019) del artista, investigador y filósofo colombiano Sebastián Wiedemann, como una práctica especulativa que nos permite esbozar algunas de las formas en que el arte actual puede suspender hábitos de percepción, conectar mundos y ayudarnos a imaginar la vida común a la que nos referimos desde el movimiento de influjo y eflujo (Bennett) que la caracteriza. Si el polvo que respiramos y que cubre el contorno de cada superficie de nuestro mundo nos puede ayudar a entrelazar historias (Haraway) que van desde la emergencia de la vida a la toxicidad de las industrias tecnológicas de hoy (Parikka), el azul puede ser una tonalidad desde la cual conectar medios artísticos, toxicidades y dimensiones de la "naturaleza" que hoy pensamos de forma disociada.

### Referencias | References

- Danowsky, D., y Castro, E. V. de (2019). *Hay un mundo por venir. Ensayo sobre los miedos y los fines. Caja Negra.*
- Latour, B. (2004). *Politics of Nature: How to bring the sciences into democracy.* Harvard University Press.
- Latour, B., y Weibel, P. (Eds.). (2020). *Critical Zones. The Science and Politics of Landing on Earth.* ZKM/ Center for Art and Media Karlsruhe.
- Lucero, G. (2022). Consideraciones sobre el imaginario estético astronómico en el ejemplo de Campo del cielo. *AISTHESIS*, (72), 133-149. <http://dx.doi.org/10.7764/aisth.72.7>
- Maxwell, R., y Miller, T. (2012). *"Words". Greening the Media.* Oxford University Press.
- Stengers, I. (2017). *En tiempos de catástrofes. Cómo resistir a la barbarie que viene.* Ned ediciones.
- Wiedemann, S. (2020). *Deep blue [Springs and Apneas between Worlds]*
- \_\_\_\_\_. 2021. *Azul profundo como embriología cinematográfica e obliquação diagramática. (Des)trocós: revista de pensamiento radical*, 2(1), 190–214. <https://doi.org/10.53981/destroos.v2i1.34361>
- \_\_\_\_\_. 2019. *Azul profundo. Memorias de futuro de un entre-vivir cinematográfico.* Evidence.

### Notas biograficas | Biographical notes

*Pedro E. Moscoso-Flores es Psicólogo por la Universidad Diego Portales, Chile; Magíster en Filosofía Política por la Universidad de Chile; Diplomado en Estudios Avanzados en Sociología y Doctor en Filosofía por la Universidad de Valladolid, España. En la actualidad se desempeña como profesor asociado del Departamento de Filosofía en la Universidad Adolfo Ibáñez, participando como investigador asociado del Centro de Estudios Americanos de la misma universidad. En la actualidad es investigador responsable del proyecto de investigación Fondecyt Regular N° 1240835, Aproximaciones micro(cosmo)políticas al presente a través de la exploración de otras nuevas imágenes del pensamiento. Es autor de los libros Imágenes del (T)error. (Metales Pesados, 2024, en prensa) y Fragmentos del Sujeto moderno: crítica, poder, identidad (Editorial Cuarto Propio, 2018). Además, ha sido co-editor de los libros Pensar Iberoamérica. Historia, Memoria y Nuevas Tramas Regionales (Ediciones Universidad de Valladolid, 2013), La Hoja Sanitaria. Archivo del Policlínico Obrero de la I.W.W. Chile 1924-1927 (Ceibo Ediciones, 2015), Rastros y Gestos de las emociones: desbordes disciplinarios (Editorial Cuarto Propio, 2018) y Lenguajes y Materialidades. Trayectorias cruzadas (Ril, 2021).*

*Pedro E. Moscoso-Flores is a Psychologist from the Diego Portales University, Chile; Master in Political Philosophy from the University of Chile; has a Diploma in Advanced Studies in Sociology and Doctorate in Philosophy from the University of Valladolid, Spain. He currently works as an associate professor of the Department of Philosophy at the Adolfo Ibáñez University, par-*



*icipating as an associate researcher at the Center for American Studies of the same university. He is currently the researcher responsible for the research project Fondecyt Regular N° 1240835, Micro(cosmo)political approaches to the present through the exploration of other new images of thought. He is the author of the books Images of (T)error. (Metales Pesados, 2024, in press) and Fragments of the Modern Subject: criticism, power, identity (Editorial Cuarto Propio, 2018). In addition, he has been co-editor of the books Pensar Iberoamérica. History, Memory and New Regional Plots (Ediciones Universidad de Valladolid, 2013), La Hoja Sanitaria. Archive of the Workers' Polyclinic of the I.W.W. Chile 1924-1927 (Ceibo Ediciones, 2015), Traces and Gestures of emotions: disciplinary overflows (Editorial Cuarto Propio, 2018) and Languages and Materialities. Crossed trajectories (Ril, 2021).*

*Antonia Viu realizó la Maestría en Literatura Hispanoamericana en Washington University en St. Louis y el Doctorado en Literatura Chilena y Latinoamericana en la Universidad de Chile. Es Profesora titular y Directora del Doctorado Interdisciplinario en Estudios Americanos de la Universidad Adolfo Ibáñez. Su investigación actual se centra em culturas lectoras, nuevos materialismos, cultura impresa y revistas latinoamericanas. Es autora de los libros Materialidades de lo impreso. Revistas Latinoamericanas 1910- 1950 (Metales Pesados, 2019), Imaginar el pasado, decir el presente. La novela histórica chilena (1985-2003) (Ril, 2007) y coeditora de diversos libros, entre los que destacan: Lenguajes y Materialidades. Trayectorias cruzadas (RIL, 2021), Rastros y Gestos de las emociones, desbordes disciplinarios (Cuarto Propio, 2018); Escrituras a ras de suelo. Crónica latinoamericana del siglo XX (Ediciones Universidad Finis Terrae, 2014). Sus artículos han sido publicados en revistas especializadas como Anales de Literatura Chilena, Revista de Crítica Literaria Latinoamericana e Hispamérica.*

*Antonia Viu completed a Master's degree in Hispanic American Literature at Washington University in St. Louis and a PhD in Chilean and Latin American Literature at the University of Chile. She is a Professor and the Director of the Interdisciplinary Doctorate program in American Studies at the Adolfo Ibáñez University. Her current research focuses on reading cultures, new materialisms, printed culture and Latin American magazines. She is the author of the books Materialities of Print. Latin American Magazines 1910-1950 (Metales Pesados, 2019), Imagine the past, tell the present. The Chilean historical novel (1985-2003) (Ril, 2007) and co-editor of various books, including: Languages and Materialities. Crossed trajectories (RIL, 2021), Traces and Gestures of emotions, disciplinary overflows (Cuarto Propio, 2018); Writings at ground level. Latin American chronicle of the 20th century (Ediciones Universidad Finis Terrae, 2014). Her articles have been published in specialized magazines such as Anales de Literatura Chilena, Revista de Crítica Literaria Latinoamericana and Hispamérica.*

## **Versar a terra: pluralismo ontológico na obra de Otobong Nkanga**

*Luiza Proença*

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea; Ecologia; Pluralismo Ontológico; Terra; Otobong Nkanga

**Autoras e autores como Anna Tsing, Bruno Latour, Déborah Danowski, Donna Haraway e Isabelle Stengers, defendem que diante da ameaça existencial das mudanças climáticas, as instituições, ferramentas e práticas modernas precisam ser repensadas de maneira inventiva, desacelerada e cuidadosa, rompendo com os modos de fazer dicotômicos, extrati-**



vistas e antropocêntricas. Artistas tem sido consideradas/os aliadas/os nesse processo de reinvenção. No entanto, para que a aliança ganhe força é também preciso colocar em xeque os pilares ontológicos da própria arte como instituição e da subjetividade estética moderna e suas formas de imaginar e conhecer o mundo. Referindo-se a luz negra, invisível ao olho humano, como ferramenta “po-ética” ou “Dispositivo Feminista Negro”, Denise Ferreira da Silva convoca uma sensibilidade disruptiva capaz de provocar uma torção de perspectiva do pensamento moderno, na qual o trabalho de arte recusa sua condição de objeto a ser julgado por um sujeito estético universal e transparente.

Para examinar as possibilidades dessa torção, irei discorrer sobre “Landversation” (Terra-conversa) da artista nigeriana Otobong Nkanga. Desenvolvido originalmente para a 31ª Bienal de São Paulo, a obra é composta por uma instalação de cinco mesas circulares nas quais comunidades ou indivíduos se dispõem a conversar sobre a terra – sendo a palavra “terra” entendida em sua multiplicidade, ou seja, como solo, chão, território, planeta, etc. Analisando “Landversation” em diferentes exposições em localidades e tempos distintos – no Brasil (2014), no Líbano (2016), na China (2016) e em Bangladesh (2020) –, argumentarei que as variadas perspectivas que a obra conecta em suas trocas dialógicas apontam para um compromisso ou pluralismo ontológico (Stengers) crucial para resistir ao sujeito estético moderno. Tal pluralismo reconhece que a T/terra é vista e pensada de muitos modos para além da metafísica que o Ocidente elegeu como universal (Costa). Assim, irei refletir sobre quais instâncias o versar (ou “com-versar”) em “Landversation” contribui para expressar divergentes e incompatíveis versões da T/terra (Maniglier), delineando uma virada ontológica na arte.

### Referências | References

- Costa, A. (2019). *Cosmopolíticas da Terra: Modos de existência e resistência no Antropoceno* [Tese de Doutorado, PUC-RJ]. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.46900>
- Ferreira da Silva, D. (2019). *A dívida impagável*. Oficina de Imaginação Política e Living Commons.
- \_\_\_\_\_. (2016). *Blacklight*. In C. Molloy, P. Pirotte, and F. Schöneich (Eds.), *Otobong Nkanga: Lustre and Lucre*. Sternberg Press.
- Maniglier, P. (2023). *Quantas Terras? A virada geológica na antropologia*. Em D. Danowski; E. Viveiros de Castro, e R. Saldanha (Orgs.), *Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à idade da Terra* (Vol. 2). Editora Machado.
- Stengers, I. (2018). *The Challenge of Ontological Politics*. In M. Cadena, e M. Blaser (Orgs.), *A World of Many Worlds* (pp. 83-111). Duke University Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*Luiza Proença. Doutoranda em Filosofia pela PUC-RIO, com ênfase em estética e a questão ambiental. Integra o Terranias – Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico (PUC Rio/CNPq) e colabora com o projeto A Terra e Nós (PUC-Rio/CNPq), está responsável pela organização do Campus Antropoceno Brasil (2022) e América Latina (2024). Foi curadora residente no campo de trabalho comunitário/social da Akademie Schloss Solitude em Stuttgart e no centro de arte contemporânea Zamek Ujazdowski em Varsóvia (2022 e 2023). Trabalhou nas equipes curatoriais do Museu de Arte de São Paulo, da 31ª Bienal de São Paulo, da 9ª Bienal do Mercosul, do projeto bauhaus imaginista (HKW), entre outros. Em 2018, foi nomeada para o prêmio internacional Independent Vision Curatorial Award, Nova York. Editou os livros “Concreto e cristal: o acervo do MASP nos cavaletes de Lina Bo Bardi” (com Adriano Pedrosa; Cobogó, 2015) e “Museum Futures” (com Leonhard Emmerling, Latika Gupta e Memory Biwa; Turia + Kant, 2021), entre outros.*

*Luiza Proença. PhD student in Philosophy at PUC-RIO, with an emphasis on aesthetics and*



*environmental issues. She is a member of Terranias – Transdisciplinary Center for Ecological Thought (PUC Rio/CNPq) and collaborates with the project A Terra e Nós (PUC-Rio/CNPq), and is responsible for organizing the Campus Antropoceno Brasil (2022) and Latin America (2024). She was resident curator at the community/social work camp at Akademie Schloss Solitude in Stuttgart and at the Zamek Ujazdowski contemporary art center in Warsaw (2022 and 2023). She worked on the curatorial teams of the São Paulo Museum of Art, the 31st São Paulo Biennial, the 9th Mercosul Biennial, the bauhaus imaginista project (HKW), among others. In 2018, she was nominated for the international Independent Vision Curatorial Award, New York. She edited the books “Concrete and crystal: the MASP collection on the easels of Lina Bo Bardi” (with Adriano Pedrosa; Cobogó, 2015) and “Museum Futures” (with Leonhard Emmerling, Latika Gupta and Memory Biwa; Turia + Kant, 2021), and others.*

## **As foto-esculturas de Ana Teresa Barboza: para além de uma ontologia da fotografia**

*Victa de Carvalho*

Palavras-chave: Fotografia; Fotografia experimental; Arte contemporânea; Arte- têxtil; Ontologia

Ao aproximar a fotografia das práticas andinas de tecelagem, a série “Detrás del têxtil” (2018-2019), da artista peruana Ana Teresa Barboza, oferece pistas para pensar o estatuto da fotografia na contemporaneidade, bem como novas possibilidades de viver em comum no contexto das atuais crises climáticas, sociais, políticas e estéticas. Nesta série, suas imaginações artísticas se desdobram na criação de foto-esculturas de mapas geológicos híbridos de regiões específicas relacionadas às distintas práticas tradicionais de tecelagem peruana. São territórios onde vivem comunidades de língua quéchua e aymará,

baseadas, segundo, Elvira Espejo (2022), no sistema da criação mútua, um sistema de co-responsabilidade entre os seres humanos e não-humanos, no qual matéria é sinônimo de ser vivo, capaz de sentir as mudanças em seu corpo e em sua subjetividade de acordo com o modo como recebe cuidados.

Ao longo da história da fotografia latino-americana observamos diversas propostas de ultrapassagens do dispositivo modelo da fotografia, nomeado por Antonio Fatorelli (2013) de “forma-fotografia”, responsável por consolidar, ao longo da história “uma concepção purista e direta da prática fotográfica exclusivamente voltada à legitimação de certas propriedades formais, como a imagem instantânea, única e sem interferências.” (Fatorelli, 2013, p. 21). É preciso considerar que a consolidação da “forma-fotografia” se relaciona, sobretudo, a um determinado modo de ver e representar advindos dos princípios da racionalidade europeia, ancorada em critérios como objetividade, racionalidade e progresso, predominantes na modernidade, a partir do século XIX. A “forma-fotografia” (Fatorelli, 2013) responde, portanto, pela parcela de mundo organizada e construída em conformidade ao modelo hegemônico de visão predominante no ocidente, no qual um olhar perspectivado elabora a paisagem em um plano racional e bidimensional, encarnando toda a dinâmica moderna da relação dualista do sujeito com o mundo. Adotar uma perspectiva experimental para pensar a fotografia contemporânea demanda adotar um outro olhar sobre as concepções modernas essencialistas. Sob essa perspectiva, as passagens entre as imagens (Bellour, 1997), os híbridos foto- cinematográficos (Fatorelli, 2013), e os diferentes modos não convencionais de inscrição das imagens devem ser observados desde o advento da fotografia, ainda que tenham sido historicamente recalcados sob a denominação genérica de experimental. Ao misturar fotografia de paisa-



gem, bordados tradicionais e tecidos artesanais, Ana Teresa Barboza não apenas ultrapassa a concepção moderna da fotografia, desdobrada também ao longo do século XX em um gênero chamado fotografia de paisagem, mas também expõe visões de mundo antagônicas. As foto-esculturas aqui apresentadas denotam pequenos laboratórios experimentais, nos quais os diferentes métodos de conhecimento e de produção da imagem se interpenetram, se afetam, e se criam mutuamente.

Ao questionar os dualismos que sustentam as bases de nossos modos de produção de conhecimento – sujeito e objeto, natureza e cultura –, Ana Teresa Barboza desafia também os parâmetros que estruturam o campo da arte.

De que forma esse atravessamento entre diferentes meios artísticos e culturais é capaz de produzir um pensamento crítico sobre a fotografia na contemporaneidade é a preocupação central desta proposta. Trata-se de observar em que medida o esgotamento do planeta, dos modos de produção e da própria centralidade do humano, temas recorrentes em diversos trabalhos artísticos na atualidade, encontram correspondência no esgotamento do pensamento ontológico sobre a imagem fotográfica, pressuposto nos dispositivos de produção visual e audiovisual modernos. Sob a perspectiva de uma fotografia expandida, trata-se de perceber como a fotografia atravessada pelas práticas ancestrais de tecelagem, comumente associadas ao universo do trabalho artesanal feminino, pode funcionar como uma potente estratégia estético-política para a produção de outros modos de ser e de estar em comum.

## Referências | References

Bellour, R. (1997). *Entre-imagens*. Papyrus.

Brizuela, N. (2014). *Depois da fotografia. Uma literatura fora de si*.

Rocco.

Espejo, E. (2022). *Yanak Uywaña, la crianza mutua de las artes*. Estado Plurinacional de Bolivia.

Fatorelli, A. (2013). *Fotografia contemporânea. Entre o cinema, o vídeo e as novas mídias*. Senac Nacional.

Rossi, V. (2022). *Paisagem Desbordado*. Em Catálogo MALBA Tejer las Piedras. MALBA.

## Nota biográfica | Biographical note

*Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e mestrado em Comunicação pela mesma universidade (2003). Concluiu o doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio de pesquisa na Université Paris1: Sorbonne. Atualmente é professora associada da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - PPGCOM-ECO/UFRJ. Foi coordenadora da Central de Produção Multimídia da ECO/UFRJ entre 2016 e 2019, e coordenadora do PPGCOM ECO/UFRJ entre 2019 e 2021. É integrante o grupo de pesquisa N-imagem e vice-coordenadora do grupo de pesquisa Fotografia, Imagem e Pensamento (CNPq). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: fotografia, arte contemporânea, cinema, vídeo e novas mídias.*

*Has a degree in Social Communication from the Federal University of Rio de Janeiro (1999) and a master's degree in Communication from the same university (2003). She completed her doctorate at the Federal University of Rio de Janeiro, with a research internship at Université Paris1: Sorbonne. She is currently an associate professor at the School of Communication at the Federal University of Rio de Janeiro, and a permanent professor at the Postgraduate Program in Communication and Culture - PPGCOM-ECO/UFRJ. She was coordinator of the ECO/UFRJ Multimedia*



*Production Center between 2016 and 2019, and coordinator of PPGCOM ECO/UFRJ between 2019 and 2021. She is a member of the N-imagem research group and deputy coordinator of the Photography, Image and Thought research group (CNPq). Has experience in the area of Communication, with an emphasis on Arts, working mainly on the following themes: photography, contemporary art, cinema, video and new media.*

## Uma virada ontológica nas artes diante da intrusão de Gaia

*Cecília Cavaliere*

Palavras-chave: Virada ontológica da arte; Desaceleracionismo; Ontoecologia da arte; Gaia; Antropoceno

Em "Accepting the reality of Gaia", a filósofa belga Isabelle Stengers apresenta Gaia como um sujeito-objeto dotado de uma imanência radical que não pode ser acomodada no conceito de Antropoceno. Inspirando-se numa transformação da Teoria de Gaia, de Lovelock e Margulis, para ela Gaia é uma fratura epistemológica diante da qual o ocidente não sabe como se mover. Do outro lado do mundo, em 2021, o artista macuxi Jaider Esbell declarou, em entrevista à revista *Arte & Ensaios*, que "no mundo indígena todo mundo é artista". Essas duas declarações podem parecer bastante distantes, porém ambas tratam de fissuras na linguagem, nas quais o que está em jogo não são apenas culturas ou nomenclaturas, mas metafísicas em conflito.

Partiremos daí para tentar tecer uma leitura do que seria uma virada ontológica nas artes. Esta apresentação se insere nos estudos da virada especulativa nas artes, mais especificamente a virada para o não-humano [nonhuman turn] como uma das maneiras de pensar e viver a emergência ecológica presente – ou, nas palavras de Bruno Latour, "diante de Gaia" – a partir de um olhar multiespecífico, aliado, sobretudo, ao pensamento contemporâneo sobre as crises. Juntamo-nos assim aos esforços pela afirmação de uma prática artística e filosófica implicada com as ciências, com os estudos animais e feministas; não no sentido de uma já um tanto gasta tradução entre esses campos [que vê a arte como grande leitora ou interpretadora do mundo], mas no da tentativa de criação conjunta de uma porosidade entre eles e, conseqüentemente, de uma cocriação de outros mundos, em um processo de adensamento da pluralidade de linguagens humanas e outras-que-humanas em práticas contemporâneas. Esta conferência busca, assim, rever as divisões ontológicas estabelecidas pela tradição rumo à formulação de uma nova ontologia/ecologia [ontoecologia?] das práticas artísticas para além da "vida dos objetos". A linha de fuga polifônica – ou poliepistêmica – ensaiada por esta apresentação pretende nesse sentido retirar o artista de seu lugar (não raro negado) de sustentação da crise – por meio do permanente auxílio das artes, do mercado de arte, do sistema da arte e de suas instituições – levando-o antes em direção ao papel daquele que instaura uma insustentação ou contribui para seu desequilíbrio. Não se tratará, aqui, de discorrer sobre as representações ou o caráter representativo de uma mesma realidade (a da crise atual) no âmbito da arte mas sim de reconhecer suas múltiplas realidades – daí o caráter ontológico e não somente epistemológico, dessas experiências. Como disse uma vez a filósofa brasileira Déborah Danowski, "muitos que negam as mudanças climáticas o fazem simplesmente por não suportarem pensar na radicalidade das mudanças que seriam necessárias para enfrentá-las e, sobretudo, na radicalidade das mudanças que seremos obrigados a enfrentar". Acredito que podemos dizer o mesmo sobre nosso modo de fazer e pensar arte.

### Referências | References



- Danowski, D., & Castro, E. V. (2017). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2 ed.). ISA e Cultura e Barbárie.
- De La Cadena, M. (2015). *Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds*. Duke University Press.
- Ferreira da Silva, D. (2022). *Homo modernus - para uma ideia global de raça* (J. Oliveira e P. Daher, Trad., 1. ed.). Cobogó.
- Esbell, J. (2021). Na sociedade indígena, todos são artistas. *Arte & Ensaios*, 27(41), 14-48. <https://doi.org/10.37235/ae.n41.3>
- Stengers, I. (2023). Uma outra ciência é possível. *Bazar do Tempo*.

### Nota biográfica | Biographical note

*Cecilia Cavalieri é artista-etc., escritora, pesquisadora, cosmotransfeminista e mãe suficientemente boa. É pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio com o projeto "Da estrela ao grão: FCs [Fabulações Contranegacionistas] entre artes visuais e filosofia" sob supervisão de Déborah Danowski. É mestra em Artes Visuais [PPGArtes/UERJ] e doutora em Linguagens Visuais [PPGAV/UFRJ] com estágio doutoral no laboratório de Sociologia e Filosofia Política da Université Paris-Nanterre [Sophiapol]. É membra dos grupos de pesquisa SPECIES - Núcleo de Antropologia Especulativa [UFPR/CNPq] e Terranias - Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico [PUC-Rio/CNPq]. Membro do Proyecto Portunholas: Laboratorio de mujeres artistas en las fronteras de Sudamérica [uma iniciativa do Goethe Institut Bolivia] desde 2021. Foi professora Substituta no Depto de Artes e Estudos Culturais [UFF - Polo Rio das Ostras / RJ]. Co-organizou o Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia ao lado de Viveiros de Castro, Danowski e Latour. Fez a curadoria da Station 15 do Laboratoire Espace Cerveau [IAC Institut d'art contemporain Villeurbanne, 2019] ao lado de Daniel Steegmann-Mangrané. Foi indicada ao Prêmio Pipa [2022]. <https://linktr.ee/ceciliacavalieri>*

*Cecilia Cavalieri is an artist-etc., writer, researcher, cosmotransfeminist and good enough mother. She is a postdoctoral student in the Postgraduate Program in Philosophy at PUC-Rio with the project "From the star to the grain: FCs [Counternegrationist Fabulations] between visual arts and philosophy" under the supervision of Déborah Danowski. She has a master's degree in Visual Arts [PPGArtes/UERJ] and a PhD in Visual Languages [PPGAV/UFRJ] with a doctoral internship at the Sociology and Political Philosophy laboratory at Université Paris-Nanterre [Sophiapol]. She is a member of the research groups SPECIES - Núcleo de Antropologia Especulativa [UFPR/CNPq] and Terranias - Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico [PUC-Rio/CNPq]. Member of the Portunholas Project: Laboratory of women artists on the borders of South America [an initiative of the Goethe Institut Bolivia] since 2021. She was a Substitute Professor at the Department of Arts and Cultural Studies [UFF - Polo Rio das Ostras / RJ]. Co-organized the International Colloquium Os Mil Nomes de Gaia alongside Viveiros de Castro, Danowski and Latour. She curated Station 15 at Laboratoire Espace Cerveau [IAC Institut d'art contemporain Villeurbanne, 2019] alongside Daniel Steegmann-Mangrané. She was nominated for the Pipa Award [2022]. <https://linktr.ee/ceciliacavalieri>*





## Painel 18: Contra-imagens: territórios e instituições Moderação /Host: Gerusa Bloss

(8 ago. 14:30-16:00, Bloco F, Auditório do Bloco F, presencial)

### Museu e contra-museu (título provisório)

*Elisa Noronha*

Palavras-chave: Museu ativista; *Other Institutional Museum*

Esta comunicação apresenta-se como uma exploração conceitual do “museu ativista” que inscreve a sua institucionalidade em oposição à uma existência pretensamente neutra, apolítica e dissociada de práticas socialmente comprometidas, responsáveis e eticamente informadas. Para uma compreensão mais ampla e profunda da sua institucionalidade, centra-se em dois estudos de caso. O primeiro estudo de caso é a exposição CRITICAL ZONES, realizada entre 2020 e 2021, no ZKM | Center for Art and Media, Karlsruhe (Alemanha), sob a curadoria de Bruno Latour, Peter Weibel, Martin Guinand-Terrin, and Bettina Korintenberg. Concebida como um espaço de reflexão e investigação, a exposição assume a Terra como uma rede de zonas críticas (mapeadas e observadas) cujos impactos exigem outros modos de coexistência entre todas as formas de vida, outras formas de cidadania, de atenção e cuidado.

O segundo estudo de caso é o Natural History Museum (NHM), um museu itinerante, criado pelo coletivo artístico Not An Alternative, em 2014. Em colaboração com artistas, cientistas, comunidades e outros museus, o NHM assume como missão construir uma comunidade de prática em torno de uma história natural assente na justiça climática e ambiental, na relação não exploratória da vida, do trabalho e da terra, orientado por um comprometimento com o passado, presente e futuro.

#### Referências | References

Janes, R. R., & Sandell, R. (Eds.). (2019). *Museum Activism*. Routledge.  
 Latour, B., & Weibel, P. (Eds.).(2020). *Critical Zones. The Science and Politics of Landing on Earth*. MIT Press. Copublished with ZKM | Center for Art and Media Karlsruhe.  
 The Natural History Museum. <https://thenaturalhistorymuseum.org/>

#### Nota biográfica | Biographical note

*Elisa Noronha é Doutora em Museologia e Investigadora Auxiliar no Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (<https://doi.org/10.54499/2021.01763.CEECIND/CP1704/CT0003>). Desenvolve paralelamente à prática investigativa a atividade de docente do Mestrado em Museologia da FLUP e*



do Mestrado em Estudos Museológicos e Curatoriais da Faculdade de Belas Artes da U.Porto, ministrando disciplinas e orientando doutoramentos e mestrados relacionados com as suas áreas de especialização. Os seus interesses de investigação atuais centram-se na relação entre arte contemporânea, o património e o envolvimento comunitário, e nas suas implicações para as narrativas e os discursos museológicos, o que diz respeito a questões de ética, inclusão, direito à memória (passado / presente / futuro) e compartilhamento de saberes. Desenvolve ainda um trabalho de cunho mais autoral, que partiu de uma prática artística centrada na videoarte, e que atualmente se dá com a curadoria de exposições e outras produções artístico culturais.

*Elisa Noronha is a PhD in Museology and Assistant Researcher at the Center for Transdisciplinary Research Culture, Space and Memory, at the Faculty of Arts of the University of Porto (<https://doi.org/10.54499/2021.01763.CEECIND/CP1704/CT0003>). In parallel with her investigative practice, she teaches the Master's degree in Museology at FLUP and the Master's degree in Museological and Curatorial Studies at the Faculty of Fine Arts at the U.Porto, teaching subjects and supervising doctorates and master's degrees related to her areas of specialization. Her current research interests focus on the relationship between contemporary art, heritage and community involvement, and its implications for museological narratives and discourses, which concerns issues of ethics, inclusion, right to memory (past / present / future) and sharing of knowledge. She also develops work of a more authorial nature, which started from an artistic practice centered on video art, and which currently involves curating exhibitions and other artistic and cultural productions.*

## **O reflorestamento das unidades básicas de saúde: uma reflexão sobre o direito à cidade com o webdocumentário: Agrofloresta no meio do caminho**

Lorena Figueiredo

Palavras-chave: Agroflorestas; Documentário; Direito à cidade; Ecologia; Reflorestamento do Imaginário Urbano

A partir de um olhar crítico sobre a urbanização da cidade de Brasília, propomos criar neste artigo um reflorestamento do pensamento sobre o direito à cidade através de uma análise das unidades de saúde básica apresentadas no webdocumentário, Agrofloresta no meio do caminho<sup>5</sup>.

Desta forma, recorreremos ao processo cartográfico como uma chave de abertura metodológica ao mapear esta possibilidade de formação de outros espaços

vividos por meio de um resgate aos modos de vida com a terra e o ambiente hospitalar atravessados por uma disputa de poderes no território urbano.

Por um lado, a utopia da transferência da capital do Rio de Janeiro para o centro do país constrói uma imagem à Brasília. A cidade fundamentada nos princípios modernistas tem como intuito o funcionalismo das ações e um adestramento e uma vigilância dos corpos como nos diria Foucault em prol dos modos de produção do capitalismo. A segregação geográfica desenvolvida no seu projeto urbano se capilariza se mapeando de diversas maneiras pautada em uma monocultura de pensamento que isola às relações de afeto, resultando em um adoecimento do corpo humano.

<sup>5</sup> Link do wedocumentário: <https://www.youtube.com/watch?v=oMmo9ta6nAg> - acesso disponível em 29.Mar.2024



O deslocamento entre o tempo e espaço se expande em um mapa afetivo cujas fendas coloniais se chocam com a vivência cotidiana neoliberal. Para o autor Félix Guattari, as subjetividades, o meio ambiente e as relações sociais evidenciam a crise ecológica as quais estamos vivenciando na contemporaneidade. Nesta perspectiva, observamos no pensamento decolonial presente na obra de Nego Bispo, uma alternativa de descolonizar as estruturas fixas e institucionais para uma ressignificação do espaço.

Diante desta cosmofobia gerada a partir dos modos de produção da cidade pelo capital, Harvey nos provoca a pensarmos quais as relações sociais buscamos dentro de um direito à cidade que visa reinventar o coletivo frente ao processo de urbanização. Sendo assim, ao adentrarmos à experiência estética apresentada no webdocumentário, Agrofloresta no meio do caminho.

Encontramos no filme, a possibilidade através da imagem cinematográfica dar visibilidade e consciência aos afetos em uma resistência à racionalidade neoliberal presente na multiterritorialidade proposta por Haesbaert existente nas unidades básicas de saúde. Portanto, a subversão do espaço crítico das cidades contemporâneas é um afago potente ao encontro da coletividade através da micropolítica presente com as agroflorestas emergindo no concreto.

### Referências | References

- Bispo dos Santos, A. (2023) Cidades e Cosmofobia in A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 112pp. p.9-21
- Foucault, M. (1987) Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes,
- Guattari, F. (2001) As três ecologias. Campinas: Papyrus, 11aed.
- Haesbaert, R. (2014) Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Harvey, D. (2014) Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana, - São Paulo: Martins Fontes.

### Nota biográfica | Biographical note

*É brasileira, cineasta e doutoranda no PPGCOM pela Universidade de Brasília associada à linha de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. Atua como Pesquisadora no GECAE – Grupo de Estudos em Espaço, Corpo, Arte e Estética vinculado ao CNPQ pela Universidade de Brasília. No âmbito da escrita acadêmica possui publicações em revistas e artigos para livros, destaque na organização do livro Cartografias do Isolamento (2022) e organiza o livro Estéticas da Insurgência. As linguagens da democracia em imagem, som e escrita pela FAC-UNB. Trabalha no mercado audiovisual brasileiro há dez anos nas áreas de Direção e Produção. Em 2015, teve sua primeira experiência na Direção de Documentários para Televisão com o filme, Intervenções Urbanas que obteve patrocínio da Unifesp, Fap e Cinemateca Brasileira e MINC. O projeto teve a estreia no 23º Festival de Cine Latinoamericano de Rosário – Argentina. Em 2018, realizou a produção executiva do curta-metragem: Aulas que matei do diretor Pedro Beiler e Amanda Devulsky e a Direção e o Roteiro do Videoclipe, Casa do Cantor Pedro Suim. Seguiu como Diretora de Produção e Pesquisadora da Série de TV, Antena da Raça da Diretora Paloma Rocha exibida pelo canal Cine Brasil TV. Assina a produção executiva do longa-metragem, No Rastro das Cargueiras de Ana Carolina Mathias. Em 2019, atuou como assistente de direção no longa-metragem, Infinitas Terras de Cauê Brandão. A partir do ano de 2020 integrou a equipe de Curadoria do Festival Internacional de Cinema e Arquitetura – Cinema Urbana. Realizou o curta-metragem A cidade que afeta (2021) como diretora e roteirista, que ganhou o prêmio de melhor filme experimental em Viena e MELHOR DIREÇÃO NO VANCOUVER INDIE FESTIVAL. Agora em 2022,*



*assinou a direção e pesquisa do Web documentário, Agroflorestas no meio do caminho (2023).*

*Lorena Figueiredo is a filmmaker from Brasilia and a PhD student at PPGCOM at the University of Brasília associated with the Image, Aesthetics and Contemporary Culture line. She works as a Researcher at GECAE – Study Group on Space, Body, Art and Aesthetics linked to the CNPQ at the University of Brasília. In the scope of academic writing, she has published in magazines and articles for books, highlighting the organization of the book Cartografias do Isolamento (2022) and organizing the book Estéticas da Insurgencia. The languages of democracy in image, sound and writing, by FAC-UNB. She has worked in the Brasilia audiovisual market for ten years in the areas of Direction and Production. In 2015, she had her first experience directing documentaries for television with the film Intervenções Urbanas, which was sponsored by Unifesp, Fap and Cinemateca Brasileira and MINC. The project premiered at the 23rd Latin American Film Festival in Rosário – Argentina. In 2018, she executive produced the short film: Aulas que matei by director Pedro Beiler and Amanda Devulsky and the Direction and Script of the Video Clip, Casa do Cantor Pedro Suim. She continued as Production Director and Researcher for the TV series, Antena da Raça by Director Paloma Rocha, shown on the Cine Brasil TV channel. She signs the executive production of the feature film, No Rastro das Cargueiras by Ana Carolina Mathias. In 2019, she served as assistant director on the feature film, Infinitas Terras by Cauê Brandão. From 2020 onwards she joined the Curatorial team of the International Film and Architecture Festival – Cinema Urbana. She made the short film The City That Affects (2021) as director and screenwriter, which won the award for best experimental film in Vienna and BEST DIRECTION AT THE VANCOUVER INDIE FESTIVAL. Now in 2022, he signed the direction and research of the Web documentary, Agroflorestas no midway (2023).*

## Imagem e contra imagem de uma boa vista

*Fabiana Bruce Silva*

Palavras-chave: Iconografia; Território; Cultura Visual; Boa Vista; Contra Imagem

Partindo de meu lugar referencial na cidade onde vivo, cujas camadas são variadas e que, até por isso, precisa-se de algum esforço para visualizá-las, proponho apresentar um recolhe de imagens do que restou em um território que traz marcas de séculos de povoamento, de cultura e tradições (Counter-Image, 2024). O recolhe perfaz alguns caminhos reais e imaginários que pretendem indicar a vida em um estuário e o papel que a cultura desempenha na elaboração dessa vista. A paisagem tem um misto de envelhecimento e esvaziamento. Anunciando o desaparecimento, junto com as árvores e as casas que vão sendo colocadas abaixo. Elas existiram por algum tempo e depois ficaram nas fotografias, em arquivos adormecidos. Mas algumas marcas estão ainda nas esquinas, no chão das ruas, nas calçadas, nas beiras das praças e dos rios, no que resta. E é preciso ir buscar nas ruas e nos arquivos, para encontra algumas pistas da vida, da biodiversidade. Para fundamentar essa proposta, para melhor “explorar a imagem e a visualidade no seu impacto, na construção dos nossos mundos” (Counter-Image, 2024), quando a promessa de futuro parece ter estagnado, é preciso dar a volta e contar histórias, proceder genealogias e tentar enxergar sinais do que tem por dentro de uma cidade, nas camadas contiguas e de baixo. Perguntando se seria possível ver algo a mais daquilo que se mostra nos museus, no horizonte. Perguntando ainda, que meio ambiente é este, agora? Quando a história, ao fechar os olhos, parece estar esfriando, descolando de sua ambiência física e prevendo a chegada de um “novo mundo” que será,



dizem. Entendendo que esta história sonhada, que busca as origens e que deseja o futuro é parte importante da ocupação de um continente e do estabelecimento de uma civilização, quando se pretende uma boa vista. Pesquisando nas notícias da cidade e na iconografia do Recife é possível encontrar imagens que “retratam as conexões entre humanos e não humanos e como essas representações influenciam as nossas identidades” (Counter-Image, 2024). No caso desta proposta, a ideia é de mostrar-se em estado de perplexidade, atenta a uma identidade visual local, situada a 56° 53' N + 8° 03' S. E condensando algumas visualidades perdidas no tempo efetivamente. Que, até por isso, voltam com regularidade, como portadoras de um imaginário arcaico, ao abrir gavetas de fotografia. A ideia então é potencializar, aumentar e diminuir o dispositivo do que seria uma boa vista, no tempo visual memorial. Como imagem e como contra imagem.

Esclarecendo ainda que a boa vista é aqui uma forma simbólica, um sinal, e também um bairro do Recife - que está em espera, em abandono, diante dos processos de gentrificação que se anunciam.

## Referências | References

- Cauquelin, A. (2007). A invenção da paisagem. Martins Fontes, 2007.
- Castro, E. V. de. (2015). Imagens do pensamento selvagem. Em *Metafísicas canibais. Elementos para uma Antropologia Pós-Estruturalista*. Cosac Naify.
- Latour, B. (2015). Cognição e visualização. Pensando com os olhos e as mãos. *Terra Brasilis*, (4). <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1308>
- Lissovsky, M. (2011). Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos lugares. *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, 9(2). <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v9i2.5053>
- Stengers, I. (2015). No tempo das catástrofes. Cosac Naify.

## Nota biográfica | Biographical note

*Fabiana Bruce Silva é historiadora e antropóloga. Professora de História Contemporânea na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, no Brasil, onde estuda a história da fotografia e os usos da imagem na História. Com pós doutorado no CRBC/EHESS/CAPES (2013-14), em Paris, França e na Escola de Comunicação da UFRJ (2019), no Rio de Janeiro, Brasil. Membro associada da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da Associação de Pesquisadores Brasileiros na França (APEB). Tem publicado e colaborado na publicação de livros capítulos de livros sobre fotógrafos e a fotografia moderna no Recife e mais recentemente no livro *Fotografia Brasileña* (2020), pela Universidad de Salamanca, Espanha. Entre outros.*

*Fabiana Bruce Silva is a historian and anthropologist. Professor of Contemporary History at the Federal Rural University of Pernambuco – UFRPE, in Brazil, where she studies the history of photography and the uses of images in History. With a postdoctoral degree at CRBC/EHESS/CAPES (2013-14), in Paris, France and at the UFRJ School of Communication (2019), in Rio de Janeiro, Brazil. She is an associate member of the Brazilian Association of Oral History (ABHO) and the Association of Brazilian Researchers in France (APEB). She has published and collaborated in the publication of book chapters about photographers and modern photography in Recife and more recently in the book *Fotografia Brasileña* (2020), by the University of Salamanca, Spain, and others. CV: <http://lattes.cnpq.br/1540421518242292>*



## Panel 19. English Panel: Environmental and decolonial issues in museums

### Moderação /Host: Cecília Järde mar

(8 ago. 14:30-16:00, Sala 324, online)

#### A Run to Nature: The Search of Alternative Exhibition Spaces

*Deja Becaj*

Keywords: Environmental Art; Outdoor Exhibiting; Protest; Group Projects

The phenomenon of artistic group exhibiting in nature in the second half of the 20<sup>th</sup> century can be seen all over Europe, for example in Germany with Clara Mosch (1977–1982), Russia with Kollektivnyye dejstvija (Collective Actions, 1976–) and in the area of the former Yugoslavia with the Group 143 (1975–1980) and Family of Clean Streams (1977 –). Similarly to the mentioned examples, turn to nature in Slovenia is characterized by the self-initiated association of artists into informal groups – groups that experimented with “new” approaches to art and felt frustration with the rigid and institutionalized way of exhibiting in art galleries. More so than the later developed ecological note that took over such practices, the majority of the manifestations in nature rose from the need for the primal connection to nature on the one hand, and protest on the other.

The combination of non-institutional projects and outdoor environmental art has its starting point in land art and its stance against the institutionalization of art and the intrusion of the market economy into it, with immovable and non-permanent works. The move of artist into forests, parks and near bodies of water like the *Summer Projects* (1969) of the pioneering OHO Group, The Betnava Event (1985 and 1986) and *Water and Sculptures* project (1993–2000), is retrospectively seen by the participating artists as a desperate move away from the restrictions of the gallery space. Especially since the type of art they were venturing into was heavily driven by conceptualism and included body art, performance, installation, esotericism itd., that were not yet embraced by the mainstream dictated by the state institutions. In 1985 a more permanent space for young, experimentally oriented artists was formed in Slovenia’s capital, in a home of Milena Kosec, named Vila Katarina. Its specialty is not only the intertwining of private and public in the living environment, but also the organization of exhibitions in the private garden where a new generation of creatives were encouraged to work with sculpture, light and nature.

The mentioned projects bear witness to an interesting phenomenon, which combines the search for independent ways of exhibiting, the grouping of artists or carrying out group projects and using nature as a space or medium, as the focal point of creating art that was at the time seen as a deviation from the norm.



**References | Referências**

- Bann, S. (1998). From Land Art to Garden Landscape. In A. de Charmant (Ed.), *Art & Garden, Travels in the Contemporary Mindscape, Art & Design* (pp. 61–68). John Wiley & Son Ltd.
- Levin, K. (2000). Gaining Ground: A Retrospective View of Art in Nature and Nature as Art. *Trans Plant*. p. 10–20
- Parsons, G. (2008). *Aesthetics & Nature*. Continuum.
- Ross, S. (1998). *What Gardens Mean*. The University of Chicago Press.
- Zabel, I. (2023). Razstavne strategije devetdesetih: Nekaj zgledov iz slovenskega prostora. *Svet umetnosti, Šola za kuratorske prakse in kritiško pisanje*, <https://web.archive.org/web/20220528113419/http://www.worldofart.org/aktualno/archives/11446>

**Biographical note | Nota biográfica**

*Deja Bečaj is an art historian and a professor of English. She is a PhD candidate at the Department of Art History, University of Maribor, where she is researching environmental art with a specific focus on exhibition spaces in nature. Previously she was a coordinator for the EKO 8, International Triennial of Art and Environment for Maribor Art Gallery and collaborated with MMC Kibla, ZDSLU, DLUL, Velenje Gallery and Gallery of Naïve Art Trebnje. She currently works as a curator and educator at Galerija Božidar Jakac – Museum of Modern and Contemporary Art, Kostanjevica - Krki.*

*Deja Bečaj é historiadora de arte e professora de Língua Inglesa. É doutoranda no Departamento de História da Arte da Universidade de Maribor, onde investiga arte ambiental com foco específico em espaços expositivos na natureza. Anteriormente foi coordenadora da EKO 8, Trienal Internacional de Arte e Meio Ambiente da Maribor Art Gallery e colaborou com MMC Kibla, ZDSLU, Galeria Velenje e Galeria de Arte Naïve Trebnje. Atualmente trabalha como curadora e educadora na Galerija Božidar Jakac – Museu de Arte Moderna e Contemporânea, Kostanjevica - Krki.*

**Curating the Anthropocene**

Eve Schillo

*Keywords: Photography; Video; Ecosystems; Nature; Indigeneity*

*This paper will examine several artists included in the forthcoming exhibition, “Nature on Notice: Contemporary Art and Ecology,” which is part of a city-wide presentation entitled “Pacific Standard Time: Art & Science Collide” appearing throughout the Southern California region in 2024-2025.*

*Photography has been at the forefront of idealizing the natural world from its very beginnings in the late 1800s. Majestic views elevated the pristine environment, our place in it, and the power of photography to evoke the sublime and to motivate us to protect such natural beauty. Simultaneously, nineteenth*

*century photographic land surveys acted as guides on how to exploit it, be that through infrastructure, extraction, or armed forces. Flash forward to our contemporary era, where lens-based artists are at the forefront of imaging an even more rapidly changing ecology.*

*The anthropocene, our current geological age, is one viewed as the period during which human activity has been the dominant influence on climate and the environment. “Nature on Notice” proposes a visual dialogue around this ‘new nature’ we cohabit with, navigate through, and are forced to reckon with, without slipping into imagery that is also populating rapidly: climate*



*change porn (extreme flooding, fire-scapes, icebergs melting). Using a variety of conceptual approaches, a range of makers speak sensitively to the trickle down effects in our new normal, or, in contrast, refer to cultures that have long revered nature while most of the world has steadily consumed it.*

*The select artists discussed in brief–Pablo Albarenga (Uruguay), Lucas Foglia (U.S.A.), Uta Kogelberger (Brussels, active U.K.), Cannupa Hanska Luger (Standing Rock Indian Reservation, active New Mexico), Yan Wang Preston (China, active U.K.), Cara Romero (Chemehuevi, active U.S.A.), Lorena Cruz Santiago (U.S.A.)–illuminate the need for both artistic and scientific imaginations to counter the threats to our ecosystem.*

## Divinations and re-joined objects

*Cecilia Järde mar*

Keywords: Photogrammetry; Transcultural Collaboration; Counter-Histories; Decolonial Reparations; Decolonial Museum Practice

This paper explores how the development of a transnational cultural heritage praxis for new imagined futures can support present day discourses and practices of recovery from colonial epistemicide and ecocide. In her seminal book *Potential History* Ariella Azoulay asks us to unmake the disassociation between people and historical colonial art objects, photograph and documents, instead reframing these as living companions, refugees or missing people.

She argues that object restitution is but one aspect of the necessary post-colonial repair instead we need to return to the moment during which these objects went missing in order to reconstitute a common world. Using her ideas of the still-present potentialities where objects are seen to hold the memory of the societies they once came from, artists Freddy Tsimba and Cecilia Järde mar have returned to a selection of ‘mutilated’ Kikongo objects currently held in the collections of the Ethnographic Museum in Stockholm.

Within Kikongo tradition, objects are merely containers that can be imbued with an ‘empowering spirit’ through which it is possible to communicate with, and seek guidance from, the ancestors. Using contemporary photogrammetry copies of a selection of divination containers, this case-study explores if and how copies can resume the place of then dislocated objects; as tools for speaking with the dead and returning to lost worlds in a process of participatory critical fabulation. Saiydia Hartman purports that stories can perhaps be the only form of reparation or compensation historically subjugated people will receive.

This project has explored what kind of historiography, and in extension reparation, the object copies might engender, during a series of divination workshops and collaborative casting sessions in the Lower Congo. The resulting materials were developed into an exhibition, *Sukali na Mungua (Sugar and Salt)* at the National Museum in Kinshasa during autumn 2023. The exhibition was accompanied by a programme of pedagogical interventions with a focus on the importance of traditional knowledge in the caretaking of nature for the future.

### References | Referências

Azoulay, A. (2019). *Potential history: unlearning imperialism*. Verso.

Corey, P. N. (2023). *Specters of Communication*. In *Decolonizing Art History*. Routledge.

Hartman, S. (2008). *Venus in two acts*. *Small axe*, (26), 1-14. <https://muse.jhu.edu/article/241115>





Lambert-Beatty, C. (2009). Make-Believe : Parafiction and Plausibility. October, 129, 51–84. <http://www.jstor.org/stable/40368563>  
 Richmond, A. (2010). Time Travel, Parahistory and the Past Artefact Dilemma. Philosophy, 85(333), 369–73. <http://www.jstor.org/stable/40666510>

### **Biographical note | Nota biográfica**

Cecilia Järdeemar is a senior lecturer in photography and moving image at the Australian National University. She holds a master and an AHRC-funded PhD in Fine Art Photography from the Royal College of Art, London. Since 2022, she is the vice-chairperson of the committee for artistic research at the Swedish Research Council. In her art practice she questions both our past and our present condition through a focus on specific historical occurrences and how they have been depicted in photography and film. How can collaborative artistic processes, that include a diversity of voices uncover the counter-histories and alternative narratives contained within the archive? Her work has been widely exhibited, including at the Kalmar Museum of Art, Jönköpings Länsmuseum, Gävle Konsthall and the National Museum in Kinshasa (2023). Currently she is the principal investigator in the Swedish Science Funded-funded artistic research project Reframing the encounter – From repressed colonial pile to a collaborative decolonial counter-archive (2019-2024)

*Cecilia Järdeemar é professora sênior de fotografia e imagem em movimento na Australian National University. Ela possui mestrado e doutorado em Fotografia de Belas Artes financiado pelo AHRC pelo Royal College of Art de Londres. Desde 2022, é vice-presidente do comitê de investigação artística do Conselho Sueco de Investigação. Na sua prática artística, ela questiona tanto o nosso passado como a nossa condição presente através de um foco em ocorrências históricas específicas e na forma como foram retratadas em fotografia e filme. Como podem os processos artísticos colaborativos, que incluem uma diversidade de vozes, revelar as contra-histórias e as narrativas alternativas contidas no arquivo? O seu trabalho foi amplamente exibido, inclusive no Museu de Arte de Kalmar, no Jönköpings Länsmuseum, no Gävle Konsthall e no Museu Nacional de Kinshasa (2023). Atualmente ela é a investigadora principal do projeto de pesquisa artística financiado pela Ciência Sueca Reestruturando o encontro – Da pilha colonial reprimida a um contra-arquivo descolonial colaborativo (2019-2024)*

**16h00 - Pausa para café /Coffee-break**

**16h30**

**16h30 - Painéis online paralelos / Online Parallell**

**18h00 Panels**



## **Painel 20. Práticas pedagógicas, narrativas decoloniais e pensamento ecológico**

### **Moderação /Host: Patrícia Justo**

(8 ago. 16:30-18:00, Auditório do Bloco B, online)

### **Escritas de Si, Escritas do Mundo em projetos de Formação Docente construídas no chão da escola**

*Ana de Figueiredo e Valéria Leite de Aquino*

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas; Ensino de Artes; Cultura Lúdica; Formação Docente em Artes; Prodocência

O trabalho apresenta os resultados iniciais de projetos de formação de professores em Artes Visuais do Prodocência – Programa de Incentivo à Docência UERJ (Brasil). O projeto *Prodocência EréPomteca: a arte e o brincar para a re-educação das relações étnico-raciais* tem como objetivos centrais favorecer o contato do licenciando em Artes Visuais com a prática escolar no chão da escola da Educação Básica para sua formação docente, elaborar e desenvolver metodologias e práticas inovadoras relacionadas à docência no/para o Ensino de Artes em suas interfaces com o lúdico. E o projeto *Escritas de Si - Narrativas Autobiográficas como Estratégia de Formação Reflexiva* tem como objetivo principal valorizar as experiências vividas em uma perspectiva reflexiva, com destaque para o papel e lugar da experiência no contexto da formação, tanto acadêmica quanto humana, na busca de estimular a reflexividade biográfica e a consciência histórica através de discussões temáticas e do compartilhamento de experiências vividas numa perspectiva socioantropológica. Ambas as propostas vêm sendo realizadas desde junho/22 com crianças de 10 a 12 anos (em média) em uma escola de Educação Básica da rede pública municipal de uma cidade da Baixada Fluminense, região geopolítica do Estado do Rio de Janeiro. As ações e práticas didático-pedagógicas se relacionam à formação docente e fomentam o desenvolvimento de propostas diretamente com os estudantes na unidade escolar, oportunizando aos licenciandos as vivências nos/dos cotidianos escolares em suas nuances e peculiaridades, além das possibilidades de articular aspectos das pesquisas que já vêm sendo desenvolvidas e/ou pode mesmo suscitar temas para investigação. As escritas produzidas pelas crianças – *imagem-texto* - vêm ao encontro das leituras de mundo que se imbricam numa ecologia imagética que dialoga com suas vivências de ser-estar no mundo e com as vivências dos estudantes em formação, criando microssistemas particulares e de riqueza ímpar. Os projetos tomam centralidade na formação docente em Artes, pois que o Ensino de Artes ocupa lugar de destaque no âmbito escolar tendo em vista que instiga ao posicionamento crítico e ativo em concomitância com o desenvolvimento de metodologias inovadoras no espaço escolar, almejando a transformação das experiências vividas em conhecimento da experiência. Entendemos a escola como uma das possibilidades de desenvolvimento de reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem/ensinagem nos espaços formativos existentes, onde



se busca, ao mesmo tempo, estimular o pensamento sobre possíveis formas de pensar-fazer pesquisa na interface universidade-escola.

### Referências | References

- Anastasiou, L. G. C., & Alves, L. P. (Orgs.). (2005). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula (5 . ed.). UNIVILLE.
- Araujo, D, C, de, & Dias, L. R. (2019). Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo. *Educação & Realidade*, 44(2), Article e88368. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688368>
- Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. *Rev. Fac. Educ.*, 24 (2). <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Cortez.
- Josso, M-C. (2004). *Experiências de vida e formação*. Cortez.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Ana Valéria de Figueiredo - UERJ; UNESA. Professora do PPGArtes UERJ e Professora Adjunta no Instituto de Artes da UERJ. Professora PPGE UNESA e Professora Adjunta da Universidade Estácio de Sá (UNESA) nas Licenciaturas/Pedagogia. Licenciada em Educação Artística pela UFRJ. Mestre em Educação e Doutora em Ciências Humanas-Educação pela PUC-Rio. Estágio pós-doutoral pelo Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Membro da Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina (RIA). Coordena pesquisas sobre a Pedagogia das Visualidades e Estéticas do Lúdico. Líder de Pesquisa dos Grupos: PAVIS Pesquisa em Arte e Visualidades (UERJ); GEPA Estratégias Pedagógicas de Aprendizagem (UNESA). Coordenadora da Brinquedoteca BrincArte Estácio Nova Iguaçu. Atuou por 30 anos na Educação Básica como Professora de Artes nas redes públicas e privadas. É aquariana do dia 30 de janeiro.*

*Professor at PPGArtes UERJ and Adjunct Professor at the UERJ Institute of Arts. Professor PPGE UNESA and Adjunct Professor at Universidade Estácio de Sá (UNESA) in Pedagogy. Graduated in Artistic Education from UFRJ. Master in Education and PhD in Human Sciences-Education from PUC-Rio. Has a post-doctoral internship at the Interdisciplinary Center for Social Sciences at Universidade Nova de Lisboa. Member of the Interinstitutional Network of Collective Actions of Universities in Brazil and Latin America (RIA). Coordinates research on the Pedagogy of Visualities and Aesthetics of Ludic. Group Research Leader at: PAVIS Research in Art and Visualities (UERJ); GEPA Pedagogical Learning Strategies (UNESA). Coordinator of the BrincArte Estácio Nova Iguaçu Toy Library. She worked for 30 years in Basic Education as an Arts Teacher in public and private schools. She is an Aquarius on January 30th. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5029-3276>*

*Valéria Leite de Aquino - UERJ. Antropóloga, graduada em Ciências Sociais pela UFG, possui especialização em Gestão e Política Cultural pela Universidade de Girona (Espanha), mestrado em Sociologia e Antropologia e doutorado em Antropologia Cultural ambos pela UFRJ. É professora do Instituto de Artes da UERJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa e extensão Núcleo de Cultura Popular (UERJ). Desenvolve ensino e pesquisa nas áreas de cultura e arte popular, patrimônio material e imaterial, com ênfase nos temas de arte popular e patrimônio cultural, comunidades tradicionais, gestão e políticas culturais.*

*Anthropologist, graduated in Social Sciences from UFG, has a specialization in Management and Cultural Policy from the University of Girona (Spain), a master's degree in Sociology and Anthro-*



*pology and a doctorate in Cultural Anthropology both from UFRJ. She is a professor at the UERJ Institute of Arts. Coordinator of the Research and Extension Group of the Popular Culture Center (UERJ). She develops research and education in the areas of culture and popular art, material and intangible heritage, with an emphasis on the themes of popular art and cultural heritage, traditional communities, management and cultural policies.*

## **O Menino Experimental em Portugal-Essay on the Found footage film “Portugal Pequenito” [com mostra de curta-metragem]**

*Bárbara Bergamaschi Novaes*

Palavras-Chave: Contra-Arquivo; Found Footage; Cinema de Arquivo; Cinema e Outras Artes; Cinema de Poesia; Cinema Expandido; Cinema Experimental; Narrativas Decoloniais

Filmado no parque “Portugal dos Pequenitos”, em Coimbra, a curta-metragem “Portugal Pequenito” é um híbrido entre documentário e ficção que combina imagens de arquivo da Cinemateca Portuguesa com imagens captadas pela cineasta em Super 8 em 2021. O filme faz parte de uma série autoral de “transliterações” (conceito de Haroldo de Campos) da investigadora-cineasta, que nos últimos 5 anos tem criado filmes-poema com material de arquivo e imagens de found footage. “Portugal Pequenito” compõe o 3º elemento da trilogia e expande esta investigação teórico-prática, traduzindo para a linguagem audiovisual o poema “Menino Experimental” do poeta surrealista Murilo Mendes, agora abordando questões de memória, colonialismo e identidade. O projeto busca portanto criar um “contra-arquivo”, e aborda o intercâmbio do cinema com outras artes, e a capacidade da montagem de dotar as imagens de novos sentidos.

O filme encontra-se atualmente em fase de pós-produção e já com um primeiro corte que intencionamos exibir na conferência Counter Image. A previsão é que o filme estreie em festivais de cinema internacionais em 2025.

Sinopse: O enredo trata um dia na vida de três crianças brasileiras, João, Chico e Joaquim, que exploram o parque e suas miniaturas. Os jogos performáticos das crianças para câmera são cotejados por versos do poema e por imagens de arquivo. Estruturado num arco dramático que se intensifica, o filme culmina num clímax em que as crianças “tomam conta” do parque. 6 filmes da Cinemateca Portuguesa (de 1917, 1932, 1959, 1967) - entre eles do acervo colonial - foram pré-selecionados para estruturar a narrativa, sendo o principal um documentário de João Mendes, de 1959.

Pertinência do projeto: O Parque de diversões infantil “Portugal dos Pequenitos”, criado durante o Estado Novo, destaca-se como o primeiro parque do gênero em Portugal. Criado com o intuito educativo de transmitir a história nacional portuguesa às crianças, foi idealizado em 1940 por Bis-saya Barreto e projetado por Cassiano Branco. Atualmente, alberga reproduções em miniatura do património português e uma área dedicada às ex-colónias, como Brasil, Moçambique e Índia, com exposições de artefactos antropológicos. Em 2022, o parque registrou 221.820 visitantes.

Contudo, o parque carece de uma abordagem crítica. Não há material educativo e sinalética presente no lugar que elaborem as problemáticas do discurso colonialista e ufanista do Estado Novo. Este déficit ganha relevância se considerarmos que desde 2020 o movimento Black Lives Matter capitalizou um debate público global sobre o que fazer com estátuas e monumentos coloniais em espaços públicos.

Debater o Portugal dos Pequenitos é extremamente pertinente no ano de 2024, também pela iminência da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, ainda mais se considerarmos



que a revolução dos cravos teve a contestação contra a Guerra Colonial como um de seus catalisadores. A sua revisitação é essencial para entender a ligação entre a descolonização e a revolução dos cravos.

Este será o primeiro projeto audiovisual a explorar artística. O facto da investigadora ser também portuguesa, traz também uma perspetiva singular a

### References | Referências

- Baron, J. (2013). *The Archive Effect: Found Footage and The Audiovisual Experience of History*. Routledge.
- Brenez, N., & Chodorov, P. (2000). Cartography of found footage. *Re:Voir*.
- Derrida, J. (2001). *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Editora Relume.
- Elsaesser, T. (2018). *O Cinema como Arqueologia das Mídias*. Editora SESC.
- Guasch, A. M. (2013). Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar. *Revista Valise*, 3(5). <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/41368>
- Gunning, T. (2012). Finding The Way - Films Found on a Scrap Heap. in *Found Footage Cinema Exposed*. Eye Film Museum Catalogue.
- Wees, W. C. (1993). *Recycled Images - The Art And Politics of Found Footage Films*. Anthology, Film Archives.

### Nota biográfica | Biographical note

*Bárbara Bergamaschi Novaes, investigadora, crítica e cineasta ítalo-brasileira, nascida em 1989 em Brasília, Brasil. Vive e trabalha em Lisboa. Doutorada em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com tese sobre o cinema de Peter Tscherkassky, foi Visiting PhD Researcher na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa do Porto. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é mestra em Artes da Cena pela mesma instituição. Durante a Licenciatura, estudou Cinema na Université de Paris 8, França. Seu curta de conclusão de curso, "Fora D'Água" recebeu o Prémio Distinção Poética no 17o FBCU, sendo licenciado para o Canal Porta-Curtas da Petrobras e exibido em Campanha da Halls no canal Vice. Trabalhou no mercado audiovisual no Canal Futura e em diversas casas de produção como Conspiração Filmes, Barra Filmes, Samba Filmes, PóloFilme e Dona Rosa Filmes. Desenvolveu em paralelos projetos autorais com experimentação visual e uso de imagens de arquivo. Seus filmes "A Casa é a Viagem", "Bicho Azul" e "Animal-Estar", foram exibidos em festivais em Portugal, Brasil e Índia. Destaque para "Animal-Estar", exibido na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Muséum national d'Histoire Naturelle de Paris. Foi professora de Artes da Cena da Universidade Federal de São João-Del-Rei. Publicou artigos em Periódicos como DOC-Online, Interact, Significação, ECO-Pós e Poiesis. É crítica de cinema associada da ABRACCINE, reconhecida pela Fipresci, com contribuições para o jornal Estado de São Paulo, as revistas Cinética, Multiplot, Criticos.com, Beira, Blog de Cinema do Instituto Moreira Salles e outros. Membro associada da SOCINE e da AIM-Portugal. Atualmente é Gestora de Comunicação de Ciência e Investigadora do G.I Cultura, Mediação & Artes no ICNOVA. Desenvolve a curta "Portugal Pequeno" e a sua primeira longa, "Três Mulheres", selecionado para Incubadora Paradiso Multiplica e para consultoria com a Script Doctor, Pascale Rey, no Festival de Cinema Francês Varilux/2022.*

*Bárbara Bergamaschi Novaes, Italian-Brazilian researcher, critic and filmmaker, born in 1989 in Brasília, Brazil. Currently she lives and works in Lisbon. With a PhD in Literature, Culture and Contemporaneity from PUC-Rio, a thesis on the cinema of Peter Tscherkassky, she was a Visiting*



*PhD Researcher at the School of Arts at the Portuguese Catholic University of Porto. She has a bachelor's degree in Social Communication from the Federal University of Rio de Janeiro, and a master's degree in Performing Arts from the same institution. During her graduation, he studied Cinema at the Université de Paris 8, France. Her course completion short film "Fora D'Água" received the Poetic Distinction Award at the 17th FBCU, being licensed for Petrobras' Canal Porta-Curtas and shown in the Halls Campaign on the Vice channel. She worked in the audiovisual market at Canal Futura and in several production houses such as Conspiração Filmes, Barra Filmes, Samba Filmes, PóloFilme and Dona Rosa Filmes. She developed authorial projects in parallel with visual experimentation and use of archive images. Her films "A Casa é a Viagem", "Bicho Azul" and "Animal-Estar", were shown at festivals in Portugal, Brazil and India. Highlights include "Animal-Estar", shown at the Cinematheque of the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro and at the Muséum national d'Histoire Naturelle in Paris. She was a professor of Performing Arts at the Federal University of São João-Del-Rei, publishing articles in periodicals such as DOC-Online, Interact, Significação, ECO-Pós and Poiesis. She is an associate film critic at ABRACCINE, recognized by Fipresci, with contributions to the newspaper Estado de São Paulo, the magazines Cinética, Multiplot, Criticos.com, Beira, Blog de Cinema do Instituto Moreira Salles and others. Associate member of SOCINE and AIM-Portugal. She is currently Science Communication Manager and Researcher at G.I Cultura, Mediação & Artes at ICNOVA. She developed the short film "Portugal Pequeno" and her first feature film, "Três Mulheres" was selected for the Paradiso Multiplica Incubator and for consultancy with Script Doctor, Pascale Rey, at the Varilux/2022 French Film Festival.*

## **Representações visuais e formas de especismo no manual de Estudo do Meio do 1<sup>a</sup> ciclo do ensino básico em Portugal – das (in)visibilidades às implicações éticas**

*Paulo Nogueira*

Palavras-chave: Especismo; Ética; Imagética Animal; Justiça; Educação Artística

Segundo John Berger (2009), em *Porquê Olhar os Animais?* o olhar entre o animal e o não animal perdeu-se. Tal perda histórica tornou-se irremediável para uma ideia de cultura contemporânea baseada no extrativismo capitalista e em formas imagéticas e ideológicas de dissociação cognitiva e entorpecimento psíquico (Joy, 2018). Pode argumentar-se que um tal entorpecimento se constituiu num forte instrumento de poder ao serviço de uma história de abuso e violência, da qual derivam os atuais sistemas de exploração animal e de produção intensiva dos seus modos de vida e sofrimento (Winters, 2023). Considerada do ponto de vista moral, a questão do superior interesse do animal coloca-nos perante a problemática do especismo (Singer, 2008) e suas heranças antropomórficas (Agamben, 2002), ambas plasmadas numa pedagogia que objetifica, desindividualiza e dicotomiza a nossa percepção dos animais, sujeitando-nos, por conseguinte, a questionar as qualidades da nossa própria espécie e o princípio ético que inevitavelmente a afeta. Inserida num projeto de investigação em curso sobre (in)visibilidades das identidades nos manuais escolares de Estudo do Meio a partir de 1974 em Portugal ([in]visible), esta comunicação pretende refletir nas representatividades imagéticas presentes num manual escolar do 1<sup>o</sup> ciclo do ensino básico (*Plim!*), e de como tais imagéticas educam, reproduzem e naturalizam narrativas sobre a condição animal.

### **Referências | References**



- Agamben, G. (2002). *O Aberto. O Homem e o Animal*. Edições 70
- Berger, J. (2009). *Porquê Olhar os Animais?* Antígona.
- Joy, M. (2018). *Por que gostamos de cães, comemos porcos e vestimos vacas*. Bertrand Editora
- Singer, P. (2008). *Libertação Animal*. Via Óptima. (Publicação original em 1975)
- Winters, E. (2023). *This Is Vegan Propaganda (& Other Lies The Meat Industry Tells You)*. Random House

### **Nota biográfica | Biographical note**

*Paulo Nogueira tem vindo a desenvolver a sua atividade docente e de investigação no campo da educação artística, quer no contexto da formação de professores de artes visuais, quer na orientação de teses e projetos de investigação ao nível do doutoramento. Na FPCEUP é docente de Psicologia da Educação Artística; Educação Artística e Cultura Visual; e Oficina de Escrita, desenvolvendo uma estreita atividade docente no Mestrado em Ensino de Artes Visuais, do qual foi diretor entre 2021 e 2023, em disciplinas relacionadas com a investigação e a prática docente em artes visuais. É professor no Doutoramento em Educação Artística na FBAUP e membro da sua comissão científica. Em ambos os contextos tem estado envolvido em equipas de coordenação e avaliação e em diferentes grupos de reflexão sobre educação artística, designadamente através da realização de debates e eventos científicos. É membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE/FPCEUP) e do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS/FPBAUP)]*

*Paulo Nogueira teaches and researches in the field of Arts Education, both in the context of training visual arts teachers and supervising doctoral theses and research projects in PhD programs. At Faculty of Psychology and Education Sciences of the University of Porto (FPCEUP) he teaches Psychology of Arts Education; Arts Education and Visual Culture; and Writing Workshop, in a close connection to the Master's degree in Visual Arts Teaching, of which he was director between 2021 and 2023, in subjects related to research and visual arts teaching practice. He also teaches in the PhD in Arts Education at Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP), and he is a member of its scientific committee. In both contexts, he leads and evaluates different proceedings regarding arts education, engaging in discussions and scientific events. He is a member of the Centre for Research and Educational Intervention (CIIE/FPCEUP) and of the Institute for Research in Art, Design and Society (i2ADS/FPBAUP) at the University of Porto, Portugal.*



## Panel 21. Ecology of images Moderação /Host: Victor Flores

(8 ago. 16:30-18:00, Auditório do Bloco E/ Bloco E Auditorium  
(online session screening, online)

### A Staccato of Conjoined Musings of the Forgotten 'Rain' in the Film 2018

Vinitha Chandra

Keywords: Environmental Catastrophe; Uncanny; Encroachment; Restoration

Science as a discipline succeeds human existence and has contributed to the knowledge of creation of the earth. Myth states that before any establishment of life on earth, it was only filled with water in its entirety. Hemrich Zinner gives an insight into this through his research findings in the text *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization* propagating the sacredness of water. John Withington's *Flood: Nature and Culture* gives an example from Roman poet Ovid's *Metamorphoses* that it was rain that preceded water on earth. Its ability to reach surpassing all barriers on earth resonates as an ultimate representation of freedom, liberty and mobility otherwise denied by the complex ethos of living. However, there is a corpus of hierarchy and privilege in the dissemination of this knowledge.

*The environmental catastrophe due to water juxtaposes the romantic notion of rain by D. H. Lawrence as that what reaches earth through "heaven's muffled floor" into an uncanny of enormous magnitude. This natural element of 'power' has the potential to submerge all things living, contrary to this being done by anthropocentrism and androcentrism, the very reason that eco-criticism has easily been suffixed with Postcolonial and feminist theories. It even changes the demographics of human intelligence and strength. +The paper is an attempt to illustrate the myriad forms of rain as essential and frightening and the resultant human predicament in the 2023 Malayalam (an Indian regional language) and India's official entry for the Oscars, the film 2018. It depicts the catastrophic effects of torrential rains as an aftermath of climate change. The hindrance of natural flow of rainwater into larger water bodies because of encroachment resulted in the devastating floods that claimed many lives and damaged the topography of Kerala's land in real life in the same year as the film's title.*

*The failure of 'grand narratives' are easily comprehended through films as it caters to people across all milieus. This supports the cultural critic, Raymond Williams's opinion that the 'common' needs to re-read 'nature' in a world deeply entrenched in the commerce of anything and everything. The objective is to alert human intelligence to the urgency to play each one's part in ecological restoration. This investigation is being done through the theoretical lens of Annette Kolodny, Ramachandrra Guha and other prominent theoretician's to analyze how imbalances are caused by socially mediated greed.*





**Biographical note | Nota biográfica**

*I.Vinitha Chandra is presently working as Research Guide, Assistant Professor and Co -Ordinator for Post Graduate Studies - MA English Literature in the PG and Research Department of English, Mount Carmel College, Bengaluru, India. She has a Ph.D. in English Literature, and her thesis was on Postcolonial and Diaspora Studies from University of Madras, Chennai, India. Her poem titled "Thought Forever" was published in "The Hindu" – A leading Indian Newspaper. Her research interest includes Postcolonial and Diaspora Studies, Writing, Ecology, and the Environment in Literature, and Indian Literature.*

*I.Vinitha Chandra atualmente trabalha como Guia de Pesquisa, Professora Assistente e Coordenadora de Estudos de Pós-Graduação - Mestrado em Literatura Inglesa no PG e Departamento de Pesquisa de Inglês, dp Mount Carmel College, Bengaluru, Índia. Tem um Ph.D. em Literatura Inglesa, e sua tese foi sobre Estudos Pós-coloniais e da Diáspora pela Universidade de Madras, Chennai, Índia. Seu poema intitulado "Thought Forever" foi publicado no "The Hindu" – um importante jornal indiano. Seus interesses de pesquisa incluem Estudos Pós-coloniais e da Diáspora, Escrita, Ecologia e Meio Ambiente na Literatura e Literatura Indiana.*

## **Cherishing Glaciers: Virtual Reality Animation as the Core of an Artistic Transmedia Ecosystem**

*Yulong Hu*

Keywords: Virtual Reality; Ecosystem; Transmedia Storytelling; Environmental Crisis

Time is a luxury to glaciers as climate change has led to an increasingly rapid disappearance of them. Artists have drawn attention to natural resource preservation by capturing the transient moments of the earth and mediating them through artworks. In this paper, I will present a virtual reality film that cherishes glaciers by producing corporeal experiences in the simulated environment of computer graphics. Created by artist Jiabao Li, *Once a Glacier* (2022) is a VR animation about the Inupiaq people from Alaska witnessing the accelerated melting of the glaciers that they live with. This film conjures a visceral world that is built on illustrated moving images in virtual reality space. This emergent cinematic format supports the poetic storytelling of a girl and a piece of glacier that she fights to preserve. I argue that the film demonstrates VR's ability to mediate bodily experiences through world creation—from the world made of animated VR images to the subsequent transmedia ecosystem built on artistic "by-products" of the film. On the one hand, this VR film is not merely a vicarious experience or empathy generator; instead, it uniquely evokes an embodied experience of feeling real through the illustrated images that make up a world themselves. The artificial immersion allows participants to be embraced in a computer-generated simulation of three-dimensional space in ways analogous to how the protagonist submerges herself in the natural environment around her. On the other hand, the artist applies audience engagement strategies and delivers an immersive experience through diverse artistic media, which creates a pop-cultural world of glaciers. The VR film was expanded into theatrical performances, pop-up installations, and interactive games to engage with audiences at film festivals and museum galleries. By employing diverse media in film, art, and cultural productions, the artist constructs a transmedia ecosystem to maximize audience interactivity, which is effective in showcasing films in exhibition spaces. Calling on the urgency of climate change, this VR film



and its transmedia by-products demonstrate the process of breaking down the materials in reality and transforming them into representations in virtuality. Moreover, the project *Once a Glacier* deals with the ephemerality of life and the melancholic aesthetic of disappearing but also raises the awareness of cherishing nature as a luxury.

### References | Referências

- Jenkins, H. (2006). Searching for the Origami Unicorn: The Matrix and Transmedia Storytelling. In *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide* (pp. 93–130). NYU Press.
- Krueger, M. W. (1991). *Artificial Reality II*. Reading. Addison-Wesley Publishing Company.
- Ljungberg, C. (2010). Intermedial Strategies in Multimedia Art. In *Media Borders, Multimodality and Intermediality* (pp. 81–95). Palgrave Macmillan.
- Murray, J. H. (2017). *Hamlet on the Holodeck: The Future of Narrative in Cyberspace*. 1997. The MIT Press.
- Stade, T. P., Guy S., & Moore, G. (2023). Narrative Perspectives and Embodiment in Cinematic Virtual Reality. In L. T. De Paolis, P. Arpaia, and M. Sacco (Eds.), *Extended Reality* (pp. 232–252). Springer.

### Biographical note | Nota biográfica

*Yulong Hu is a Ph.D. student studying Art History and Criticism at Stony Brook University. Her research interests include video art, computational media, transnational cultures, and the phenomenon of surveillance videos live-streamed online. Currently, she is working on the 1990s to present Chinese video art in the global context. Yulong received an MA at Columbia University in Film and Media Studies.*

*Yulong Hu é estudante de Ph.D., pesquisa História e Crítica da Arte na Stony Brook University. Seus interesses de pesquisa incluem videoarte, mídia computacional, culturas transnacionais e o fenômeno dos vídeos de vigilância transmitidos ao vivo online. Atualmente, seu trabalho se debruça sobre a década de 1990, visando apresentar a videoarte chinesa no contexto global. Yulong tem mestrado na Universidade de Columbia em Estudos de Cinema e Mídia.*

## The Folding Screen as Counter-Image-Carrier

*Manuel van der Veen*

Keywords: Counter-Image-Carrier; Virtual and Augmented Reality; Folding Screen; Eco-Fiction and Biome-Reconstruction; Contemporary Art

In the years since 2015 in which I have been investigating augmented and virtual reality artworks, I have gradually observed an aesthetically irritating collision between these high-end technologies and the blooming natures represented by them. Why are especially these technologies used to create, reconstruct, and perform natures? I suspect that the techniques of embedding images in their surroundings (AR) and the immersion of viewers into image spaces (VR) exhibit analogies to current discourses and are therefore suitable to aesthetically reflect ecological thinking. Today, we are as interwoven in a network of digital technology as we are in that of our “natural” environment. But what differences and productive derivations arise when image-natures are created using these technologies? And what visual concepts do we need to critically interpret these new works of art?

Many of the natures of contemporary media art can no longer be assigned to the romantic landscape painting of European modernism. This is because the depiction of nature is not



only based on a certain view, but also on a certain image concept. Distance and contemplation, framing and delimitation, stasis and control are characteristics that have been transferred from the perception of the classic image carrier (of a rectangular, flat, white canvas) to a landscape. I therefore propose asking the following question in a talk: Which image carriers condition counter-images? In this context, I would like to focus on an image carrier that leaves the limited flatness to create itself a landscape with heights and depths: the folding screen and in particular the Japanese byôbu (wind shield). I therefore suggest to develop a visual culture from the historical image carrier of the folding screen that is suitable for interpreting current works of media art that (re)present natures. Because of its function as a space divider the folding screen is per se embedded in a relational structure of images, objects and bodies. An image carrier that is itself spatial and thus offers multiple perspectives and demands a moving observer instead of a distanced and contemplative eye.

In a first short section, I would like to work out the specificities of the folding screen and outline which images of nature are shown on it. In a second, more detailed section, I will use these specificities to look at contemporary artworks that perform natures using screen techniques parallel to the folding screen that undermine the subject/object separation and open up new relations between inside and outside. For the time being, these three procedures could be highlighted, which I would unfold in a talk focusing on specific art works:

1. immersion: Between "eco-fiction" and digital biome-reconstruction, VR and AR are used in art to question the relationship between outside and inside, as well as the question of being involved in technologies and natures.

2. greenscreen: The green screen is a technique that explores the relation between artificial and natural. How green is the screen when technical landscapes are presented on it and the production conditions of both the fiction and its material basis are questioned?

3. spatial division: Finally, I would like to show screen constellations that reverse the subject/object relation by forcing the viewers to move through space, interweaving different speeds of growth and corporeal perspectives on plants.

### References | Referências

- Heidenreich, S. (2018). *Das ökologische Auge. Landschaftsmalerei im Spiegel nachhaltiger Entwicklung*. Böhlau Verlag.
- Hui, Y. (2021). *Art and Cosmotechnics*. University of Minnesota Press.
- Hung, W. (1997). *The Double Screen. Medium and Representation in Chinese Painting*. The University of Chicago Press.
- Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology After the End of the World*. University of Minnesota Press.
- Scott, E. E., & Swenson, K. J. (Eds.). (2015). *Critical Landscapes. Art, Space, Politics*. University of California Press.
- Ströbele, U. (2023). *Augmented Species. Digitale Ökofiktionen als Strategie künstlerischen Engagements*. *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, 86(2), 253–271. <https://doi.org/10.1515/zkg-2023-2006>

### Biographical note | Nota biográfica

*Since 2022, is a post-doctoral researcher in the art historical subproject "Virtual Art" CRC 1567 "Virtual Lifeworlds". From 2020 to 2022, he was a lecturer at TU, FU, UE, KH Weißensee and UdK Berlin, Germany. Has a PhD in art science, about "Augmented Reality. Trompe-l'œil and Sculptural Relief as Technique and Theory", supervised by Prof. Dr. Carolin Meister and Prof. Dr. Stephan Günzel. Has a postgraduate degree in fine art at State Academy of Fine Arts Karlsruhe. Studied Philosophy at Albert-Ludwigs-University Freiburg and Painting/Graphics with Prof. Tatjana Doll at State Academy of Fine Arts Karlsruhe.*



*Desde 2022, é pesquisador de pós-doutorado no subprojeto de história da arte "Arte Virtual" CRC 1567 "Virtual Lifeworlds". De 2020 a 2022, foi palestrante na TU, FU, UE, KH Weißensee e UdK Berlin, Alemanha. Possui doutorado em ciências da arte sobre "Realidade Aumentada. Trompe-l'œil e Relevô Escultural como Técnica e Teoria", orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolin Meister e pelo Prof. Possui pós-graduação em artes plásticas pela Academia Estadual de Belas Artes de Karlsruhe. Estudou Filosofia na Albert-Ludwigs-University Freiburg e Pintura/Gráfica com a Prof. Tadjana Doll na Academia Estadual de Belas Artes de Karlsruhe. Contact: manueelvanderveen.com*

## **Rendering Green: Reflecting on Virtual Landscapes as Volumetric Counter-Visualities**

*Teodora-Sinziana Fartan*

Keywords: Counter-Visualities; Immersive Ecologies, Ecological Gaming, Volumetric Landscapes, Posthuman Worldbuilding

This paper finds its starting point in an exploration of the emerging hybrid visualities enabled by the recent expansion of game engine technologies into mainstream tools for the production of visual culture - images, no longer confined to the flat panels of digital screens, are increasingly becoming volumetric, immersive, and mutable. Able to conjure worlds and facilitate embodiment on an unprecedented scale, whilst powered by ever-increasing processing power and visual accuracy, the hybrid ecologies brought into being through such technologies become performative and affectively charged. Consequently, in a time where the automation of the camera is swiftly being replaced by that of the blackboxed computational structures of virtual production systems, addressing the networked visual ecologies produced through immersive technologies becomes a crucial point for theoretical discussion.

As mainstream tools emerging out of our contemporary monoculture, game engines have traditionally been employed both by large-scale ludic productions and small indie productions for the crafting of play; having steadily evolved across the years, the rendering capabilities of these tools have reached new heights, situating them as the preferred production tools across visual disciplines such as arts, design and photography. Endless geographical space, immense collections of volumetric content and the promise of responsiveness enabled by networked algorithms are coming together to script new cultural forms.

Amidst these virtual worlds, a fascination with nature remains, where volumetric worlds often feature a multitude of natural elements - as such, a tension (or perhaps a disconnect?) emerges between our felt relationship with nature and the tendency to replicate its manifestation using computer code. As Thomas puts it, "we remain deeply drawn to manifestations of life", despite living in an increasingly automated visual ecology (2011). This paper aims to explore volumetric ecologies through a posthuman lens, intending to investigate what new possibilities and potentialities can be enabled through an eco-feminist artistic deployment of game engine technologies. It aims to explore ways in which we can speculate using immersive worlds as testing sites for counter-visualities and alternative narratives, attentive to their ability to foster ecological reflection, critique, and engagement with more-than-human epistemologies.

At the confluence of ecological thinking, speculative fiction and posthuman explorations of game environmentalism, this research extends a critique of the Western ideal of the "landscape" into the realm of volumetric space; echoing this tradition of thought, game environments have traditionally been ascribed the role of mere backdrop - a container, or a silent wit-



ness for a hero's actions and activities. Often non-interactive and static, game environments echo the same ideals of separation with nature long established within traditions of Western thought. As Chang puts it, whilst "all computer and console games are environments, not all games are environmental" (2011), emphasising the fact that, despite most game environments being highly visual and expansive virtual ecologies, the majority of these remain functionally inert, becoming frozen in favour of a hero's quest.

This research aims to call into question this ideological relationship between environment, narrative and spectator within immersive game worlds by exploring the wondrous possibilities that arise when the environment takes centre stage as the interactive subject of a volumetric space - drawing on principles of interconnectedness and posthuman perspectives that foreground more-than-human agencies, rather than singular heroism, this work sets out to explore what LeGuin calls the "other story" through probing ways in which the ecological and the elemental can take on an active role within immersive games, becoming sentient, active and responsive through computational agency. (The presentation will feature renders and visual elements from an ongoing game world experiment exploring environment-centric speculative worldbuilding).

### References | Referências

Chang, A. (2011). Games as Environmental Texts. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, 19(2), 57-84. <https://www.muse.jhu.edu/article/430995>

LeGuin, U. (1988). *The Carrier-Bag Theory of Fiction*. St. Martin's Press.

Rutherford, S., & Bose, P.S. (2013). Biopower and play: Bodies, spaces, and nature in digital games. *Aether: The Journal of Media Geography*, 12(10), 1-29.

Shaw, I.G., & Warf, B. (2009). Worlds of Affect: Virtual Geographies of Video Games. *Environment and Planning A*, 41(6), 1332 - 1343. <https://doi.org/10.1068/a41284>

Thomas, S. (2013). *Technobiophilia: Nature and Cyberspace*. Bloomsbury Academic.

### Biographical note | Nota biográfica

*Teodora Sinziana Fartan is a computational artist, researcher and writer based in London, UK. She is a Lecturer in Computational Media Practices at the University of Westminster and a PhD Researcher at the Centre for the Study of the Networked Image at London South Bank University. Her current research focuses on practices of worlding, computer-mediated imaginaries, virtual geographies and networked experiences. Teodora's artistic practice explores the immersive, interactive and intelligent more-than-human entanglements taking shape within algorithmically rendered spaces. Driven by speculative storytelling, her work is situated in the new spaces of possibility opened up by collaborations between software and critical artistic practices - through game engine technologies, creative coding, interactive media and physical computing, Teodora explores immersive and networked states of existence through computer mediation, with a particular focus on the new modes of relational and affective experience rendered into being through interactive, spatial and embodied experiences. Teodora has presented her research and artistic practice both locally and internationally at events such as transmediale, Somerset House, RIXC Festival, the Latvian National Museum of Art, Kingston University and The Photographer's Gallery London.*

Teodora Sinziana Fartan é uma artista computacional, pesquisadora e escritora que mora em Londres, Reino Unido. Ela é professora de Práticas de Mídia Computacional na Universidade de Westminster e pesquisadora PhD no Centro para o Estudo da Imagem em Rede da London South Bank University. Sua pesquisa atual concentra-se em práticas de mundo,



imaginários mediados por computador, geografias virtuais e experiências em rede. A prática artística de Teodora explora os emaranhados imersivos, interativos e inteligentes, mais que humanos, que tomam forma em espaços renderizados por algoritmos. Impulsionada pela narrativa especulativa, o seu trabalho situa-se nos novos espaços de possibilidades abertos pelas colaborações entre software e práticas artísticas críticas - através de tecnologias de motores de jogos, codificação criativa, meios interactivos e computação física, Teodora explora estados de existência imersivos e em rede através do computador. mediação, com foco particular nos novos modos de experiência relacional e afetiva que se tornam realidade por meio de experiências interativas, espaciais e corporificadas. Teodora apresentou a sua investigação e prática artística tanto local como internacionalmente em eventos como trans-mediale, Somerset House, Festival RIXC, Museu Nacional de Arte da Letónia, Universidade de Kingston e The Photographer's Gallery London.



## Painel 22. Ecologia das imagens e utopia Moderação /Host: Marta Martins

(8 ago. 16:30-18:00, Miniauditório do Bloco B , online)

### Arfantes: a relação entre o sublime e a ecologia das imagens nos registros amadores das catástrofes ambientais

*Júlia Milward*

Palavras-chave: Imagem; Amadorismo; Apropriação; Ecologia; Sublime

Em 1755, Lisboa é devastada por um terremoto. Uma tragédia que provocou uma série de questões sobre as ações do divino, o problema humano, a contingência social e o desastre natural. Em presença da catástrofe aparece a pergunta: "o que fazer diante de uma catástrofe natural?". Muitos filósofos iluministas veem nesse evento a oportunidade de desfazer as justificativas religiosas sobre os males da humanidade.

Assim Voltaire, com a emoção assomada, aprofunda a batalha contra os teólogos de seu tempo escrevendo o "Poema sobre desastre de Lisboa ou o exame deste axioma, está tudo bem" (1756) composto cerca de 230 versos em que aponta o tom patético da providência divina ao mesmo tempo que reconhece a inevitabilidade da catástrofe natural, apresentada como um mal contra o qual nada podemos fazer ou justificar visto que é algo que habita a própria natureza. Em uma carta endereçada a Voltaire, Jean-Jacques Rousseau faz uma crítica aos poemas do destinatário sobre o sismo de Lisboa, propondo uma reflexão sobre a responsabilidade humana em relação aos males submetidos, afinal "a natureza não reuniu ali vinte mil casas de seis a sete andares" (ROUSSEAU, 1756). Ao recusar estabelecer relações metafísicas e morais ao tema, Rousseau direciona a reflexão sobre as catástrofes naturais para o campo social e político, um discurso proto-antropoceno em que coloca a interferência humana na natureza como o cerne do problema.

No contexto contemporâneo, em que não há mais dúvida sobre os responsáveis pela crise climática, a pergunta "o que fazer diante de uma catástrofe natural?" permanece urgente. Apesar do conhecimento das causas, a impressão é de imobilidade, como se fôssemos apenas simples espectadores dos eventos ao qual não pertencemos.

Na rede mundial de computadores nos deparamos com inúmeras capturas de imagens digitais amadoras que exibem as ações da natureza e as consequências catastróficas.

Desde o 11 de setembro de 2001 que os registros não profissionais se tornaram recursos fundamentais para o jornalismo, um tipo de documento que já está inserido de tal maneira na estrutura do sistema de informação que os cidadãos não tem dúvida do papel que desempenham como geradores de provas sobre todo e qualquer fato evento.

A sensação é a de que, diante da catástrofe natural, as pessoas simplesmente filmam. Assim, partindo das reflexões apresentadas por Rabih Mroué na obra "Revolução em pixels" (2012), proponho uma análise das imagens amadoras realizadas em situações de catástrofes



climáticas em que a ideia de sublime se ergue no seio da própria concepção do relato arfan-te, e estabelecendo um diálogo com a noção de “ecologia das imagens”, abordada no ensaio de Peter Szendy e nos trabalhos de Rosângela Rennó. Para a comunicação, o vasto número de imagens catalogadas foi reduzido à 12 fragmentos, numa proposta de montagem textual e visual que expõe as reflexões sobre a figura ofegante que coloca o suporte de registro entre o si e o fato para se tornar espectadora do fim.

### Referências | References

Voltaire. (1756). *Poème sur le désastre de Lisbonne*. Les édiMons de Londres.

Rancière, J. (2012). *O espectador emancipado*. Editora WMF MarMns Fonte.

Rennó, R. (2021). *Pequena ecologia da imagem*. Pinacoteca de São Paulo.

Roué, R. (2013). *Image(s), mon amour: Fabrica>ons*. Centro de Arte dos de Mayo(CA2M).

Szendy, P. (2021). *Pour une écologie des images*. Les édiMons de Minuit, 2021.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Julia Milward. Artista-fotógrafa-pesquisadora-educadora. Doutora em Artes Visuais (linha de pesquisa: Deslocamentos e Espacialidades) pela Universidade de Brasília [2021]. Mestra em Artes Visuais (linha de pesquisa: Poéticas Contemporâneas) pela Universidade de Brasília [2014] e em Fotografia Contemporânea pela École Nationale Supérieure de la Photographie [2011]. Bacharel em Artes Plásticas (opção Fotografia) pela Université Paris VIII [2008] e em Comunicação Social (opção Jornalismo) pela Universidade Federal de Juiz de Fora [2007]. Atua na área de Artes Visuais, com ênfase em ensino e pesquisa em Fotografia, História das Artes, Métodos e Processos de criação. Sobre a pesquisa artística, explora outras formas de re-apresentação do fotográfico, propondo uma conversa entre a técnica da reprodutibilidade com a escrita, a performance, a escultura e a instalação. Expôs coletivamente 65 vezes em 4 países diferentes [Brasil, França, China, Canadá]. Individualmente 7 vezes. Participou de 16 publicações e 5 residências artísticas. Ganhou 5 prêmios.*

*Artist-photographer-researcher-educator. PhD in Visual Arts (line of research: Dislocations and Spatialities) from the University of Brasília [2021]. Master in Visual Arts (research line: Contemporary Poetics) from the University of Brasília [2014] and in Contemporary Photography from the École Nationale Supérieure de la Photographie [2011]. Bachelor of Fine Arts (Photography option) from Université Paris VIII [2008] and in Social Communication (Journalism option) from the Federal University of Juiz de Fora [2007]. Works in the area of Visual Arts, with an emphasis on teaching and research in Photography, History of Arts, Methods and Creation Processes. Regarding artistic research, she explores other forms of re-presentation of photography, proposing a conversation between the technique of reproducibility with writing, performance, sculpture and installation. She exhibited collectively 65 times in 4 different countries [Brazil, France, China, Canada]. Individually 7 times.*

## High Summer de John Goto – variações estéticas@ tempos e espaços diversos

*Maria de Fátima Lambert*

Palavras-chave: John Gotto; Estética em High Summer; Jardins paisagísticos Ingleses; Ideologia e Utopia; Villa Durazzo Pallavicini; Afinidades e Simulacros





Last summer, John Goto (1949-2023) abandoned the earthly landscape of Oxford, ascending to a utopian landscape garden. Between 1996 and 2001, the Oxford-based photographer developed the UKADIA photo-digital project which included the series "Capital Arcade", "High Summer" and "Gilt City". This research focuses on the fifteen images from "High Summer", using a multidisciplinary theoretical approach to elucidate the issues that underlie this iconography of the built landscape. It is viewed through variants of analytical-critical narratives, in a back and forth between the real and the represented, equated in the aesthetics of gardens (17th and 18th centuries), also under the auspices of sociocultural and symbolic anthropology. Between 2002 and 2008, both in the academic and artistic context, we maintained direct contact with John Goto, absorbing the ideas he shared. In "High Summer", the idealized and utopian environment of English landscaped gardens, decorated in aristocratic aesthetics and, here considered under the auspices of the dispute of taste (Edmund Burke, David Hume and Emmanuel Kant), raises - nowadays - counter-ideological readings geopolitical, by boosting ecosystem assertions. Which, in fact, John Goto (re)identified, thus guiding his reconstructive and reparative compositions, in favor of a questioning iconography. By assuming/applying digital procedures, when voices were raised in defense of analogue photography, he further accentuated the deconstructive notion that characterizes his aesthetics. "High Summer" can be seen as a polysemous manifesto, exposing the aesthetic eccentricity of high culture while examining its anatomy. Specific visual elements that are part of his photographic productions stand out, under the design of Et in Arcadia Ego. In the present study, the methodology was composite: the iconographic/iconological study of "High Summer" was carried out; We focused on specific texts by John Goto and reflections by other authors on his work. On the other hand, the historical methodology focused on studies on topiary and garden architecture from the 17th century onwards, having repercussions on the following two centuries, particularly when considering pioneering European theorists such as Ercole Silva, John James, Joshua Major or Stephen Switzer. On the other hand, the researcher's personal experience in approaching the landscaped gardens was claimed, as she visited the Oxfordian landscapes (Bretton, Rousham and Blenheim - 1997, 2008), contrasted, years later, when visiting the Villa Durazzo Pallavicini park in Pegli (Genoa, Italy) - clearly articulable with the English landscape gardens evoked in "High Summer". Unfortunately, it has not yet been possible to visit Stowe (Buckinghamshire) and Stourhead (Wiltshire), places close to Oxford that guided the photographic construction decided by Goto. The face-to-face experience is seen as a relevant contribution. Thus, this research remains, to recognize/detect in situ, the specificities of simulacra, affinities and (dis)similarities (Baudrillard) that validate the coincidences of aesthetic and social-critical taste in landscape gardens as lucid statements in the sociopolitical scenario. Primacy was given to pictorial and theoretical understandings, which elucidate the artisticity and aesthetics of these historic gardens: highlighting pioneering architects such as Capability Brown and Horace Walpole, who, in turn, followed the paintings of Claude Lorrain and Nicolas Poussin - authors highlighted by John Goto - also having reference to iconographies of parity seen in Alexander Cozens, Jacob Van Ruysdael and Caspar David Friedrich or Constable, such as the location of trees in the composition. After Brown's creation, it is recalled that Turner, in turn, visited Blenheim Park in search of inspiration. As for figurative groups inhabiting Goto's images, William Hogarth's critical-ironistic vision of the aristocracy makes visible the fusion of the axes that guaranteed the logic of the counter-image desired by the photographer. Different platforms and/or counter-layers, with a deconstructive content that intertwine: the historical pictorial composition, the architectural design of the landscape and the implicit socio-historical and ideological alignment. Such research



also led to the development of a visual essay based on a direct aesthetic perception, consolidated in the considered experience of landscape iconography, thus equating the societal reading of the aesthetics - utopia and ideology - of landscape gardens in the 18th and 19th centuries, in a context updated approximate/interpretative.

### References | Referências

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação. Relógio d'Água*.
- Borsay, P., & Sweet, R. (2023). *The Invention of the English Landscape - c. 1700–1939*. Bloomsbury Academic.
- Bradley, R. (1725). *Survey of the Ancient Husbandry and Gardening collected from Cato, Varro, Columella, Virgil and others, the most eminent writers among the Greeks and the Romans*. B. Motte.
- Brighon, A. (1994). 'John Goto and Photography as High Art`  
Modern Painters. <http://www.johngoto.org.uk/Introduction.htm>
- Burke, E. (1999). *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful (1757)*. Penguin Classics.
- Clark, R. (2001). John Goto: Capital Arcade and High Summer\*. [http://www.johngoto.org.uk/essays/Capital\\_Arcade\\_High\\_Summer/Capital\\_Arcade\\_High\\_Summer.htm](http://www.johngoto.org.uk/essays/Capital_Arcade_High_Summer/Capital_Arcade_High_Summer.htm)
- Corbin, A. (2001). *L'homme dans le paysage*. Editions Textuel.
- Cozens, A. (ca.1786). A new method of assisting the invention in drawing original compositions of landscape. Yale University Library Digital Collections. <https://collections.library.yale.edu/catalog/17443404>
- Durden, M. (2003). *Mixed Messages: Disordering Documentary*. <http://www.johngoto.org.uk/essays/%20Gilt%20City%20essay/Durden.htm>
- Finch, J., & Woudstra, J. (2020). *Capability Brown, Royal Gardener: The Business of Place-Making in Northern Europe*. White Rose University Press (Universities of Leeds, Sheffield and York).
- Goto, J. (2001). Landscape gardens, narrative painting and 'High Summer.' [http://www.johngoto.org.uk/essays/High\\_Summer\\_text.htm](http://www.johngoto.org.uk/essays/High_Summer_text.htm)
- Goto, J. (2005). *Digital Photography and its Detractors*. <http://www.johngoto.org.uk/essays/Digital.htm>
- Goto, J. (2006). *The Digital Past*. [http://www.johngoto.org.uk/essays/Digital\\_past.htm](http://www.johngoto.org.uk/essays/Digital_past.htm)
- Goto, J. (2008). *Is there power in critical Art?* [http://www.johngoto.org.uk/essays/Power\\_of\\_Critical\\_Art.htm](http://www.johngoto.org.uk/essays/Power_of_Critical_Art.htm)
- Hume, D. (2008). *La norma del Gusto*. MuVIM.
- Hunt, J. (1993). Writing the English Garden: Horace Walpole and the Historiography of Landscape Architecture. *Interfaces. Image-Texte-Language*, (4), 163-180. [https://www.persee.fr/doc/inter\\_1164-6225\\_1993\\_num\\_4\\_1\\_923](https://www.persee.fr/doc/inter_1164-6225_1993_num_4_1_923)
- Kant, E. (1986). *Critique de la Faculté de Juger*. Ed. Vrin.
- Kolen, J., Renes, H., & Hermans, R. (2015). *Landscape Biographies - Geographical, Historical and Archaeological Perspectives on the Production and Transmission of Landscapes*. Amsterdam University Press.
- Major, J. (1852). *Theory and Practice of Landscape Gardening*. Longman, Brown, Green, and Longmans. Reid Newsome.
- Mayer, L. (2016). *A Legacy in Landscape: the Aesthetic Minimalism of Lancelot 'Capability' Brown*! [https://artdotearth.org/pdf/LLS/Laura\\_Mayer.pdf](https://artdotearth.org/pdf/LLS/Laura_Mayer.pdf)
- Pinhal, P. J. (2015). *The English Landscape Garden: A Walk through its Identity*. FLUP. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81771/2/37523.pdf>
- Richardson, T. (2007). *The Arcadian friends: inventing the English landscape garden*. Bantam Press.
- Ruff, A. (2015). *Arcadian Visions Pastoral Influences on Poetry, Painting and the Design of Landscape*. Windgather Press.
- Samson, A. (Org.). (2012). *Locus Amoenus - Gardens and Horticulture in the Renaissance*. The So-



ciety for Renaissance Studies and Blackwell Publishing Ltd.

Silva, E. (1801). *Dell'arte dei giardini inglesi*. - Milano: dalla stamperia e fonderia al Genio tipografico, casa Crivelli, presso il ponte di S. Marco, n.o 1997, anno IX [1800-1801]. - [8], 373, [3] p., [6] c. di tav.

ripieg. : ill. calcogr. ; 4°. <https://liberliber.it/autori/autori-s/ercole-silva/dellarte-dei-giardini-inglesi/>  
Walpole, H. (1904). *On Modern Gardening*. Canton, Pa., Kirgate Press. <https://ia803101.us.archive.org/32/items/essayonmodernnga00walpgoog/essayonmodernnga00walpgoog.pdf>

Walpole, H. (1995). *The History of Modern Taste in Gardening (1780)*. Ursus Press.

Watkin, D. (1982). *The English vision: the picturesque in architecture, landscape, and garden design*. J. Murray.

### Biographical note | Nota biográfica

*Maria de Fátima Lambert. PhD Aesthetics (1998): Philosophical Principles of Aesthetics of Almada Negreiros; Master Philosophy (1986): Fernando Pessoa Aesthetics and the Portuguese Modernism - - Faculty of Philosophy of Braga/UCP. Research fellow FCT Writing and Seeing: 2000- 2004. Full Professor Aesthetics and Education - School of Education/Polytechnic Porto, with the lesson: Anthropology and Iconography of Body (2000). Board of Cultural Centre Polytechnic of Porto (2022/...); President of Scientific Board (1998-2004). Director (2014-2017) and Full Member of Center for Research and Innovation in Education (InED-FCT). Scientific Committee Member; IHA-FCSH/UNL (2011-2017); MIDAS (POR); Visuals /UNICAMP (BR), Asparkía/ Universitat Jaume I (ES); Rev. EARI/Universitat València (ES); Rev. Post-Threshold/PUC-Campinas (BR); Rev. Diferents-Museum Contemporary Art V.A.C. V./Valencia (ES); Journal History of Society and Culture/ University Coimbra (POR). Specialist Evaluator - Portuguese Agency for Higher Education Evaluation A3eS. Supervisor: Master, Doctoral and Post-Doctoral Degrees and Research Fellows. Member of AICA (Portugal); ENCATC (Brussels); Athena University; ELIA and SEyTA. (Spain). Independent curator since 1994; programming Brazilian and Portuguese Art. Key-note Speaker at scientific/cultural events; author of books/texts in scientific journals.*

*Maria de Fátima Lambert. Doutoramento em Estética (1998): Princípios Filosóficos da Estética de Almada Negreiros; Mestrado em Filosofia (1986): A Estética de Fernando Pessoa e o Modernismo Português - - Faculdade de Filosofia de Braga/UCP. Bolseiro de Investigação FCT Escrever e Ver: 2000- 2004. Professora Catedrático de Estética e Educação - Escola Superior de Educação/ Politécnico do Porto, com a aula: Antropologia e Iconografia do Corpo (2000). Direcção do Centro Cultural Politécnico do Porto (2022/...); Presidente do Conselho Científico (1998-2004). Diretora (2014-2017) e Membro Titular do Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED-FCT). Membro da Comissão Científica: IHA-FCSH/UNL (2011-2017); MIDAS (POR); Visuals /UNICAMP (BR), Asparkía/ Universitat Jaume I (ES); Rev. EARI/Universidade Valência (ES); Rev. Pós-Limiar/PUC-Campinas (BR); Rev. Diferents-Museum de Arte Contemporânea V.A.C. V./ Valência (ES); Revista História da Sociedade e da Cultura/ Universidade de Coimbra (POR). Avaliadora Especialista - Agência Portuguesa de Avaliação do Ensino Superior A3eS. Orientadora: Mestres, Doutores e Pós-Doutorados e Bolsistas de Pesquisa. Membro da AICA (Portugal); ENCATC (Bruxelas); Universidade Atenas; ELIA e SEyTA. (Espanha). Curadora independente desde 1994; programação de Arte Brasileira e Portuguesa. Keynote Speaker em eventos científicos/ culturais; autora de livros/textos em revistas científicas.*

## Ver é sempre ver morrer: falhas e defeitos na fotografia de Susana Paiva

Sandra Camacho

Palavras-chave: Fotografia Experimental; Obsolescência; Polaroid; Práticas ecológicas



Com uma carreira de mais de três décadas, a artista portuguesa Susana Paiva (n. 1970) tem frequentemente utilizado na sua prática técnicas experimentais de fotografia, explorando e expandido as limitações e fronteiras do formato enquanto medium. Proponho nesta apresentação, que, em várias obras, Paiva apoia-se nas potencialidades do defeito inerentes a processos fotográficos alternativos para examinar o mundo natural, propiciando leituras ao seu trabalho sob uma perspectiva eco-crítica.

Em 2020, Paiva inspirou-se na prosa poética de Rui Nunes (Lisboa, 1945), para desenvolver. Na imprecisa visão do vento, uma série de intervenções sobre Polaroids com defeitos químicos que gerou um fotolivro e um ensaio visual. Sugiro que aqui, ao escolher trabalhar com materiais imperfeitos, imprevisíveis nos seus resultados, no que Diogo Martins aponta como “[u]ma ruína que já o é antes de o tempo ter infligido sobre as coisas um efeito de corrosão ou desbaste” (Paiva & Martins 2020, p.36), Paiva enfatiza a obsolescência do formato ligando-o à própria fragilidade do processo fotográfico. A imagem fotográfica é criada pela luz, mas exposta em demasia a esta amarelece e desaparece, algo que Paiva destaca quando toma como suas as palavras de Nunes, “ver é sempre ver morrer”. Assim, na utilização de um material obsoleto, podemos identificar a dimensão utópica no fim da vida útil de qualquer tecnologia defendida por Rosalind Krauss (2000, p.41), uma dimensão que pelas suas associações à ruína e à nostalgia refletem preocupações com degradações climáticas. Adicionalmente, ao separar as várias camadas das Polaroid, Paiva cria imagens abstractas, que se assemelham a matérias orgânicas como pele ou fungos, aproximando-as do mundo natural. Em Rama (Novembro 2022 e Março 2023) e Do Princípio do Mundo (2022), a artista apoia-se num outro processo experimental de fotografia, o quimigrama. Aqui o papel fotográfico, frequentemente expirado, é coberto de materiais como gordura, vaselina, ou cera, que se dissolvem de forma lenta e não uniforme no revelador. Partindo de residências artísticas em Torres Vedras e na Mata dos Medos, Almada, a artista incorpora plantas e materiais recolhidos na área para a criação das suas imagens fotográficas, ligando-as ao meio ambiente. Da mesma forma, ao utilizar papéis fotográficos já em processo de degradação, Paiva recupera material que seria desperdiçado, salientando o valor artístico e histórico do mesmo.

Partindo destas obras, e analisando os anos mais recentes da carreira da artista, proponho nesta apresentação examinar o processo de apropriação de formatos obsoletos e técnicas experimentais da fotografia de Paiva, situando assim a sua prática artística numa prática ecológica.

### Referências | References

- Krauss, R. (2000). 'A Voyage on the North Sea': Art in the Age of Post-medium Condition. Thames & Hudson.
- Paiva, S., & Martins, D. (2020). Na imprecisa visão do vento. Terceira Pessoa – Associação.
- Paiva, S. (Director). (2020). Na imprecisa visão do vento [Video]. Vimeo. <https://vimeo.com/759052336>

Nota biográfica | Biographical note

Sandra Camacho é doutorada em Estudos Comparativos na Universidade de Lisboa. Desenvolve ~~Explorações Artísticas de~~ pós-Limitações Tecnológicas na Fotografia | PCNOrTVAguefScAS Hdversidade Nova de Lisboa. Tem como principais áreas de prática artística, arqueologia dos media, estu



Sandra Camacho has a PhD in Comparative Studies from the City of Lisbon, University of Lisbon. She is developing a project on the potential of technological limitations in Portuguese. Her research interests are in digital media, archive, media archaeology, intermedia and intertextuality.

## Plantas baixas, fundações e assentamentos no campo de batalha: Humaitá

*Rafael Muniz Espíndola*

Palavras-chave: Assentamento; Humaitá; Exú; Jogo; Lugar Cruzado

O artigo parte de um ensaio poético fotográfico e projetual, operado a partir de minha vivência enquanto Umbandista-Artista-Pesquisador. Em uma linguagem cruzada com pontos arquitetônicos, opero conceitualmente estratégias de disputa com a história oficial tendo a religião e epistemologia de terreiro como repertório imagético, a montagem e o jogo como procedimentos operatórios. Dentre as linguagens utilizadas estão a fotografia, o desenho projetual e os objetos para montagens, como cavalos, búzios, maquetes, entre outros elementos.

Nelas estão incorporadas noções e conceitos com Assentamento, Humaitá, Exú e jogo sobre o que chamo de lugar cruzado. A Abordagem deste artigo está na encruzilhada entre campos como arquitetura, antropologia, arte e religião cujas proposições narrativas e epistemológicas são banhadas em dendê. A pesquisa cruza um lugar paradigmático de alteridade ao mesmo tempo implicada a partir de dentro e fora dos terreiros de Umbanda, como médium e artista.

A escrita inicia pela estrutura reflexiva do que intitulo de ética e estética do despacho, apresentando a estrutura de linguagem textual advinda das práticas de terreiro para introdução à pesquisa e às palavras abordadas ao longo do texto. Elenco um vocabulário presente nas umbandas, quimbandas e batuque desde o sul do Brasil como "Humaitá", "assentamento" e de outros campos, como os termos "plantas baixas" e "fundações", a fim de criar poeticamente um jogo linguístico e imagético. Amplio, portanto, as noções de "assentamento", vinculada ao processo de feitura de entidades e Orixás, à palavra assento, partindo do campo semântico para o associativo, em elaboração de conexões entre as áreas de estudos mencionadas. Humaitá, por sua vez, é o próprio campo de batalha e de montagem, faz referência aos pontos cantados de umbanda para Ogum, a entidade guerreira.

Como técnico em edificações e interessado no processo urbanístico de construção das cidades, especificamente a cidade de Porto Alegre/RS, opero na rasura da história oficial a partir da perspectiva de sobreposições de temporalidades e espaços distintos afro diaspóricos apagados do contexto urbano. O Parque Farroupilha, conhecido popularmente como Parque da Redenção, é um desses espaços cuja planta baixa é transformada em peça para as montagens em pequena escala, bem como os pilares frontais da Igreja de São Miguel das Missões são transformados em objetos para um jogo de equilíbrio, onde os elementos são empilhados, tendo a fotografia como finalidade da proposta.

No processo de disputa e tensão, através das montagens, realizo narrativas disruptivas utilizando o conceito de história de Walter Benjamin enlaçado, pelo historiador Luiz Antonio Simas, à noção de Exú com seu aforisma mais popular "Exú matou um pássaro ontem com



a pedra que lançou hoje”

Outros autores também são referências para a pesquisa, como pedagogo Luiz Rufino, o filósofo Rafael Haddock-Lobo e Muniz Sodré. Com esses referenciais teóricos lanço mão de noções interdisciplinares para a construção poética refletindo sobre o espaço geográfico e social como elementos fundantes das relações e manifestações culturais, políticas e religiosas em um campo de batalha, em jogo e em disputa, ou seja, Humaitá, em estreita referência à batalha homônima.

### Referências | References

Benjamin, W. (2012). *I obras escolhidas, magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura* (8ª ed.). Editora Brasiliense.

Haddock-Lobo, R. (2022). *Abre-caminho: assentamentos de metodologia cruzada*. Editora Ape'Ku.

Rufino, L., & Simas, L. A. (2019). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Editora Mórula.

Sodré, M. (2019). *O terreiro e a cidade*. Editora Mauad X.

### Nota biográfica | Biographical note

*Rafael Muniz Espíndola. Umbandista-artista-pesquisador, mestrando em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Artes Visuais pela mesma Universidade (IA/UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa Poéticas da Participação (UFRGS). Possui formação no curso Técnico em Edificações pelo Centro Tecnológico Estadual Parobé (CTE Parobé). Possui obras em acervo da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e na Universidade Feevale. Possui interesse em antropologia e etnografia de religiões de matrizes africanas no Brasil e estuda epistemologias de terreiro para criação poética em artes visuais com procedimentos instalativos, fotográficos e projetionais.*

*Umbandist-artist-researcher, master's student in Visual Poetics at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Rafael graduated with a degree in Visual Arts from the same university. He is a Poetics of Participation research group (UFRGS) member. Graduated with a Building Technician course at the Parobé State Technological Centre (CTE Parobé), his works are in the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (UFCSPA) collection, University of Porto Alegre (UFCSPA) and Feevale University. He is interested in the anthropology and ethnography of religions of African origin in Brazil and studies terreiro epistemologies for poetic creation in the visual arts with installation visual arts, photographic and projection procedures.*



## **Painel 23. Arte e narrativas contra-hegemônicas Moderação/Host: Gerusa Bloss**

(8 ago. 16:30-18:00, online, Auditório do Bloco F, presencial)

### **Fabulando tempos-outros: a escrita de crônicas e m Psicologia Social**

*Maria Lucia Macari*

Palavras-chave: Ficção; Contranarrativas; Ecos-mundos; Psicologia Social

Narrar as conjunturas de um tempo-lugar-espaco é um exercício desafiador. As palavras em suas incompletudes podem ser como âncoras em um mundo que é, por sua natureza própria, dinâmico. Os movimentos de ser e não ser, estar e não estar, das ondas pelas quais navegamos mar adentro do mundo das coisas podem extravasar os significados que as palavras aportam. Um charuto às vezes pode ser apenas um charuto. Mas entre o charuto e o sujeito há uma infinidade de (re)configurações, histórias, afetos e insabidos que permeiam a relação que pode ou não se estabelecer entre os dois significantes. Essa impossibilidade de dar conta da realidade de maneira total reconfigura, retrospectivamente, a própria realidade como fraturada. Isso pode significar uma infinidade de coisas, dentre elas, uma que nos leva a refletir sobre as pesquisas em psicologia social. Pela pluralidade de realidades com as quais nos deparamos nessas pesquisas, torna-se imprescindível a busca de uma escrita e transmissão que deem conta das multiplicidades em suas dialéticas.

Ao tratarmos de territórios marcados pelas designações universalizantes de uma ciência fundamentalmente importada do exterior – geralmente racista, machista, sexista, homofóbica e burguesa – visamos traçar um caminho onde as múltiplas vozes que compõem os corpos sociais possam ser escutadas em suas diversidades, buscando movimentos de emancipação efetivos. Com isso, pretendemos levar em consideração grupos, lugares, afetações e pessoas que, através da materialidade das palavras, ecoam suas realidades antagônicas nos meandros do mundo e na ladeira da história. Para isso, este trabalho visa explorar a escrita de crônicas como o que aporta as sutilezas, as nuances e os paradoxos que compõem os ecos-mundos (Glissant, 2021) em suas diferenças e complexidades.

Os ecossistemas narrativos denunciam a maneira como construímos e transitamos pela nossa realidade. Desde a noção de tempo, até as mais pueris definições, estão arraigadas em nossa pele como cicatrizes de uma sutura longínqua. A materialidade das palavras bordeiam as experiências sensíveis do que, paradoxalmente, não possui uma definição exata. Por isso, e por tantas outras coisas, a escrita de crônicas em psicologia social pode ser uma política do narrar que desloque os lugares estagnados nos campos de produção de conhecimento e, sobretudo, das próprias formas de transmissão. Com isso, espera-se que as pesquisas em psicologia social possam ser desenvolvidas a partir de estratégias políticas que não se



restringam a dados e formalidades simplificantes e puramente descritivos (Costa, 2014), mas que possam problematizar e complexificar a realidade de modo a permitir a construção de outras relações possíveis com o mundo. Em última instância, trata-se da busca de uma ética da criação e da transmissão implicada com as relações sociais em suas dimensões ético-estético-políticas.

### Referências | References

Costa, L. A. (2014). O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26, 551-576. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1317>

Glissant, E. (2021). *Poética da Relação* (M. Vieira, E. J. de Oliveira, Trans.). Bazar do Tempo.

### Nota biográfica | Biographical note

*Maria Lucia Macari. Psicóloga e psicanalista. Doutoranda do programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período de mobilidade no programa de doutorado em Estudios Psicosociales na Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH), no México. Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atua em atendimento clínico psicanalítico com adultos e adolescentes e em supervisão clínica e acadêmica em psicanálise e psicologia social. Diretora e membro do comitê editorial de Materialismos. Cuadernos de Marxismo y Psicoanálisis (<https://materialismo.hypotheses.org/>). Integrante dos grupos de pesquisa Políticas do Narrar (UFRGS) e Psicanálise, estética e subjetivação contemporânea (UFRGS).*

*Psychologist and psychoanalyst. PhD student in the postgraduate program in Social and Institutional Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), with a period of mobility in the doctoral program in Estudios Psicosociales at the Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH), in Mexico. Master in Psychoanalysis: Clinic and Culture from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduated in Psychology from the Federal University of Santa Maria (UFSM). She works in psychoanalytic clinical care with adults and adolescents and in clinical and academic supervision in psychoanalysis and social psychology. Director and member of the editorial committee of 'Materialismos: Notebooks of Marxism and Psychoanalysis' (<https://materialismo.hypotheses.org/>). Member of the research groups Politics of Narrar (UFRGS) and Psychoanalysis, aesthetics and contemporary subjectivation (UFRGS).*

## Des(ver) imagens produz futuros

*Cleides Marques de Santana*

Palavras-chave: Experiência social; Ativismo; Es

A profusão de imagens vem mobilizando uma infinita gama de possibilidades de leituras de diversos fenômenos da realidade, em vários campos de estudos, seja oxigenando áreas já consagradas ou ressignificando outras, enquanto bordaduras reflexivas, sobretudo de temáticas urgentes a exemplo do raio de ação das mudanças climáticas e nossas capacidades de “reverter” o colapso ambiental. Ainda que “espetacularizadas” em canais televisivos, revistas, jornais, blogs e redes sociais, permitem desnudar a legibilidade de novas experiências na política, via linguagens estéticas enquanto ruptura constitutiva de um novo político na po-





lítica e/ou encarnam regimes projetivos de novas formas / maneiras / modalidades de lutas sociais. Nesta configuração problematizamos a capilaridade de ativismos e experiências mobilizadas pela ação dos próprios sujeitos em um duplo regime performático / estético (online e presencial). É ampla e diversa a literatura sobre modalidades, escopo e vieses da literatura mundial sobre o tema. (Gohn:2022; Schwartz:2022; Beiguelman: 2021; Faustino: 2023; Cray: 2023). No campo das ciências sociais, é significativa a contribuição da Sociologia da arte, sobretudo com os estudos e escritos de W. Benjamin sobre a obra de arte e particularmente a fotografia, notadamente no que diz respeito a reprodução técnica e recepção, bem como a disputa ou polemica entre a fotografia e a pintura, ou ainda dentro de outra tópica, a contribuição de Dubois, P. (1993) sobre o ato fotográfico, ou especialmente, Didi – Huberman com sua arqueologia visual onde se destaca as imagens dialéticas como forma de resistência / visível e invisível no processo de montagem, um acontecimento visual de um instante da “verdade”. Conforme enfatiza Adorno, a importância da teoria crítica reside em sua potencialidade para subsidiar uma reflexão sobre a formação social, seu rumo, seu devir, onde os “objetos” ou “coisas” saem do emudecimento e revelam causalidade submersas, transformando-se em base de experiência formativa, na compreensão do presente enquanto recusa de um curso pré-traçado para a história, construído a partir da elaboração de um passado, que parece fixado e determinado apenas como garantia de sua continuidade, cujo curso precisa ser rompido em suas condições sociais e objetivas. Em meio às diversas crises no país e no mundo em vertente multidimensional, destacamos a região Oeste da Bahia - Brasil, área de expansão e consolidação do agronegócio na produção da soja, e por extensão a sua correlação com violências diversas, onde identificamos contaminação e envenenamento dos rios por agrotóxicos, desmatamento, trabalho análogo a escravidão, assassinatos, grilagens, que comprometem significativamente a existência do bioma Cerrado em todas as suas nuances (ambientais, sociais, culturais, econômicas, políticas, etc.). Compilamos imagens de peças alusivas aos principais momentos das lutas sociais no Oeste da Bahia, a exemplo de materiais poéticos do advogado e liderança sindical Eugenio Lyra, assassinado na década de 70; xilogravuras de artistas da região denunciando violências contra mulheres; objetos cerâmicos de populações tradicionais, constituintes de um “acervo” de resistência e base para reflexões constitutivas de mudanças na sociedade em devires coletivos.

### Referências | References

- Brand, U., & Wissen, M. (2021). *Modos de vida imperial: Sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global*. Elefante.
- Charbonnier, P. (2021). *Abundância e liberdade: Uma história ambiental das ideias políticas*. Boitempo, 2021
- Didi-Huberman, G. (2020). *Imagens apesar de tudo*. Editora 34.
- Gudynas, E. (2019). *Direitos da natureza: Ética biocêntrica e políticas ambientais*. Elefante.
- Sharpe, C. (2023). *No vestígio: negritude e existência*. UBU.

### Nota biográfica | Biographical note

*Cleildes Marques. Graduada em sociologia; mestre em sociologia; doutora em administração pública. Prof@ adjunta no Centro de Humanidade da Universidade Federal do Oeste da Bahia – Campus da Prainha – Barreiras. Investiga temas como: Interiorização da educação superior; Violências e ativismos e experiência social. Integra grupo de pesquisas GPreto: ousa quem fala e Poranga digital: linguagens de (sobre)vivências e linguagens.*

*Sociologist; master in sociology; PhD in public administration. Adjunct professor at the Humanity*



Center of the Federal University of Western Bahia – Prainha Campus – Barreiras. Researches topics such as: Internalization of higher education; Violence and activism and social experience. Is part of the research group “GPreto: dares who speaks” and “Poranga digital: languages of (sur) experiences and languages”.

## A Deterioração da Imagem: Investigações acerca da banalização da violência

Ana Campos

Palavras-chave: Imagem; Judith Butler; Mark Fisher; Lembrança; Susan Sontag

“Lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem.” Susan Sontag

O que diversos pensadores apontam nos séculos XX e XXI, seja mediante a escrita e/ou a produção artística, é a maneira como nos é acostumada a convivência com o excesso de imagens e a consequente planificação de seu sentido. Este acúmulo as transforma em uma massa homogênea, inalcançável à memória duradoura. “Pode ser também que não exista um presente a ser compreendido ou articulado”, escreve o crítico cultural Mark Fisher em *Futuros Perdidos: O lento cancelamento do futuro* (2022), diante do labirinto posto pela utilização da imagem em sua função Industrial, - que cria uma recursividade de simulações romantizadas do passado, impede a compreensão do presente e, conseqüentemente, impossibilita a criação de um futuro. Fisher nos permite a reflexão acerca de nossa atual relação com as imagens que nos cercam na dinâmica digital, estas que estão em constante escape da permanência na memória, da reflexão e da compreensão crítica. Estar ‘presente’ nas redes sociais acaba por significar uma disposição à violenta equivalência das sequências algorítmicas que misturam vídeos de pets com imagens de violência policial. Portanto, a presente comunicação tem como principal objetivo propor atravessamento - e tensionamento - crítico da compreensão da imagem no mundo contemporâneo. Partindo dos recursos estéticos utilizados pela artista visual Hong-An Truong em sua obra *Tell Me Terrible Things They Have Known* (2016) para a retenção da explicitação das imagens de violência, problematizaremos a disseminação, banalização e romantização da violência na grande mídia. Enquanto contraponto aos programas policiais, séries e principais mercadorias da Indústria Cultural atual, estabeleceremos um diálogo entre os trabalhos cinematográficos e políticos de Abbas Kiarostami em *E a Vida Continua* (1992) e Michael Haneke em *Violência Gratuita* (1997) e os textos selecionados dos livros *Diante da Dor dos Outros* (2003) de Susan Sontag, *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (2010) de Judith Butler, *Rituais de Sofrimento* (2013) de Silvia Viana e *Fantasmas da Minha Vida* (2022) de Mark Fisher.

### Referências | References

- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Zahar.  
 Butler, J. (2010). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Verso.  
 Fisher, M. (2022). *Fantasmas da Minha Vida*. Autonomia Literária.  
 Sontag, S. (2003). *Diante da Dor dos Outros*. Companhia das Letras.  
 Viana, S. (2013). *Rituais de Sofrimento*. Boitempo.

### Nota biográfica | Biographical note



*Ana Beatriz Campos (Brasília, 1997) é artista multidisciplinar e pesquisadora. Tem formação em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, onde faz mestrado na mesma área - contando com o auxílio de bolsa da CAPES. Sua pesquisa parte do estudo poético e formal da memória política na arte. É estagiária docente no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.*

*Ana Beatriz Campos (Brasília, 1997) is a multidisciplinary artist and researcher. She has a degree in Visual Arts from the University of Brasília, where she is pursuing a master's degree in the same area - with the help of a CAPES scholarship. Her research starts from the poetic and formal study of political memory in art. She is a teaching intern at the Department of Visual Arts at the University of Brasília.*

## **17h00 - WORKSHOP**

**Sala 324 /Classroom 324**

**Follow Y/Our River with paula roush (English). Interactive Board Game. Keywords: Participatory Pedagogy, Relational Photography, Quantum Entanglement, Hydro-feminism, Bodies of Water, Collaborative Creation, Collective Co-authorship, More-than-human Storytelling, Art Publishing, Transformational games**

## **19h00 - Jantar da conferência / Conference dinner**

**(Mediante inscrição / enrolment required)**

**DEZ 55 Bar**

**Av. Madre Benvenuta, 1055, Santa Monica**

**<https://www.instagram.com/dez55bar/?hl=en>.**



**programação**  
**programmme**

**9 de Agosto**  
**9th August**

## Panel 24. (Online) Body, Culture and Nature in Art Host: Barbara Bergamaschi Novaes

(9 ago. 10:30-12:00, Auditório do Bloco F)

### Laura Aguilar and the Art of Queer Kinship

*Katie Mato*

Keywords: Contemporary Portraiture;  
Latinx Identity; Placemaking; Queer Art; Queer Kinship

Queerness, fatness, disability, and Latinidad are themes that photographer Laura Aguilar began addressing in the 1970s. Living in the United States, where being straight, thin, able-bodied, and white has been broadly embraced as the standard, being a queer, fat, disabled Latina led Aguilar to explore alternative modes of placemaking, focusing on subjects whose bodies have historically been left out of official canons.

This paper examines Aguilar's search for her own sense of place in the world through the medium of photography, while also revealing the ways in which her body of work seeks to create places of belonging for others who have similarly been relegated to the margins. Through careful consideration of key portraits captured by Aguilar, this paper argues that her photographic archive broadens the scope of Latinx identity, centering figures that are often left out of official scripts. Focusing on images that speak to the significance of queer kinship across communities of color as well as an acceptance of the self as established through alternative sites of belonging, such as gay bars in working-class neighborhoods and unmarked desert landscapes, Aguilar's imagery functions as a site of belonging for those who have been marginalized and minoritized. In dialogue with writings by Gloria Anzaldúa, bell hooks, José Esteban Muñoz, this paper offers analyses on Aguilar's photographs through the lens of queer of color critique and the possibilities offered to marginalized groups through alternative placemaking.

#### References | Referências

Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands: The New Mestiza = La Frontera*. Spinsters/Aunt Lute.

Esteban Muñoz, J. (2009). *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. University of Minnesota Press.

Gómez-Barris, M. (2017). *Mestiza Cultural Memory: The Self-Ecologies of Laura Aguilar*. In *Laura Aguilar Retrospective Catalogue*, Vincent Price Museum. University of Washington Press.

Hirsch, M. (1997). *Family Frames: Photography, Narrative, and Postcolonial Possibilities*. University Press.

Sontag, S. (1977). *On Photography*. Farrar, Straus and Giroux.



**Biographical note | Nota biográfica**

*Katherine Mato is an Assistant Professor of Art History at Penn State Abington. Her research examines the intersections between art and activism in contemporary Latin American and diasporic art, with a particular focus on gender, sexuality, and exile. Her writings on Latin American art and culture have been published in the Philadelphia Inquirer, Arts, and Nourish and Resist: Food and Feminisms in Contemporary Global Caribbean Art, an edited volume published by Yale University Press. Katherine holds a Bachelor's in Art History from the University of Miami, a Master's in History of Art and Visual Culture from the University of Oxford, and a PhD in Latin American Studies from the University of Cambridge.*

*Katherine Mato é professora assistente de História da Arte na Penn State Abington. Sua pesquisa examina as interseções entre arte e ativismo na arte contemporânea latino-americana e diaspórica, com foco particular em gênero, sexualidade e exílio. Seus escritos sobre arte e cultura latino-americana foram publicados no Philadelphia Inquirer, Arts, e Nourish and Resist: Food and Feminisms in Contemporary Global Caribbean Art, um volume editado publicado pela Yale University Press. Katherine possui bacharelado em História da Arte pela Universidade de Miami, mestrado em História da Arte e Cultura Visual pela Universidade de Oxford e doutorado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Cambridge.*

## **Indigeneity and Indian Paintings: Viewing Sohrai Art through An Eco-Feminist Lense**

*Aditi Basu*

Keywords: Art; Eco-Feminism; Indigeneity; Nature-Worship; Religion; Sohrai; Sustainability

The word eco-feminism, coined by Françoise de Eaubonne, refers to women working closely with the environment to reflect the close relationship between man and nature and how the anthropocene can be closer to nature. It is a globally popular fact that graffiti art at public places is a common sight in Europe. However, little is known that Indian indigenous art has been long practised in India since the Palaeolithic Age. One of them is the *Sohrai* painting form practised by the *Adivasi* or indigenous communities of eastern India. It is an identity-based art that speaks of nature's representation by women. One of the finest examples of the *Adivasi* or indigenous women's eco-feminist practices in battling environmental crises and advocating for sustainable development as suitable models for survival is the *Sohrai* painting. Having received a Geographical Indication (GI) tag last year, *Sohrai* is on the verge of extinction. A traditional wall mural painting, it explains the strong connectedness that the indigenous communities have had with nature, especially the eco-feminist practices that are highlighted through it. This is because women paint their house walls in the beginning of each harvest season as a thanksgiving to nature since Nature is worshiped as Goddess. Since times immemorial, the *Adivasis* practise nature-worship, instead of idolatry. Furthermore, nature as a feminine identity is portrayed and natural colours are used to paint it. Sparrows, peacocks, squirrels and cows inhabit the world of *Sohrai* paintings as the folk art draws heavily from the forest life. Hence, *Sohrai* paintings depict man's ultimate destiny to unite with Nature, that is, to amalgamate into nature's elements after death, in tune with the communities' nature-worship cult. Therefore, in this paper, I analyze the elements of beauty, protection, care and femininity by studying Nature's depiction in the art and the *Adivasi* wo-



men who make it. I conclude by arguing *Sohrai* as a worshiping ritual which is of eco-feminist nature. To sum up, I analyze *Sohrai* as a unique representative blend of indigeneity, religion, sustainability, care, nourishment, art and eco-feminism.

### References | Referências

- Balasubramaniam, C. (2018). The Beauty of Sohrai and Khovar Paintings. *The Hindu*. <https://www.google.com/amp/s/www.thehindu.com/entertainment/art/the-beauty-of-sohrai-and-khovar-paintings/article24881453.ece/amp/>
- Bose, H. K. (2022). 'Painted villages': Reviving Hazaribagh's traditional tribal art resembling ancient cave paintings. *News 9 Live*. <https://www.google.com/amp/s/www.news9live.com/art-culture/society/painted-villages-reviving-hazaribagh-traditional-tribal-art-resembling-ancient-cave-paintings-170143/amp>
- Delhi, P. (2023, November 3). The 3-day tribal art exhibition "Silent Conversation: From Margins to the Centre" concludes [Press release]. Ministry of Environment Forest and Climate Change. <https://pib.gov.in/PressReleaselframePage.aspx?PRID=1975553>
- Gangajaliwale, A. (2023). Artistic collaboration: Visual Arts Gallery comes to life with vibrant tribal paintings. *The New Indian Express*. <https://www.google.com/amp/s/www.newindianexpress.com/amp/story/cities/delhi/2023/Feb/10/artistic-collaborationvisual-arts-gallery-comes-to-life-with-vibrant-tribal-paintings-2546150.html>
- Kandavel, S. (2020). GI tag for Jharkhand's Sohrai Khovar painting, Telangana's Telia Rumal. *The Hindu*. <https://www.google.com/amp/s/www.thehindu.com/entertainment/art/gi-tag-for-jharkhands-sohrai-khovar-painting-telanganas-telia-rumal/article31569123.ece/amp/>
- Kumari, Ms., & Sarma, R. (2023). A Study on Significance of Sohrai and Khovar Painting: From the Development Perspective. *METSZET Journal*, 8(1), 131-149. [https://drive.google.com/file/d/1l15yKJ-ga7OZOnELav4q87pjV34P\\_ToBB/view](https://drive.google.com/file/d/1l15yKJ-ga7OZOnELav4q87pjV34P_ToBB/view)
- Modak, P., & Rani, P. (2022). All and Floor Art at Jorakath, Jharkhand. *Journal of the Asiatic Society of Mumbai*, 96(6), 81-88. [https://www.researchgate.net/publication/369173450\\_Journal\\_of\\_the\\_Asiatic\\_Society\\_of\\_Mumbai](https://www.researchgate.net/publication/369173450_Journal_of_the_Asiatic_Society_of_Mumbai)
- Mukherjee, C. (2019). Art lessons behind bars. *Telegraph India*. <https://www.telegraphindia.com/jharkhand/art-lessons-behind-bars/cid/1691480>

### Biographical note | Nota biográfica

*Aditi Basu is an India-based independent researcher. She has written various articles on world affairs, where her research interests focus mainly on Indian Foreign Policy, International Relations, Feminist Power Politics, Soft Power Diplomacy and Climate Diplomacy. Ms. Basu has presented her research papers in conferences and workshops of India, Austria, USA, Bulgaria, Canada, U.K., Serbia, Croatia, Spain, Thailand, New Zealand and South Africa. She earned her Master's in Political Science and loves learning languages. She holds advanced proficiency in English, Hindi, Bengali and is at the intermediate level of proficiency in Mandarin. She enjoys painting, gardening and reading non-fiction books.*

*Aditi Basu é uma pesquisadora independente baseada na Índia. Ela escreveu vários artigos sobre assuntos mundiais, onde seus interesses de pesquisa se concentram principalmente em Política Externa Indiana, Relações Internacionais, Política de Poder Feminista, Diplomacia de Soft Power e Diplomacia Climática. Basu apresentou seus trabalhos de pesquisa em conferências e workshops na Índia, Áustria, EUA, Bulgária, Canadá, Reino Unido, Sérvia, Croácia, Espanha, Tailândia, Nova Zelândia e África do Sul. Obteve seu mestrado em Ciência Política e adora aprender línguas. Possui proficiência avançada em inglês, hindi, bengali e está no nível intermediário de proficiência em mandarim. Gosta de pintar, jardinagem e ler livros de não ficção. Pode ser contatada em [aditibloyolajs@gmail.com](mailto:aditibloyolajs@gmail.com).*



## **Languages, imagination and embodied minds in a community of breath: how do David Abram's and Emanuele Coccia's earthly cosmologies define humanity's place in nature?**

*Nuno Miguel Proença*

Keywords: Breathing Community; Epistemic Barriers; Interspecies' Interdependence; Embodied Minds Imagination

This paper aims to answer two main questions: 1) what is a community of life? 2) how can our understanding of such community reduce or even dissolve the illusion of human separateness from nature and from the rest of the living cosmos? To do so, we intend to present key elements of D. Abram's phenomenological thesis on the fundamental kinship between our embodied minds and the breathing Earth as exposed in his two major writings (Abram, 1997; 2011) and to compare them with E. Coccia's philosophical contentions on the unity of earthly life and on the interdependence between plants, other species and our minds (Coccia, 2018; 2021).

The reason for our choice resides, firstly, in the fact that the North American geo- philosopher's task of elaborating an earthly cosmology centred on the body calls for a renewed understanding of the community of all breathing beings. In turn, Coccia reminds us that the atmosphere indispensable for the living inter-dependence is produced by plants, which are at the origin of the breathing world and lead to metaphysics of mixture. Secondly, Abram's contention that our written traditions, in which the "I", the speaking self, was hermetically sealed within a new mental "interior" by the advent of phonetic writing, could help us understand some of the reasons why we live in the illusion of a perceptual boundary enclosing the human community and separating it from nature instead of being a permeable membranes binding us to a common soil.

For his part, the Italian philosopher argues that our minds are always the body of other species and that our selves forget that each of us belong to and mirrors the unity of life, which binds all species together and unites the living with the non-living. Despite the differences between species, frontiers separating them do not make any sense as we are connected to a common ancestral past, making each of our bodies a limited and infinitesimal part of the history of Earth, of its Sun, of its matter. To say "I" is to express the unfathomable and immortal life of Gaia.

Yet, these complementary aspects of their thesis seem to lead to divergent conclusions that we deem of great interest to assess the role of poetry, fiction and the arts in the task of defining possibilities for our human relation to nature:

On the one hand, Abram's proposal invites us to listen close to the things themselves, to pay attention to their unique manifestation to our embodied senses, to our dreams and imagination, atoning ourselves to those facets that have been eclipsed by accepted styles of thinking and to find ways to let fall our philosophical and scientific heritage when it creates sensory constraints and illusory borders which veil our "inter-being". By doing so, we can re-discover traditional and Indigenous ways of expressing humanity's permanent participation in the living community of the planet or create innovative cultural manners of "dissolving the perceptual boundary" in order to directly encounter wild intelligences of the living Earth and to rejoin their common discourse.

On the other hand, although he contends that imagination and reason must be learned





with plants — as their body and their seeds are a constant morphogenic industry — Coccia insists in the fact that there is no wildness to return to (neither animal, vegetable or mineral), because every living relation has always been cultivated. To overcome the prejudice that opposes humanity to nature, it does not suffice to recall our animality, or our breathing community with plants, we rather need to stop the opposition between human and non-human life deriving from the idealisation of one or of the other. Minds, intelligences and brains have never been separate from the unity of life, they are just the result of interspecies relationship, which is technical and artificial, more than purely physical. Therefore, multispecies associations somewhere between cities, gardens, plantations and forests, can be achieved by bringing together artists, scientists,

designers, architects, and farmers not to search for an idealised and harmonious reflection of the past nature of the living community, but to produce a collective and all embracing metamorphosis of inter-dependent species.

### References | Referências

- Abram, D. (1997). *The Spell of the Sensuous*. Vintage Books.  
 Abram, D. (2011). *Becoming Animal: An Earthly Cosmology*. Vintage Books.  
 Coccia, E. (2018). *The Life of Plants. A Metaphysics of Mixture*. Polity Press.  
 Coccia, E. (2021). *Metamorphoses*. Polity Press.

### Biographical note | Nota biográfica

*Nuno Miguel Proença holds a PhD in Philosophy from the École des Hautes Études en Sciences Sociales (School of Advanced Studies in the Social Sciences). His PhD dissertation was published as Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse? (Paris, L'Harmattan, 2008). He was a postdoctorate researcher at the University of Lisbon (2008-2011) and at the New University of Lisbon (2011-2019), where his researches on the phenomenologically inspired readings of freudian psychoanalysis (by Merleau-Ponty, Michel Henry and Paul Ricœur) led to the publication of articles, chapters in collective books, a scholarly book (Vida, Afectividade e Sentido [Life, Affectivity and Meaning], 2021) and a novel (Segunda Visão da Noite [Second Vision of the Night], 2023). Since 2019 he has been a contracted researcher at the Centre for the Humanities of the NOVA-FCSH and a member of several funded research projects (Poetics of Selfhood: Memory, Imagination and Narrative; Medicine and Narrative: (Con)texts and practices among disciplines ; Cosmopolitanism: Justice, Democracy and Citizenship without Borders; Health and Humanities Acting Together). He is also an abstract painter: <https://nunomiguelproenca.wixsite.com/website>*

*Nuno Miguel Proença é doutorado em Filosofia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais). Sua dissertação de doutorado foi publicada como Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse? (Paris, L'Harmattan, 2008). Foi pesquisador de pós-doutorado na Universidade de Lisboa (2008-2011) e na Universidade Nova de Lisboa (2011-2019), onde desenvolveu as suas pesquisas sobre as leituras de inspiração fenomenológica da psicanálise freudiana (de Merleau-Ponty, Michel Henry e Paul Ricœur). Publicou artigos, capítulos de livros coletivos, um livro escolar (Vida, Afectividade e Sentido, 2021) e um romance (Segunda Visão da Noite, 2023). Desde 2019 é pesquisador contratado do Centro de Humanidades da NOVA-FCSH e membro de diversos projetos de investigação financiados (Poética do Eu: Memória, Imaginação e Narrativa; Medicina e Narrativa: (Con)textos e práticas entre disciplinas; Cosmopolitismo: Justiça, Democracia e Cidadania sem Fronteiras; Também é pintor abstrato: <https://nunomiguelproenca.wixsite.com/website>*



## **U. S. Indigenous Artists Reclaiming the Landscape**

Scott Manning Stevens

My presentation considers the complex relationship that exists between Native American visual artists and the Euro-American landscape painting tradition. While the appreciation of natural beauty may be a universal, the representation of landscapes within the visual arts is culturally bound. Various forms of idealization became the hallmarks of the European landscape tradition, with elements such as the pastoral, the picturesque, and the sublime marking the various historical contexts in which that art was created. By the time such a visual practice became widespread in North America, Romanticism was the ascendant style of the day. With its love of the sublime, American landscape art demanded a brooding and unknown wilderness devoid of people. That meant that Indigenous communities were either cast as savages or erased altogether. For this reason, many Indigenous artists have ignored or turned away from landscape painting in their art, but I wish to analyze the works of three contemporary Indigenous visual artists who directly engage with the landscape and by doing implicitly critique the Euro-American landscape tradition and reclaim the land as a source of inspiration for Indigenous arts.

These artists Kay WalkingStick (Cherokee), Alan Michelson (Mohawk), and Teresa Baker (Mandan/Hidatsa) all have notably different practices and work in different media, but engage with the ancestral notions of landscape, one through representational art, one through video and media arts, and the other through abstraction.

### **Biographical note | Nota biográfica**

*Scott Manning Stevens (Akwesasne Mohawk) is Associate Professor and Director of the Native American and Indigenous Studies Program at Syracuse University. There he also teaches in Department of Art History. Dr. Stevens' areas of interests also include the political and aesthetic issues that surround museums and the Indigenous cultures they put on display. He is a coauthor of Art of the American West and co-editor and contributing author for Why You Can't Teach United States History without American Indians. He has published numerous articles in refereed journals and edited collections and exhibition catalogs Stevens is also the recent Founding Director of the Center for Global Indigenous Cultures and Environmental Justice and Syracuse University.*

*Scott Manning Stevens (Akwesasne Mohawk) é professor associado e diretor do Programa de Estudos Nativos Americanos e Indígenas da Syracuse University. Leciona no Departamento de História da Arte. As áreas de interesse do Dr. Stevens também incluem as questões políticas e estéticas que cercam os museus e as culturas indígenas que eles exibem. É coautor de Art of the American West e co-editor e autor colaborador de Why You Can't Teach United States History without American Indians. Publicou diversos artigos em revistas especializadas e editou coleções e catálogos de exposições. Stevens também é o recente Diretor Fundador do Centro para Culturas Indígenas Globais e Justiça Ambiental e da Universidade de Syracuse. Contact: scsteven@syr.edu*



## **Painel 25. Cidade, memória e testemunho** **Moderação/Host: Ana Lúcia Mandelli de Marsillac**

**(9 ago. 10:30-12:00, Auditório Bloco B, presencial)**

### **A invenção e os processos de criação no Acompanhamento Terapêutico**

*Vitor Moraes, Laís Schimitz, Ana Marsillac*

Palavras-chave: Cidade; Psicanálise; Contra-imagem; Loucura; Documentário

Este trabalho visa explorar as potências da apresentação de um documentário acerca do projeto de extensão Acompanhamento Terapêutico (AT): clínica e criação na cidade, que ocorre, desde 2014, na Universidade Federal de Santa Catarina, no município de Florianópolis. O AT é um dispositivo clínico-político que rompe com o setting tradicional e vai ao encontro dos sujeitos nos territórios da cidade. Os objetivos deste projeto consistem em qualificar a formação de estudantes de psicologia, produzir conhecimentos teórico-prático em saúde mental coletiva sob a ótica da psicanálise, ampliar a oferta de serviços de atenção à saúde mental no município e, sobretudo, possibilitar o cuidado em liberdade, de acordo à Reforma Psiquiátrica Brasileira. A estratégia é voltada a casos graves, com difícil vinculação aos moldes instituídos no tratamento em saúde, que apresentam dificuldade de circulação social, limitada rede de cuidado e estrutura subjetiva que difere do que é destacado enquanto norma em nossa organização social. Assim, orientado pela ética da psicanálise, o trabalho realizado no AT possibilita que se crie uma clínica do testemunho, onde o acompanhante possa escutar e articular fragmentos da vida do acompanhado com suas produções delirantes, auxiliando no enlace do sujeito com o laço social. A travessia de cada acompanhar é sustentada pela presença e pelo ato de secretariar, sendo que, através da relação no um-a-um, o sujeito é colocado em cena para a produção de um saber singular sobre si mesmo. Desse modo, seja em andanças no centro da cidade, na praça ou em uma simples visita domiciliar, algo pode ser inventado. Algo que convoque para uma experiência que produza um novo lugar, uma nova relação com o desejo e os impossíveis do sujeito. O documentário visa, nesse sentido, captar alguns desses fragmentos que colocam em movimento o que há de invenção e criação nos processos de subjetivação dentro do dispositivo. Além de retomar historicamente as prerrogativas da luta antimanicomial brasileira e da loucura enquanto locus de um saber marginalizado, o documentário é de natureza experimental e busca orientar-se pela ética da psicanálise, seja na sua composição contra-imagética, seja na sua compleição contra-narrativa. Aposta-se, portanto, que a circulação das imagens do projeto de extensão apresenta uma potência de, como em uma alegoria, apontar para uma forma contra-hegemônica de organização de cidade, de territórios e do laço social, já que a performance-política do documentário demonstra a possibilidade de produzir dispositivos que fazem-ver ao invés de dispositivos que fazem-calar. A partir dessa exposição, buscaremos refletir sobre os processos de criação do cuidado em liberdade, o que há de invenção na clínica psicanalítica a céu aberto e as elaborações de possibilidades artísticas e ético-políticas do AT na busca por re-imaginar as relações entre os sujeitos e deles com o espaço da cidade.



## Referências | References

Lange, M., Guimarães, B. F., & Marsillac, A. L. M. (2022). Você acredita em sereias? Sobre a escuta do delírio na clínica do acompanhamento terapêutico. Em A. L. Palombini, V. L. Pasini e D. Dall'Igna Ecke (Orgs.), *Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública* (pp 49-58). Editora Rede Unida

Marsillac, A. L., Fantin, A., Fayad, D., Pereira, E. S., Amorim G., Vianna, I., Machado, L.V., Aranda, N., & Martins, R. P. (2018). Contribuições da psicanálise ao acompanhamento terapêutico: alguns apontamentos para a formação clínica do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 24(2), 559-576. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p559-576>

## Notas biográficas | Biographical notes

*Vitor de Sena Moraes. Está cursando o último ano de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Foi bolsista no projeto Acompanhamento Terapêutico: Clínica e Criação na Cidade por um ano, projeto este onde realiza estágio obrigatório atualmente.*

*Student in the final year of the Psychology course at the Federal University of Santa Catarina. He was a scholarship holder in the 'Acompanhamento Terapêutico: Clínica e Criação na Cidade' project for a year. In the same project, he currently carries out a mandatory internship.*

*Laís Regina Schmitz. É psicóloga pela Universidade Federal de Santa Catarina. Faz formação na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP - Seção sul). Foi bolsista no projeto Acompanhamento Terapêutico: Clínica e Criação na Cidade por um ano, projeto este onde realizou estágio obrigatório. Psychologist, graduated from the Federal University of Santa Catarina. Student member of the Brazilian School of Psychoanalysis (EBP - South Section). She was a scholarship holder in the 'Acompanhamento Terapêutico: Clínica e Criação na Cidade' project for a year, project where she also completed a mandatory internship.*

*Ana Lúcia Mandelli de Marsillac. Psicanalista, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do PPG em Psicologia UFSC, Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Bolsista PQ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq/Brasil. Pós-doutora Universidade Nova de Lisboa (UNL), Membro do Observatório em Estudos Visuais e Arqueologia dos Media/UNL. Psychoanalyst, Adjunct Professor at the Department of Psychology at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Professor of PPG in Psychology UFSC, Member of the Psychoanalytic Association of Porto Alegre (APPOA), PQ Scholarship from the National Council for Scientific and Technological Development/CNPq/Brazil. Post-doctorate at Universidade Nova de Lisboa (UNL), Member of the Observatory in Visual Studies and Media Archeology/UNL.*

## Cinemar e a Casa Jangada

*Bruna Pinna, Helena Lessa e Marcia Medeiros*

Palavras-chave: Cinema de Grupo; Clínica; Criação; Dispositivo; Cidade

Apresentamos o *Cinemar*, uma experiência de trabalho prático que vem se realizando desde agosto de 2019 em um espaço clínico transdisciplinar no Rio de Janeiro, a Casa Jangada.

Trata-se de um grupo composto por artistas, clínicos, pacientes de consultório, usuários de saúde mental da Casa ou qualquer pessoa interessada em olhar estranhamente o mundo e entrar em processos criativos de forma coletiva.

O *Cinemar* acontece, semanalmente, com o intuito de tomar o cinema - ou a criação de



imagens e sons - como um disparador de encontros, vizinhanças e deslocamentos de percepção. Andanças pelo bairro ou pelo quarteirão são formas frequentes de intensificar a relação com os signos e os elementos presentes neste território e transformá-los em materiais e estímulos para a criação. Inspirado na prática de cinema de grupo, utilizamos *dispositivos* - também chamados de jogos ou exercícios de criação - que buscam tanto o fortalecimento de ligações e interações dentro do grupo quanto a abertura para fora dele.

O cinema aqui, em sua relação direta com a experiência clínica, não opera como uma expressão do indivíduo ou como representação de ideias, mas como a possibilidade de entradas em um movimento inventivo, de si e do mundo: contra-imagens.

Os dispositivos podem ser fotos, sequências de fotos, sons, textos, um único plano de vídeo, cenas ficcionadas, etc que perturbam regimes sensíveis do corpo e da organização racional daquilo que percebemos, nos coloca em uma relação de transbordamento dos sentidos e significados da realidade, onde o *nonsense* aparece como uma produção incontornável de riso e de alegria.

O sentido de coletivo se intensifica na medida em que cada dispositivo produz novas derivações, num processo que vai dissolvendo a noção de autoria. Como no exemplo a seguir: 1- cada um faz uma foto de texturas da esquina da Casa/ 2- vemos juntos as fotos / 3- cada um grava um som de textura / 4- juntamos as fotos e sons numa sequência de vídeo / 5- criamos uma instalação com celulares colados à parede da Casa.

O esvaziamento de significação, ou a montagem experimental e irreverente de elementos e cenas pouco rotelizáveis, incorporam a presença de absurdos, conexões sem causalidade, imprevisibilidades burlescas. Um mundo mais imprevisível e menos calculado cria pequenas perturbações no estado das coisas, contando com uma perspectiva criativa daquilo que vemos e está ao nosso redor. Estranhar e deslocar sentidos, embarcar e arriscar a montagem de outras lógicas possíveis.

### Referências | References

Guattari, F. (2011). *As Três Ecologias*. Papirus.

Migliorin, C. (2022). *Cinema e Clínica: a criação em processos subjetivos e artísticos*. UFRJ.

Migliorin, C., Resende, D., Cid, V., & Medrado, A. (2020). Cinema de grupo: notas de uma prática entre educação e cuidado. *Revista GEMINIS*, 11(2), 159-164. <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/546>

### Notas biográficas | Biographical notes

*Bruna Pinna. Psicóloga clínica formada em 2008 pela Puc Rio (Pontifícia Universidade Católica RJ), mestre em Psicologia pelo Programa de Subjetividade, Política e Exclusão Social da UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2023. Trabalha no espaço clínico coletivo transdisciplinar Casa Jangada onde atua tanto em atendimentos no formato de consultório quanto em grupos clínicos.*

*Bruna Pinna, clinical psychologist graduated in 2008 from Puc Rio (Pontifical Catholic University RJ), master in Psychology in the 'Subjectivity, Politics and Social Exclusion' Program at UFF (Universidade Federal Fluminense) in 2023. She works in the transdisciplinary collective clinical space Casa Jangada where she works both in office format and in clinical groups.*

*Helena Lessa. Bacharel em Cinema e audiovisual pela UFF e mestre em Linguagens Visuais pelo curso de artes visuais da EBA-UFRJ, com o projeto "Rio Carioca: água corrente, rumor" (2022), sob orientação de Tadeu Capistrano. Integrou o coletivo de audiovisual, ilustração e quadrinhos "Osso Osso" (2014-2019), que proporcionou uma série de criações de grupo em diferentes mídias e funções. Elabora peças de de-*



*sign, animação e ilustração, como também realiza obras audiovisuais majoritariamente nas funções de direção, fotografia e montagem. Desde 2019, investiga práticas de criação em grupo, situadas na intersecção entre cinema e clínica, no espaço da Casa Jangada.*

*Has a bachelor's degree in Cinema and audiovisual from UFF and a master's degree in Visual Languages from the visual arts course at EBA-UFRJ, with the project "Rio Carioca: water current, rumor" (2022), under the guidance of Tadeu Capistrano. She was part of the audiovisual, illustration and comics collective "Osso Osso" (2014-2019), which provided a series of group creations in different media and functions. She creates design, animation and illustration pieces, as well as producing audiovisual works mainly in the areas of direction, photography and editing. Since 2019, she has been investigating group creation practices, located at the intersection between cinema and clinic, in the Casa Jangada space.*

*Marcia Medeiros. Mestre em cinema pelo PPGCine-UFF. Conselheira da Edt. (Associação de Profissionais de Edição do RJ). Trabalha na área de audiovisual desde a década de 90 como diretora e editora. Editou diversas séries para a TV como Vítimas Digitais e Liberdade de Gênero (de João Jardim - Fogo Azul/GNT), The Voice Kids (Rede Globo), Que Maravilha! (GNT). Como diretora, dirigiu as séries O Bom Jeitinho Brasileiro (Canal Futura), Capoeira no mundo (Tv Brasil) e Globo Ciência (Rede Globo). Dirigiu e editou videocliques e vídeo-artes sobre diversos artistas como Pedro Luis, Anna Ratto, Carlos Zilio e Anna Bella Geiger. Colaboradora em diversos projetos formativos de interlocução entre Cinema, Educação e Práticas de Cuidado: Redução de Danos - Um olhar de dentro - Min da Saúde - 2003. Revelando os Brasis - MINC-IMA (2004 a 2018). Curta Vitória a Minas - Instituto Cultural Vale e IMA (2016 a 2024). Co-criadora/coordenadora do Projeto Cinequilombola - Sec.Cultura -ES e IMA - e co-coordenadora do Cinemar, oficina de experimentação com imagem, na Casa Jangada-RJ. Atualmente cursando a Formação Livre em Esquizoanálise - FLEA-RJ.*

*Has a Master's degree in cinema from PPGCine-UFF. Advisor to Edt. (Association of Publishing Professionals of RJ). She has worked in the audiovisual field since the 90s as a director and editor. She edited several TV series such as Digital Victims and Gender Freedom (by João Jardim - Fogo Azul/GNT), The Voice Kids (Rede Globo), Que Maravilha! (GNT). As a director, she directed the series O Bom Jeitinho Brasileiro (Canal Futura), Capoeira no mundo (Tv Brasil) and Globo Ciência (Rede Globo). She directed and edited music videos and video arts about various artists such as Pedro Luis, Anna Ratto, Carlos Zilio and Anna Bella Geiger. Collaborated in several training projects involving dialogue between Cinema, Education and Care Practices: Harm Reduction - An inside look - Min da Saúde - 2003. Revealing Brazil - MINC-IMA (2004 to 2018). Short Vitória a Minas - Instituto Cultural Vale and IMA (2016 to 2024). Co-creator/coordinator of the Cinequilombola Project - Sec.Cultura -ES and IMA - and co-coordinator of Cinemar, an image experimentation workshop, at Casa Jangada-RJ. Currently studying Schizoanalysis - FLEA-RJ.*

## **Arquivo e memória: a criação do acervo de cerâmica da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS**

*Marina Gomes Kirst e Aline Martins Disconsi*

Palavras-chave: Arquivo; Arte; Loucura; Testemunho; Memória

O acervo de cerâmica do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses da Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi criado em 2023, a partir da organização e da catalogação de diversas modelagens em argila



até então desprovidas de autoria, título ou datas, frutos do trabalho de usuários da oficina de cerâmica no decorrer de mais de uma década. Este projeto teve como mote as afetações geradas pelo encontro com o trabalho de outra instituição vinculada à rede de atenção à saúde mental do município de Porto Alegre, a saber - a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro a qual, por sua vez, é pioneira na criação de oficinas de arte no contexto da Reforma Psiquiátrica, seguindo a tradição do trabalho de Nise da Silveira. É do lugar de arquivistas, inédito para nós, que nos propomos a pensar sobre a importância da continuidade das coleções de arte e loucura no Brasil, sobre a dimensão de autoria dos usuários e sobre os possíveis destinos de suas obras como objetos de testemunho e memória. Com Derrida (1995), pensamos que a estrutura técnica do arquivo tanto registra, quanto produz o evento - o que é recuperado do arquivo não é uma rememoração exata, não é a impressão, mas a marca como resto, como lembrete que constitui o passado no presente e para o futuro. Na esteira de Fonseca et al. (2017), sustentamos que através do ato de tombamento de cada obra criamos e dilatamos o tempo-espaço do usuário permitindo um deslocamento do louco para o estatuto de artista. As possibilidades de estruturação de um arquivo no formato de acervo digital de fotografias e da disseminação das obras para além do espaço físico da clínica nos guiam na direção de um contra-discurso em relação à loucura e ao louco (Neubarth, Sanches e Neubarth, 2021).

### Referências | References

- Derrida, J. (2005). Mal de Arquivo. Relume Dumará.
- Fonseca, T. M. G., Albuquerque, A.S., Gabe, G. B., Giacomoni, R., Souza, V.M., & Kniest, V. (2017). O arquivo como espaço aurático de imagens da loucura. *Psicologia*, 28(3), 309–317. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160126>
- Neubarth, B. E., Sanches, G. S., & Neubarth, L. K. F. (2021). Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro: interlocuções entre arte, clínica e política. Em W. Melo, J. H. Q. Araújo, e A. F. S. Nunes (Orgs.), *Imaginário em exposição, manicômios em desconstrução* (pp. 104-120). Mosaico Design Gráfico.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Marina Gomes Kirst. Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estagiária de Processos Clínicos na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e bolsista de extensão do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses da mesma instituição, onde atua como terapeuta, oficinaira e acompanhante terapêutica. No âmbito da iniciação científica, pesquisou sobre psicanálise e cinema no Núcleo de pesquisa e extensão em psicanálise e cinema (NUPPCINE) e adoecimento crônico na infância e no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs).*

*Graduate student in Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul. She is a Clinical Processes intern at the Psychological Care Clinic at UFRGS and an extension scholarship holder at the Teaching, Research and Extension Center for Psychosis Clinic at the same institution, where she works as therapist, workshop and therapeutic companion. As part of his scientific initiation, she researched psychoanalysis and cinema at the Center for Research and Extension in Psychoanalysis and Cinema (NUPPCINE) and chronic illness in childhood and at the Center for Studies in Psychoanalysis and Childhood (NEPIs).*

*Aline Martins Disconsi. Psicóloga (UNISINOS, 2008), especialista em Problemas no Desenvolvimento na Infância e na Adolescência: uma abordagem interdisciplinar (Centro Lydia Coriat, 2016) e, também, em Análise Institucional (ESAD / UFRGS, 2011). Além disso, é mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS, 2019). Atualmente compõe a equipe técnica da Clínica de Atendimento*



*Psicólogo do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa assuntos sobre saúde mental, psicanálise e políticas públicas.*

*Psychologist (UNISINOS, 2008) and specialist in Developmental Problems in Childhood and Adolescence: an interdisciplinary approach (Centro Lydia Coriat, 2016) and in Institutional Analysis (ESAD / UFRGS, 2011). In addition, she has a master's degree in Psychoanalysis: Clinic and Culture (UFRGS, 2019). She is currently part of the technical team at the Psychological Care Clinic at the Institute of Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul. She researches issues on mental health, psychoanalysis and public policies.*

## Suicídio na tela: um corte em um olhar domesticado

*Amadeu de Oliveira Weinmann*

Palavras-chave: Cinema; Olhar; Suicídio; Saber Médico; 13 Reasons Why

Em *Cinema: instrumento de poesia*, Buñuel (1958/1983) observa: “bastaria à branca pupila da tela de cinema poder refletir a luz que lhe é própria para fazer explodir o universo. Mas, por ora, podemos dormir em paz, porque a luz cinematográfica encontra-se convenientemente dosada e aprisionada. Em nenhuma das artes tradicionais há, como no cinema, tamanha desproporção entre possibilidade e realização” (p. 334). Buñuel sabe do que fala. Em *Um cão andaluz* (1929), Salvador Dalí e ele operam um corte no olhar domesticado do espectador ao cortarem com uma navalha o olho de uma personagem. Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/2008) ajuda-nos a compreender o gesto dos surrealistas: “ele [o pintor] oferece algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. Aí está o efeito pacificador, apolíneo, da pintura. Algo é dado não tanto ao olhar quanto ao olho, algo que comporta abandono, deposição, do olhar” (p. 102).

A série *13 reason why*, lançada por Brian Yorkey, em 2017, não oferece pasto para o olho do espectador. Ela consiste em uma reflexão sobre o *bullying* sofrido especialmente por jovens mulheres no contexto da *high school* estadunidense. Em sua cena crucial – posteriormente suprimida, em função da pressão exercida por instituições da saúde –, ela exhibe, demoradamente, o suicídio de sua protagonista. A crítica médica é de que *13 reasons why* é pedagógica, no sentido de ensinar um método de suicídio, mas não é pedagógica, na medida em que não informa que a personagem padece de um transtorno mental. A proposta deste trabalho é expor tal cena, mediante o alerta de sua crueza, a fim de lançar algumas interrogações. Que possibilidades sublimatórias ela oferece ao espectador? Que posições identificatórias (de vítima, de algoz, de observador, etc.) ela abre para o seu público? Em que medida a violência excessiva da cena pode favorecer elaborações e em que medida ela pode fazer sucumbir a quem a assiste? Há maneiras de enfrentar esta cena (sozinho, acompanhado, em silêncio, conversando, etc.) de um modo que ela opere em favor da vida, não da morte? Viver o suicídio na imaginação pode ser um modo de resistir a ele? Enfim, são questões como estas que este trabalho visa suscitar.

### Referências | References

Buñuel, L. (1983). *Cinema: instrumento de poesia*. Em I. Xavier (Org.), *A experiência do cinema* (pp. 333-337). Graal. (Original publicado em 1958)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar.





**Nota biográfica | Biographical note**

*Amadeu de Oliveira Weinmann. Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), diretor da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e coordenador do GT ANPEPP Psicopatologia e Psicanálise.*

*Amadeu de Oliveira Weinmann. Professor at the Department of Psychoanalysis and Psychopathology and the PPG in Social and Institutional Psychology (UFRGS), director of the Psychological Care Clinic at UFRGS and coordinator of the GT ANPEPP Psychopathology and Psychoanalysis.*



## Painel 26. Rumo a uma Ecologia dos signos e a novas (geo)ontologias? Moderação /Host: Guilherme Franzon Berti

(9 ago. 10:30-12:00, Auditório Bloco E, presencial)

### Pistas para experimentar uma ética ecosófica dos signos

*Diego Climas*

Palavras-chave: Ecologia; Signos; Singularização; Imanência; Clichê

Os dispositivos de comunicação não param: mensagens, imagens, áudios proliferar incessantemente pelo corpo social; surpreendemo-nos em escalas de tempo cada vez menores com novos produtos estéticos: filmes, séries, fotografias, músicas e todo um acessível aparato de inteligência artificial que facilita a criação de vários tipos visuais e sonoros. No entanto, há um estranho dissenso. Na mesma proliferação de signos de toda ordem, também experienciamos uma intensa política nihilista: a sensação coletiva de que pouco ou nada se cria de fato e de que estamos cada vez mais fadados ao fim do mundo. Subimos nas escalas da produção e espreitamos o abismo mais profundo quando olhamos em volta. A paisagem muda rápido - e são muitas as fotografias das paisagens mundanas. Esse é um dos cenários que des-habitamos, ainda sem nos darmos muita conta: uma produção acelerada de signos concomitante a um fechamento de sentido existencial.

Vemos extasiados no início do século XXI o crescimento de dispositivos de comunicação e de tecnologias digitais que, sob espetáculo futurístico, modificou as dinâmicas do socius produzindo a fragmentação imagética da realidade e o imediatismo das relações cujas condutas são constantemente predefinidas, carecendo-nos de tempos, espaços e modos de vida heterogêneos (Caiafa, 2000). Os dispositivos digitais de comunicação, que se apresentam com a promessa de expandir as relações humanas, também participam da redução dos modos de existência e da desaparecimento das singularidades.

A partir desse diagnóstico, compreendemos a importância política dos dispositivos de produção imagética na contemporaneidade, pois a partir deles uma específica política estética e perceptiva tem sido produzida. Seguindo a indicação de Didi-Huberman (2017), de que o problema da sociedade atual não são as imagens, mas o clichê (problema indicado também por Deleuze (2018a) anos antes), proponho nesse trabalho, ainda que de maneira insípida ou ensaística, realizar uma leitura crítica dos clichês; analisar qual o sentido do clichê no contemporâneo capitalista e em que medida o seu domínio impede a criação singular de signos sobre si e sobre o mundo - e, portanto, sobre a criação de modos de vida singulares.

Farei uso da filosofia de Deleuze-Nietzsche (2018b), que define toda a filosofia como uma sintomatologia e uma semiologia, com os conceitos de força e de vontade de potência. O uso desses conceitos nos auxiliará a forjar uma distinção entre dois regimes de signos, a saber, dos signos de poder e dos signos de potência. Os primeiros, seriam os signos da representação, ligados a uma vontade de transcendência que conservam valores instituídos.

Os signos de potência, por outro lado, são signos



que fazem emergir imagens parciais da imanência e  
 O objetivo do trabalho é cartografar modos de per  
 e de mundo heterogeneticamente, escapando dos des  
 multiplicidade dos signos para reduzi-los às ider  
 de fm de mundo, ética, estética e política, força  
 existência e outras maneiras de percebê-la: rumo

### Referências | References

- Caiafa, J. (2000). Nosso Século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes. Relume Dumará.  
 Deleuze, G. (2008a). Cinema 2: A imagem-tempo. Editora 34.  
 Deleuze, G. (2008b). Nietzsche e a filosofia. n-1 edições.  
 Didi-Huberman, G. (2017, Novembro 17). La noche de la filosofía: La imagen potente [Video]. YouTu-  
 be. <https://youtu.be/6uvGhCgupq0>

### Nota biográfica | Biographical note

*Diego Climas. Psicólogo clínico, esquizo-psicanalista e artista. Mestrando em psicologia pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense. Interessado na filosofia da imanência, na clínica e nas expressões artísticas da existência.*

*Clinical psychologist, schizo-psychoanalyst and artist. Master's student in psychology through the Postgraduate Program at the Federal Fluminense University. Interested in the philosophy of immanence, in the clinic and in the artistic expressions of existence.*

## As figuras do Geontopoder como diagnóstico dos limites do Imaginário Antropocêntrico: imagens para além da cisão entre Vivo e Não Vivo

*Guido Norberto Buch Ruschel e Luis Artur Costa*

Palavras-chave: Geontologias; Elizabeth Povinelli; Crise Ecológica; Figuras do Geontopoder; Vida e Não Vida

Este primeiro quarto de século XXI traz consigo tudo o que estar diante de Gaia exige, demandando de nós uma posição de responsabilidade frente à crise ecológica, que demonstra seus efeitos pelo globo de forma cada vez mais intensa, fragilizando a rede multiespecífica que sustenta a Vida. Elizabeth Povinelli, antropóloga estadunidense que trabalha junto a coletivos indígenas na Austrália, apresenta em Geontologias: um réquiem para o liberalismo tardio três figuras-diagnósticas do Geontopoder – um complemento ao conceito foucaultiano de Biopoder que contempla também o poder exercido sobre e a partir do geos. As figuras do Deserto, do Animista e do Vírus assimilam a cisão fundamental entre Vida e Não Vida a seus modos, fazendo operar seus respectivos imaginários, ora dramatizando tal divisão, ora a ignorando, ora utilizando e se beneficiando dela. Como sintomas, essas figuras ao mesmo tempo visibilizam as táticas do poder, seus discursos e os afetos suscitados, e servem de contra-imagem na disputa ético-ontológica e semiótico-estética que envolve e produz a crise ecológica. A ontologia clássica, que privilegia a Vida em detrimento da Não Vida, o Bios em detrimento do Geos, define parâmetros éticos para narrarmos a nós mesmos e o que cabe em nossa estreita noção de alteridade. Para que nossas concepções sobre as existências se complexifiquem e não permaneçam reféns dessa divisão imposta pela (bio)ontologia ocidental, deveríamos



pressupor o entrelaçamento dos existentes, que, engajados na atividade da permanência, sustentam uma relação de atenção e cuidado mútuos. Partindo dos Dreamings dos seus amigos (narrativas “totêmicas” sobre seis existentes e seus modos de ser e estabelecer relações com seus interlocutores), Povinelli traz um outro entendimento sobre o estatuto ontológico daquilo que existe, não mais tendo como régua o Vivo, o Animal ou o Humano.

Nomeadas no plural, as Geontologias são sempre imanentes aos territórios que nar-ram. A autora pretende realçar o “cercamento biontológico da existência” e explicitar “a dificuldade de encontrar uma linguagem crítica que possa abarcar o momento”. Segundo ela, não poderemos simplesmente incluir e reconhecer o direito de outros existentes em nossas narrativas sem deslocar nosso imaginário antropocêntrico. Mostra-se imprescindível romper com essa pretensa divisão e com a ideia de Vida em si, que sustenta e é sustentada pela ignorância a respeito das relações simbióticas que constituem o mundo. Deste modo, as figuras do geontopoder são tanto “fantasmas governantes” quanto “indicadoras de um mundo possível diferente”. Assim, podemos nos indagar sobre quais figuras, imagens e imaginários têm delimitado nossa relação com e no mundo e sobre quais arranjos de existência estamos mantendo e quais estamos extinguindo, ao invés de apegar-nos ao drama Humano, o drama da Vida.

### Referências | References

- Costa, A. (2016). Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não-vida no antropoceno. *AnaLógos*, 16, 140-150. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ANA.28127>
- Gilbert, S. F., Sapp, J., & Tauber, A. I. (2012). A Symbiotic View of Life: We Have Never Been Individuals. *The Quarterly Review of Biology*, 87(4), 325–341. <https://doi.org/10.1086/668166>
- Haraway, D. (2023). Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthluceno (A. L. Braga, Trad.). N-1 Edições.
- Latour, B. (2020). Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno (M. Meyer, Trad.). Ubu Editora.
- Povinelli, E. (2022). Geontologias (M. Ruggieri, Trad.). Ubu Editora.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Guido Norberto Buch Ruschel. Psicólogo pela UFRGS, membro do coletivo Políticas do Narrar, da mesma universidade. Atualmente, pesquisa os meandros entre Psicologia e Ecologia a partir da cisão entre os entes vivos e os não vivos como delimitadora de discursos e práticas frente à crise climática.*

*Psychologist (UFRGS), member of the Politics of Narrar collective, from the same university. Currently, he is researching the intricacies between Psychology and Ecology based on the division between living and non-living entities as a delimiter of discourses and practices in the face of the climate crisis.*

*Luis Artur Costa. Professor adjunto do departamento e programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do IPSSSCH UFRGS. Membro do Núcleo Ecologias e Políticas Cognitivas. Membro do coletivo Políticas do Narrar. Coordenador adjunto dos projetos de extensão Ocupas: cidade, resistência e produção de subjetividade; Biblioteca Viva: laboratório de criatividade.*

*Adjunct professor at the department and postgraduate program in Social and Institutional Psychology at IPSSSCH UFRGS. Member of the Cognitive Ecologies and Policies Center. Member of the Politics of Narrar collective. Deputy coordinator of the Ocupas extension projects: city, resistance and production of subjectivity; Biblioteca Viva: creativity laboratory.*



## Vídeo-cinema infinito: objetos técnicos, redes biológicas acrílicas e o YouTube

Fabio J. Noronha

Palavras-chave: Gilbert Simondon; Objeto técnico;

A conceituação de “objeto técnico” feita por Gilbert Simondon, em meados do século vinte, propõe um novo nível de reflexão, próximo ao das áreas vizinhas da estética e até da moralidade, no qual a tecnologia deve ser apresentada como integrada à cultura. Os modos de existência dos objetos técnicos variam muito, ocorrem no tempo, dimensionam-se pela geografia, posição política, operam na estratificação das classes, hierarquização das raças, qualificação dos gêneros. Os espaços de convívio dos corpos são redimensionados pelas contingências das limitações tecnológicas e interativas dos aparelhos – e pelos vínculos obrigatórios com o contexto corporativo. O objeto técnico estaria cercado, simultaneamente, de um sentido poético, do domínio do tangível (das coisas reais) e do campo da utilização. Atualmente, as empresas que controlam o trânsito de dados eletrônicos e cuidam do transporte das coisas, nas diversas redes telemáticas, também tratam da gestão dos corpos alocados diante das telas, manipulando diferentes objetos interconectados remotamente. Assistir a vídeos em canais de compartilhamento pode ser uma atividade imersiva e durar por horas, mesmo sem intervalo. E, muitas vezes, o que está sendo reproduzido nem sequer está sendo assistido: o vídeo é escutado, como um rádio de pilha. O *YouTube* é uma das principais plataformas de compartilhamento e, nesta posição, organiza parte significativa do acesso a conteúdos em áudio e vídeo; e proporciona uma experiência fluida no mundo digital pela escrita algorítmica baseada em *Feedback* e *Deep Learning*. A sofisticação desse sistema de aprendizagem e resposta opera nas indicações dadas pelo *YouTube* e, com o encadeamento automático de um vídeo depois do outro, no tipo de interação que o usuário terá. A hipótese é de que a emergência de um vídeo-cinema autônomo imprimiria na cadência de vídeos um tipo de vocabulário audiovisual normativo que, paulatinamente, adequaria quem está diante da tela em categorias de acoplagem ainda mais involuntárias e blindadas por universos narrativos não divergentes. Nesse cenário, o vídeo-cinema de *YouTube* não seria esvaziado dos respectivos pesos políticos oriundos dos diversos conteúdos disseminados pelos milhões de canais hospedados pelo *Google*. Mas, talvez, o consenso produzido por essas montagens algorítmicas acabasse arranjando comunidades biológicas acrílicas – dentro do território das políticas de privacidade corporativas. Obviamente, uma terminologia tradicional do cinema não poderia ser, em muitas de suas sutilezas, transposta diretamente para esse cenário. A junção vídeo-cinema aproxima a forma contínua da transmissão do vídeo, em abismo, e a montagem cinematográfica feita de cortes. Pergunto-me se a montagem – e, com ela, uma certa noção de vídeo-cinema não formalista – poderia ser implementada por variantes dos protocolos atuais que viabilizam o compartilhamento massivo de conteúdos audiovisuais, a partir de buscas ideologicamente personalizadas: os algoritmos tratariam das afinidades dos assuntos e também da coerência das montagens, a partir de objetos técnicos visíveis e monitoráveis.

### Referências | References

- Aphelis, G. S. (1968). Entretien sur la mécanologie: Gilbert Simondon e Jean Le Moyne. APHELIS. <https://aphelis.net/gilbert-simondon/>
- GOOGLE. (2024). Política de Privacidade. <https://policies.google.com/privacy?hl=pt>
- Simondon, G. (2005). *L'Invention des techniques* – Cours et conférences. Éditions du Seuil.



Simondon, G. (2012). *Du mode d'existence des objets techniques* (1. ed. 1958]. Aubier Philosophie.

Entretien sur la mécanologie. Direção: Labrecque Jean-Claude. Produção: Jacques Parent. Intérpretes: Gilbert Simondon, Jean Le Moyne. Roteiro: Jean Le Moyne. Canada: l'Office National du Film du Canada, 1968. 3 rolos de filme (60 min), son., preto e branco, 35 mm.

### **Nota biográfica | Biographical note**

*Fábio Jabur de Noronha é artista visual e professor no programa de Pós-graduação stricto sensu em Cinema e Artes do Vídeo (PPGCINEAV: 2018-atual), na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Nesta mesma instituição, leciona no bacharelado em Artes Visuais (BAV: 1996-atual) e coordenou o Laboratório Experimental de Vídeo (L.EX.VIDEO: 2016-2021). Em 2022 foi pesquisador visitante do Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem pós-doutorado na linha de Processos artísticos contemporâneos, na Universidade Estadual de Santa Catarina (PPGAV/CEART/UDESC); mestrado e doutorado em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS: 2005/6-2009/13); graduação em Pintura e especialização em História da Arte do Século XX (UNESPAR: 1990/4-2001/2). Nos anos 1990, participou de exposições nas principais instituições brasileiras, tais como Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo, no MASP em São Paulo, MAC e MON em Curitiba. A partir dos anos 2000 passou a distribuir seus trabalhos gratuitamente na Internet. Desenvolve na universidade a pesquisa Revista ARMINHA (2014-atual), resultado do seu trabalho como artista e pesquisador junto aos Grupos de Pesquisa Grupos de pesquisa: Cinema - Criação e Reflexão (UNESPAR/PPGCINEAV) e Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais (PPGAV/UDESC). Desde 2015 coordena o programa de residência artística oi\_Monstro, localizado em Curitiba, Paraná. Suas pesquisas têm foco nos processos de criação em videoarte e seus circuitos de distribuição; nas relações entre vídeo e cinema; nos processos de criação em videoperformance e nas suas formas de apresentação; nas redes telemáticas e na leitura crítica das políticas de uso e termos privacidade dos contratos das redes sócio-técnicas. Mais em: <https://leglesspider.wordpress.com/>*

*Fábio Jabur de Noronha is a visual artist and professor in the stricto sensu Postgraduate program in Cinema and Video Arts (PPGCINEAV: 2018-current), at the State University of Paraná (UNESPAR). At this same institution, he teaches the Bachelor's degree in Visual Arts (BAV: 1996-current) and coordinates the Experimental Video Laboratory (L.EX.VIDEO: 2016-2021). In 2022 he was a visiting researcher at the Humanities Center, Faculty of Social and Human Sciences, Universidade Nova de Lisboa. He has a post-doctorate in the line of Contemporary artistic processes, at the State University of Santa Catarina (PPGAV/CEART/UDESC); master's and doctorate in Visual Poetics from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS: 2005/6-2009/13); degree in Painting and specialization in History of 20th Century Art (UNESPAR: 1990/4-2001/2). In the 1990s, he participated in exhibitions at the main Brazilian institutions, such as the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro and São Paulo, at MASP in São Paulo, MAC and MON in Curitiba. From the 2000s onwards, he began distributing his works for free on the Internet. He develops the research Revista ARMINHA (2014-current) at the university, the result of his work as an artist and researcher with the Research Groups: Research Groups: Cinema - Creation and Reflection (UNESPAR/PPGCINEAV) and Contemporary artistic propositions and their experimental processes (PPGAV/UDESC). Since 2015, he has coordinated the oi\_Monstro artistic residency program, located in Curitiba, Paraná. His research focuses on video art creation processes and their distribution circuits; in the relations between video and cinema; in the processes of creation in video performance and its forms of presentation; in telematic networks and in the critical reading of usage policies and privacy terms of socio-technical network contracts. More at: <https://leglesspider.wordpress.com/>*



**12h00 - Performances**  
**12h30**

## **Rememorações à casa de /by Rita Cássia** **[Remembrances of home]**

**Sala 324 /Room 324**

Palavras - chave: Auto-Etnografia; Memória; Mulheres Negras; Criação Artística; Decolonialidade

Após vinte e três anos a viver fora de Salvador, Bahia, Brasil, filha da terra e das artes, retorno à casa, com um olhar auto-etnográfico, a fim de recordar vivências e celebrar lugares e laços afetivos que fizeram a minha trajetória ser possível até os tempos atuais, bem como, compreender os diferentes contextos socioculturais e históricos em que estive inserida. A vivência performática "Rememorações à casa" se dará em uma Roda afetuosa de partilhas. Primeiramente, há reverberações poéticas através da minha voz, a partir de uma escrita em viagem, com fragmentos da minha história de vida entrelaçada com fragmentos de histórias de vida de Mulheres Negras, com diferentes origens que me são inspira às ações: minha Mãe - Vovó, D. Libé, Gonzalez, hooks, Kilomba, Davis, Evaristo, Vergès, Mané e, Silva. Há estímulo à sensibilidade tátil através do contato com uma Colcha de retalhos que foi costurada com o tecido de algodão Chita, pelas mãos da minha Mãe - Vovó, D. Libé, centenária, baiana. Uma sequência de imagens fotográficas nos evoca os meados do século XX em territórios africanos colonizados tardiamente por Portugal (arquivo fotográfico projeto Photo Impulse, ICNOVA), Salvador artística, vivenciada por mim no fim do século XX (registro arquivo pessoal) e a segunda década do século XXI, vivências numa Lisboa habitada por pessoas afrodescendentes portuguesas, africanas, brasileiras, entre muitas outras origens (registro arquivo pessoal). Dispositivos como a escrita, a fotografia e o tecido foram utilizados por imperialistas, a fim de controlarem narrativas coloniais, o comércio, os corpos de pessoas negras e indígenas escravizadas e/ou subjugadas, de modo que, para lidar com as consequências das práticas de racismo, discriminação de género, xenofobia, classismo, intolerância religiosa, racismo ambiental, entre outras práticas nefastas aos seres humanos e ao planeta Terra, neste nosso tempo, é fundamental experimentar em pesquisa, o caminho comunicacional contrário, através de práticas performáticas decoloniais. Na continuidade da vivência, as pessoas presentes são convidadas a partilhar as suas sensações, reflexões e memórias. "Rememorações à casa" integra o processo criativo de Estado (anti) Manicomial - Performance Colcha de Chita I, que se encontra em andamento.

### **Nota biográfica | Biographical note**

*Doutoranda em Ciências da Comunicação na especialidade Comunicação e Artes e em Literatura Comparada, do Programa de Doutoramento Aliança EUTOPIA (FCT/NOVA/CY CERGY PARIS), trabalha em pesquisa baseada na prática, o cruzamento disciplinar entre comunicação e artes, antropologia e história, a partir de um olhar auto-etnográfico, feminino e negro sobre as existências das Mulheres Negras na sua diversidade e as suas contribuições intelectuais no mundo. Faz parte da equipa curatorial da exposição O Impulso Fotográfico (des) arrumar o Arquivo Colonial - Projeto Photo Impulse / ICNOVA / MUHNAC. Licenciada em Antropologia pelo ISCTE, Portugal. Atua na área artística desde 1994. Iniciou-se nas artes com 12 anos de idade, em*



Salvador, Bahia, Brasil. Tem artigos e crônicas publicados em diferentes mídias, em Portugal e no Brasil. É ativista para a salvaguarda dos direitos humanos das Mulheres e das Crianças. É membro fundadora do Teatro Bocage e da UNA - União Negra das Artes, Portugal. Integra a Femafro e o Comitê Popular de Mulheres em Portugal. É Mãe.

Link: <https://www.cienciavita.e.pt/portal/en/BE16-7419-CC64>

## O esconderijo das quimeras de /by Rubens Takamine

### [The hiding place of chimeras]

#### Hall do Bloco A / Bloco A Hall

Nessa proposta de palestra-performance, compartilharei a obra instalativa O esconderijo das quimeras originalmente comissionada pelo Solar dos Abacaxis (RJ, Brasil) na exposição Vida transbordante e os desejos do mundo (2023).

Ao unir visão e olfato, o trabalho abarca estudos da fitoterapia e da aromaterapia para fabular conciliações possíveis entre seres humanos e outros-que-não-humanos (Haraway, 2016). Em diversas culturas, os cheiros das ervas e madeiras são responsáveis por mediar a interação social, além de serem fundamentais na produção de conhecimento. Os poderes da atração, da sedução e do encantamento, podem ser traduzidos pela linguagem olfativa - tal como uma flor se comunica com uma abelha através do aroma de seu néctar.

#### Referências | References

Didi-Huberman, G. (2010). O que vemos, o que nos olha (2a ed.). Editora 34.

\_\_\_\_\_. (2013). A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg (V. Ribeiro, Trad.). Contraponto.

\_\_\_\_\_. (2017). As imagens não são apenas coisas para representar [Entrevista concedida a Verónica Engler] (A. Langer, Trad.). IHU Notícias. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/568830-as-imagens-nao-sao- apenas-coisas-para-representar-entrevista-com-georges-didi-huberman>

Haraway, D. (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom*, (5), 250-266. <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

Lagrou, E., & Severi, C. (Orgs.).(2013). Quimeras em diálogo – grafismo e figuração na arte indígena. Editora 7 Letras.

Warburg, A. (2008). El ritual de la serpiente. Sexto Piso.

#### Nota biográfica | Biographical note

Rubens Takamine (1993, São Paulo) vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil. É artista, pesquisador de imagens e de cheiros, ensaísta e curador independente. Diálogos transversais entre arte, fitoterapia e espiritualidade, inspiram suas práticas, que costumam emergir de danças com plantas, pessoas e objetos em desuso, para compor instalações olfativas, pinturas, assemblages, fotografias e vídeos. É fascinado por aromas naturais e fenômenos que só podem ser observados no escuro. Através de rastros e rasuras, busca fabular as histórias não contadas das diásporas asiáticas pela América. Desde 2017, participa de mostras, festivais de cinema e exposições em espaços como Solar dos Abacaxis (2023), Centro Cultural Justiça Federal (2023) e Fábrica Bhe-





*ring (2022) EAV Parque Lage (2021). É mestre em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ) e doutorando em Comunicação e Cultura (PPGCOM-ECO-UFRJ). Site: [www.rubenstakamine.art](http://www.rubenstakamine.art)*

## **Em permanência: Mostra de filmes**

**A permanent film screening**

**(Miniauditório Bloco B, Block B Mini auditorium)**

## **Arte dos povos ancestrais**

**Art from ancestral people**

**(Hall do Bloco B, Block B Hall)**

**12h30 - Almoço / Lunch**

**14h30**

**14h30 - Painéis presenciais e online / Presential**

**16h00 and online Panels**



## Painel 27. Utopias e montagens ecológicas nas artes

### Moderação /Host: Ângela Ferreira e Teresa Mendes Flores

(9 ago. 14:30-16:00, Auditório do Bloco B, híbrido)

#### O roubo do roubo: Apropriação e montagem como revide histórico na obra de Denilson Baniwa

Rochele Zandavalli

Palavras-chave: Apropriação; Montagem; Decolonial; Ficção

Como um alegorista, Denilson Baniwa embaralha referências visuais a partir da montagem e reapropriação de imagens ligadas à colonialidade e a fatos históricos. Em *Ficções coloniais (ou finjam que não estou aqui)*, 2021, ele evidencia o papel das tecnologias fotossensíveis no processo de expropriação cultural e extermínio de seu povo originário. Ele comenta que usa uma mentira para desmascarar outras: "a primeira vez que me lembro de ser fotografado por alguém que não conhecia, foi para performatizar uma mentira". (Baniwa, 2021)

Denilson problematiza a fotografia como testemunho de existência lembrando que a ilusão de movimento foi fundamental no processo de ficcionalização colonial. Michaud observa as filmagens cinematográficas da Dança do búfalo e da Dança Sioux dos Fantasmas, de W.K.L Dickson. Segundo o autor, trata-se de:

Uma operação cinematográfica que aparece como um meio de domesticar a energia e alienar os corpos, e o documento fílmico como a versão moderna de espetáculos circenses nos quais o que se exhibe já não são homens, nem animais, porém suas imagens. (Michaud, 2013, p. 68)

Com a cinematografia, o efeito de movimento foi visto como um resgate do vivo. Numa busca animista e realista, foi percebida como uma vitória sobre a morte. Assim, fotografia e o cinema são, para ele, "um homicídio doloso, quando há intenção de matar, e o alibi é a ressurreição a partir do ângulo de visão do observador por trás das lentes. Eu matei, mas ressuscitei." (Baniwa, 2021)

Para Benjamin a alegoria é a representação da condição lutuosa de ser do homem, vista por ele como a produtividade da perda e da morte. Somos confrontados com a *facies hippocratica* da história como uma paisagem petrificada. "O luto é, ao mesmo tempo, a origem e o conteúdo da alegoria". (Benjamin, 1984, p. 253) Nas mãos de Baniwa as imagens do explorador alemão Koch-Grünberg tornam-se narrativa decolonial, assim como nas mãos de John Heartfield a *agit-prop* e a propaganda nazista tornaram-se narrativa antifascista. Essas colagens abordam o outro lado do testemunho da invasão colonial e são consonantes ao relato de Ailton Krenak:



[...] uma mortandade de milhares e milhares de seres. Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical largava um rasto de morte por onde passava. [...] Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI. (Krenak, 2019, p.36)

A ideia de contrarretrato, de Correia, sugere uma força contradiscursiva nessas montagens. Recrear, como lembra Correia, “corresponde a jogar, divertir-se livremente, mas também [...] recriar, criar de novo, reusar, refazer, remontar”. (Correia apud Fabris, 2020, p.17) A fotomontagem subverte o automatismo realista do meio fotográfico, anima sua propriedade fixa, e responde ao mal-estar em torno da fotografia com prazer lúdico e inventivo. Uma consciência de que imagens, assim como os seres, existem para além de todo enquadramento.

### Referências | References

- Baniwa, D. (2021). Ficções Coloniais – Denilson Baniwa na nova edição da nova edição da Zum do Instituto Moreira Salles. Blog Entretempos. Entrevista para Cassiana Der Haroutiounian. Folha de São Paulo. <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2021/05/20/ficcoes-coloniais-denilson-baniwa-na-nova-edicao-da-revista-zum-do-instituto-moreirasalles/>
- Benjamin, W. (1984). Origem do drama barroco alemão (S. P. Rouanet, Trad.). Brasiliense.
- Fabris, A. (2020). A fotomontagem no Brasil: Uma trajetória possível. *ArtCultura*, 22(40), 6-27. <https://doi.org/10.14393/artc-v22-n40-2020-56962>
- Krenak, A. (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. Editora Cia das letras.
- Michaud, P-A. (2013). Aby Warburg e a imagem em movimento. Contraponto.

### Nota biográfica | Biographical note

*Rochele Zandavalli é artista e pesquisadora. Doutoranda em História, Teoria e Crítica em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). Pesquisadora hospedada pelo Institut de Recherche sur le Cinéma et l'Audiovisuel (IRCAV) na Sorbonne Nouvelle Paris III, tendo sido orientada pela Pesquisadora Teresa Castro, durante o Doutorado sanduíche com bolsa de pesquisa CAPES Print em 2023). Mestre em Poéticas Visuais pelo mesmo programa PPGAV/UFRGS e graduada em Artes Visuais com ênfase em Fotografia pelo Instituto de Artes da UFRGS. É fotógrafa da Secretaria de Comunicação da UFRGS, professora na Fluxo – Escola de Fotografia e na Algueres Escola de Joalheria Contemporânea. Foi professora de fotografia na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), entre 2013 e 2021. Suas obras pertencem a coleções como a Joaquim Paiva, em comodato com MAM/RJ; Pierre Bessard, Paris/FR; DNA, Paris/FR. Seu trabalho foi visto em importantes festivais como o Festival de Fotografia de Tiradentes - Projeto Foto em Pauta, Tiradentes/BH, em 2019 e em 2024; Festival ZUM/IMS, São Paulo/SP 2023; Arles Books Fair, no Rencontres d'Arles, na França, 2023; Festival Photothings, São Paulo/SP, 2022; Cinefoot - Festival de Cinema de Futebol, cidades brasileiras e online, 2020; Livres et revues d'artistes: une perspective brésilienne – mesa internacional. Rennes/França. 2018; Festival Internacional da Imagem Valongo - Novos Protagonismos - Fotografia, poder e escolha. Santos/SP, 2018; Festival Internacional Outono Fotográfico - Memory Lab os Happiness, em Ourense, Galícia/ Espanha, 2017; e Festival Internacional Encontros da Imagem - Discovery Awards. Braga/ Portugal, 2016. Sua produção envolve coexistência entre tecnologias, fotografia em sua abordagem expandida, fotoquímica, e processos experimentais. Tem interesse na potência mnemônica das imagens e na história das nossas representações, trabalhando anacronismos a partir de cruzamentos temporais, memoriais e projeções.*

*Rochele Zandavalli is an artist and researcher. PhD student in History, Theory and Criticism in Visual Arts at the Postgraduate Program in Visual Arts at the Federal University of Rio Gran-*



*de do Sul (PPGAV/UFRGS). Researcher hosted by the Institut de Recherche sur le Cinéma et l'Audiovisuel (IRCAV) at the Sorbonne Nouvelle Paris III, having been supervised by Researcher Teresa Castro, during her sandwich PhD with a CAPES Print research grant in 2023). Master in Visual Poetics from the same PPGAV/UFRGS program and graduated in Visual Arts with an emphasis on Photography from the UFRGS Institute of Arts. She is a photographer at the UFRGS Communication Department, professor at Fluxo – Escola de Fotografia and at Algures Escola de Joalheria Contemporânea. She was a photography professor at the University of Vale dos Sinos (Unisinos), between 2013 and 2021.*

*Her works belong to collections such as Joaquim Paiva, loaned to MAM/RJ; Pierre Bessard, Paris/FR; DNA, Paris/FR. Her work was seen at important festivals such as the Tiradentes Photography Festival - Projeto Foto em Pauta, Tiradentes/BH, in 2019 and 2024; ZUM/IMS Festival, São Paulo/SP 2023; Arles Books Fair, at Rencontres d'Arles, in France, 2023; Photothings Festival, São Paulo/SP, 2022; Cinefoot - Football Film Festival, Brazilian cities and online, 2020; Livres et revues d'artistes: a Brazilian perspective – international table. Rennes/France. 2018; Valongo International Image Festival - New Protagonisms - Photography, power and choice. Santos/SP, 2018; International Autumn Photographic Festival - Memory Lab os Happiness, in Ourense, Galicia/ Spain, 2017; and International Festival Encontros da Imagem - Discovery Awards. Braga/ Portugal, 2016. Her production involves coexistence between technologies, photography in its expanded approach, photochemistry, and experimental processes. She is interested in the mnemonic power of images and the history of our representations, working on anachronisms based on temporal crossings, memorials and projections.*

## **A (contra-)imagem do naufrágio. Um mar entre a peça Outra Tempestade e as tempestades reais, com Cabo Verde como cenário**

*Cláudia Madeira, Sofia Berberan, Raquel Madeira e Marcelo Lopes*

Palavras-chave: Outra Tempestade; Cabo Verde; Furacão do Tipo Cabo Verde; Era Pós-antropocénica; Eco-Performance

A peça Outra Tempestade (2023), desenvolvida pelo Teatro da Garagem e inspirada pelo clássico de Shakespeare, (Tempestade, 1610-1611) e da peça Uma Tempestade de Aimé Césaire (1968), que teve estreia no Festival Mindelact em Cabo Verde, inicia-se com um retrato performativo, um tableau vivant. Do escuro do palco emergem figuras com as suas bocas contorcidas num grito de desespero inaudível. O retrato humano da experiência do naufrágio. A imagem expande-se no tempo numa suspensão que condensa em si o longo capítulo introdutório de Shakespeare onde todos os que navegam num barco, marinheiros, príncipes e reis, se igualam no medo da morte numa tempestade no mar. Essa imagem- síntese incorpora, também, todos os naufrágios, nomeadamente, os produzidos pela longa história do colonialismo. O livro de Paul Gilroy *The Black Atlantic - Modernity and Double Consciousness* (1995) dá palco ao mar como memorial do naufrágio, como um dos lugares da escravatura.

Outra tempestade (2023), segue diversos caminhos dramáticos e podemos até afirmar que esse sentido do naufrágio se perdeu no desenrolar do enredo. As personagens tal como nos textos de Shakespeare e Césaire sobrevivem, mas transformam-se. Se Césaire já tinha convertido Caliban no símbolo de uma luta de emancipação, esta Outra Tempestade do Teatro da Garagem, seguindo os desígnios de Silvia Federici no seu livro traduzido para português em 2019 como *Calibã e a Bruxa*, procurou emancipar também Miranda, essa



personagem que permanece imutável em quase todas as interpretações da *Tempestade* de Shakespeare, dando-lhe voz e poder sobre o seu território, sobre o seu corpo e as suas escolhas. Este processo, contudo, não termina com “final feliz” porque se antevê uma outra tempestade real, um verdadeiro naufrágio no horizonte.

Esta conferência performativa inicia-se nesse *punctum*, da possibilidade de estarmos na iminência de uma tempestade real com impactos globais, tendo por base o fenómeno meteorológico conhecido como Furacão do Tipo Cabo Verde - que os cientistas localizam e classificam de uma forma e os pescadores locais, em Cabo Verde, que têm vindo a sentir as alterações climáticas no seu modo de vida, entendem de forma diferente. Este *punctum* que oscila entre a “exatidão científica” e a “experiência de vida”, onde se prevê que possa emergir importantes transformações climáticas com impacto global - é o mote para a criação de um ponto geográfico especulativo, imaginário e ficcional que nos permitirá problematizar as implicações históricas, políticas, sociais e, conseqüentemente, artísticas da urgência de uma Era Pós-antropocénica, tendo por referência as perspectivas de autores como T.J.Demos (*Decolonizing Nature*, 2016) ou Bruno Latour (*Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime*, 2018), entre outros.

Esta conferência-performance terá por base um conjunto de entrevistas desenvolvidas a pescadores locais, a mulheres que trabalham nas lotas em Cabo Verde, e a cientistas que têm vindo a analisar este fenómeno, assim como uma reflexão sobre o tema a partir não só das suas inerentes problemáticas ecológicas e coloniais, como também de uma especulação em torno de potenciais respostas à questão: “o que virá depois da farsa?”

### Referências | References

- Demos, T. J. (2016). *Decolonizing Nature: Contemporary Art and the Politics of Ecology*. Sternberg Press.
- Latour, B. (2018). *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime*. Polity Press.
- Gilroy, P. (1995). *The Black Atlantic - Modernity and Double Consciousness*. Harvard University Press.
- Merchant, C. (2020). *The Anthropocene and The Humanities*. Yale University Press.
- Pannek, W. (Ed.).(2022). *ECOPERFORMANCE (Vol.I)*. Transcultura.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Cláudia Madeira (1972), é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Vice-coordenadora do grupo de investigação Performance & Cognição do ICNOVA - NOVA FCSH; colaboradora do IHA da NOVA FCSH; e responsável pelo cluster Performance Art & Performativity in the Arts. Colabora ainda como investigadora do grupo Teatro e Imagem, do Centro de Estudos de Teatro da FLUL. Realizou o pós-doutoramento intitulado Arte Social. Arte Performativa? (2009-2012) e o doutoramento em Sociologia sobre Hibridismo nas Artes Performativas em Portugal (2007) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Na sua tese de doutoramento desenvolveu uma análise aprofundada sobre nova dança portuguesa e novo teatro, tendo dedicado um capítulo à história da arte da performance portuguesa. É autora dos livros Performance Art in Portugal (Routledge 2023), Arte da Performance Made In Portugal (ICNOVA 2020), Híbrido. Do Mito ao Paradigma Invasor? (Mundos Sociais, 2010) e Novos Notáveis: Os Programadores Culturais (Celta, 2002). Escreveu vários artigos sobre novas formas de hibridismo e performatividade nas artes. Lecciona na licenciatura e mestrados de Artes Cénicas e Comunicação e Artes do Departamento de Ciências da Comunicação na NOVA/FCSH.*

*Cláudia Madeira (1972), is an Assistant Professor at the Faculty of Social and Human Sciences at Univer-*



sidade Nova de Lisboa. Deputy coordinator of the Performance & Cognition research group at ICNOVA - NOVA FCSH; IHA collaborator at NOVA FCSH; and responsible for the Performance Art & Performativity in the Arts cluster. She also collaborates as a researcher in the Theater and Image group, at the FLUL Theater Studies Center. She completed a post-doctorate entitled *Social Art. Performative Art?* (2009-2012) and a PhD in Sociology on *Hybridity in the Performing Arts in Portugal* (2007) at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon. In her doctoral thesis, she developed an in-depth analysis of new Portuguese dance and new theater, having dedicated a chapter to the history of Portuguese performance art. She is the author of the books *Performance Art in Portugal* (Routledge 2023), *Arte da Performance Made In Portugal* (ICNOVA 2020), *Híbrido. From Myth to Invasive Paradigm?* (Mundos Sociais, 2010) and *New Notables: The Cultural Programmers* (Celta, 2002). She has written several articles on new forms of hybridity and performativity in the arts, teaches undergraduate and master's degrees in Performing Arts and Communication and Arts in the Department of Communication Sciences at NOVA/FCSH.

*Sofia Berberan (1980). É licenciada em Filosofia pela FCSH/UNL e tem o curso de Fotografia Profissional pelo Instituto Português de Fotografia. É curadora do Projeto TRIPÉ, em Cabo Verde. Do seu trabalho artísticos destacam-se as exposições site-specific «Burning with desire to see your experiments from nature» (com o Coletivo Imagerie) e «lo-fi (lost fictions)», onde explora o cruzamento da botânica com as artes visuais, e «Biblioteca das Imagens Não Vistas». Foi consultora artística no projecto "PRETA", de Gio Lourenço, apresentado no Pavilhão da Holanda na Bienal de Arquitectura de Veneza de 2021, no âmbito do qual criou para o catálogo Exploratorium o projecto fotográfico "Memória Botânica". Criou com Gio Lourenço o espetáculo "Boca, Fala, Tropa".*

*Sofia Berberan (1980). She has a degree in Philosophy from FCSH/UNL and a Professional Photography course from the Portuguese Institute of Photography. She is the curator of the TRIPÉ Project, in Cape Verde. Of her artistic work, the site-specific exhibitions "Burning with desire to see your experiments from nature" (with Coletivo Imagerie) and "lo-fi (lost fictions)" stand out, where she explores the intersection of botany and visual arts, and "Library of Unseen Images". She was an artistic consultant on the project "PRETA", by Gio Lourenço, presented at the Holland Pavilion at the 2021 Venice Architecture Biennale, as part of which she created the photographic project "Botany Memory" for the Exploratorium catalogue. He created the show "Boca, Fala, Tropa" with Gio Lourenço.*

*Raquel Rodrigues Madeira (1984), investigadora do ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA, do GI Performance & Cognição e LEC (Laboratório de Artes Cénicas); Bailarina e Performer. Doutoranda em Ciências da Comunicação (especialidade em Comunicação e Artes) na FCSH - Universidade NOVA de Lisboa, onde se encontra a desenvolver o projeto intitulado "Da Internet aos palcos da Dança: participação, intermedialidade e novas colaborações entre o físico e o digital", com o apoio de Bolsa de Doutoramento (ref.2020.06202.BD) concedida pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Mestre em Artes Cénicas pela FCSH - Universidade NOVA de Lisboa e licenciada em Dança pela Escola Superior de Dança (ESD-IPL). Foi distinguida em 2021 com o Prémio 'Estudar a Dança', atribuído pela DGPC através do Museu Nacional do Teatro e da Dança, com o patrocínio da Fundação Millennium BCP, pela investigação desenvolvida na tese intitulada "Dança e Internet - conetividade e participação na criação coreográfica" (2019). Co-editora do site CRATERA, do GI Performance & Cognição. Membro da European Association for the Study of Theatre and Performance (EASTAP) desde 2019; e da Dance Studies Association (DSA) desde 2020.*

*Raquel Rodrigues Madeira (1984), researcher at ICNOVA - NOVA Communication Institute, GI Performance & Cognição and LEC (Performing Arts Laboratory); Dancer and Performer. PhD student in Communication Sciences (specialty in Communication and Arts) at FCSH - NOVA*



*University of Lisbon, where she is developing the project entitled "From the Internet to Dance stages: participation, intermediality and new collaborations between the physical and the digital", with the support of a PhD Scholarship (ref. 2020.06202.BD) granted by FCT (Foundation for Science and Technology). Master in Performing Arts from FCSH - NOVA University of Lisbon and degree in Dance from Escola Superior de Dança (ESD-IPL). She was distinguished in 2021 with the 'Studying Dance' Prize, awarded by the DGPC through the National Theater and Dance Museum, with the sponsorship of the Millennium BCP Foundation, for the research developed in the thesis entitled "Dance and Internet - connectivity and participation in creation choreographic" (2019). Co-editor of the CRATERA website, from GI Performance & Cognição. Member of the European Association for the Study of Theater and Performance (EASTAP) since 2019; and the Dance Studies Association (DSA) since 2020.*

## **Lampejos entrópicos em Robert Smithson: visualizando uma nova relação paisagística**

*André Leal*

A ideia de paisagem entrópica explorada pelo artista Robert Smithson em suas obras e escritos anuncia uma ruptura com o conceito de paisagem da sociedade ocidental, que coloca em campos opostos natureza e cultura. Na descrição do sítio onde construiu Spiral Jetty, por exemplo, ele estiliza a estaticidade da paisagem nas artes plásticas, outro vetor de consolidação do divórcio instituinte entre natureza e cultura subjacente ao conceito de paisagem ocidental segundo Massimo Ferriolo.

No filme de Spiral Jetty, parte fundamental da difusão da obra construída em área remota de difícil acesso, Smithson abre a paisagem para as diferentes espécies que a conformou, desde as ações extrativistas antrópicas, às algas que tingem de vermelho o lago salgado. A longa duração da geologia também comparece junto às ações antrópicas, consolidando seu conceito de paisagem entrópica, unindo a longa duração da geologia com a rápida temporalidade da exaustão extrativista. A humanidade assim, deixa de ser a espectadora distanciada da modernidade, tornando-se agente produtora de disrupções equivalentes aos grandes movimentos geológicos. Também podemos ver aqui prenúncios do Antropoceno, a época geológica que teria como marca estratigráfica as ações extrativistas da humanidade na crosta terrestre.

Importante situar de qual humanidade estamos falando, pois se trata da parcela responsável pela produção e consumo das matérias-primas extraídas da crosta terrestre e impulsionada pela busca incessante de lucros, algo reforçado por Smithson em seus textos. Assim, estabelece-se um contraste entre o extrativismo minerário capitalista e sua relação de desgaste da terra e o cultivo do solo pelas populações nativas do continente americano, por exemplo. Segundo o artista, podemos aprender com as "moradias indígenas nos penhascos e" com seus "montes das esculturas de terra. Aqui nós vemos a natureza e a necessidade se conjugarem". Vemos, assim, seu interesse pelas práticas dos povos originários americanos como exemplo de relações com o território diferentes daquelas da modernidade ocidental, unindo natureza e cultura, portanto.

A imagem fotográfica e cinematográfica foi importante meio de acesso à paisagem entrópica para Smithson desde seu famoso passeio por Passaic, sua cidade natal no subúrbio nova iorquino, em 1967. Ali a fotografia serve como forma de 'artificializar' ainda mais aquela paisagem que passava por transformações radicais; como afirma o artista, "o Sol do meio-dia cinematizava o sítio, transformando a ponte e o rio em uma imagem super exposta. Fotografá-la com minha Instamatic 400 foi como fotografar uma fotografia". Essa artificialização da



paisagem por meio da fotografia é, portanto, outro meio de acessar a paisagem entrópica, uma maneira de aumentar ainda mais o grau de entropia da paisagem suburbana.

Por fim, as propostas do artista de “reclamação de áreas de mineração”, do final de sua vida, são tentativas iniciais de “negociar a aterragem sobre um solo” como nos falaria Bruno Latour muitos anos depois. São também maneiras de romper com a “monocultura extrativista”, negociando com culturas não-ocidentais e agentes outros-que-humanos. Iremos abordar essa construção da paisagem entrópica como abertura para outras formas de compreensão da paisagem na contemporaneidade, aproximando-a ainda de outras abordagens e atuações contemporâneas.

### Referências | References

- Ferriolo, M. V. (2013). Joachim Ritter e a teoria do cosmos como ‘fundamento da paisagem’. Em V. Bartalini (Org.), Paisagemtextos 1 (pp. 39-47). FAUUSP.
- Krenak, A. (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras.
- Latour, B. (2020). Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno. Bazar do tempo.
- Lippard, L. R. (2023). Quebrando círculos: políticas da pré-história. *Arte & Ensaios*, 29(45), 78-98. <https://doi.org/10.60001/ae.n45.5>
- Smithson, R. (1996). Robert Smithson – the collected writings. University of California Press.

### Nota biográfica | Biographical note

*André Leal possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU USP e é mestre e doutor em Artes Visuais pelo PPGAV / EBA / UFRJ, onde atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado com temática voltada para a relação da produção artística contemporânea e a emergência climática. É co-editor da revista Arte & Ensaios e também atua como curador e crítico independente. Em 2023 realizou residência artística na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris, pelo programa CRESS (Création recherche en sciences sociales). É membro da Red de investigadores do Museo de la Solidaridad Salvador Allende (Santiago, Chile).*

*André Leal has a degree in Architecture and Urbanism from FAU USP and a master's and doctorate in Visual Arts from PPGAV / EBA / UFRJ, where he is currently carrying out post-doctoral research with a theme focused on the relationship between contemporary artistic production and the climate emergency. He is co-editor of the magazine Arte & Ensaios and also works as an independent curator and critic. In 2023, he held an artistic residency at the École des Hautes Études en Sciences Sociales in Paris, under the CRESS (Création recherche en sciences sociales) program. He is a member of the Network of researchers at the Museo de la Solidaridad Salvador Allende (Santiago, Chile).*





## **Painel 28. (Online) Poesia, natureza e cultura visual**

### **Moderadora/ Host: Fernanda Albrecht**

**(9 ago. 14:30-16:00, Auditório do Bloco E, presencial)**

### **Por uma ecologia relacional entre as palavras na poesia de Fiama Hasse Pais Brandão**

*Gabriel Guimarães Barbosa*

Palavras-chave: Poesia Portuguesa; Poesia e Natureza; Fiama Hasse Pais Brandão; Eco-crítica; Poesia e botânica

O presente trabalho busca apresentar resultados parciais de uma pesquisa que se debruça sobre o elemento vegetal na obra poética da poeta, ficcionista, dramaturga, ensaísta e tradutora portuguesa Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007). No recorte a ser apresentado, buscar-se-á conceitualizar uma operação presente em toda obra da autora, a criação de uma ecologia relacional entre as palavras. Trata-se de um procedimento ético e estético realizado pela poesia brandoniana, em que as relações internas entre as palavras constroem noções ecológicas que ganham força significativa nos recursos da linguagem e suas formas de relação, isto é, repetições, rimas, metáforas, derivações e flexões morfológicas e ordenamentos sintáticos, retóricos e semânticos que criam um ecossistema entre as palavras e seus sentidos. Defende-se, portanto, que esse procedimento instaura um modo ético de habitação do mundo e amor à natureza, noção sentimental e íntima criada pelas relações entre as palavras no poema. Assim, apresentaremos essa noção a partir do poema "Canto dos insectos", e versos de outros poemas da autora comparecerão como complementos teóricos que joguem luz na leitura proposta. Também comparecem contribuições teórico-críticas de leitores de Fiama, como Jorge Fernandes da Silveira, e de noções de contato entre poesia e natureza a partir de Efrén Giraldo, bem como noções de ecologia e botânica com Stefano Mancuso e Jean Marie Pelt, principalmente.

#### **Nota biográfica | Biographical note**

*Gabriel Guimarães Barbosa é doutorando em Literaturas Portuguesa e Africanas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, com bolsa do CNPq. Direciona os seus estudos, desde a graduação e mestrado, para a poesia portuguesa moderna e contemporânea, com especial ênfase na obra poética de Fiama Hasse Pais Brandão e suas relações com conceitos de natureza estabelecidos pela filosofia, pelas ciências e, especialmente, pela literatura. Atualmente, atua como professor substituo de Literatura Portuguesa da UFRJ.*

*Gabriel Guimarães Barbosa is a doctoral candidate in Portuguese and African Literatures at the Postgraduate Program in Vernacular Literature at UFRJ, with a scholarship from CNPq. He directs his studies, since his undergraduate and master's degrees, towards modern and contemporary*



*Portuguese poetry, with special emphasis on the poetic work of Fiama Hasse Pais Brandão and his relationships with concepts of nature established by philosophy, science and, especially, literature. He currently works as a substitute professor of Portuguese Literature at UFRJ.*

## **A escrita de Raúl Zurita em uma perspectiva da geologia dos media**

*Nathalia Silveira Rech*

Palavras-chave: Arqueologia dos Media; Geologia dos Media

A obra do poeta chileno Raúl Zurita é o ponto de partida para este estudo, que tem como objetivo compreender a relação da escrita como medium, relacionada com a geologia, a partir de pensadores da arqueologia dos media (Parikka, Flusser e Zelinsky), em especial do livro "Uma Geologia dos media" (Parikka, 2021). Esta reflexão é trazida por meio de três obras de Zurita, que possuem em comum o fato de elementos da terra serem usados como plataforma de escrita. No poema "Vida Nova" (1982), o céu é o local onde o poema se insere, a partir do uso da fumaça, em 1993, o deserto é o local onde é gravada parte do poema "Ni pena Ni miedo" feito diretamente na terra, e em 2002, as rochas de um penhasco recebem parte do poema "Verás un Diós con Hambre", realizado por meio de projeção luminosa. Portanto, Zurita oferece uma proposta da escrita relacionada diretamente com o signo da terra e do corpo. Para compreendê-la melhor, utiliza-se o questionamento de Parikka: "Que tipos de vocabulários estéticos estão ao nosso alcance quando queremos interconectar o geológico com o criado pelo humano" (Parikka, 2021, p. 136)? O que resulta da geopoética de Zurita e como podemos perceber a relação das arqueologias dos media do presente com a Terra?

A interdisciplinaridade dos estudos desta disciplina permite que investigue-se novas culturas dos media e sublinhem-se histórias passadas, futuras e alternativas, sobre nossa relação mediática, que "fala sobre a história cultural da ciência e da tecnologia, mas é praticada por artistas também" (Parikka, 2019, p.12). Esta disciplina recorda que as máquinas digitais e seu entrelace técnico-social dependem tanto da eletricidade mediante combustíveis fósseis, como da extração de minerais que são altamente cotizados e posteriormente descartados - intoxicando o meio ambiente. Em sua abordagem não leva-se em conta apenas dispositivos tradicionais, como também, é explorada até mesma a ideia da "terra, a luz, a atmosfera e o tempo enquanto media" (Parikka, 2021, p. 27), da terra como "parte dos media como recurso e como transmissão" (Parikka, 2021, 73), permitindo e perceber os elementos da terra como uma estética própria.

Quanto pensa-se a escrita, raramente pensa-se o sistema estrutural e conseqüente que ela acarreta. Portanto, identificar a parte "terrestre" das cultura dos media, sua fisicalidade, desvela como estes impactam não só à nível social e político - mas a nível ambiental, como agentes de catástrofe no antropoceno ou, em outra perspectiva, de contra-hemonia no Chthuluceno (Haraway, 2019). O antroposceno (Parikka, 2021), outro termo visitado, descreve uma exploração sistemática da natureza, vista como recurso total e por isto torna-se necessário observar a obra de Zurita em um contexto geográfico. Uma vez que ela em parte ocorre no Chile, país cuja produção de minérios é uma das maiores do mundo, e que conta com um passado político com forte ditadura-militar (o artista foi preso e teve obras censuradas), a análise da produção poética do artista intenta considerar também suas paisagens extrativistas, dentro da ideia de um "planeta em ruínas" (Tsing, 2019).



**Referências | References**

- Haraway, D. (2019). Seguir con el problema. Consonn.
- Parikka, J. (2019). Arqueologia das mídias. Editora UFMG.
- Parikka, J. (2021). Una geología de los medios. Caja Negra.
- Tsing, A. L. (2019). Viver em ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno. Editora Mil Folhas do IEB.
- Zurita, R. (2009). Purgatory. California Press.

**Nota biográfica | Biographical note**

*Nathalia Silveira Rech realiza doutoramento em Ciências da Comunicação no ICNOVA, sob orientação da Profa Dra Maria Teresa Cruz, na área de Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, e está associada ao grupo Cultura, Media e Arte. É graduada em Comunicação Social pela PUCRS (2014) e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2018), onde integrou o Grupo de Pesquisa Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea.*

*Nathalia Silveira Rech is pursuing a PhD in Communication Sciences at ICNOVA, under the guidance of Prof. Dr. Maria Teresa Cruz, in the area of Contemporary Culture and New Technologies, and is associated with the Culture, Media and Art group. She has a degree in Social Communication from PUCRS (2014) and a master's degree in Communication and Semiotics from PUC-SP (2018), where she was part of the Extremities Research Group: audiovisual networks, cinema, performance and contemporary art.*

## **Pedagogia das Visualidades: confrontando ecologias imagéticas na obra de Silvana Mendes**

*Ana de Figueiredo e Valéria Leite de Aquino*

Palavras-chave: Pedagogia das visualidades; Estudos decoloniais; Silvana Mendes; Cultura Visual; Ecologia imagética

Imagem comunica. E fala. Desde a Pré-história a imagem é objeto de fascínio, de identidade, de mensagem, de pesquisa. Em tempos contemporâneos ditos *pós-modernos* por alguns, mesmo na virtualidade dos espaços-tempos imateriais, as imagens traduzem histórias, veiculam desejos e sedimentam símbolos e ícones, modos de ver e de viver. Pesquisar imagens hoje é uma urgência da/na sociedade imagética como forma de compreender mais amplamente as transformações e múltiplas conexões que criamos e nas quais estamos inseridos e ativos: “o campo do social é sempre tributário de uma época”, alerta Maffesoli (1995, p.13). O leitor de imagens lhes atribui sentidos, às vezes diversos daqueles primeiros sob o signo dos quais estas foram produzidas, criando camadas de multirreferencialidade, escrevendo sentidos que se tornam memórias inscritas... É também sob essa ideia que pesquisar imagens é trazer à tona documentos e tecnologias que têm significados atados à época que retratam, tanto quanto interpretações à luz dos conhecimentos e referenciais atualizados. Investigar “um objeto que não é jamais explicável em sua totalidade, e cuja única ambição é extrair-lhe as características essenciais, delimitar-lhes os contornos e mostrar suas consequências aqui e agora” (Kossoy, 2001, p. 28), destacando-se de fundamental importância para que se conheça o contexto onde este objeto, no caso, imagens, foi produzido. Estudar a articulação dos contextos de produção e recepção de imagens na cultura contemporânea como *Cultura Visual* (Hernández, 2007, p. 22), “refere-se a uma diversidade de práticas



e representações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar”. Frente a esse cenário, o trabalho investiga as narrativas contra-hegemônicas propostas pela artista Silvana Mendes em sua obra, confrontando narrativas inseridas na/pela ecologia colonial com outras possibilidades de leituras que pretendem deslocar essas imagens em fluxos críticos de abordagem decoloniais. O olhar é muito mais polissêmico e abrangente do que as palavras. Não há palavras que possam descrever totalmente tudo o que vemos. Daí se entende que a Cultura Visual traz representações mais amplas e móveis do que as palavras apenas. Cria textos que podem ser lidos de várias formas e de várias entradas, dependendo do que o leitor traz em sua bagagem e as diversas maneiras que a arruma.

### Referências | References

- Figueiredo, A. V. (2008). *Imagens Fotográficas de Professoras: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX* [Tese de Doutorado, PUC-Rio, Rio de Janeiro]. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.12305>
- Geertz, Clifford. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC.
- Hernández, F. (2007). *Catadores da Cultura Visual*. Mediação.
- Kossoy, B. (2001). *Fotografia e História*. Ateliê Editorial.
- Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Artes e Ofícios.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Ana Valéria de Figueiredo - UERJ; UNESA. Professora do PPGArtes UERJ e Professora Adjunta no Instituto de Artes da UERJ. Professora PPGE UNESA e Professora Adjunta da Universidade Estácio de Sá (UNESA) nas Licenciaturas/Pedagogia. Licenciada em Educação Artística pela UFRJ. Mestre em Educação e Doutora em Ciências Humanas-Educação pela PUC-Rio. Estágio pós-doutoral pelo Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Membro da Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina (RIA). Coordena pesquisas sobre a Pedagogia das Visualidades e Estéticas do Lúdico. Líder de Pesquisa dos Grupos: PAVIS Pesquisa em Arte e Visualidades (UERJ); GEPA Estratégias Pedagógicas de Aprendizagem (UNESA). Coordenadora da Brinquedoteca BrincArte Estácio Nova Iguaçu. Atuou por 30 anos na Educação Básica como Professora de Artes nas redes públicas e privadas. É aquariana do dia 30 de janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5029-3276>*

*Professor at PPGArtes UERJ and Adjunct Professor at the UERJ Institute of Arts. Professor PPGE UNESA and Adjunct Professor at Universidade Estácio de Sá (UNESA) in Pedagogy. Graduated in Artistic Education from UFRJ. Master in Education and PhD in Human Sciences-Education from PUC-Rio. Has a post-doctoral internship at the Interdisciplinary Center for Social Sciences at Universidade Nova de Lisboa. Member of the Interinstitutional Network of Collective Actions of Universities in Brazil and Latin America (RIA). Coordinates research on the Pedagogy of Visualities and Aesthetics of Ludic. Group Research Leader at: PAVIS Research in Art and Visualities (UERJ); GEPA Pedagogical Learning Strategies (UNESA). Coordinator of the BrincArte Estácio Nova Iguaçu Toy Library. She worked for 30 years in Basic Education as an Arts Teacher in public and private schools. She is an Aquarius on January 30th. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5029-3276>*

**Valéria Leite de Aquino – UERJ. Antropóloga, graduada em Ciências Sociais pela UFG, possui especialização em Gestão e Política Cultural pela Universidade de Girona (Espanha), mestrado em Sociologia e Antropologia e doutorado em Antropologia Cultural ambos pela**



UFRJ. É professora do Instituto de Artes da UERJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa e extensão Núcleo de Cultura Popular (UERJ). Desenvolve ensino e pesquisa nas áreas de cultura e arte popular, patrimônio material e imaterial, com ênfase nos temas de arte popular e patrimônio cultural, comunidades tradicionais, gestão e políticas culturais.

Anthropologist, graduated in Social Sciences from UFG, has a specialization in Management and Cultural Policy from the University of Girona (Spain), a master's degree in Sociology and Anthropology and a doctorate in Cultural Anthropology both from UFRJ. She is a professor at the UERJ Institute of Arts. Coordinator of the Research and Extension Group of the Popular Culture Center (UERJ). She develops research and education in the areas of culture and popular art, material and intangible heritage, with an emphasis on the themes of popular art and cultural heritage, traditional communities, management and cultural policies.



## Panel 29. Art, landscape and nature

*Host: Sandra Camacho*

**(9 ago. 14:30-16:00, Auditório do Bloco F, online)**

### **Vista Alegre Folhas Velhas: a process' excess**

*Eliezer Nascimento Júnior*

Keywords: Porcelain; Craftsmanship; Waste; Vista Alegre; Sustainable Design

Born from immersive residency at the renowned Vista Alegre Porcelain Factory in Portugal, the pioneering aspect of this work lies in using stained sheets of decals with randomly overlaid decorative patterns, known as Folhas Velhas (old sheets, in portuguese), as a means of porcelain decoration.

This innovative approach challenges both industrial quality control norms by repurposing waste materials and design fundamentals of visual hierarchy which creates unique pieces that challenges the status quo through a synergy between tradition and modernity.

The author brings critical thinking about the creative process in design, the craft practices inserted in the industry, the conceptual and practical boundaries between uniqueness and seriality and about collaborative work strategies when narrating the activities inside the factory to create a limited series of pieces that prove the viability of the invented method.

The combination of design and craftsmanship knowledge presents itself as a two-way street where designers engage with local artisanal knowledge and have the opportunity to adapt their work processes to the surrounding territory.

The craftsman is committed to quality, as stated by Richard Sennett in the book "The Craftsman" (2008). The artisan's craft skill does not just refer to manual abilities, but to all those that demonstrate a human specialization in highly knowledgeable craftsmanship, concerned with the excellence of well-executed work. The man-machine performances of industrial production, repetitive and mechanical, lack what Sennett calls "craftsmanship expertise": the relentless pursuit of quality in work processes, combining refined technique with experimental skill, industriousness, and mutual respect for collective collaboration.

This experience takes advantage of the existing manufacturing system, as well as of the existing standard pieces, in order to experiment a dialogue of trial and error between techniques and chance, giving random responses to visual inputs. Manual work comes into play in the stamping strategies, from the selection of the sheets to the manual application of decals on porcelain.

The raw material used in this project has an industrial nature. It was conceived by a serial manufacturing process and rejected by that same process due to an error that turns it into a cleaning tool and gives rise to differences caused by occasional combinations of printed layers. This coincidence produces unique artifacts, the Folhas Velhas, which, in this project, induce the creation of new and unique porcelain artifacts.

So, error, combined with thoughts on the project's vision, stands out through a transgression of the sector's orthodox methodology, aspiring to the innovation applied in the crea-



tion of these experimental pieces. It is the intersections, the interrelations, the mixes of prints produced by chance that fill these pieces with unpredictability and, once again, subvert the industrial logic based on controlled results.

Folhas Velhas may represent a sort of metaphor in the representation of contemporary counter image. They are sheets of paper where we may observe thousands of multi-coloured possibilities and different thoughts, all overlapped in disharmony and looking for their balance as a creative process focused on the 'praise of imperfection'.

### References | Referências

- Benjamin, W. (2008). *The Work of Art in the age of its Technological Reproducibility and other Writings on Media*. The Belknap Press of Harvard University Press.
- Latour, B. (2014). Um Prometeu Cauteloso? Alguns passos rumo à filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop: revista brasileira de design*, 6(58). [http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio\\_det&id=86&titulo=repertorio](http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=86&titulo=repertorio)
- Nascimento Junior, E.N. (2021). *Fora de série: valorização dos excessos de produção nas porcelanas Vista Alegre* [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <http://www.btd.uerj.br/handle/1/16917>
- Schon, D. (1982). *The Reflective Practitioner, how professionals think in action*. Basic Books.
- Sennett, R. (2008). *O Artífice*. Editora Record.

### Biographical note | Nota biográfica

*Post-doctoral researcher at the University of Aveiro, in the areas of Design and Crafts, Portugal (2021-2024). PhD in Design from the Higher School of Industrial Design, ESDI-UERJ, Rio de Janeiro (2021), with a FAPERJ scholarship and doctoral internship at the Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, Portugal. Master in Design from the University of Aveiro (2013). Bachelor in Social Communication from the Federal University of Ceará, UFC, Brazil (2010). He has researched in the areas of Design and Portuguese Ceramics with an emphasis on waste and by-product re-design processes. He is a visual artist with works in curation and exhibition. Collaborator at ID+ Institute for Research in Design, Media and Culture, where he is part of the MADE.PT Critical Design Lab for Growth and Prosperity, Portugal. Collaborator at the Body, Communication and Art Research Laboratory - LICCA/UFC of the National Council for Scientific and Technological Development - CNPq, Brazil.*

*Investigador de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro, nas áreas de Design e Artesanato, Portugal (2021-2024). Doutor em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial, ESDI-UERJ, Rio de Janeiro (2021), com bolsa FAPERJ e estágio doutoral na Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, Portugal. Mestre em Design pela Universidade de Aveiro (2013). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil (2010). Tem pesquisa nas áreas do Design e da Cerâmica Portuguesa com ênfase em processos de redesign de refugos e subprodutos. É artista visual com trabalhos em curadoria e expografia. Colaborador do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, onde integra o MADE.PT Critical Design Lab for Growth and Prosperity, Portugal. Colaborador do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA/UFC do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Brasil.*



## Simryn Gill's Forest Series: A Eulogy to 'Nature'

Karen Stock

Keywords: Simryn Gill; Forest; Bruno Latour; Nature; Book

There is an elegiac quality to the ashen images that make up Simryn Gill's Forest. The 1996 series is composed of 16 black and white photographs of installations that Gill created by dismantling books and turning pages into long strips or leaf shapes that were then grafted on to living plants in derelict gardens in Singapore and Malaysia.

The pages Gill used were taken from canonical texts such as *Lord Jim* and *The Origin of Species* which evoke the tentacles of colonialism even as the works highlight the fragility of empire-building. This forest is visually devoid of chlorophyll and verdancy with the photographs straddling the divide between still-life and landscape. Individual words, predominantly illegible, are excised from contextual meaning and meander out of the neat lines of sentences like so many errant typographic insects. Forest performs Nature/Culture as one concept with two parts that are irrevocably sutured together thereby emphasizing the false dichotomy that has fueled society's exploitation of the planet. Bruno Latour argues, the concept of 'nature' in its truncated, simplified and polemical form "has made the world uninhabitable." In some ways, 'nature' has to die for the world to survive. Gill's installations intertwine the botanical and textual and as the pages decay the ephemerality of knowledge itself is foregrounded. In her works the simplicity of 'nature' is killed but is replaced with concepts far more nuanced and multifarious. In the 21st century, we are witnessing the decline of physical print and works like *Forest*, *Pearls* and *Pooja/Loot* mark a crucial moment in book history. Gill's pieces embody the obverse of the 15th century birth of the book when the Scientific Revolution was buttressed by the dissemination of information. For Latour, the creation of "immutable mobiles" through the printing press, is the very foundation of modern science and social order. Gill used movable metal type, in the piece *Local Ginger*, to imprint passages from Henry James's *Portrait of a Lady* on the wide green leaves of the plant in gentle mockery of the immutability of text as well as the polite society James describes. The books Gill 'demediates' represent a social order that placed humans above all other life on earth. We are the inheritors of this legacy but how can we and the planet survive? Latour highlights both gardeners and artists as those who are perhaps capable of escaping the paralyzing despair of the climate crisis. Gill exemplifies both/each role. The death of 'nature' is not an end but rather a moment in the mutation of how we interact with the world. There are those who will mourn; however, the shredding of books serves as compost, both literally and figuratively, for a new way of understanding our relation to the world.

### References | Referências

- De Zegher, C. (Ed.).(2013). *Simryn Gill: Here Art Grows on Trees*. Australia Council for the Arts.
- Johns, A. (1998). *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. University of Chicago Press.
- Latour, B. (2017). *Facing Gaia : Eight Lectures on the New Climatic Regime* (Catherine Porter, Trans.). Polity Press.
- Stewart, G. (2011). *Bookwork : Medium to Object to Concept to Art*. University of Chicago Press.
- Storer, R., Morgan, J., & Taussig, M. (2008). *Simryn Gill*. Walther König.





**Biographical note | Nota biográfica**

*Karen Stock is Professor of Art History at Winthrop University, US and received her masters and PhD from the Institute of Fine Arts, New York University. Stock has presented papers on modern and contemporary art at numerous conferences and her essays have appeared in a number of peer reviewed publications. These include articles on Florine Stettheimer (2015), Félix Vallotton and the French interior (2015), Richard Dadd and Victorian psychiatry (2016), domesticity and a modernist dollhouse, and Chinese ink painting during the Maoist era (2021). Most recently Stock has explored canonical feminist art in relation to transgender performance artist Cassils.*

*Karen Stock é professora de História da Arte na Winthrop University, EUA, e recebeu seu mestrado e doutorado no Institute of Fine Arts da New York University. Stock apresentou artigos sobre arte moderna e contemporânea em diversas conferências e seus ensaios apareceram em diversas publicações revisadas por pares. Estes incluem artigos sobre Florine Stettheimer (2015), Félix Vallotton e o interior francês (2015), Richard Dadd e a psiquiatria vitoriana (2016), domesticidade e uma casa de bonecas modernista e pintura a tinta chinesa durante a era Maoísta (2021). Mais recentemente, Stock explorou a arte feminista canônica em relação à artista performática transgênero Cassils.*

**Other Lines**

*David Kendall*

Keywords: Art; Atmosphere; Thermal; Climate; Pollution

Climate change can be seen or unseen; it is a time based phenomenon often made visible via spectacular photographic interpretations of ecological crisis such as wild fires, droughts and melting glaciers. However, the constructed nature of documentary image-making always obscures and distorts as much as it reveals in portraying these landscapes. In contrast, unseen pollution like air particulates and electromagnetic fields unfold in the atmospheric background as structural 'slow violence,' an embodied and subjective experience of climate change that affects people, animals and plants encountered at speeds too slow to be observed at first sight. The project, 'Other Lines' considers how to visualise air pollutants and particulates generated from industrial sites at ground level within the Earth's 'atmospheric boundary layer.' Technological developments in digital image-making and the circulation of images in virtual and terrestrial environments open up alternative opportunities to communicate and see beyond demarcated thresholds between these settings. Through the lens of mobile SMART phones and thermal imaging technology, the video artworks in this project attentively examine environmental concerns investigated through visible and intellectual horizons and possible relationships to visual art, culture and ecological definitions of the subject. It is a visual study that experiments with photographic still and moving images: Monocular viewpoints of industrial architecture and key infrastructure emerge as digital image formations and instantly reveal visible and invisible elements of thermal air pollution. Consequently, as this research develops, I'm exploring how the ultimate impact of atmospheric pollution often focuses on current time horizons. I'm interested in how archival materials and predictive visual data can be typically overlooked in carefully educating international communities about the potential threat of future environmental climate change. As a result, I'm utilising editorial design and print production techniques to develop new visualisations in 2024. In conclusion, I will present time-based visual artworks that offer speculative interpretative monocular



viewpoints of compressed time and space, neither still or moving the thermal screen images undulate and merge into a singular shifting narrative. Yet, in the foreground unseen thermal wavelengths pulsate and display the underlying rhythmic, climatic and ecological narratives. It is 'antagonistic unity' generated by the ocular technology that merges with embodied and visual perceptual experience. Enticing viewing audiences to contemplate how thermal imaging reveals the unseen and the seen industrial air emissions in the atmospheric horizon and the built environment. This is an artistic presentation including audiovisual screenings: Other Lines I, II & III 3 x HD Video, Thermal Colour, 3 mins each video.

### References | Referências

Colewell, P. & Morgan, R M. (2022). *Picturing the Invisible: Exploring Interdisciplinary Synergies from the Arts and the Sciences*. UCL Press, University College London.

Dewsbury, J. (2003). Witnessing Space; "Knowledge without Contemplation" *Environment and Planning A: Economy and Space*, 35(11), 1907-1932. <https://doi.org/10.1068/a3582>

Nixon, R. (2011). *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Harvard University Press.

Zarazaga, J. M. (2011). The moving horizon: landscape scale as an urban device. *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes*, 31(1), 60-73. <https://doi.org/10.1080/14601176.2010.528856>

### Biographical note | Nota biográfica

*David Kendall is a photographic artist and researcher focusing on architecture and urbanism. His practice explores how spatial, economic and design initiatives, as well as participatory practices, combine to encourage interconnection or dissonance in cities. Kendall is a graduate of LCC, University of the Arts London and Goldsmiths, University of London where he studied photography, design and urban sociology. He is a visiting fellow within the Centre for Urban and Community Research, Goldsmiths, University of London.*

*David Kendall é artista fotográfico e pesquisador com foco em arquitetura e urbanismo. A sua prática explora como as iniciativas espaciais, econômicas e de design, bem como as práticas participativas, se combinam para encorajar a interconexão ou dissonância nas cidades. Kendall é formado pela LCC, University of the Arts London e Goldsmiths, University of London, onde estudou fotografia, design e sociologia urbana. Ele é pesquisador visitante do Centro de Pesquisa Urbana e Comunitária, Goldsmiths, Universidade de Londres.*

## Creative Responses to Climate Change: A Sustainability Assessment of the Screen Industries in India

Tanya Goyal

Keywords: Climate Change; Sustainability; Screen Sector

The creative sector in India has been slow to address environmental issues, particularly climate change, in its products and services. However, recent efforts have been made to promote sustainable production and consumption in the screen industries, through initiatives such as carbon footprint calculators, sustainable production guidelines, and awareness-raising campaigns. This paper provides a sustainability assessment of the screen industries in India, examining the challenges and opportunities associated with promoting sustainable practices, as well as the role of the creative sector in raising environmental awareness and promoting social change. Drawing on case studies from the Indian film and TV industry, the



paper demonstrates the potential for the screen industries to drive positive change towards a more sustainable future.

### References | Referências

- Banerjee, S., & Gupta, A. (2021). *Carbon Footprint Calculators for Sustainable Film*. Production: A Study of the Indian Film Industry. *Journal of Cleaner Production*, 318, 128341.
- Bhaduri, S., & Chakraborty, S. (2019). Greening the Screen: Sustainability in the Indian Film Industry. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 26(7), 655-665.
- Bhatia, A. (2019). Going Green: Sustainability in the Indian Entertainment Industry. *Media Watch*, 10(1), 127- 139.
- Sustainability and the Indian Film Industry. In *Sustainability in the Global Film Industry* (pp. 239-250). Palgrave Macmillan.
- Goals (SDGs). A Literature Review. *Journal of Cleaner Production*, 261, 121080.
- Sengupta, S. (2020). *The Potential of Indian Film Industry in the Sustainable Development*.

### Biographical note | Nota biográfica

*Tanya is a dedicated social science researcher with a focus on gender dynamics, technology, and climate change. She is an Editor working for H-Net Humanities International Consortium, and has recently completed her Masters in Sociology from Jawaharlal Nehru University, India, where she has been specially trained in environmental sociology, social research methodology, statistics, and techniques in social sciences. Awarded several international travel grants for paper presentations and invited for guest lectures by Vrije Universiteit Amsterdam (The Netherlands), and Hankuk University of Foreign Studies (Korea), she brings a global perspective to her work. Her recent studies delve into the construction of public discourse in contemporary India, exploring the impact of neo-colonization, globalization, and capitalism. Committed to advancing knowledge and fostering meaningful dialogue, she brings a nuanced perspective to the intersection of societal trends and global forces.*

*Tanya é uma pesquisadora dedicada em ciências sociais com foco em dinâmica de gênero, tecnologia e mudanças climáticas. Ela é editora do H-Net Humanities International Consortium e concluiu recentemente seu mestrado em Sociologia pela Universidade Jawaharlal Nehru, na Índia, onde recebeu formação especial em sociologia ambiental, metodologia de pesquisa social, estatística e técnicas em ciências sociais. Premiada com diversas bolsas de viagem internacionais para apresentações de artigos e convidada para palestras na Vrije Universiteit Amsterdam (Holanda) e na Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros (Coreia), ela traz uma perspectiva global ao seu trabalho. Os seus estudos recentes investigam a construção do discurso público na Índia contemporânea, explorando o impacto da neocolonização, da globalização e do capitalismo. Comprometida com o avanço do conhecimento e a promoção de um diálogo significativo, ela traz uma perspectiva diferenciada para a interseção das tendências sociais e das forças globais.*



## Painel 30. Cosmopoéticas

### Moderadora/ Host: Letícia de Brito Cardoso

(9 ago. 14:30-16:00, Sala 324, presencial)

Os Baka de Bitouga

Filipa Duarte Almeida

Palavras-chave: Natureza; "campo"; Baka; Parques naturais; Eco-colonialismo

*Vi como se visse um álbum de fotografias abandonado, sem proprietário, sem nomes. Imagens de uma existência que já não é e que se agarra num último suspiro aos ramos das árvores majestosas, sublimes, imemoriais, e às raízes soberanas que se estendem pela imensa terra húmida, porosa, negra e viva.*

*Experimento e testemunho os últimos instantes. Faço parte do veneno. Sento-me com eles, lado a lado, e juntos fixamos as chamas do fogo que nos mantém em vigília, e no silêncio sabemos que eu sou o seu fim assim como eles foram o meu princípio.*

*Mostram-me a aldeia e cada casa. Mostram-me a sua obsolescência. Mostram-me que não vale a pena perder tempo para me provar o contrário. Sabem que não venho ver a sua vida, sabem que venho ver o que resta dela. E é isso que eles me mostram.*

*Mostram-me a floresta, que é o remanescente da sua alma, imensa, desmesurada, terrível e insondável, mesmo sabendo que sou cega. Apenas aqueles que têm origem naquela matriz têm olhos capazes de ver, pois o seu corpo e entendimento é contíguo e indistinto do corpo e do entendimento da floresta.* Este relato foi escrito a partir de uma viagem que fiz em 2022, num contexto antropológico, para tomar contacto com os pigmeus Baka do Gabão, que se encontram no Parque Nacional de Minkebé, na província do Woleu-Ntem, no noroeste do Gabão.

Os Baka, no imaginário social gabonês, são tidos como os antepassados míticos da humanidade, considerados como os proprietários legítimos da floresta, numa representação ambivalente que os eleva a seres extraordinários e os declina a seres sub-humanos. Esta ambivalência prende-se com a ambiguidade da sua condição atual que oscila entre a potência da "natureza" como princípio ontológico que rege a realidade visível e invisível, e na qual eles são compreendidos como homens "sobrenaturais", e as potências da "modernidade", que os afastam da sua humanidade, do resto da humanidade e da sua "sobre-humanidade".

Atualmente, perante a situação trágica de declínio dos seus valores identitários, culturais, morais e religiosos, numa existência dependente de organismos exteriores e/ou estrangeiros, a noção de "natureza" impõe-se como problema a partir da dificuldade da sua conceptualização. Com efeito, nas línguas vernaculares do Gabão (aproximadamente cinquenta), não há nenhum termo equivalente à palavra "natureza". Há a ideia de lugares humanizados- aldeia, cidade, capital, país-, que se opõem a lugares não-humanizados - floresta, rios, cascatas, grutas, mar, rochas, etc. A "natureza" enquanto lugar não existe.

Este artigo pretende refletir sobre a noção de "Natureza" enquanto construção do ima-



ginário ocidental, e de mostrar como ironicamente, esta mesma noção de “natureza”, instituição colonial e postcolonial, política, ecológica, económica, religiosa, poética, romanesca e mítica, vai trair os Baka, impondo-se-lhes como uma realidade incontornável, composta pelas questões ecológicas, pelo desenvolvimento sustentável, pelo aquecimento global, pelas espécies animais em extinção, pelo turismo xamânico, pela aliança com a “mãe-natureza” e sobretudo pelas heterotopias que são os Parques Naturais e que passam a ser os seus “campos”, entendido à maneira de Foucault “como espaço absoluto de excepção, e topologicamente distinto de um simples espaço de reclusão. E é este espaço de excepção, no qual o nexo entre localização e ordenamento é definitivamente rompido, que determina a crise do velho “*nómos da terra*” (Agamben, *Homo Sacer, o poder soberano e a vida nua I*, 2007).

Os Baka são assim condenados a uma condição indeterminada de “semi-humanidade”, por uma conceptualização hegemônica do mundo “ocidental” e “moderno” da qual eles são excluídos. Por um lado são desqualificados enquanto elementos constitutivos da “Natureza” (pelo Ocidente), e por outro são excluídos das comunidades humanas não-Baka e utilizados como força de trabalho.

### Referências | References

Agamben, G. (2007). *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I* (Henrique Burigo, Trad.). UFMG.

Garnier, X. (2022). *Écopoétiques africaines. Une expérience décoloniale des lieux*. Karthala.

Le Blanc, G. (2020). *L'invention du colonialisme vert. Pour en finir avec le mythe de l'Eden africain*. Flammarion.

Tonda, J. (1998). La guerre dans le 'Camp Nord' au Congo-Brazzaville: ethnicité et ethos de la consommation/consumation. *Politique Africaine*, (72), 50-67. <https://www.africabib.org/rec.php?RID=182262006>

Tonda, J. (2021). *Afrodystopie. La vie dans le rêve d'Autrui*. Karthala.

### Nota biográfica | Biographical note

*Filipa Maia Duarte de Almeida nasceu em Lisboa, em 1969. É licenciada em Design Industrial pela Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação (IADE), mestre em História de África pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutora em Antropologia, especialidade Religiões Africanas, pela Universidade Omar Bongo (Libreville-Gabão). Docente do Departamento de Antropologia da Universidade Omar Bongo, responsável pelo curso de Mestrado em Antropologia Sensitiva. Membro do Grupo de Investigação Corps, Société et Pouvoir, e do Séminaire Interdisciplinaire des Études et Recherches Africaines, onde coordenou e/ou participou, em vários projetos de investigação, seminários e colóquios, donde se destacam o Colóquio Internacional “Le sexe postcolonial em Afrique Centrale et Ailleurs”, tido em Abril de 2022. Autora de vários artigos e palestrante em diversos seminários, conferências e colóquios.*

*Filipa Maia Duarte de Almeida was born in Lisbon, in 1969. She has a degree in Industrial Design from the Faculty of Design, Technology and Communication (IADE), a master's degree in African History from the Faculty of Arts of the University of Lisbon, a PhD in Anthropology, specializing in African Religions, from the Omar Bongo University (Libreville-Gabon). Professor at the Department of Anthropology at Omar Bongo University, responsible for the Master's course in Sensitive Anthropology. Member of the Corps Research Group, Société et Pouvoir, and the Séminaire Interdisciplinaire des Études et Recherches Africaines, where she coordinated and/or participated in several research projects, seminars and colloquiums, including the International Colloquium “Le sexe postcolonial em Afrique Centrale et Ailleurs”, held in April 2022. Author of several articles and speaker at various seminars, conferences and colloquiums.*



## Cerâmica Macuxi do visível ao invisível

Larissa Gonçalves

Palavras-chave: Cerâmica; Imagem; Símbolo; Natureza

Na Cerâmica do Povo Indígena Macuxi habitantes de Roraima, os fazeres visíveis são permeados por saberes invisíveis, como parte de um pensar sentir reunido, de onde brotam simbolismos integrados e integradores da *anima*, que move a psique humana. As investigações sobre simbolismos, fim mesmo do exercício e pesquisa sobre a criação, imagem e arte, tem nas teorias do imaginário a principal fonte de referência. Da imaginação material de Bachelard<sup>6</sup>, ao conjunto de simbolismos que compõe o humano, nas bacias semânticas de Durand<sup>7</sup>, passando pelo conceito de mediação simbólica de Vygotsky<sup>8</sup>, o exercício da criação reúne dimensões visíveis e invisíveis, sensações físicas e devaneios oníricos, que impulsionam o desvelar da razão. É assim que, para o desejo de conceituar necessário é devanear buscar um diálogo entre o que a visão alcança e o que a razão desconhece. E há tanto o que a razão desconhece! Ainda mais se falarmos de uma razão brasileira centrada em visões temperadas, distante geográfica e sensivelmente, das percepções que tangenciam e atravessam linhas imaginárias equatorianas, de onde o Brasil é hemisfério Norte. Quais sonhos, percepções, razões, habitam as terras do extremo norte brasileiro? Ou seria extremo sul do hemisfério norte?! É deste território, meio norte meio sul, totalmente equatorial, tão pouco Brasil (para os padrões brasileiros), que soa potente uma voz silente a chamar à lembrança, o que nutre a razão. Voz que as ceramistas indígenas, habitantes originárias das terras, águas, lavrado, floresta, serras e planície roraimense, resguardam a tradução, em uma legenda que exige aquietar a certeza da racionalidade temperada eurocêntrica, para abrir percepção a um processo de auscultação da interioridade da terra, da materialidade física e simbólica. Roraima possui solo prioritariamente argiloso e as Mestras Ceramistas Indígenas guardam uma relação respeitosa e cuidadosa com o barro, que para elas não é somente um material, mas um Ser invisível, uma encantada com quem elas dialogam constantemente e É quem dirige e orienta os fazeres do barro. Autorizadas que fomos pelas mestras, para falar da encantada nomeada pela ancestralidade Macuxi, como Koko'Non – Vovó Barro<sup>9</sup> partimos de sua voz originária, sagrada, a sussurrar no silêncio de um íntimo que se põe a ouvir, o sopro da inspiração criativa, para deixar registrado na matéria, marcas, sonhos, formas, cores, de tempos e espaços diversos. É nesta trilha que somos convidadas a caminhar! Trilha dos meandros da criação simbólica, vivencial e teórica, em dimensões do perspectivismo indígena<sup>10</sup>, que transcende dicotomias e resulta em encontro com simbolismos internos.

Símbolos imagens, que constituem e nutrem à CriAção, em consonância à pesquisa imagética, que parte do (in)visível para manifestar no visível, movimentos de conscientização criativa, com mãos, corpo e mente, em contato profícuo com a Vovó Barro! Sabedoria originária, manifestação da vida simbólica, resistindo na manutenção da vida natural, de onde se nutre e desenvolve, a vida humana. A esta fonte simbólica artística vivencial, saudamos com um Viva! E muito respeitosa e agradecemos seguindo de mãos dadas a nutrir à CriAção!

<sup>6</sup> Bachelard, G. (2002). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (Antonio de Padua Danesi, Trad.). Martins Fontes.

<sup>7</sup> Durand, G. (2004). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.

<sup>8</sup> Vygotsky, Lev. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico* (Zoia Prestes, Trad.). Ática.

<sup>9</sup> Duarte, A. de A. (2022). *Cerâmica Macuxi: um registro a partir do encontro com as Mestras Indígenas Ceramistas Lídia Raposo e Joana Fidelix* [Trabalho de Conclusão de Curso Artes Visuais, Universidade Federal de Roraima].

<sup>10</sup> Viveiros de Castro, E. (2015). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Cosac Naify.



**Referências | References**

- Bachelard, G. (2002). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (Antonio de Padua Danesi, Trad.). Martins Fontes.
- Durand, G. (2004). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Duarte, A. de A. (2022). *Cerâmica Macuxi: um registro a partir do encontro com as Mestras Indígenas Ceramistas Lídia Raposo e Joana Fidelix* [Trabalho de Conclusão de Curso Artes Visuais, Universidade Federal de Roraima].
- Vigotsky, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico* (Zoia Prestes, Trad.). Ática.
- Viveiros de Castro, E. (2015). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Cosac Naify.

**Nota biográfica | Biographical note**

*Larissa Silva Gonçalves. Professora Adjunta do Curso de Artes Visuais Licenciatura/UFRR. Coordena o Projeto de Extensão Encontros CriAtivos onde desenvolve a Pedagogia Imagética, sistematização de ações visando a formação simbólica, de grupos intergeracionais (criança, jovens e adultos), por meio de leitura de imagens internas, em diálogo com aprendizagens de linguagens artísticas. Ceramista graduada em Artes Plásticas. Licenciada em Artes Visuais. Especialista em Educação Infantil. Mestre em Educação e Doutora em Sociedade e Cultura, pesquisa e atua nas áreas de Arte Educação e Cultura, com enfoque em teorias do imaginário, criação e formação simbólica humana.*

*Adjunct Professor of the Visual Arts Degree Course/UFRR. Coordinates the Encontros CriAtivos Extension Project where she develops Image Pedagogy, systematization of actions aimed at the symbolic formation of intergenerational groups (children, young people and adults), through the reading of internal images, in dialogue with learning artistic languages. Ceramist graduated in Fine Arts. Degree in Visual Arts. Specialist in Early Childhood Education. Master in Education and PhD in Society and Culture, researches and works in the areas of Art, Education and Culture, focusing on theories of the imaginary, creation and human symbolic formation.*

*E-mail: profalarissagoncalves@gmail.com*

*Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4284730616452174>*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1648-396X>*

**Nossa Vida com as Plantas: saberes tradicionais, resistência afro-indígena e processos artísticos**

*Khetlen Costa e Silvana Macedo*

Palavras-chave: Mulheres indígenas; Plantas medicinais; Saberes ribeirinhos; Ecologia Decolonial; Caminhada

O estudo apresentado é composto pelas poéticas visuais de duas mulheres artistas que encontraram na natureza das plantas e dos saberes ancestrais um lugar de reencontro consigo mesmas. A primeira artista desenvolveu 9 Encontros, um projeto que reúne uma série de trabalhos realizados durante uma pesquisa de pós-doutorado, 2023-24, intitulada "Reflorestar a Si", no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, com apoio do Programa Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, PDBFF/INPA. Os trabalhos se desdobraram a partir



de encontros com nove árvores medicinais amazônicas: Breuzinho (*Protium heptaphyllum*), Samaúma (*Ceiba pentandra*), Apuí (*Ficus insipida*), Castanheira (*Bertholletia excelsa*), Pau D'Arco (*Handroanthus impetiginosus*), Imburana de Cheiro (*Amburana acreana*), Mulateiro (*Calycophyllum spruceanum*), Massaranduba (*Manilkara bidentata*) e Carapanaúba (*Aspidosperma pichon*). A artista iniciou um importante aprendizado sobre a medicina da floresta com uma miríade de pessoas que cruzaram seu caminho, desde a equipe de botânicos, mateiros, curandeiras e indígenas conhecedoras de tradições originárias. A segunda

artista elaborou *Existências Líquidas*, um livro de artista formado por 10 placas, divididas em retratos de mulheres indígenas do arquivo do Museu da Imagem e do Som do Amazonas (MISAM) e receitas de chás medicinais. Este trabalho integrou uma coleção de livros de artista, realizada durante seu estudo de doutoramento acerca da sua ancestralidade afro-indígena. Sendo assim, a obra é composta por fragmentos de vegetais, junto às retratadas, que foram coletados ao longo de caminhadas nas cidades de Florianópolis e Manaus, mais também por receita de chás, nas quais existem cascas e sementes que correspondem a cada planta, que a autora aprendeu com sua avó materna, ensinamentos que ecoaram a presença das suas avós indígenas, com as quais não pôde conviver. Impulsionadas por tais questões, as artistas buscaram nos estudos decoloniais, a exemplo de Eliane Potiguara (2019), que nos ensina que humanidade e natureza são indissociáveis, e que enfatiza a resistência das mulheres indígenas ao transmitirem os saberes tradicionais mesmo fora de suas terras originárias, mesmo diante da violência do processo de colonização, elas mantiveram laços com os ancestrais, com a cosmologia e com espiritualidade. Diante desses ensinamentos, as artistas buscam em suas poéticas visuais modos de cura a partir da vivência com aquelas que as ensinam saberes milenares da Floresta Amazônica, sejam estas, as plantas, os animais, os lugares, as pessoas, os seres encantados.

### Referências | References

- Ganz, L. (2015). *Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade*. Quartet: FAPERJ.
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial – pensar a par4r do mundo caribenho*. Ubu Editora.
- Potiguara, E. (2019). *Metade da cara, metade da máscara* (3a ed.). Grumin.
- Rosendo, D., Oliveira, F. A. G., Carvalho, P., & Kuhnen, T. (Org.). (2019). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Ape'Ku.
- Solón, P. (2019). *Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização* (J. Peres, Trad.) Editora Elefante.

### Notas biográficas | Biographical notes

*Khetllen Costa, possui doutorado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2022), atualmente, nesta instituição realiza o estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais como bolsista CAPES. Pesquisa retratos de mulheres africanas, indígenas em acervos fotográficos públicos e privados, com os quais desenvolve livros de artista entrelaçando com as narrativas de sua família de raízes afro-indígenas.*

*Khetllen Costa, has a doctorate in Visual Arts from the State University of Santa Catarina (2022), currently, at this institution, she is doing her post-doctoral internship in the Postgraduate Program in Visual Arts as a CAPES fellow. She researches portraits of African and indigenous women in public and private photographic collections, with which she develops artist books intertwining with the narratives of her family with Afro-indigenous roots.*

*Silvana Macêdo artista visual. Doutorado na Northumbria University, UK. Pesquisa o diálogo entre a arte, biologia e ecologia, bem como feminismos decoloniais. Professora do DAV e PPGAV-UDESC, atuando nas áreas de pintura e multimeios.*





*Silvana Macêdo visual artist. PhD at Northumbria University, UK. Researches the dialogue between art, biology and ecology, as well as decolonial feminisms. Professor at DAV and PPGAV-UEDESC, working in the areas of painting and multimedia.*

**16h00 - Pausa para o café/ Coffee Break**

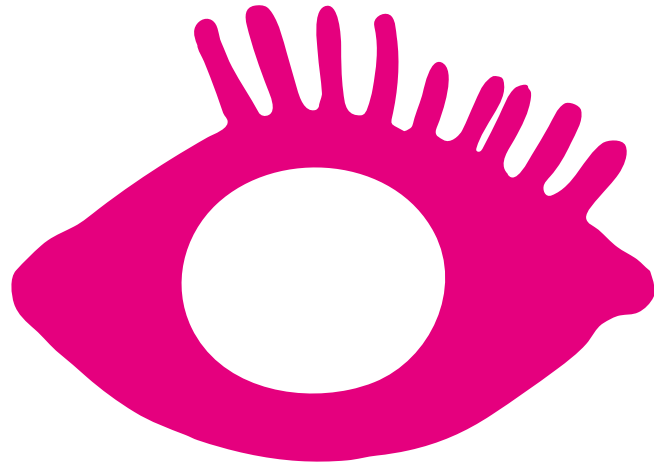
**16h30 - Oradora principal/ Keynote Speaker:  
17h45 Alyne Costa**

**Política ontológica e regimes de visibilidade no Antropoceno. Apresentação: Ana Lúcia Mandellide Marsillac.**

**Auditório do Bloco B / Bloco B Auditorium  
(with English translation)**

**17h45 - Sessão de encerramento / Closing Session**





**counter-  
-image2024**